O Drama Espiritual de Javé

O DRAMA ESPIRITUAL DE JAVÉ

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA

CONTENTS

INTRODUÇÃO

Quando alguém é solicitado a explanar sobre o drama espiritual de outrem, a primeira reflexão que se deve ter é a de que se não damos conta nem mesmo do nosso próprio drama, não deveríamos intentar compreender o dos outros. Principalmente quando esse "alguém" é um ser terráqueo cheio de fragilidades e fraquezas, como o é a média desta nossa humanidade, e o "outrem" da história é nada mais nada menos que o ser cuja personalidade exuberante situa-se fora de qualquer padrão ao qual estamos acostumados a lidar, ou seja, aquele que, na qualidade de divindade cocriadora, criou este universo e nele se obrigou a viver por uma "questão de consciência", sendo esta, a propósito, uma das componentes mentais que lhe propiciaram o decaimento.

Obviamente, empreitadas desse porte simplesmente não podem vir a dar certo e de antemão me desculpo pelas imprecisões aqui apresentadas. Contudo, ainda assim, por mais que seja desagradável ao "verme" terráqueo que tem de escrever sobre um "deus", a presente obra, presumidamente esclarecedora, teve de ser feita, ainda que com todas as inevitáveis fragilidades e ordens de imprecisões, além dos possíveis equívocos de interpretação aqui cometidos.

Este livro pode ser lido independente de informações já fornecidas em outros trabalhos literários. Apesar disso, recomendo a leitura prévia de "O Drama Cósmico de Javé", livro desta mesma série que antecede a este, o que muito facilitará o entendimento em torno de alguns aspectos aqui expostos.

Que o Senhor Javé perdoe os inevitáveis erros, lembrando-se de que o que aqui foi e está sendo feito á a pedido do próprio.

Parece que, na ausência de alguém qualificado para tanto, restou, à hoste que o assessora, solicitar o concurso deste aflito escrevente, que sempre se recusou a observar os painéis da vida como espécies de dramas, mas agora se submete à dramática “obrigação moral” de produzir esses escritos, mesmo sabendo que o produto final não se aproxima do desejado pela hierarquia que o promove.

Que seja, pois!

Atlan, 04 de janeiro de 2009.

Jan Val Ellam

1

A QUEDA DE UM ARQUITETO UNIVERSAL

FAZER da queda um passo de dança! Eis o que significa a própria "dança existencial" de um ser que reconstituiu a si mesmo em condições impróprias.

Desde que este universo foi gerado, o que corresponde ao tempo em que a divindade que o criou passou por um processo indescritível de "decaimento existencial", a sua forma reconstituída, atualmente conhecida como "o Senhor Javé", tenta de todas as maneiras sobreviver. Nada há de *glamour* no seu atual modo de existir, apesar de que, aos olhos terrenos, ele sempre nos parecerá um ser poderoso com traços da divindade perdida.

Há cerca de 13,7 bilhões de anos, conforme apontam os postulados da ciência cosmológica, com o surgimento do nosso universo, surgia também para a vida esta personagem enigmática que passou literalmente a **lutar contra todas as adversidades, criadas por ela mesma.**

A sua luta pessoal em torno da própria sobrevivência o levou a estabelecer padrões de comportamento que ficaram indelevelmente marcados na formatação das componentes básicas do seu novo corpo. O seu indescritível poder mental, ainda que em desequilíbrio, marcou as tais componentes básicas – o que na Terra chamamos de "células" – da sua nova forma existencial com absolutamente tudo o que era emanado pela sua mente naqueles infindáveis momentos de pânico e desespero diante da queda inevitável.

A expressão do que estava sendo formulado pelo seu poder mental se plasmava em cada "célula" da sua recém-construída "forma existencial", expressões estas atualmente intituladas pela ciência terrestre como "moléculas de DNA".

Foi assim que “cada sensação”, “cada sentimento”, “cada pensamento”, entre outras expressões do psiquismo daquele ser, foram sendo geradas por sua própria mente; e tudo o que dele era emanado ficava indelevelmente marcado como o **modo por ele encontrado para dar “sustentação corporal” para a sua nova existência.**

CONSTATAÇÃO:

O que entendemos na Terra como molécula de DNA, na verdade é uma espécie de projeção holográfica do padrão mental e emocional do Senhor Javé. Em outras palavras, é uma representação química do seu psiquismo.

Essa molécula passou então a ser utilizada por ele próprio como fator de replicação existencial para os demais seres que surgiram no âmbito da sua criação.

DEVEMOS, portanto, compreender que as moléculas de DNA que hoje conhecemos são decorrentes do **processo replicador existencial** desenvolvido pelo Senhor Javé ao tentar **arquitetar um caminho viável para a sua sobrevivência**.

O “código da vida” replicado através da fixação das “bases nitrogenadas” sob a forma de códons[1], que representam os conjuntos modeladores especificados pelos “pensamentos e sentimentos”, significa, nesta metáfora, o produto da soberba engenharia “fisiobioquímica” advinda da sua força mental.

Forçado pelas circunstâncias e em pleno desespero existencial, estando ele agora na situação de refém da própria criação e nela inserida, ao longo de “intermináveis” microssegundos o Senhor Javé foi plasmando, a partir de sua mente, as “moléculas regeneradoras” de si mesmo, ou melhor, da sua ex-condição de divindade.

Isto ele fez da melhor forma que lhe foi possível realizar a inusitada operação de reconstruir a si mesmo, só que numa nova condição de vida, inferior à que possuía antes da queda.

Para que essa “nova condição inferior” que lhe foi possível reconstruir possa ser razoavelmente compreendida pelo modo de pensar terreno, é preciso entender o tipo de **alma divinizada** que marcava a sua condição de “divindade menor cocriadora”[2].

O que será dito aqui, a princípio parece ferir algumas crenças enraizadas na cultura do espiritualismo e, mais especificamente, no espiritismo. Contudo, é apenas elucidação complementar pertinente a um novo momento no progresso das ideias terrenas em torno das questões celestiais e espirituais.

CONSTATAÇÃO:

A alma de uma divindade não tem os mesmos “programas mentais” (*softwares*) que os “conhecidos” e “disponíveis” na alma humana. Quem as formatou as fez de modo diferente, provavelmente para o exercício de funções específicas e o gozo de vivências evolutivas programadas.

ISTO SÓ PODE SER VISLUMBRADO A PARTIR do fato de a Deidade ter se “personificado” em divindades maiores e menores, conforme o descrito no livro “O Drama Cósmico de Javé”[3]. Estas receberam as suas almas já “formatadas” de acordo com o desempenho das suas funções. E as divindades menores possuem, notadamente, um programa evolutivo com suas próprias regras, sendo estas incompreensíveis para os atuais padrões do entendimento terreno. Já as almas geradas para fazer face à estruturação espiritual dos universos gerados pelas divindades menores cocriadoras, estas últimas foram geradas à moda do que foi elucidado pela revelação espiritual[4], ou seja, formatadas “simples e ignorantes” para poderem evoluir conforme os critérios meritórios das leis morais já conhecidas pelos terráqueos.

Em assim sendo, uma **alma divinizada** é diferente de uma **alma humanizada** em muitos aspectos. Apenas a título de esclarecimento, a alma humanizada também é diferente em diversos aspectos da **alma não edificada** (alma de animais ditos não pensantes da natureza terrestre).

E o que aconteceu com a alma da divindade quando do seu decaimento? O fato de ela ter sido “tragada” pela singularidade que, em se expandindo, deu origem ao nosso universo e dimensões adjacentes, parece ter desfigurado ou “desprogramado” os seus *softwares*, de tal modo que a mesma terminou por implodir a sua “marca funcional” herdada da Deidade.

É óbvio que o primeiro pensamento que surge é o de que isso deve ser algo impossível de acontecer. Contudo, infelizmente, parece que não o é, como afirmam os mentores espirituais que colaboram na arquitetura das informações aqui veiculadas.

Tirando do que conhecemos uma analogia pobre, podemos apontar o

autismo ou “síndrome”, que de algum modo pareça danificar a expressão natural comum à condição humana, como sendo uma característica que mantém a existência da individualidade, mas a impede de expressar o seu potencial humano nos moldes considerados normais para os critérios da coexistência humana terráquea.

No caso da divindade em foco, a sua alma, ao ter implodido seus centros potenciais no instante do decaimento, **continuou a existir para o plano espiritual que lhe servia de “residência”, só que de um modo inapropriado** para os fatores comuns que caracterizam aquele nível de existência.

A alma da divindade decaída tornou-se algo semelhante ao que na Terra poderíamos chamar de uma alma “não edificada”, ou seja, **sem função existencial definida em termos de “princípios” e “propósitos”.**

Para melhor compreensão, serão citadas as fases com as principais características que marcaram a queda de divindade, como também as que se referem ao surgimento do novo ser produzido pela sua única componente que “escapou” razoavelmente ilesa daquele problema jamais acontecido: a de ordem mental.

FASE 1.

Na primeira fase, a divindade menor cocriadora encontrava-se plenamente atuante no âmbito da “família” de divindades menores dedicadas ao mister de criar, entre outros. Aqui a sua alma divinizada já apresentava **problemas de ímpeto criador desordenado**, mas estes só foram devidamente percebidos quando da interação conjunta do grupo de divindades que mais tarde se envolveria na criação do universo em que hoje vivem nossos espíritos.

Apenas a título de detalhe, algo que poderia ser chamado de “irresistibilidade dos impulsos da mente” é matéria de estudo até hoje nos rincões paradisíacos devido ao teor do que aconteceu com a divindade decaída.

FASE 2.

Já em crise e vivendo momentos de incontroláveis impulsos, entre os quais o seu processo criativo teve lugar, nesta segunda fase, a divindade, ainda assessorada em corrente vibratória pelas suas coirmãs, mas já sem

atinar para o que elas faziam ou deixavam de fazer naquela tentativa de ajudar-lhe a restabelecer a pacificação mental, foi obrigada a fixar sua atenção mental na singularidade que acabara de criar.

O que podemos imaginar, pela ótica do conhecimento terreno, é que a **singularidade, ao ser "expelida" da mente da divindade,** começou a atrair, com força correspondente ao que os astrônomos costumam apontar como sendo a dos buracos negros, exatamente o "conjunto celular" da mente espiritual que a criara.

Devido a essa "fixação doentia" entre os sentidos espirituais da sua mente e a singularidade recém-gerada, a divindade perdeu, desde então, qualquer contato com os parâmetros existências do nível espiritual em que se encontrava. É como se, ao ter gerado a singularidade, os sentidos da sua forma divina começassem todos a implodir, impedindo-a de interagir com o ambiente em que se encontrava.

Foi nessas condições de estresse existencial que a divindade menor formatou, com a sua força mental, os primeiros microinstantes do que hoje é chamado pela cultura terrestre de "criação universal".

FASE 3.

Aqui a divindade sucumbe implodindo a sua forma existencial e perdendo, com isso, a sua componente mental, que é tragada pela sua recém-criação. Usando da analogia possível aos conceitos terrenos, seria como se o **corpo mental**[5] da divindade tivesse sido projetado à força para o interior da dimensão existencial gerada a partir da expansão da singularidade.

Devido ao modo como o "**corpo mental" foi "arrancado", "extraído" da sua condição divina**, o que dela restou para o ambiente no qual existia foi um "aspecto incompleto adoentado e inerte" da sua condição pessoal de divindade menor.

Hoje, cerca de 13,7 bilhões de anos depois do "incidente", **a sua "vestimenta divina" permanece "incompleta, atordoada, adoentada e inerte"** enquanto aguarda o momento de reconstruir a si mesma nos moldes que lhes são normais à condição de divindade operativa. Para tanto, porém, **é necessário que a sua forma mental**, que foi absorvida pela sua criação – e que desde então dela encontra-se refém –, **possa desfazer-se dos laços desesperados que doentiamente a prendem aos aspectos estruturantes** do que considera como "**sua criação universal**".

FASE 4.

Apartada da convivência fraternal e operativa com as demais divindades, o corpo mental projetado, e agora prisioneiro da própria criação, procurava a todo custo construir o entendimento necessário sobre o que lhe acontecera, ao mesmo tempo em que procurava compreender e controlar a expansão da sua criação, que a partir de então se propagaria numa multiplicidade de aspectos e níveis existenciais jamais pretendidos.

Nesta fase ocorreu a reconstituição do ser hoje conhecido como o Senhor Javé. O problema é que a **ressurreição da divindade implodida sob a forma doravante assumida pelo ser criador** se deu em **níveis doentios de desespero, desolação, revolta e insegurança indescritíveis.**

Diante do quadro terrificante que se descortinava à sua percepção, a sua força mental, enquanto sofria o impacto dos sentimentos superlativos descritos acima, obrigava-se, ao mesmo tempo, a continuar operando na qualidade de pretensa controladora dessa mesma realidade descortinada, que se resumia ao que os seus "olhos podiam efetivamente perceber" a partir da sua nova condição.

CONSTATAÇÃO:

Por entre as sensações de um sofrimento moral inenarrável e dos sentimentos de frieza que teve de arquitetar para poder dar continuidade ao processo criativo em curso, o seu "corpo mental" foi se adequando à nova realidade, reconstituindo-se em "porções quânticas aglutinadas" sob o comando da sua vontade, formando, desde então, o corpo ou a forma existencial que atualmente o define.

Essas "porções quânticas aglutinadas" representavam, na verdade, o "código de sobrevivência corporal" que lhe foi possível construir por meio da sua vontade, já que todo o seu ser estava concentrado na luta para sobreviver a qualquer custo e de qualquer maneira à situação em que agora se encontrava.

E FOI desse modo que a cada desafio a ser superado e a cada sensação de agonia, por força da situação, aquele ser foi "marcando em si mesmo" (no seu novo corpo) absolutamente toda a vivência possível de ser por ele construída naqueles instantes.

Assim, o "código de sobrevivência corporal" presente em cada "porção

quântica aglutinada ou colapsada” viria a ser o que hoje – volto a dizer, 13,7 bilhões de anos mais tarde – é denominado pela ciência terrestre como sendo o **“código da vida” impresso no DNA de todos os corpos de seres vivos** que compõem a natureza do nosso planeta.

FASE 5.

Adoentado, solitário e precisando dar rumo à criação que se expandia exponencialmente, o Senhor Javé resolveu criar seres a partir de si mesmo. Para tanto, a sua única opção era **gerar clones** utilizando-se das **duas componentes** que ainda lhe estavam disponíveis: a **herança da sua genética corporal e o repasse de parte do seu poder mental** de que podia lançar mão por efeito decorrente da propensão de seu *software* divino – um dos poucos programas inerentes à sua condição anterior de divindade que escaparam ilesos – e por força da sua determinação pessoal.

Surgem diversas gerações de clones diretamente criados pelo Senhor Javé como também outras tantas, agora geradas pelos seus próprios clones.

QUADRO RESUMIDO das Fases do Decaimento da Divindade

Alma Divinizada

▼

Problema – Decaimento

▼

Alma Desativada

▼

Corpo Mental

▼

Obrigou-se a construir, através de ordens dadas pela porção mental que sobrevivera à queda, uma nova forma de expressão corporal, cujas células constituintes foram marcadas pelos DNAs utilizados.

▼

Começou a criar diversas gerações de clones a partir do seu DNA pessoal. Alguns desses clones começaram a criar as realidades planetárias tendo como base o DNA do criador, tendo sido este manipulado e adequado às condições de cada mundo.

Foi assim que a divindade em foco se viu “obrigada” a, aparentemente, “deixar de existir” para a sua condição divina e, de modo impróprio, renascer automaticamente numa situação muito inferior, além de ter de se reconstruir o mais rapidamente possível para dar conta do que acabara de criar e que estava em curso de expansão.

É sob esta perspectiva que alguns painéis que envolvem o criador deste universo precisam ser compreendidos.

CONSTATAÇÃO:

O primeiro aspecto que deve ser compreendido em torno da personalidade do Senhor Javé é que o mesmo é considerado, pelos seres evoluídos que residem além das fronteiras deste universo, uma “aberração” que simplesmente jamais deveria ter existido.

A AFIRMAÇÃO É FORTE, superlativa e chocante, isso eu sei, pelo que me desculpo diante das suscetibilidades que venham a ser feridas pela leitura deste livro. Mas não há outra opção, já que o que estava oculto deve ser agora revelado por decisão do próprio Senhor Javé, como também da determinação de outros seres que se encontram congregados em torno da tarefa de resgatar a divindade decaída – e somente a “verdade” haverá de libertá-la, como também aos demais cidadãos deste universo.

2

O DESESPERO DE UM SER

…"pois este Universo, na sua totalidade, é permeado pela angústia."

— Shiva Samhita (cap. 1, 29)[1]

Imagine-se sozinho (a) dentro de um pesadelo que o (a) obrigue a vivenciar diversas experiências desagradáveis. De repente, no mais íntimo da sua consciência, algo lhe diz que aquilo é um pesadelo, só que nunca chega a hora de acordar.

Com o passar do tempo, ainda que adoentado e já cansado de viver os painéis daquele sonho interminável, você se obriga a aceitar que o que pode ser observado à sua volta é simplesmente uma nova realidade na qual agora se encontra aprisionado, e que não lhe é dada outra opção a não ser a de seguir adiante superando cada obstáculo que aparece à sua frente.

Enquanto você se esforça para sobreviver ao incessante fluxo de dificuldades, começa também a sentir que o seu conhecimento a respeito da sua família, dos amigos, da cidade e do mundo em que você costumava viver, parece se esvair da sua debilitada consciência parecendo tornar-se meras recordações de um tempo remoto. Além disso, desaparece também a ideia de tempo ("dia, mês, ano") e de realidade que sempre lhe pautou a percepção mental; e o pior, sem mais saber ao certo quem você é exatamente. Este é um dos tristes painéis do pesadelo psicológico do Senhor Javé.

Imagine-se agora como se certo dia você acordasse e se visse com um corpo monstruoso, como uma espécie de ser com várias cabeças, sendo apenas uma delas aquela que costumava conhecer de si mesmo (a). As

demais parecem ser “personalidades à parte” que vão brotando da sua condição mental conforme forem exigindo as circunstâncias, representando as principais características psíquicas que acabaram surgindo e terminaram por se transformar em “partes de você”.

Aqui existe um quê de metáfora pobremente elaborada, mas também uma **dose inquietante de uma realidade impossível de ser compreendida** pelo modo de pensar terráqueo.

Tenho a estranha certeza de que se eu fosse escrever mil parágrafos sobre esse aspecto do ser a quem chamamos de Senhor Javé, em nenhum deles conseguiria utilizar as palavras apropriadas para bem descrevê-lo.

Assim, eu o (a) pouparei afirmando simplesmente que nos “primeiros momentos da infância existencial desse ser”, a sua força mental era de tal monta e se expressava de modo tão incompreensível, que “exteriorizava em si mesmo” as expressões mais superlativas desse tipo de poder somente presente nas mentes com “programação divina”.

A cada conjunto e/ou acúmulo de certas modalidades de expressões mentais superlativas é como se surgissem “**minisseres**” à parte que precisavam ser congregados ao ser que os havia gerado. Desse modo, em obediência a um circuito de leis espirituais de afinidade totalmente desconhecidas desta humanidade, esses “minisseres” eram rapidamente apreendidos pelo circuito mental do ser criador, dele passando a “fazer parte” como se, aos olhos terrenos, pudesse ser tido como um **“ser múltiplo”[2].**

Este é outro triste painel do que aconteceu com o psiquismo do Senhor Javé e nós, os terráqueos modernos, simplesmente não temos elementos disponíveis para compreender uma realidade absolutamente chocante para os nossos padrões de aceitabilidade dos fatos.

CONSTATAÇÃO:

Antes de propriamente começar a criar as gerações de clones que viriam a fazer parte da sua hierarquia, o Senhor Javé, na verdade, era um ser múltiplo que assim se havia constituído por força da sua doença mental e que teve de se “despedaçar” para poder sobreviver. E ele o fez doando de si mesmo as porções de DNA que passaram a formar a base existencial dos demais seres surgidos em sua criação.

Foi um misto de solidão, doença e necessidade que obrigou o Senhor Javé a gerar outros seres, para o que foi obrigado a “despedaçar a si mesmo”.

PEÇO DESCULPAS PELA EXPRESSÃO "DESPEDAÇAR", mas não há outra disponível no vocabulário da língua da qual possa utilizar para melhor significar o que o Senhor Javé fez. É uma metáfora pobre, mas é a possível de ser arquitetada por um escrevente do meu naipe.

Nessas condições de existência, a princípio, a ninguém é dado sequer sobreviver. No caso dessa divindade, porém, além de a sua alma permanecer inerte tal qual um – desculpe-me o (a) leitor (a) pela pobreza da analogia – aparelho de televisão que se encontra ligado à rede elétrica sem que a sua tecla de "ligado" esteja acionada, a sua força mental conseguiu "criar vida à parte de si mesmo", forjando o surgimento de um ser cuja urdidura desobedece toda a lógica de quase tudo o que foi ensinado a esta humanidade. A única exceção é o "aspecto quântico" que cerca o incidente, cujos painéis somente poderão ser convenientemente compreendidos pelas **futuras gerações terráqueas já educadas sob a ótica quântica.**

O ser que conseguiu reconstituir a si mesmo nas "piores condições possíveis" havia, portanto, **rompido a sua relação** com a "eternidade", com a "Realidade Superior" à qual estava acostumado, com o "Ser Superior" e os seus "Mestre e Mentores Divinos", enfim, com o poder maior ao qual sempre estivera vinculado e do qual sempre fizera parte ativa. Não foi por menos que, mesmo incompleto, a psicologia resultante do seu método de sobreviver ao caos terminou fazendo-o "herói de si mesmo", sendo este outro aspecto preocupante da sua doença espiritual.

Povoando o seu inquieto e torturado psiquismo ao longo do tempo universal, as sensações superlativas de pânico e de terror perante o desconhecido sempre se fizeram presentes. O esforço hercúleo para se manter vivo e atuante, criando e controlando as componentes internas da criação naquilo que o seu novo ser podia pretender gerar e administrar de modo empírico – quase sempre errando para depois procurar acertar – foi também uma das marcas que passou a caracterizar o seu modo de ser.

É uma "história pessoal" em que simplesmente os adjetivos da linguagem terrestre não têm lugar, pois não fazem justiça à descrição real dos fatos então acontecidos – e, na verdade, que ainda estão acontecendo enquanto escrevo estas linhas. Afinal, em certo sentido, o Senhor Javé não para: ele é o dono do teatro universal e, ao mesmo tempo, diretor, produtor, roteirista, contrarregra, sonoplasta e ainda o pretendido principal ator de todo este drama.

O Senhor Javé tem vivido – desde que surgiu para a sua criação, como um dos seres nela residente – num eterno ciclo de sofrimento moral, explosão

furiosa, arrependimento, encantamento e, novamente, sofrimento moral seguido de fúria, e por aí vai o seu **psiquismo adoentado**.

Quem o "observa de fora" percebe claramente o que nós, por estarmos inseridos na sua obra, somente podemos deduzir pelas suas posturas e atitudes: ele tem vivido em constante desespero ao longo desses 13,7 bilhões de anos, observação esta que não é fácil para o psiquismo terreno aceitar ou mesmo compreender. Mas em Javé tudo é por demais superlativo, inusitado e preocupante para ser razoavelmente compreendido pela lógica dos que vivem na Terra. A tanto não me proponho.

Friedrich Wilhelm Nietzsche[3], filósofo e poeta alemão dos que mais me provocam a sensibilidade intelectual, afirmava **ser alguém que já havia nascido póstumo**, querendo com isso expressar que a sua obra somente seria compreendida tempos depois da sua morte. De minha parte, sequer tenho "obra" para deixar para a posteridade. Contudo, as informações que agora sou obrigado a veicular nesses livros, penso já terem nascido póstumas para o tempo em que vivo esta aventura no campo das revelações sobre Javé e os aspectos cósmicos que o cercam. Sinceramente, espero que as gerações futuras possam delas se servir de modo construtivo e amoroso para com o ser criador de toda esta realidade.

Não deveria – penso que o assunto somente encontrará guarida nas reflexões das próximas gerações, que serão obrigadas a conviver com essas "novidades estranhas" – fazer referência neste livro a algumas "pistas" que ainda existem na cultura terrestre sobre o fato inaceitável de o Senhor Javé ter se reconstruído, no princípio, como um "ser múltiplo". Mas estou sendo solicitado a fazer isto com o objetivo de ao menos semear alguma reflexão, para alguns poucos (as) leitores (as) sobre um tema profundamente inquietante e desagradável ao senso comum atual. Mas existem pistas, sim, desse aspecto em torno do criador. Mais ainda: se foi o **seu DNA a primeira molécula-mãe que surgiu em nosso planeta há 3.8 bilhões de anos e que deu origem a todo e qualquer corpo de ser vivo que já tenha existido**, forçosamente, algum dia, a humanidade haverá de encontrar os indícios disso, que fatalmente se expressou em algum momento do passado terrestre sob a forma de algum corpo animal com características de "múltiplo".

A questão é que esses indícios já existem e passaram à posteridade através da "boca" de homens considerados extremamente sábios, seja para a época em que viveram, seja em relação aos dias atuais desta humanidade.

Observe o (a) leitor (a) o seguinte diálogo, cujas partes que nos

interessam mais diretamente à reflexão estarão ressaltadas por este escrevente com "negrito";

> *(...) Cabe a ti, Aristófanes, preencher as lacunas que deixei. Como já te livraste do soluço, se tens em mente engrandecer o deus diferentemente, mãos à obra.*
>
> *Aristófanes interveio assim, prosseguiu Aristodemo:*
>
> *Meu soluço fez pausa, definitiva, espero. Apliquei-lhe um espirro. Admira-me que o cosmo somático convoque ruídos, comichões. Um espirro! Golpe de espirro contra soluço e pausa.*
>
> *Meu caro Aristófanes – respondeu-lhe Erixímaco – vê como te comportas. Mal começas a falar, já provocas risadas. Obrigas-me a te controlar? Por que não falas tranquilamente em vez de fazer gracejos?*
>
> *Aristófanes respondeu com risos:*
>
> *– Está bem, Erixímaco. Fique o dito pelo não dito. Não precisas ficar de olho em mim. Receio que minhas palavras não provocarão gargalhadas. Vê bem, receio! O riso faria bem a nós todos. É próprio da minha Musa. Prometo que não direi coisas ridículas.*
>
> *– Estamos acertados, Aristófanes. Mas não penses que com um frechaço te escapas. Fala. Mas muito cuidado! Terás que prestar contas do que disseres. Te largarei só quando julgar que devo.*
>
> *– De acordo Erixímaco. Mas não me passa pela cabeça falar como tu ou como Pausânias. Parece-me que os homens não perceberam nada do poder de Eros. Se o tivessem percebido, dele seriam os templos mais imponentes, os mais vistosos altares teriam sido erguidos em seu louvor, para ele arderiam os mais fartos sacrifícios. Não seria como agora, quando nada disso se vê, embora necessitemos dele acima de tudo. Eros é, ao que tudo indica, o mais filantrópico dos deuses, o mais benéfico aos homens, médico de males que, ao curar, proporciona o mais completo bem-estar ao gênero humano. Tentarei introduzi-los no poder de Eros para que vocês sejam mestres de outros. Importam que* ***compreendam primeiro a natureza humana e as características dela****. Nossa* ***natureza primitiva não era a atual, era diferente.*** *Para começar, a* ***humanidade compreendia três sexos, não apenas dois,*** *o masculino e o feminino,*

como agora. O **andrógino era então,** quanto à forma e quanto à designação**, um gênero comum, composto de macho e fêmea. Dele nada mais resta do que o nome, caído em desprezo.**

A **forma** de cada homem era um **todo esférico**. O dorso e os flancos fechavam-se em círculo. Cada um desses seres era **provido de quatro mãos, movia-se com igual número de pernas.** Um pescoço torneado sustinha **dois rostos, semelhantes em tudo. Uma era a cabeça** em que se opunham **dois rostos**. Os corpos ostentavam **quatro orelhas e um par de genitais**; a exemplo destes, dobrados eram os outro órgãos. Andavam eretos como os homens de agora em qualquer direção que se locomovessem.

Quando empreendiam corrida veloz, cambalhotavam. De pernas erguidas, formavam uma roda. Rolavam céleres com seus **oito membros** estendidos. **Três eram os gêneros.** O gênero masculino primitivo era descendente do sol; o feminino, da terra; o que reunia os dois gêneros em si mesmo descendia da lua, dotada de características desses dois astros. **Lembravam os genitores na circularidade e no deslocamento**.

Terríveis na **força** e no **vigor**, extraordinários na **arrogância, desafiaram os deuses**. Escalar o céu, tentativa que Homero atribui a Efialtes e Oto [nota do escrevente – Efialtes e Oto, segundo Homero, foram dois gigantes que tentaram subir ao céu para destronar Zeus, era projeto deles, hostis aos celestes. Zeus e os outros deuses, ao deliberarem sobre as medidas a serem tomadas, esbarraram num impasse. Se os extinguissem e fulminados os fizessem desaparecer como os gigantes, sumiriam as homenagens e os tempos erigidos pelos homens.

De outra parte, inconcebível seria tolerar a insolência. Ao cabo de cansativa deliberação, sentenciou Zeus: "Julgo ter encontrado um recurso para preservar os homens e, enfraquecendo-os, deter a insolência. Seccionarei agora cada um em dois para torná-los mais fracos e mais prestativos a nós, visto que serão mais numerosos. Andarão eretos, sustentados por duas pernas. Se mesmo assim, a nosso juízo, continuarem insolentes, **se não se aquietarem, desferirei outro golpe para deixá-los saltitantes numa perna só**. Com esse decreto, **Zeus cortou os homens em dois** como se partem sorvas para conservas ou como se dividem ovos à crina. A **cada golpe**, Apolo,

sujeito a ordens, virava o rosto e o pescoço partido na direção do corte com o objetivo de ***tornar mais ordeiro o homem ciente de sua mutilação****. Foi-lhe ordenado em seguida curar as feridas.*

Apolo mudou-lhes a posição do rosto, puxou a pele de todos os lados para o ventre, nome atual, como se faz para produzir uma bolsa. Os movimentos dirigiam-se decisivos ao centro, deixando uma abertura, agora chamada umbigo. As pregas restantes, ele as alisou para produzir o peito com um instrumento semelhante ao usado pelos sapateiros para alisar o couro sobre a fôrma. Deixou algumas, as que contornam o ventre e o umbigo, lembrança da ***condição antiga****.* ***Como a natureza humana foi dividida em duas****, cada uma das partes, saudosa, unia-se à outra, aos abraços,* ***ardentes por se confundirem num único ser****.* ***Morriam de fome e de inércia porque não queriam fazer nada separadamente****. Quando morria uma das partes,* ***a sobrevivente procurava outra e a estreitava nos braços. A meia-mulher procurava outra meia-mulher, o meio-homem procurava outro meio-homem e assim se aniquilavam****.*

Condoído, Zeus ideou outro recurso. Transportou as partes pudentas para frente.

Eles as traziam, como agora, fora do corpo, mas geravam e se reproduziam não unidos um com o outro, mas em comércio com a terra, como as cigarras. Com o sexo para frente podiam gerar um com o outro, o macho na fêmea. O propósito era este: se o enlace fosse de um homem com uma mulher, haveria descendência e a constituição de uma família, mas se dois homens se abraçassem, a conjunção os devolveria tranqüilos ao trabalho, às outras ocupações do dia a dia. Eros, que atrai um ao outro, está implantado nos homens desde então para restaurar a antiga natureza, faz de dois um só e alivia as dores da natureza humana. ***Cada um de nós é****, portanto,* ***a metade complementar de outro****. Somos como uma das partes de um linguado cortado ao meio, dois formando um. Cada qual anda à procura de seu próprio complemento.* ***Os que são um pedaço daquele ser misto, o andrógino, gostam de mulheres****, origem de muitos adultérios****.*** ***As mulheres desejosas de homens procedem dessa variedade****, fonte de adúlteras.*

A mulher fragmento de mulher primitiva *não pensa em homem; sente-se, entretanto, atraída por mulher. Essa variedade gera as*

companheirinhas. ***O homem que é pedaço do macho primitivo*** *corre atrás de homens. Ainda jovenzinhos, porções de macho primitivo, gostam de homens. Dormir com homens lhes dá prazer, enredam-se com homens. Excepcionais mesmo quando crianças e jovens, eles são, por natureza, másculos como ninguém. Alguns dizem que são despudorados, o que é um equívoco.*

Não é por sem-vergonhice que eles se comportam assim, mas por coragem, por virilidade. A masculinidade leva-os a se apegarem ao que se assemelha a eles. Querem prova? Maduros, são os únicos a ingressarem na política. São machos e pronto! Adultos, inflamam-se por jovens. Casamento e prole não lhes interessam, embora a lei os obrigue a isso. Se fosse por eles, passariam a vida um com o outro, solteiros.

Via de regra, um homem assim constituído apega-se a um menino, dedica-se ao erasta, afeiçoando-se sempre ao semelhante. Quando acontece encontrar a metade que lhe falta, o erasta de meninos ou qualquer outro erasta experimenta emoções extraordinárias, causadas pela amizade, pela intimidade, por Eros. Em síntese, a separação não lhes interessa nem por um breve espaço de tempo. Os que passam a vida juntos são esses. Um não saberia dizer o que espera do outro. (...) Vai aqui minha recomendação a todos os homens: honrar sempre os deuses, tanto para evitar o castigo como para obter favores, tendo Eros como chefe e general. Ninguém se oponha ao comando de Eros. Resiste a Eros quem pratica atos odiosos à ordem divina. Se somos amigos de Eros, se vivemos em paz com ele, encontraremos os desejados que nos pertençam e nos relacionaremos com eles. Poucos alcançam hoje esse benefício.

Não desejo que Erixímaco lance suspeitas sobre mim. Não vá pensar que este meu discurso é uma comédia. Não me refiro a Pausânias, nem a Agaton. Tudo indica que ambos são másculos, da natureza do macho primitivo. Dirijo-me a todos os seres humanos, homens e mulheres. Penso que todos chegaríamos a completo bem-estar se soubéssemos atingir o alvo da nossa força erótica, alcançando cada um de nós o objeto de seus desejos ***para restaurar sua natureza primitiva****. Se for nisso que reside a perfeição, é forçoso que melhor se sentirá aquele que mais se aproximar dela, certo de que o desejado corresponde a seu gosto. (...) Erixímaco, aqui tens o*

meu discurso sobre Eros, que se distancia do teu. Já te pedi, não o tomes por comédia. Ouçamos os que ainda restam, queremos saber o que eles têm a dizer-nos, ou melhor, um de cada vez, Agaton e Sócrates. (...) .

— O Banquete", de Platão.

Atente que os participantes do diálogo acima, ou seja, os convivas do banquete – Fedro, Pausânias, Aristófanes, Agaton, Sócrates, Alcibíades – eram homens ilustres de uma Atenas que, além de representarem o foco do helenismo, era a "cidade-luz" do progresso humano no ocidente. Esses convivas somente se estenderiam numa discussão se os assuntos fossem importantes para a mentalidade de então. Em outras palavras, ali não se conversou balelas, mas sim, temas que seriam posteriormente imortalizados através dos muitos "diálogos" escritos por Platão, ele mesmo como referência maior da importância dos assuntos abordados em suas obras.

Penso que os homens e mulheres atuais já não têm olhos para compreender o aspecto enigmático de uma discussão desse naipe. Ali foram tratados assuntos que importam, e muito, à espécie humana; e é pena que as "platonices" somente sirvam para ilustrar os discursos acadêmicos conforme o grau de interesse dos moldes atuais do pensamento humano e não para que fossem conveniente e criteriosamente analisadas com a seriedade e a profundidade que o tema, por muito melindroso que possa ser, requer.

Não entro no mérito do que foi exposto nem pretendo expressar aqui comentários sobre o que quer que seja. Deixo, contudo, à persistência e à teimosia dos que insistem em ler os temas abordados por este escrevente, o convite à reflexão sobre o aspecto de que o "germe" de um "ser múltiplo" há muito povoa os indícios estranhos de um elo passado, hoje perdido, que muito nos chocaria, por um lado, mas que também muito nos poderia servir como parâmetros de análise da complexa arquitetura do que hoje chamamos de "natureza humana".

Aqui, talvez esteja uma "pista" desconfortável para que alguns aspectos herdados da estranha natureza do Senhor Javé possam, um dia, serem observados com "outros olhos", sem os preconceitos naturais que hoje marcam o nosso "modo de olhar o passado". O doloroso é que essa questão tem muito mais a ver com o futuro imediato que nos espera do que com o que já passou. Mas sigamos adiante com a linha de análise do presente livro.

No capítulo anterior, informei que a nova expressão corporal arquitetada pelo Senhor Javé para fazer face à sua nova situação existencial foi formulada pelo seu poder mental. Este, ao se expressar de acordo com o que enfrentava em seus primeiros momentos após a queda, foi plasmando **cada uma dessas porções vibratórias de pensamento e sentimento em** "**quantuns de energia**", agora já colapsados numa espécie de "**matéria mental potencializada**".

Uma "microporção daquele tipo de "matéria" trazia, na sua estrutura formadora, o "**código traduzido**" de cada expressão individualizada advinda da mente do Senhor Javé. Essas microporções, fortemente marcadas pelos "códigos" de cada expressão mental do criador, foram se aglutinando, formando no seu próprio "corpo mental", o que na Terra chamamos de célula.

CONSTATAÇÃO:

Fazendo analogia com o que se pode observar na natureza terrestre, poderíamos afirmar que a recém-construída "forma existencial" da divindade caída trazia cada uma das suas expressões mentais plasmadas nas componentes estruturantes dos diversos "tipos de células" do seu novo corpo.

ASSIM, cada porção de "**matéria mental potencializada**" transformava-se numa espécie de "**código químico traduzido**" do que se passava no psiquismo da divindade caída, enquanto essas "**marcações**" iam se "**materializando**" – para a nova realidade astral em que agora vivia – sob a forma de moléculas que se aglutinavam em células que, por sua vez, se congregavam "em torno de" e "sobre" a forma recém-reconstituída.

Comparando com o que percebemos a partir do conhecimento terrestre, é como se cada uma dessas "marcações" correspondesse a uma das bases nitrogenadas que compõem o DNA presente nas células dos corpos dos seres vivos da natureza planetária. Aqui, as bases nitrogenadas são encontradas nos genes presentes nos genomas[3] de cada espécie. Em outras palavras, as bases nucleotídicas representariam as **peças modeladoras** do corpo emanadas da mente do criador.

Deve-se ter em mente que na Terra existem bactérias que se encontram entre as formas de vida mais simples, possuindo apenas uma célula. Cada

célula possui um só cromossomo com 1 milhão de peças arranjadas em 500 genes. O corpo de um ser humano é composto por 210 tipos de células conhecidos com funções diferentes e que, quando isoladas, não sobrevivem. Em cada uma delas há 23 pares de cromossomos (forma empacotada que o DNA assume dentro das células) que, em conjunto, têm 20 mil genes formados 3 bilhões de peças. Cada uma dessas "peças" corresponde a uma base nucleotídica. E é exatamente aqui, **no modo como elas se organizam e se combinam** umas com as outras, que reside a **expressão modeladora** que foi há muito arquitetada genialmente pelo Senhor Javé.

São exatamente estas as peças que compõem o que chamamos de DNA, que pode ser entendido como uma molécula em formato de escada torcida, com as bases nitrogenadas (as tais "peças" referidas anteriormente) no lugar de degraus.

CONSTATAÇÃO:

Em sendo o DNA a substância que constitui a base das informações genéticas passadas de geração em geração entre seres vivos, somos, portanto, obrigados a deduzir e a perceber que o DNA traz consigo a herança de uma "marcação mental" a qual, no caso terrestre – e ao que parece nas demais naturezas planetárias deste universo – se expressa por meio de elementos químicos. Essa herança vem sendo repassada não somente entre as gerações que se sucedem na Terra, mas também nas que formam as demais naturezas planetárias que compõem a história da vida universal.

QUAIS AS IMPLICAÇÕES NATURAIS DISSO?

Resposta: Se a primeira molécula de DNA que "apareceu" ou "foi posta" na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos já aqui surgiu pronta, acabada, mas passível de reajustamento, e tendo sido a partir dela que todos os demais corpos de seres vivos da natureza terrestre foram gerados – seja quem for que aqui a tenha posto ou, em outras palavras, seja essa molécula de DNA pertencente a quem for – o ser que lhe deu origem ou que a ofertou para ser a "molécula-mãe" de toda a vida na Terra, obviamente, tinha um **objetivo bem determinado**.

Qual seria esse objetivo?

Resposta: Ser ajudado de um modo que para nós, terráqueos, é

considerado normal, mas que, sob a perspectiva espiritual profunda, é totalmente inadequado. Aqui me refiro à pretensão de que podemos ser ajudados de "**fora para dentro**", enfim, de que outros podem nos ajudar.

Esse aspecto representa um equívoco profundo que somente o desespero pode arquitetar. O problema é que, como "**somos todos filhos do desespero**" – no modo como pensamos na Terra – nós nos acostumamos a pensar que isso é normal e produtivo, e o pior, que passamos mesmo a depender de ajuda externa, já que padecemos do mesmo problema. Na verdade, somente o indivíduo pode ajudar a si mesmo e isso se dá "de dentro para fora".

CONSTATAÇÃO:

Tudo o que alguém pode fazer por outrem é tentar ser útil, sem nenhum tipo de imposição ou de expectativa de ser compreendido e de receber gratidão. Afinal, somente as "construções interiores" proporcionam o progresso espiritual. O resto é puro vício da carência herdada advinda da genética desesperada e do psiquismo afetado do ser a quem chamamos de "Senhor Javé".

O FATO É QUE, no caso em que este ser se encontra, **não há mesmo outro modo de sermos úteis** ao Senhor Javé, a não ser assinalando em nós mesmos o melhor que pudermos no campo do amor fraternal. Mas **somente Javé pode ajudar a si mesmo**. E é essa espera atordoante e apavorante que tem marcado a história universal até os dias atuais.

Desesperado na sua dor e na **perene inquietação psíquica** que lhe maculam as atitudes e posturas, Javé promoveu sua semeadura na Terra como um ser que sempre se esforçou na arquitetura de possíveis soluções para o seu dramático problema. Talvez por isso tivesse, desde o princípio, um objetivo maior que terminou se escondendo nas entrelinhas da complexidade do "projeto planeta azul": **semear corpos à base do seu DNA que pudessem ser trabalhados por "outras vontades" e que, em evoluindo, ajudariam o ser criador a também evoluir**. A molécula de DNA, portanto, serviria e serve como elo entre a mente do criador e a dos seres viventes no âmbito da sua criação.

CONSTATAÇÃO:

O desespero do Senhor Javé é de tal monta que ele somente suporta

repartir a "sorte do seu destino com outros" se, conforme o seu tirocínio, esses outros estiverem totalmente submetidos a ele, sendo este o traço mais marcante da sua postura doentia em torno da imposição do mais forte sobre o mais fraco.

É imperioso que o (a) leitor (a) perceba que somente alguém em desespero extremo termina por **explodir a si mesmo em inúmeras partes** na "**esperança de que surjam outros**" que possam ter vontade e que assumam essas inúmeras e aparentemente individualizadas partes dispersas, e as administrem de tal modo que estas devolvam à mente central do processo as condições de "redenção psíquica" que o possibilite a "redenção espiritual".

Eis o mais tortuoso dos caminhos, mas não é por menos que é dito que o Senhor Javé "escreve certo por linhas tortas". Que seja! Não entrarei no mérito dessa assertiva.

Sob tal perspectiva, e agora voltando ao foco de como essa questão hoje se traduz na realidade terrena, devemos compreender que **cada célula** do nosso corpo contém uma impressionante quantidade de "**informação digital psíquica quimicamente codificada**" com um nível de precisão que somente uma engenharia mental extraterrena superior poderia ser capaz de realizar. Essa "informação codificada" representa exatamente a **"mão estendida" do Senhor Javé em seu pedido de ajuda** jamais compreendido por esta e algumas outras civilizações planetárias.

A ignorância em relação a esse aspecto do *modus operandi* do Senhor Javé foi e ainda é o foco de muitas **rebeliões** estéreis que somente pioraram o já caótico quadro existencial da sua obra.

Por mais doloroso e aparentemente inapropriado que seja, devemos entender o Senhor Javé como **"alguém torturado"** que, mesmo precisando desesperadamente de ajuda, atrapalha e prejudica aos que dele pretendem se aproximar com esse objetivo, pois ou a pessoa se submete ao seu jugo impositivo ou é "atropelado" por ele.

O aspecto preocupante dessa história é o de que submeter-se ao Senhor Javé não é necessariamente produtivo para ele e nem mesmo representa algum grau de "certeza" quanto à utilidade dessa submissão em proveito do seu progresso. Infelizmente, parece que apenas tal se dá – pelo menos aos olhos do próprio Senhor Javé – em alguns casos de submissão religiosa. É o caso, por exemplo, do que ocorre na Terra entre alguns seguidores do judaísmo e do islamismo, que a ele se submetem amando-o e admirando-o

pelos seus poderes que, de fato, ainda são muitos. Não submeter-se, contudo, é o caos para o seu psiquismo adoentado; e ele simplesmente não admite e nem sabe conviver com quem não lhe oferta, em submissão, a sensibilidade pessoal.

Aparentemente, numa análise superficial e apressada, parece não existir um bom caminho. Mas existe! E os ensinamentos e o testemunho do Mestre Jesus – como também os de outros mestres – compõem as **“placas de sinalização” postas ao lado das muitas estradas existenciais que há na obra do Senhor Javé**. Caminhar por elas, ao longo das vidas, ao mesmo tempo em que se observa o que ali se encontra disponível em termos de orientação para um percurso produtivo e sereno, é opção que deveria ser abraçada pelos cidadãos deste e de outros mundos.

O Senhor Javé, afinal, ensina, disciplina, impõe e exige a submissão total das suas criaturas. Os Mestres da Beleza Espiritual e do Amor (Jesus, Sidarta Gautama, Lao Tse, Sai Baba, entre outros e outras) esclarecem, motivam, dão testemunho do que predicam e nada exigem ou impõem. Estes fazem um convite ousado aos que lhes observam os ensinamentos: o de viver pela Beleza e pelo Amor a cada postura, a cada atitude, homenageando a existência e a todos os seres viventes.

Em não sendo este o caminho, somente resta como opção o aprendizado por meio da imposição da disciplina férrea e ditatorial do Senhor Javé. Muitos humanos da Terra somente reconhecem como válido este método – o que é lamentável. Contudo, há outros que já se encontram **associados ao Bem e ao Belo**. Necessitam, ainda assim, ter o devido conhecimento quanto à situação daquele a quem todos nós estamos invariavelmente submetidos, por estarem, os nossos espíritos, subordinados aos ditames da “genética corporal” do Senhor Javé. Chegou o momento de percebermos isso!

3

PREVALECE O PODER MENTAL

OBSERVANDO A QUESTÃO, agora sob outro aspecto, a **falha estrutural na "pessoa" do Senhor Javé é tão assustadoramente séria quanto extremamente simples: falta-lhe a alma**. A mesma não conseguiu imantar-se inteira, completa, no novo ser que surgiu já cativo da criação e que foi reconstituído pela exuberante força mental da divindade em queda, mas não pela estruturação comum que as almas dão aos corpos que elas utilizam. Este é outro aspecto – o mais sério deles – do drama espiritual desta individualidade.

Sob a égide dos fatores estruturantes que compõem "qualquer coisa" ou "qualquer ser" que exista no caso do nosso universo e das dimensões a ele adjacentes, três componentes se fazem essenciais para que as individualidades possam "existir" para as suas respectivas realidades: uma alma ou espírito[1] (**espécie de corpo espiritual extremamente delicado e complexo**), um elo vibratório e ajustador deste a uma forma transitória (perispírito[2]), e um corpo denso temporário (**corpo denso primitivo**) que necessariamente haverá de ter um início e um fim para a sua utilização.

No caso específico do Senhor Javé, essa harmonia, presente em quase tudo mais que hoje existe, não funcionou adequadamente; e fez do "**ser mental**" que hoje ele é uma exceção desagradável ao conjunto existencial que transcende as fronteiras do nosso universo. O pior é que ele repassou esse problema a alguns dos "primeiros clones" gerados nos instantes iniciais da sua solidão indescritível.

Em não lhe estando disponível a alma com toda a dose de conforto e de pacificação que a mesma naturalmente proporciona, restava-lhe tão somente

o poder da sua mente como sendo o seu foco de existência. É desse aspecto singular que surgem todos os demais problemas do Senhor Javé.

Para bem percebermos o mais grave de todos eles, devemos pensar que a ausência da alma como fator estruturante do novo corpo do Senhor Javé provocou um disparate jamais observado. Refiro-me ao fato de que, sem uma alma a adornar-lhe a existência, o Senhor Javé não tinha mais uma "ligação direta" com a Deidade. Isto porque o "Eu Profundo" e, mais especificamente, o "Eu Superior"[3], ou seja, a **parcela do Sagrado (espécie de "DNA" espiritual da Deidade) que é a base da existência real de cada ser**, não residia mais nele (na sua nova forma). No caso, a chama do Sagrado continuava a existir, só que no mais íntimo da sua alma desativada e inerte. Por isso que o Senhor Javé é considerado uma "aberração", a qual simplesmente "não deveria existir".

Sei quão desagradável parece a afirmativa acima. Contudo, é necessário que eu assim proceda para deixar absolutamente claro o teor da mensagem livre e destemida aqui registrada. E isso assim é feito a pedido de alguns dos assessores do Senhor Javé e, pelo que penso, corresponde, também, ao que ele próprio deseja. Ainda que as "cores da informação" possam estar equivocadas pelo simples fato de eu ser um "verme terráqueo", o aspecto central do que aqui está veiculado parece estar próximo ao desejado pelos que **conspiram amorosamente em torno do Senhor Javé** para que o mesmo possa "ser ajudado" de algum modo.

Devemos ainda observar que o Senhor Javé reconstituiu muitos dos seus poderes enfrentando as inenarráveis e terríveis provações, pelas quais se via na condição de divindade decaída. Na verdade, a percepção de que ele era realmente uma divindade decaída jamais foi tida por ele como "uma certeza". Porém, obrigou-se a iludir a si mesmo com essa possibilidade por perceber que em sua mente havia uma tendência natural para agir sobre o campo de energia matriz que permeava toda a sua criação e algo lhe dizia que aquilo somente era possível a uma divindade.

Devo ainda informar, por mais absurdo que isso possa parecer, que somente nos tempos atuais é que o Senhor Javé está prestes a perceber a sua origem divina ofuscada pela queda. O orgulho e a arrogância por ele sempre demonstradas já dispensaria essa percepção, até porque desnecessária. Contudo, a intenção do Mais Alto é a de contribuir com o esforço concentrado de diversas individualidades que **conspiram para que o Senhor Javé desperte** e construa cada vez mais em si mesmo os aspectos inerentes à

natureza humana, único caminho, conforme o plano do Mestre Jesus, de ele voltar a se alinhar com a sua natureza divina anterior.

CONSTATAÇÃO:

A natureza humana está indiscutivelmente mais próxima da natureza das divindades do que o atual nível de natureza que marca o Senhor Javé e as suas principais gerações de filhos-clones.

PARA MELHOR COMPREENSÃO da constatação acima, é necessário estabelecermos uma comparação entre "**Javé nos seus primeiros dias**" e "**Javé nos tempos atuais**".

Sob uma "certa" perspectiva, o "Senhor Javé de hoje" encontra-se em situação bem melhor que a dos tempos iniciais de toda essa história.

No "momento zero" desse processo, as condições do Senhor Javé estavam principalmente caracterizadas por alguns aspectos que precisam ser ressaltados:

– Era um **ser desalmado** (sem *Atman*[4], como denominam os hindus).

– Apresentava uma **força mental**, intelectual operativa **extremamente ativa** e excitada por força do "nervosismo da queda". Essa força, presente na sua nova condição, existia devido ao "*software* divino" que, em última instância, foi o que ele conseguiu "trazer de si mesmo" da sua condição anterior de divindade.

– Encontrava-se, então, existindo por meio de uma "forma" que conseguiu reconstruir para si mesmo tendo como base um **corpo** praticamente formado de "**energia porcionada e colapsada**" dentro dos limites vibratórios da dimensão em que se estabelecera logo após o decaimento, pelo fato de o "aspecto espiritual *Atman*" não lhe fornecer a estruturação necessária.

– A personalidade (e o seu correspondente psiquismo) que resultou de todo esse processo foi a do que na Terra poderia ser chamada de um "monstro" deformado, frio, implacável, calculista genial, bipolar, rancoroso, vingativo, astucioso ao extremo e apresentando instinto doentio em grau superlativo de sobrevivência e de preservação de si mesmo perante a nova situação. Além disso, não possuía a menor noção do significado de honra, decência e dignidade pessoal, sofrendo ainda uma série de transtornos de personalidades numa ordem extremamente complexa para a compreensão dos

parâmetros terrenos.

– Sob outra perspectiva, e agora de modo mais resumido, diria que no “início” o Senhor Javé apresentava uma força mental operativa fortíssima, um corpo fortíssimo e o psiquismo (em relação à premissa da condição humana, único parâmetro disponível para a analogia) totalmente **desumanizado**. Era uma espécie de besta-fera genial, monstro com altíssima capacidade criativa ou aberração desestruturada com alto potencial de intelectualidade.

E como ele se encontra na atualidade?

Resposta: Nos tempos atuais, o Senhor Javé apresenta a sua **força mental** operativa como estando **decadente**, com o “**corpo**” **doente** rumando para uma espécie de implosão (semelhante ao caso de algumas estrelas supermassivas que, ao implodirem, se transformam em buracos-negros[5]), o que pode ser entendido como uma “morte” extremamente lenta e agoniada. A **boa notícia é que, apesar de desalmado, o seu psiquismo está em “vias de humanização”,** de melhoramento pessoal, sendo este o projeto ao qual vem se dedicando aquele a quem conhecemos por Mestre Jesus desde o início dos tempos deste universo.

O Senhor Javé que hoje conhecemos é o fator resultante de todo um processo desesperado que trouxe à vida um **ser que se forjou ao mesmo tempo em que descobria a sua força enfrentando as dificuldades**. Estas terminaram por demarcar o potencial reconstituído desse ser como também muitas das estranhíssimas características do seu psiquismo aparentemente sempre afetado, nervoso e tendente à fúria diante da menor contrariedade psicológica, sendo este outro aspecto doloroso do seu modo de ser.

Um dos aspectos que mais me impressionou em toda essa história foi o de perceber o seguinte encadeamento dos fatos:

TODO E QUALQUER SENTIMENTO E/OU pensamento que o Senhor Javé sentiu ao longo dos últimos 10 bilhões de anos, cada um deles, foi marcado no seu “**arquivo vibratório corporal**” sob a forma de “**energia porcionada e colapsada**”, da qual já me referi. Em outras palavras, o seu DNA pessoal. Cada uma dessas marcações representava uma combinação dos parâmetros que compõem a “química da realidade” a qual ele atualmente pertence (universo astral onde reside desde a sua queda).

Cada sentimento ou pensamento do Senhor Javé corresponde a uma “combinação química” específica, registrada no seu arquivo sensitivo

pessoal.

O Senhor Javé normalmente esteve sempre sozinho, no máximo acompanhado dos seus filhos-clones das primeiras gerações, que jamais lhe puderam acrescentar alguma sensação ou pensamento “novo”. Isso implica que o seu arquivo sensitivo pessoal permaneceu imutável. Não esqueça que, pelo fato de o Senhor Javé ser desalmado normalmente, ele jamais teve ou tem impulsos de se reformar intimamente, ou seja, de se melhorar enquanto entidade, sendo este outro aspecto do porquê de o seu arquivo sensitivo pessoal ter permanecido inalterado e estar sempre se complicando.

Atente bem para o fato de o “arquivo sensitivo” ou “**arquivo corporal” do Senhor Javé ter permanecido imutável**, e então lembre de que a **evolução das espécies da natureza terrestre se dá por meio de mutação**. Não é por mera casualidade que as palavras “imutável”, no que se refere ao estacionamento espiritual do Senhor Javé como subproduto do decaimento, e “mutação”, ou seja, o “salto quântico” que possibilita a evolução das espécies terráqueas, estão sendo utilizadas aqui.

CONSTATAÇÃO:

O DNA original do Senhor Javé encontrava-se 100% ativado quando dos seus “primeiros tempos de vida”; e aquele que foi semeado na Terra, aqui chegou com somente cerca de 3% ativados, sendo os demais 97% considerados “DNA lixo”. No que isso implica? Que, no caso do DNA da Terra, é possível a evolução via reformulação dos parâmetros do DNA e, no caso da situação do Senhor Javé, tal não era possível, já que não existia “espaço de manobra evolutiva” num DNA totalmente ativado e estabelecido.

O SENHOR JAVÉ teve de ancorar-se em si mesmo porque a ninguém mais ele tinha. Contudo, aqui se pode traçar um estranho paralelo com o que hoje percebemos no caso desta humanidade, obviamente, porque somos herdeiros do potencial total dos seus problemas. Refiro-me ao fato de que, como nós, ele, desde que se reconstituiu minimamente, ter passado a intuir que existia alguém muito superior a ele, um Ser que lhe era em tudo superior, mas em relação ao qual nada mais atinava.

Sim! O Senhor Javé, como qualquer cidadão terráqueo, também **anseia e sonha nos seus devaneios pela união com Deus,** com Aquele a quem ele

vem, já há algum tempo, vislumbrando que existe e que se situa muito além da sua capacidade pessoal de percebê-Lo. **Parte do seu drama é não poder senti-Lo** porque a corrente amorosa do Pai Amantíssimo reside na presença da porção do *Atman* presente em cada ser. O Senhor Javé, como já elucidado, infelizmente não a possui. **Tem de deduzi-Lo através da sua condição mental**.

Em palavras terrenas, aquilo que é tão fácil e mesmo banal para qualquer ser humano, que é o fato de poder acreditar em qualquer coisa que se queira, independente de ser ou não verdade, ao Senhor Javé a **possibilidade da fé simplesmente não lhe é possível sentir, por ser alguém desalmado**.

Outro aspecto que é tão comum encontrar no psiquismo humano, mas totalmente ausente no do Senhor Javé, é a **arte da imaginação.** Enquanto divindade, esta ciência era uma das suas marcas no campo da atuação deífica. Contudo, após o decaimento, a faculdade que lhe era peculiar, em nível do que chamamos de genialidade, na sua atual condição simplesmente não lhe está disponível.

Ken Robinson[6] aponta que existem três palavras-chave em torno do tema "criatividade". A primeira delas é "imaginação", que é a fonte da criatividade.

> *"A **imaginação** é nossa capacidade mais extraordinária, que nos permite trazer à mente algo que não está disponível para ser captado por nossos sentidos. Com imaginação podemos reviver o passado, assumir o lugar de outra pessoa e ter empatia com ela, ou antecipar o futuro – não prever, mas antecipar diferentes possibilidades. Tudo o que é distintivamente humano provém do poder da imaginação."*
>
> *"A segunda palavra é '**criatividade**', que consiste em colocar a imaginação para trabalhar (...). '**Inovação**' é a terceira palavra. Significa colocar as boas ideias em prática (...). Como é possível incentivar a imaginação? Com novas experiências" – diz-nos Ken Robinson.*

TOMANDO como base a sua linha de raciocínio, convido o (a) leitor (a) a refletir sobre o fato de que as "experiências" que o Senhor Javé vivencia desde a sua reconstituição estão todas elas subordinadas aos seus ditames, e qualquer fato que os extrapole é tratado como "rebelião" e fortemente

reprimido.

CONSTATAÇÃO:

O “novo” jamais surge, seja porque a nenhum dos seus clones é dado isso fazer ou mesmo porque o Senhor Javé nada faz de novo e jamais permite coisa alguma nesse sentido. Foi necessário que surgissem “civilizações planetárias” com baixo nível de influência da porção ativa do DNA do Senhor Javé para tornar possível que o “novo” tivesse lugar neste universo.

O CIRCUITO existencial ao qual pertence o Senhor Javé e os seus filhos clonados das primeiras gerações é, por um lado, rico em avanço científico se comparado ao que conhecemos na Terra, mas pobre, paupérrimo, em termos de novidades: eles são o que são desde que passaram a existir para a criação do Senhor Javé e o que de “novo” surgiu foi tido na conta de rebelião e desobediência passível de punição.

A própria crucificação de Jesus se insere nesse contexto, o que sei ser chocante para o entendimento comum a esta humanidade. Mas este assunto não será aqui abordado por não fazer parte das reflexões que importam aprofundar agora, e está sendo citado apenas para provocar a imaginação e a reflexão da parte do (a) leitor (a).

Concluo o presente capítulo com a pretensa afirmação de que o Senhor Javé, por ser desalmado – condição esta que demanda inúmeros e diferentes problemas para ele –, não dispõe do que chamamos de “capacidade de imaginação” e, portanto, de criatividade e inovação, sendo este um dos fatores limitantes que impedem o seu “progresso pessoal”. Os seus filhos clonados, por possuírem almas, ainda que estas estejam subordinadas aos corpos condicionados gerados pela vontade do criador, na medida em que despertem a sua natureza espiritual, percebem que essas faculdades naturalmente começam a aflorar em seus psiquismos. Isto, de fato, já acontece em muitos deles, só que em graus distintos.

O fato é que nesses seres prevalece o poder mental, característica e herança maior do Senhor Javé que foi repassada aos seus ministros e assessores. Tudo isso porque o Senhor Javé, para sobreviver à sua própria sorte, teve de se valer disso com toda força de que era capaz. Contudo, por mais que eu me refira a esse aspecto, penso que pouco estarei ofertando no

campo da reflexão sobre o que “realmente aconteceu com a divindade decaída”.

Penso, simplesmente, que não existe nenhuma mente neste universo que possa aquilatar o que esse ser passou enquanto se esforçava por se reconstituir e o que ele ainda faz nos tempos atuais com vistas a esse mesmo mister. Sim! Esse processo, por mais absurdo que se nos possa parecer, ainda não terminou e, ao que tudo indica o **Senhor Javé deixará de existir para a sua própria criação antes mesmo de que esta tenha um fim**; e bem antes do estágio que ele um dia pretendeu chegar com a sua “**reconstituição pessoal**”.

Como se pode observar, as afirmações aqui registradas necessitam de “reflexão adulta e profunda”, não sendo facilmente absorvida pelos que precisam acreditar que o deus criador é um ser perfeito. O tema é melindroso e mesmo perigoso para os irmãos e irmãs terráqueos apegados à crença simples do que está imposto à **mentalidade de rebanho** observado em alguns movimentos religiosos.

Penso que somente as gerações futuras, já libertas da necessidade da crença, poderão ajustar e/ou corrigir, parcial ou completamente, o que aqui está sendo afirmado. Por ora, cabe-nos somente refletir sobre os painéis psicológicos do ser que apresentou a si mesmo nas páginas da Bíblia e do Alcorão como alguém cuja natureza, postura e atitudes não se enquadravam muito bem no que as próprias doutrinas religiosas da Terra apontam como sendo um ser espiritualizado, a exemplo do que foram Jesus e Sidarta Gautama, entre outros.

4

A DEPLORÁVEL CONVIVÊNCIA

SIMPLESMENTE É IMPOSSÍVEL, àqueles que vivem na Terra, perceber de forma proveitosa o modo como o Senhor Javé conviveu e convive com os seres que o assistem mais de perto. É de "destruir o coração de qualquer terráqueo" – ainda que o do mais frio e indiferente habitante deste planeta – a percepção do grau de dependência psicológica e mental dos "filhos puros de Javé" para com seu criador.

Imagine um ser que, mesmo sem pretender, terminou criando "robôs vivos dotados de consciência pessoal" cuja função é apenas e tão somente a de servir como instrumentos da sua vontade, sem que possam oferecer qualquer tipo de resistência ao criminoso império do seu ego. Este é o Senhor Javé, que nos primeiros momentos da sua existência como divindade decaída criou um verdadeiro **exército de robôs** que lhe são completamente dependentes.

Enquanto somente esses robôs das primeiras gerações existiam, a situação já era complicada. Quando, porém, os filhos do Senhor Javé – e ele próprio – começaram a criar civilizações planetárias a partir do DNA do criador e do deles próprios (o DNA desses seres é semelhante ao do Senhor Javé, só que com pequenas e complexas modificações genéticas), a situação deste universo se agravou ao extremo. Porém, o aspecto curioso e enigmático sobre essas **civilizações planetárias** é que, sem elas, o Senhor Javé e os seus assessores jamais poderiam ser ajudados.

O fato é que, em seu desespero, o Senhor Javé criou **seres destituídos de qualquer propósito existencial** e cujos corpos foram programados para não permitirem o progresso espiritual das suas componentes divinas, já que este

se dá pelo uso do livre-arbítrio, que permite a marcação meritória ou não, de acordo com as opões da individualidade.

Os “clones” do governador deste universo não têm a opção de “não realizar” as suas ordens. Eles simplesmente são obrigados a realizá-las, **independente do grau de desconforto que isso possa produzir nos seus psiquismos**. Sim, eles têm “um **aspecto psicológico**” que, em alguns deles, depois de bilhões de anos de “**constrangimento moral**”, começou a aflorar. Mas isso é tudo! Eles – os clones diretamente gerados pela vontade do Senhor Javé – não têm como desobedecer ao seu criador. O curioso é que nós – os seres evolutivos do universo – podemos “desobedecer” ao criador; eles simplesmente não podem.

Constatação:

Para os seres situados além deste universo, a condição existencial do Senhor Javé e dos seres que o assistem mais de perto é de puro “vexame espiritual”. Além do que, observam a sua criação como uma espécie de prisão holográfica advinda do poder mental da divindade decaída.

Desculpem-me a crueza, mas os clones criados por Javé jamais falaram ou trocaram ideias com o próprio, a não ser nos tempos mais recentes deste universo; e ainda assim, de forma muito tímida e estéril. Tudo o que eles podem lhe endereçar, ou melhor, tudo o que eles foram programados para fazer, além de obedecê-lo cegamente, é comunicar-se com o seu pai através da **veneração** e do que na Terra chamamos de **“oração”.** Veja só!

As implicações disso são complicadas e seríssimas, tanto para eles, os assessores diretos do Senhor Javé, quanto para nós, os seres com acesso à possibilidade de evolução deste universo.

Existem diversas citações em que o “**deus bíblico**” criador do céu e da Terra aparece rodeado pelas diversas **hostes angelicais** que o assessoram, cujos **membros entoam permanentemente cantos de louvor e de veneração ao seu senhor**. É curioso e inquietante perceber que “o Senhor” parece sempre aparecer isolado no meio dos clones da sua hierarquia, que sempre o louvam e veneram.

Constatação:

O aspecto desagradável dessa história é que fomos acostumados a

achar isso algo belo e louvável, mas não é! É idolatria pura e estéril que só faz tornar ainda mais doente o ego já problemático do Senhor Javé. Em outras palavras, ele pensa que isso lhe faz bem, mas não é bem assim. Muito pelo contrário: esse contexto é apenas um painel emblemático do modo inquietante de como o Senhor Javé se alimenta, psíquica e energeticamente, dos que lhe estão ao redor e que foram criminosa e desesperadamente programados para fazer exatamente isso.

É CLARO que quando um "pobre e ignorante terráqueo" é levado à "presença" do Senhor Javé, ao perceber todos aqueles seres em posição de permanente veneração ao deus-criador, fica impressionadíssimo, além de inevitavelmente assustado. Mas é só isso: pura encenação para os pobres terráqueos e outras civilizações deste universo.

> *E nenhum anjo era capaz de olhar face a face o Glorioso e o Magnífico, nem de se aproximar dele, nenhum olho mortal poderia contemplá-lo. Um fogo brilhante queimava a seu redor.*
>
> — ENOCH XIII, 23 – PG. 36

> *Elevava-se também diante dele, um fogo de uma grande extensão, de modo que nenhum daqueles que o cercavam não podia se aproximar e miríades e miríades estavam diante dele. Ele não necessitava nem de conselhos, nem de assistência e os santos que formavam sua corte não o deixavam, nem de dia, nem de noite.*
>
> — ENOCH XIII, 24 – PG. 36

A EXPRESSÃO "*SANTOS*" que aparece no texto de Enoch foi obviamente introduzida nas traduções posteriores ao achado dos fragmentos dos manuscritos encontrados a partir do século XVIII – coisa de tradutores cristãos, que fizeram com as melhores intenções.

Esses que o cercam e se fazem representar em muitas miríades ao redor do criador são os tais seres que deram origem ao segmento cultural do que na

Terra foi chamado de “anjos”, aspecto este que até os dias atuais desafia a “imaginação” e a “racionalidade” dos terráqueos. Na verdade, esses anjos são presenças constantes somente nos adornos das festividades natalinas, como também nas obras de arte da cultura terrestre, mas não costumam frequentar as nossas reflexões sobre o que de fato representam.

Tidos como mensageiros do Senhor Javé para a transmissão de notícias para os terráqueos, como foi o caso da nascimento de Jesus, entre outros episódios, os anjos ocupam, não só no cristianismo, mas também em outras religiões vinculadas ao “fator Javé”, lugar de destaque e presença marcante. No islamismo, por exemplo, no episódio em que o anjo Gabriel “dita” em nome de Alá (Javé ou Brahma) o Corão, leva o analista a se perguntar até que ponto esse anjos não interferem no processo da gestão cósmica do criador. Detalhe: Maria não viu o chamado anjo Gabriel, mas apenas escutou as palavras de um ente a quem chamou de “anjo” por força dos aspectos culturais da época em que viveu. Do mesmo modo, Maomé não viu o anjo Gabriel, mas escutou as orientações advindas daquele ente que assim se apresentava, as quais passaram a compor as páginas do Corão.

Na verdade, começo a depreender, seja pelas descrições livres de traduções equivocadas ou mesmo pelo que me é revelado, que não existe uma só passagem em que se faça referência à atuação do Senhor Javé sem que esta não esteja sendo conduzida por um dos seus anjos.

Por que foi e continua sendo assim?

Resposta: As suas figuras mitológicas se encontram de tal forma enraizadas nas páginas de todas as culturas da antiguidade remota desta humanidade, que, quanto mais investigo as suas presenças nos episódios marcantes desse passado, mais me questiono o quanto da herança da atitude desses seres repercute até os dias atuais no destino desta comunidade planetária, sem que disto venhamos a dar conta.

Os evangelhos apontam a constante presença dos anjos desde o nascimento de Jesus até a sua ressurreição, aspecto que neste livro não poderá ser aprofundado (será tema de outro livro denominado “Muito Além do Evangelho”), mas aqui deixo o registro apenas para ressaltar que a vida de Jesus – um ser superior discretamente mergulhado como um dos muitos anjos pertencentes à hierarquia do Senhor Javé, com o fito de ajudá-lo – foi totalmente pontuada pela presença desses seres, e o que se encontra por trás desse aspecto ainda é um mistério para os cristãos.

Notem que os deuses das primeiras civilizações são retratados em formas

não humanas, incluindo aqui algumas semelhantes às feições de alguns animais da fauna terrestres como também humanóides alados, entre outras.

Na Antiguidade, a multiplicidade desses “deuses” dava a tônica do modo como eles interagiam com os humanos da Terra em muitas culturas, o que hoje se encontra refletido nas mitologias suméria, acadiana, hindu-ariana, egípcia, hitita, greco-romana, entre outras. Mais recentemente, na Idade Média, esses “deuses”, que já vinham transformados em anjos desde o advento das religiões cristã, zoroastrista e islâmica, eram agora tidos como formadores de uma intricada hierarquia cheia de níveis e os tais anjos por eles se distribuíam de acordo com o modo como interagiam com o deus-criador.

Ao tempo do judaísmo antigo, os alcunhados querubins e os serafins já eram conhecidos por força da influência das lendas mesopotâmicas que tanto influenciaram a história dos judeus. Mais tarde, o então convertido seguidor cristão de Jesus, então chamado de Paulo (seu nome anterior era Saulo de Tarso, o temido perseguidor dos cristãos), costumava se referir a alguns agrupamentos desses anjos como sendo: “tronos”, “soberanias”, “principados” e “autoridades”, acrescentando, ele próprio, o grupo denominado “poderes”, mas sem os hierarquizar. Em seguida, os chamados “Pais da Igreja” costumavam se interrogar sobre o possível número das ordens angélicas. Cirilo de Jerusalém e Crisóstomo, por exemplo, enumeraram nove delas.

Coube ao monge Dionísio, o Aeropagita[1], a arquitetura do chamado “paraíso cristão”, já que nele se encontrava descrita a relação que os anjos tinham com o Senhor Javé, aspecto este que terminava por determinar as suas funções na hierarquia do reino dos céus. Dionísio confirmou e autenticou essa cifra, que passou a simbolizar a organização global do mundo celeste, explicando a razão de ser de cada uma das nove ordens. Dividiu, por fim, a **corte celeste em nove coros e os repartiu entre três hierarquias superpostas**, situando o primeiro coro na **vizinhança imediata** de Deus, e o último, na dos homens, aspecto este que muito interessa ao que está sendo tratado no presente livro.

Assim, conforme o depreendido por Dionísio com base em seus estudos sobre os registros do passado, as três hierarquias com suas nove ordens encontravam-se ligadas aos aspectos de “pureza”, “iluminação” e “perfeição” que emanam de “Deus”, comunicando-se assim desde a ordem superior dessa assessoria divina até a última das ordens inferiores, e destas aos homens.

Informa-nos Dionísio que os anjos mais altos são os “**serafins**” e os

“**querubins**” que, por se encontrarem mais próximos de Deus, **existiriam apenas para venerá-lo constantemente.** A questão por mim já refletida no livro “O Drama Cósmico de Javé” quanto à intrigante necessidade de alguém minimamente equilibrado sob a perspectiva da evolução espiritual precisar da existência de seres que o venerassem perpetuamente, aqui permanece como um convite à reflexão.

Junto com os “serafins” e “querubins”, no “patamar mais elevado céu”, estaria a ordem dos “tronos”, sendo estes os responsáveis pelo cumprimento do senso da justiça nos moldes aplicados pelo tirocínio do Senhor Javé.

A **primeira hierarquia** então compreenderia: os “serafins”, espíritos de fogo e de amor, os “querubins”, plenos de ciência divina, e os “tronos”, também eles estabelecidos no patamar mais elevado do céu.

A **segunda** é composta das “dominações”, cujos membros estão constantemente a serviço de Deus gerenciando o paraíso e, portanto, “dominam” os demais seres subjugados à administração do Senhor Javé. Aparece aqui a ordem das “virtudes”, que tem a função de comunicar a força divina às ordens inferiores.

Completando esse nível da hierarquia angélica, aparece a ordem das “potestades”, que presta aos outros sua ajuda benévola procurando livrar e proteger a humanidade contra o “mal” advindo das forças trevosas.

Por fim, a **terceira hierarquia** incluiria a ordem dos “principados”, que se preocuparia com o progresso das nações terrenas, a dos “arcanjos” e a dos “anjos”, estes últimos em **contato direto com os humanos**, servindo como espécies de guias e mensageiros entre a hierarquia do Senhor Javé e os terráqueos.

O fato é que a hierarquia angelical – denominada por mim em outros livros já publicados como sendo a “hierarquia celestial” – estava agora divida de um modo intricado, porém, extremamente esclarecedor, quanto a alguns aspectos da preocupação do Senhor Javé para com o progresso da humanidade terráquea. Para mim, o interessante é que o modelo de Dionísio muito tem me servido para a “compreensão” da atitude de alguns dos clones assessores do Senhor Javé para com esta humanidade.

Conforme penso, a assessoria do Senhor Javé – aqueles anjos conhecidos como Gabriel, Rafael, Miguel, entre outros – parece ter um papel em toda a história do universo e, mais especificamente, no que se refere às páginas acontecidas no planeta Terra, muito mais importante do que a princípio possa ser percebido pelos indícios registrados nas crônicas terrenas sobre a questão.

Este aspecto será convenientemente abordado mais adiante.

Passei alguns poucos anos refletindo sobre o que considerei – desde que fui levado a perceber o tipo de relação que existia e existe entre o Senhor Javé e os seus anjos – o mais rematado absurdo perante a lógica terrena. Para minha consternação, a **realidade "diária" daqueles seres é bem mais absurda ainda** do que isto que está sendo exposto aqui. O incrível de tudo é que eles amam sobremaneira àquele a quem consideram pai e criador, seja pela própria determinação genética que marca o limitado tirocínio que lhes é próprio, ou mesmo pela força amorosa da condição divina das suas almas em missão transitória no vexame existencial ao qual se obrigam.

Completamente dependentes da mente e da vontade do Senhor Javé, o estranho é que, na atualidade cósmica – mais especificamente de alguns bilhões de anos para cá – eles conseguem "conversar" entre si e até mesmo "discordarem uns dos outros".

Os poucos que se libertaram dessa "condição limitante" seguiram dois caminhos distintos:

Alguns foram aqueles que se tornaram antagônicos à ditadura extrema que o Senhor Javé, sem que o pretendesse, terminou criando como sendo o único modo que encontrou de sobreviver ao caos por ele mesmo gerado – e, convenhamos, toda ditadura é simplesmente desprezível para qualquer psiquismo minimamente esclarecido.

Outros fazem parte de uma **conspiração amorosa** que envolve o Senhor Javé com o objetivo de encontrar e de produzir os caminhos que o poderão ajudar a se elevar, recompondo-se à sua condição original de divindade, como também aos demais espíritos na atualidade vinculados à sua derrocada e que sofrem a desdita de existirem sob a égide do mais louco e penoso sistema ditatorial já produzido.

Para o modo de pensar dos humanos da Terra, sei que é bastante difícil imaginar que uma divindade ricamente dotada de muitas potencialidades mentais – por força de uma dada situação – se veja limitada apenas a dispor "do seu modo de pensar que lhe é característico", perdendo os demais atributos que povoavam a sua mente como a capacidade de amar indistintamente, a compaixão, a tolerância, o altruísmo, a ética para consigo mesmo, entre outros aspectos do que na Terra costumamos considerar como sendo o "caráter" de alguém. Pode até parecer puro desperdício de tempo que isso seja intentado. Mas, para quem assim pensa, é conveniente se esforçar por ao menos tentar imaginar algo em torno dessa questão para tentar

articular algum entendimento.

Por mais irritante, absurdo, inapropriado e desagradável que possa ser esse assunto, será exatamente tudo o que diz respeito ao Senhor Javé, à sua situação pessoal e a de seus anjos, o tema que estará presente na pauta evolutiva do currículo existencial daqueles que “herdarão a Terra” após a saída dos espíritos complicados e tendentes ao mal e à feiúra espiritual que não mais reencarnarão neste mundo.

A partir do século XXII, pretende-se, o orbe terrestre[2] já deverá estar livre da presença desses nossos irmãos e irmãs que não conseguiram construir em si mesmos, após muitas vidas na Terra, os alicerces do Bem e da Beleza que dignificam e homenageiam o Mais Alto, este sim, doador amoroso da existência plena, sem essas limitações dolorosas que observamos na obra do Senhor Javé.

Não é fácil para nós, terráqueos, aceitarmos, mas estamos todos submetidos a um ser que se elevou à condição de deus do universo que nos abriga porque, simplesmente, no seu modo de pensar, não lhe restava outra opção.

O pior é que, ao ver-se sozinho diante de uma amplitude de problemas a serem administrados, utilizando-se do seu potencial criador difícil de ser aquilatado pelos terráqueos, produziu a partir de si mesmo – como já informado anteriormente e em especial no livro “O Drama Cósmico de Javé” –, gerações de seres que lhe eram absolutamente semelhantes quanto ao seu “modo de pensar”, até porque a eles não era dada alternativa.

Constatação:

O Senhor Javé transferiu os seus problemas para os demais seres do universo. Num primeiro momento, aos que lhe eram em quase tudo semelhantes e, portanto, incapazes de usufruir de liberdade mental. Depois, com o desenvolvimento dos fatos, os germes dos seus problemas existenciais foram transferidos aos seres pensantes evolutivos por meio da herança do seu DNA, sendo neste último aspecto que reside a única possibilidade de redenção do Senhor Javé.

Se for possível ao analista dos fatos a compreensão quanto ao que se encontra afirmado na constatação acima, tudo mais se tornará claro, já que a questão central do problema do Senhor Javé é a sua incapacidade de

providenciar por si mesmo a sua redenção. Aos seus **clones** (que compõem a sua aristocracia) não é possível tal pretenderem, por seus espíritos ocuparem corpos com um DNA quase que totalmente deformado e doente como o do criador. Aos **seres evolutivos**, que no caso da espécie humana terráquea são os espíritos que administram os corpos animais característicos denominados de *homo sapiens*, estão submetidos a uma tendência de DNA que somente encontra-se ativada em cerca de 3% do seu potencial natural. Isso permite uma ampla margem de "**liberdade existencial**", permitindo assim o **progresso espiritual** dos membros da espécie, o que poderá ajudar ao Senhor Javé – e aos seus anjos – a providenciar o seu próprio progresso.

O **escândalo espiritual** que surgiu em torno da criação deste universo até hoje afeta drasticamente a sorte (caminhos da existência passíveis de serem administrados pelo livre-arbítrio pessoal) e o destino (inexorabilidade por força dos fatos) de todas as individualidades espirituais que foram "**obrigadas a existir**" devido à máquina de gerar vida, sem propósito existencial ou espiritual, criada pela divindade decaída.

O cientista político Cass Sunstein[4], em seu livro intitulado "Going to Extremes: How Like Minds Unite and Divide" (Ir aos Extremos: Como Mentes Semelhantes Unem e Dividem), apresenta uma tese da qual me sirvo, adequando-a ao contexto do Senhor Javé e de seus prepostos, apenas para apoiar o entendimento da lógica terrena em relação ao que sequer pode ser razoavelmente compreendido por esta ótica sobre a realidade da natureza desse ser.

A tese é a de **que pessoas que pertencem a grupos que pensam uniformemente tendem a radicalizar** as suas posições.

Sunstein apresenta alguns testes empíricos que reforçam a sua tese, testes estes que aqui não serão citados para não alongar a abordagem e porque desnecessários ao mister esclarecedor. Esclarece Sunstein que, na França, um determinado grupo de cidadãos foi dividido em grupos menores com o objetivo de trocarem opiniões sobre o presidente francês da época e o papel dos Estados Unidos da América no mundo. A premissa geral era a de que todos aqueles cidadãos franceses tinham uma visão simpática do seu presidente e visão negativa para com os Estados Unidos. Ao final da experiência, constatou-se que aqueles que gostavam do presidente francês passaram a gostar mais ainda, e os que não eram simpáticos aos estados Unidos passaram a ser ainda menos.

A questão em foco é a de que, quando **aqueles que nos rodeiam**

reforçam as nossas verdades – e aqui entra a opinião deste escrevente – enchemo-nos de uma “perigosa” sensação de maior segurança em relação ao que pensamos, o que pode nos levar a radicalizar ainda mais as nossas atitudes. E quando nesse grupo existe uma autoridade inconteste que não divide o comando nem coisa alguma com quem quer que seja – como é o caso do Senhor Javé –, a espécie de “mente coletiva” gerada no doentio processo passa a funcionar sem nenhum tipo de freio entre seus pares, com o que o caos e o sofrimento passam a ser a tônica existencial desses seres e dos demais que estiverem sob o seu jugo.

É o “extremo do extremo”, difícil de ser percebido pela psicologia mais adiantada da Terra no campo do que aqui consideramos como doenças mentais e da psique. O curioso e inquietante é que o **sentimento de religiosidade, quando pouco esclarecido, envereda exatamente por esses tresloucados caminhos fundamentalistas e criminosos enquanto pretendem tratar de assuntos “sagrados”.** A história da religiosidade terrestre é um triste exemplo do que aqui está sendo afirmado.

Utilizo-me, agora, de crônica de João Pereira Coutinho[5], publicada no Jornal Folha de São Paulo, em 07/07/09, onde não só ele comenta o livro de Sunstein como acrescenta reflexões preciosas sobre a questão.

> *A história do extremismo, para Sunstein, é também a história de como certos grupos foram se afastando progressivamente do pluralismo real das sociedades humanas. O Tratado de Versalhes, a falência de Weimar ou a Grande Depressão podem explicar Hitler e a ascensão do partido nazista. Não explicam tudo: é preciso entender os nazistas como um grupo homogêneo, impermeável à crítica externa. Uma realidade fechada onde os diferentes membros se reforçam mutuamente numa espécie de endogamia intelectual e ideológica. Nós, os puros, contra os inimigos impuros: eis a mentalidade típica do extremista. De ontem e de hoje.*
>
> *Não se iludam. Um esquerdista faz sempre falta numa reunião de reacionários.*
>
> *Um direitista faz sempre falta numa passeata de Porto Alegre. Porque as sociedades livres, no essencial, não se distinguem dos casamentos felizes. E não há casamento que resista quando trocamos vozes distintas por monólogos entediantes.*

Como já dito, é penoso perceber que algumas religiões da Terra se transformaram em palco onde são encenadas peças de horrores desse tipo.

O Senhor Javé, com o seu **suicídio não pretendido**, perdeu a condição de conviver com vozes distintas do seu pensamento doentio; e a "realidade fechada" na qual ele sobrevive e obriga todos os seus clones e descendentes – leia-se: demais civilizações deste universo – a nela também viverem, nada mais é do que uma triste **prisão**, apesar de majestosa pelos contornos da genialidade criativa da divindade que decaiu.

A relação do Senhor Javé com seus "filhos diletos", clones puros do seu DNA, quando convenientemente percebida, choca o observador pela total ausência de "graça existencial", pois o que na realidade se vê é um **ser aparentemente enlouquecido e perdido cercado por um número constrangedor de robôs**, os quais, apesar de dotados de alma individualizada, funcionam como se fossem meros "braços ou tentáculos" da sua vontade e das suas necessidades.

Penso ser o parágrafo acima o mais desagradável, aos meus próprios olhos, dos muitos que já me obriguei a escrever por solicitação desses próprios seres. Preferencialmente, já o afirmei em outros livros, desejaria sequer ter recebido este conhecimento e/ou ter sido levado a perceber a realidade em que se encontra o pretenso criador deste universo, o que somente me constrange e perturba o que resta do que posso considerar como "minha vida terrena", num nível que somente eu mesmo sei quão doloroso e desagradável é. Mas o que posso fazer?

O que segue é outra página dramática da coexistência do ser que conseguiu reconstruir a si mesmo, agora como cidadão da própria criação, com os demais seres que ele gerou a partir de si mesmo.

A queda da divindade e a sua consequente reconstituição nos moldes em que ela se deu, havia feito do ente ressurgido um "ser mental", excepcionalmente diferente de tudo o que já havia existido até então. Como o já apontado anteriormente, seja pela já conhecida necessidade genética de preservação da espécie – tendência herdada exatamente dessa reconstituição –, seja pela solidão sentida, ou ainda pela necessidade de atuação na obra recém-gerada, o Senhor Javé terminou repassando seu "problema de incompletude" e doenças disso decorrentes a alguns dos "primeiros clones" gerados nos seus momentos de solidão cósmica.

Por que esse "repasse do problema se deu?

Resposta: Devido ao inusitado da queda da divindade cocriadora, os

planos espirituais superiores jamais haviam se confrontado com situação sequer próxima da que agora estava ocorrendo. Assim, a **“tecnologia espiritual” até então disponível jamais atuara no sentido de imantar “almas divinas ou superiores” a corpos tão grosseiramente criados.**

Sob a perspectiva espiritual do Mais Alto vigente até então, isso simplesmente era impensável para os padrões divinos. Além do que, os corpos criados tinham como base mais primitiva exatamente a forma transitória estruturada – ainda que aos olhos dos terráqueos seja falsamente “imortal” por ser programada para viver milhões ou bilhões de anos, conforme o caso – a partir de um DNA reconstituído em padrões grosseiros, além de potencialmente doente.

Sob a égide dessa perspectiva, qualquer coisa que o ser reconstituído viesse a dar de si mesmo estaria, além de adoentada, também envolvida por uma “atitude de repasse mental completamente desafortunada”.

Devido a essas questões é que os casos iniciais de tentativa de imantação de espíritos aos primeiros três clones da *geração primeva* do Senhor Javé não foi possível e eles **permaneceram igualmente desalmados**, sendo em tudo “quase iguais” (99,999999%) ao ser criador que lhes gerou.

O Senhor Javé somente viria a perceber o problema alguns milhões de anos depois que os mesmos haviam sido criados. E isso se deu por eles terem se voltado contra seu próprio criador, pois, quanto maior a relação de semelhança genética com Javé, pior é a coexistência, sendo mesmo impossível ao Senhor Javé conviver com alguém que lhe é tão semelhante e quase tão poderoso quanto ele próprio, pelo simples fato de que esse outro alguém também vem a ser vitimado pela **tendência doentia** de “**querer se impor**” aos que o rodeiam a qualquer custo, tanto quanto deseja o próprio Senhor Javé.

A realidade nua e crua, posta em palavras pouco elegantes, aponta que **nem o Senhor Javé consegue suportar a si mesmo e os que com ele convivem somente o suportam** porque a isso são obrigados pela programação genética dos seus corpos. Isso implica que a tal programação advinda da mente do Senhor Javé tem de **produzir seres menos poderosos que o criador**, único modo de o **“temerem” e de se submeterem “eternamente”** ao seu **jugo impositivo**. Por mais desagradável, detestável ou violenta que possa parecer, esta afirmação parece corresponder à “verdade dos fatos”.

No caso dos “três desalmados”, por terem sido gerados primeiro, esse

aspecto não estava contemplado neles. Em outras palavras, como o Senhor Javé jamais havia gerado seres antes deles, os **“defeitos de fabricação” foram inevitáveis**. Isso pressupõe que, para além da herança doentia da carga genética e do repasse dos atributos mentais do criador, aqueles três seres foram ainda gerados por meio de uma técnica mental defeituosa.

Na verdade, o Senhor Javé havia criado três “monstros” que, inevitavelmente, se voltariam – como se voltaram – contra ele por questões inapeláveis da herança do DNA deformado e sem alma a estruturar-lhes minimamente o psiquismo, e esse contexto ainda não é o das primeiras rebeliões que mais tarde surgiriam contra o criador. O que mais ele poderia fazer para evitar o problema? A resposta não é agradável e essa questão será abordada no capítulo seis. Por enquanto, continuemos a colecionar evidências e a refletir sobre a presença dos anjos/clones em torno da figura do Senhor Javé.

5

A CONSPIRAÇÃO DO DESESPERO

NADA EXISTE, nem nos fatos nem nas entrelinhas das páginas das culturas ancestrais, que leve o analista dos acontecimentos da nossa história a possíveis indicativos que apontem os anjos do Senhor Javé como sendo mais que meros atores coadjuvantes cumpridores das suas ordens. Não há como percebê-los tendo participação decisiva no processo, apesar de os mesmos estarem sempre presentes em absolutamente tudo o que acontece advindo do Senhor Javé. Assim afirmo porque, na convivência jamais pretendida – faço questão de frisar – de minha parte com esses seres, passei a desconfiar que, apesar de aparentemente coadjuvantes, alguns deles são os "**agentes decisivos**" de uma **conspiração amorosa** em torno do criador e da sua escandalosa situação existencial, conspiração esta sonhada em rincões que se situam muito além das fronteiras da criação do Senhor Javé.

Imagine o (a) leitor (a), só por alguns instantes, que alguns desses assessores, em se libertando da inexorabilidade das tendências do DNA dos seus corpos clonados, foram "obrigados a tomar como seus" o (s) grande (s) problema (s) do Senhor Javé; e muito mais que o próprio, trabalham para que essa questão possa ser finalmente superada. Em outras palavras: **assumiram em si mesmos todas as doenças** decorrentes da postura de Javé, **servindo de "cobaias ativas"** para que outros irmãos em divindade pudessem, a partir dos seus sacrifícios, atinar com os procedimentos menos cruéis e mais produtivos para ajudar ao Senhor Javé e a esses heróis cujas personalidades divinas permanecem desconhecidas para a ciência terráquea.

O drama, além de estranho, é de tal monta que, se por um lado esses seres são considerados "**heróis**", sob outra perspectiva tornaram-se, também,

“**instrumentos monstruosos**” das ordens do Senhor Javé, o que implica cometer uma série indescritível do que, sob a égide do amor, costumamos chamar de “crimes”.

CONSTATAÇÃO:

Vitimando a outrem por mera questão de obediência e motivados pela necessidade de sobrevivência a qualquer custo que caracteriza não só o psiquismo do criador como o deles próprios, esses seres marcavam – alguns ainda marcam – em si mesmos as consequências das agressões infligidas a alheios, servindo, a partir disso, como cobaias para as Altas Esferas pesquisarem, nas suas situações espirituais, o que na Terra chamamos de “cura” ou “solução” para problemas desse naipe.

SEI da dificuldade que a ótica terráquea tem de compreender o tema aqui apresentado. Porém, mais complexa ainda se torna a questão por força da pobreza de expressão que caracteriza esta narrativa. Mas parece não existir outra opção para aqueles que, estando entre os membros da tal conspiração amorosa, com a aquiescência do Senhor Javé, desejam semear essas informações na cultura dos terráqueos; pelo menos por agora.

Estimemos que, após a edificação dos “primeiros tijolos” da **revelação cósmica**, mais reflexões possam surgir em torno da questão e outros trabalhadores, mais adestrados na arte da compreensão cósmica e do seu registro para o inadiável aprendizado terreno, possam ter lugar na seara elucidativa em torno do Senhor Javé e da sua problemática criação.

O fato é que, até tempos atrás, essa conspiração jamais conseguiu produzir os frutos pretendidos, seja no que já foi tentado em situações e vivências ocorridas em outros mundos e, portanto, extraterrenas, ou nas que tiveram lugar em tempos imemoriais em nosso planeta.

Assim foi até que o **“momento maior” dessa conspiração** teve lugar, há cerca de dois mil anos, neste mesmo palco planetário, tendo sido aquele a quem conhecemos por Jesus o seu principal protagonista.

Em muitos momentos desse indescritível processo, outras divindades foram as principais personagens de certos episódios, notadamente, os que somente podiam ser implementados através do próprio modo de agir do Senhor Javé, ou seja, o inexorável império do mais forte sobre o mais fraco, que termina sempre por provocar o surgimento de rebeliões. Cada ordem do

Senhor Javé, a ser cumprida em certos mundos, terminava inevitavelmente se transformando em conflitos monstruosos com todos os seus dolorosos painéis enquadrados na amplitude da sua doença pessoal.

E aqui é imperioso perceber um aparente paradoxo que muito tem a ver com o "além-homem" do já citado Nietzsche.

Antes, devo confessar que, quanto mais leio e reflito sobre os conceitos presentes na obra de Nietzsche, mais eu me "irrito", porque sou obrigado a rever certas visões de mundo e de realidade, que naturalmente herdei da cultura em que estou incluído, ao mesmo tempo em que me encanto – se tal é possível – com as suas formulações. Penso que ele é insuperável em seu discernimento e em sua crítica para com a condição humana e sobre o que dela fazemos**.**

Registro ainda que, conforme avalio, muitos já utilizaram de modo indevido os conceitos de Nietzsche para fazer valer as suas próprias ideias, como foi o caso de algumas doutrinas políticas da primeira metade do século XX, mais notadamente, o nazismo. De minha parte, peço de antemão desculpas ao seu espírito por utilizar-me de suas reflexões para ressaltar aspectos da doença do Senhor Javé, o que ele jamais pretendeu e nem sobre isso se deteve. Contudo, penso que, mesmo sem jamais ter sequer se referido a questões desse naipe – Nietzsche desprezava o modo como os humanos tratavam do tema relativo a deus e aos deuses –, foi ele quem percebeu **um dos principais aspectos da doença do criador presente em todas as suas criaturas**.

Nietzsche costuma dar ênfase ao fato de que o **desejo pelo poder** parece **compor a base psíquica** do que chamamos de **natureza humana**. E o pior: enfatiza também o ressentimento que inevitavelmente surge quando o "acesso ao poder" nos é negado.

Vai mais longe ao apontar a corrupção da natureza humana promovida pela prática equivocada das religiões que havia **aprisionado o ser terráqueo em suas próprias crenças, colocadas acima da realidade na qual ele encontra-se inserido**. Segundo Nietzsche, não deveríamos nos voltar para o além nem para o eterno (digo eu: do modo como equivocadamente fazemos), pois essa mistificação tem por força reduzir o homem ao lugar de servo, fazendo com que ele destrua em si mesmo as mais profundas possibilidades de progresso pessoal.

De fato, se refletirmos bem sobre o que Nietzsche nos mostra, torna-se possível perceber que o ser humano, por força dos hábitos religiosos, tem

transferido para “deuses, santos e outros entes, verdadeiros ou fictícios”, responsabilidades que lhe são próprias, e este é um dos aspectos que mais costumo repetir nas modestas reflexões que insisto em reproduzir.

Na verdade, o que Nietzsche chama de **inclinação para o poder** – e que na minha pequenez penso que é um dos principais aspectos doentios presentes no DNA herdado do Senhor Javé – é a **força motivadora básica de todos os seres vivos** presentes na natureza terrestre. Atente bem para esse fato!

Como afirmado a princípio, Nietzsche também introduziu o conceito do **sobre-humano, o super-homem,** aquele que conseguiu exercer o domínio sobre as próprias paixões, edificando no psiquismo que lhe é próprio um **caráter do seu estilo pessoal de ser**, e não produzido por forças equivocadas deste ou daquele poder religioso. Segundo Nietzsche, todos nós somos “super-homens” potenciais. Edificar essa condição em nós mesmos requer coragem, vontade e ousadia, já que os nossos **maiores obstáculos são o medo e o hábito entronizado**. Não é por menos que um dos aspectos que mais me encanta em Nietzsche é o seu pensamento destemido, ainda que não concorde com todas as suas conclusões, apesar de que as compreendo na ótica do que estava disponível para um ser humano no tempo em que ele viveu.

Em um dos seus livros “Genealogia da Moral”, em que ele analisa a **gênese dos valores morais** e a **pré-história da civilização**, a sua **conclusão** é a de que o **homem moderno** é **produto de uma vontade coletiva e decadente de poder**, uma marca da **mediocrização global da humanidade.**

Em outro dos seus livros, denominado “Assim falava Zaratustra”, Zoroastro é o personagem central que atua como uma espécie de “máscara” do próprio Nietzsche. E o que ele profeticamente nos diz? “Mostro-vos o super-homem. O homem é algo que deve ser sobrepujado. Que tendes feito para sobrepujá-lo? Todos os seres até hoje criaram alguma coisa superior a si mesmos, e vós quereis ser o refluxo desse grande fluxo e até mesmo retroceder às bestas em vez de superar o homem.”

E aqui tomo de Nietzsche um de seus conceitos para retomar a nossa linha de abordagem e ressaltar que considero “**sobrepujar-se a si próprio**” como sendo a grande questão que envolve a vida do ser terráqueo; porque este realmente pode superar-se, evoluir. Já os anjos-clones do Senhor Javé, em tese, estes não o podem fazer. Em outras palavras, o ser terráqueo pode vir a ser alguém bastante melhorado em relação à sua condição meramente

animal, transformando-se em um ser espiritualizado quando desperta em si a herança da divindade, o potencial “sagrado” que jaz no seu espírito. Os anjos-clones, ainda que na sua “quase totalidade” também portadores da herança sagrada, não podem se melhorar e despertar em si mesmo esse potencial divino por força da “programação forçada que existe no DNA dos corpos que utilizam”, enquanto agentes da vontade do Senhor Javé.

Outro aspecto da questão a ser ressaltado é o de que, num aparente paradoxo difícil de ser compreendido pela ótica humana, o **Senhor Javé quer que todos se lhe submetam** ao mesmo tempo em que **não deseja que “fracos”** permaneçam na sua jurisdição, já que o **“mais fraco” não lhe serve ao desesperado fator de contribuição via DNA que ele precisa receber dos seus filhos e filhas universais para poder evoluir.** Relembrando: o Senhor Javé precisa recompor a sua constituição pessoal de tal modo que lhe seja possível sobrepor-se aos limites da sua própria criação.

Sob esta perspectiva, **algumas divindades** que mergulharam – como clones em algumas das muitas gerações iniciais – na criação do Senhor Javé com o objetivo de ajudar-lhe, **perderam-se nos descaminhos dos confrontos com o criador** e até hoje se encontram em situação dolorosa, incapacitadas que estão de ajudarem ao processo de redenção, ao mesmo tempo em que dele permanecem reféns.

Outras há – também no papel de clones – que optaram pelo confronto direto, único modo de se fazerem respeitar perante o Senhor Javé, e aqui a linguagem do “mais forte” sempre foi a utilizada, o que criou – pasme o (a) leitor (a) – certa desarmonia, certo **grau de antipatia entre elas.** Esse problema, por sinal, elas terão de administrar dentro do que reza as regras de mérito e demérito que, no grau devido, também existe para as divindades, pois assim decreta a Justiça Divina.

Diferente do que observamos na Terra e em outras rotas existenciais no âmbito da criação do Senhor Javé, em que a justiça local apresenta as falhas comuns às fragilidades dos cidadãos ali agrupados, a Justiça Divina é sempre reta nos seus misteres de zelo em torno dos mais belos e nobres ideais que legislam a “Existência”.

Um dos casos dessas divindades, cuja história da sua existência pessoal, tanto quanto dos seus confrontos com Brahma (Senhor Javé) e outras “divindades locais”, terminou por se fazer conhecida perante a cultura terrestre, é a do já citado Senhor Shiva. Ele é um dos três deuses da trindade hindu, junto com Brahma e Vishnu, além de autor do “Siva Samhita” ou

“Shiva Samhita”, citado no segundo capítulo.

Esta divindade parece ter se potencializado na criação universal com dois objetivos bem determinados:

O de destruir absolutamente tudo o que fosse de “irreversivelmente problemático” gerado pelo Senhor Javé;

O de propiciar condições, “na teoria e na prática”, para que qualquer individualidade espiritual pudesse se libertar do jugo problemático dos ditames do DNA do criador.

PARA TANTO, ela teve de utilizar o parâmetro de comunicação entendido pelo Senhor Brahma, que foi o de **disputar com ele** desde a **autoria até o exercício do poder sobre toda a criação universal**.

Por força das circunstâncias impostas pelos fatos, aqui sempre prevaleceu a linguagem do mais forte, e é por isso que a literatura hindu contém tantas páginas que discorrem sobre as estranhas contendas acontecidas entres os “pretensos deuses criadores deste universo. Contudo, não será neste livro que aprofundaremos essa questão, pelo fato de o tema necessitar de abordagem específica, o que será possivelmente feito nos livros sobre o drama pessoal do Senhor Shiva.

Se este sempre teve de “confrontar” Brahma para se fazer entender, já o ser a quem conhecemos como **Jesus sempre se sujeitou a ser o “mais fraco”** nos contextos em que atuou, quase nunca utilizando os seus poderes para fazer valer a força do seu jugo pessoal. Isso, além de fazer parte do seu plano maior, não é aspecto que compõe o seu temperamento de divindade – entenda quem puder!

O fato é que as **contendas e a estratégia do Senhor Shiva e a conduta e o alinhamento planejado do Senhor Vishnu** (a serem mais bem explicados em obra específica) sempre foram os pilares decorrentes da **conspiração amorosa** em torno da queda da divindade-irmã.

O surpreendente dessa história é que os **Senhores Vishnu e Shiva** também têm problemas comportamentais para administrarem por suas próprias consciências desde que **seus espíritos mergulharam na criação problemática tendo, com isso, de se servirem de “corpos adoentados”** urdidos a partir do DNA do Senhor Javé. Mas essa é outra questão também a ser aprofundada no futuro.

O que aqui precisa ser fixado é que existe todo um contexto em torno de Senhor Javé e da sua criação que tem a ver com essa conspiração, e isso será

claramente compreendido pela cultura terráquea no futuro, e o será por força dos fatos.

O desespero, sem exagero semântico, que sempre pautou a atitude das divindades envolvidas nesse contexto, não só pelo acontecido com o Senhor Javé, mas também em relação ao que estavam acontecendo com elas próprias, por se verem obrigadas a pôr um fim ou dar um novo rumo à criação problemática, sempre foi e ainda é algo presente nos seus psiquismos. Não é fácil para nenhuma delas administrar o que se obrigaram a fazer por força do passado anterior á existência deste espaço-tempo universal.

Um dos aspectos do problema é que **o Senhor Javé jamais ofereceu qualquer mecanismo de partilha do poder universal, no âmbito da política cósmica**, deixando somente aos golpes e às tentativas de conquista via eliminação pessoal da figura do criador, as possibilidades de outros que não lhes fossem subordinados poderem ajudar de algum modo na administração sideral.

Aqui ainda importa outra questão, que permanece incompreendida para esta humanidade: no nível em que alguns desses seres existem e atuam, eles simplesmente são **indestrutíveis** no que se refere ao âmbito dos corpos herdados do criador quando das primeiras gerações de clone, o que impede a tal "**eliminação pessoal**" com a inquietante pretensão de ajudar à redenção do Senhor Javé. Somente em situações excepcionais e raras é que um desses seres pode ser acometido daquilo a que chamamos de "morte" para a criação do Senhor Javé (universo físico e ambientes astrais-espirituais a ele vinculados).

O fato é que, após muitas etapas de contendas superadas, o Senhor Shiva, por volta do século XVIII do tempo terrestre – dentro de uma estratégia comum com o Senhor Vishnu –, finalmente depôs as suas armas na disputa com o Senhor Javé sobre a supremacia da gestão do universo, o que propiciou condições para que Vishnu viesse a ser tido pelo Senhor Javé como o seu principal parceiro no processo universal; e esse importantíssimo aspecto será em breve plenamente compreendido pelos que vivem na Terra.

Finalmente, o sacrifício de Jesus parece ter surtido o efeito pretendido; e por isso, em nome do Senhor Javé, o "seu enviado" começará a **dividir o comando do processo de redenção universal**. Este era e ainda é o **principal objetivo da conspiração amorosa** em torno do Senhor Javé, pelo menos para esses tempos em que estes livros estão sendo produzidos.

6

LIVRE-ARBÍTRIO E PSIQUISMO

É, pois, imperioso que o (a) leitor (a) perceba que ninguém, absolutamente ninguém que se situe para além das fronteiras da criação problemática pode nela mergulhar **sem que se submeta a algum tipo de corpo adoentado** inevitavelmente gerado a partir do DNA do Senhor Javé. Nem mesmo as divindades maiores que fizeram isso escaparam a tal angústia. Simplesmente não é possível, por força do modo em que a criação universal foi estabelecida. Já é sabido, nos tempos em que vivemos, que os pilares que a sustentam foram quase todos descortinados pela ciência terrestre, aspecto este abordado no livro "O Drama Cósmico de Javé".

Assim, sob essa ótica de análise, será sempre numa "**pior**" condição que as individualidades espirituais iniciarão as suas jornadas no contexto universal, cabendo a cada uma delas propiciar sempre uma "**melhor**" condição para si mesma. Como já visto, algumas conseguem lograr essa melhora, outras não; e isso depende não só da condição espiritual de suas individualidades, mas também diretamente do tipo de corpo que os seus espíritos assumem, mais afetados ou não, pelo efeito devastador das tendências e inclinações advindas da doença do criador.

Mas qual será o principal pano de fundo dos painéis doentios presentes no psiquismo do Senhor Javé?

Resposta: Sob a perspectiva espiritual, o **Senhor Javé é um ser desprovido de propósito existencial**, pelo fato de a sua constituição ter se dado de modo incompleto e desarrazoado, eis a reposta! Melhor seria se ele **jamais tivesse existido** e, por conseguinte, tudo o que dele surgiu.

"Tudo?" – haverá de perguntar o (a) leitor (a), ao se recordar de que o

universo, as diversas gerações de seres clonados e as inúmeras civilizações planetárias, inclusive nós mesmos, que surgiram a partir do DNA pessoal e da vontade do Senhor Javé. “Absolutamente tudo!” – será a resposta honesta, por mais dolorosa que pareça ser. Afinal, o que aparentemente nos aparece como uma criação maravilhosa e perfeita é, para a Espiritualidade Superior, um **vexame existencial** sem igual, seja para o seu criador como para qualquer outro tipo de ser que habite os níveis da sua criação.

Esta afirmação é desagradável, eu sei, é politicamente incorreta, eu sei, é escandalosa e cruel, infelizmente eu sei, mas não me resta alternativa enquanto “escrevente” dessas notícias. Quisera não ser eu a ter de chamar a atenção dos meus irmãos e irmãs terráqueos sobre o tema. Mas o que posso fazer se já fiz de tudo para não ser o “instrumento usado” para tanto e se aqui ainda estou eu a estragar as notícias vindas do Alto com as minhas imperfeições terrenas?

Não é somente o Senhor Javé que tem um “psiquismo afetado”. Todos nós o temos num certo grau pior ou menos problemático do que o do Senhor Javé. Contudo, não somos portadores dos poderes mentais que ele ainda detém, apesar de sermos os administradores – juntamente com o próprio – dos problemas gerados a partir da sua criação. A esses costumamos agregar outros tantos, no sentido periférico, mas que terminam por alimentar o seu drama existencial e o de todos nós. É, afinal, uma **parceria inglória** onde todos perdem e sofrem se não existir, pelo menos da parte de um dos envolvidos, a postura amorosa e desapegada que pretende somente servir sem esperar resultado ou reconhecimento de nenhuma espécie.

O Mestre Jesus muito fez ou tudo fez na tentativa de deixar o seu testemunho maior de amor incondicional a Javé e a todos os habitantes da Terra, sem esperar coisa alguma, nem do Senhor Javé nem das suas ovelhas terrenas. É assim que, na pequenez que nos marca a individualidade e na do nosso modo simples de viver, na Terra devemos intentar servir ao Belo e ao Bem, pois, em assim fazendo, estaremos servindo à obra do Senhor e a tudo e a todos que nela se inserem. Ainda assim, é imperioso perceber que o “significado óbvio” da Beleza e do Bem se encontra muito além do que costumamos conceituar como sendo as coisas belas e boas do contexto terrestre.

CONSTATAÇÃO:

Do modo com “tudo” existe, nada deveria existir, já que o

pressuposto da existência cósmica é a beleza, a paz íntima e o amor como alicerces e combustíveis da existência. Jamais o "instinto de sobrevivência doentio", o "império do mais forte sobre o mais fraco" e tudo mais que marca a "envenenada e contaminada" base química com o seu código de vida e que obriga tudo e todos a terem de existir a partir de uma célula-mãe ofertada por um ser criador que já traz em seu íntimo a marca da doença e do desespero. Isso não é normal e nem muito menos é comum sob outras perspectivas espirituais e de outros rincões existenciais, porém, é o que conhecemos como sendo o "fenômeno da vida" neste universo.

UM DOS ASPECTOS que mais me chamam a atenção é o fato de o Senhor Javé ter dito a Moisés, "Eu sou o que sou", pois foi efetivamente isso que alguns dos que o assistem afirmam que o criador teria "dito" ao seu escolhido de então.

Penso que ele disse isto por não ter simplesmente outra coisa melhor para dizer, ou mesmo por não saber outro conceito sobre si mesmo, ou seja, tudo o que a estranha natureza que surgiu com o seu novo modo de ser pode saber a respeito de si mesma é exatamente que ela é o que é, e isso é tudo.

O choque advindo da queda, o trauma produzido pela separação dolorosa e problemática do seu "corpo mental" da sua essência espiritual e a inexistência de uma "origem sem sentido de descendência" fizeram do seu psiquismo "um tipo cerebral" pobremente dotado da capacidade de perceber a si mesmo e de se colocar no "lugar do outro", já que o seu adoentado e afetado foco pessoal **o faz pensar que tudo mais por ele criado é mera parte de "si mesmo".** O triste e deplorável de toda essa história é que ele – em tese – **somente pode evoluir "conversando com as demais partes de si mesmo"**, já que com nada mais e com mais ninguém o seu estranho modo de ser pode ou consegue conviver.

Nessa perspectiva, atente bem o (a) leitor (a) para o que agora vai ser afirmado.

CONSTATAÇÃO:

Somos todos "espécies de terminais nervosos" dos quais o Senhor Javé se utiliza para vivenciar, como meio de providenciar, a sua própria evolução. Em outras palavras, cada ser deste universo, de qualquer

natureza planetária, pensante ou “somente instintivo”, representa uma extensão de um circuito ou sistema nervoso vinculado à mente do Senhor Javé, para que assim ele possa vivenciar os ritmos dos problemas, dos gozos e dos desafios que ele mesmo gerou.

A NOTÍCIA não é boa nem ruim, apenas diferente de tudo o que até hoje foi dito e explicado a esta humanidade.

“Boa” ela não é porque revela um aspecto desagradável de “vampirismo” psíquico, se por isso entendermos que o Senhor Javé sente tudo o que qualquer ser terráqueo (pensante ou não) sente. A questão é que, na verdade, nós é que somos levados – por uma questão de tendência e inclinação presente no DNA das células do corpo que nossos espíritos utilizam para viver na Terra – a sentir tudo, no detalhe, o que Senhor Javé já sentiu e sente ao longo do tempo em que ele existe do jeito que ele é.

“Ruim” ela também não é porque os nossos espíritos, diferentes do Senhor Javé e de alguns dos seus clones, não precisam se deixar levar pelas tendências natas dos corpos animais da espécie *homo sapiens*. Afinal, compreendamos ou não, temos “muito” ou “pouco” livre-arbítrio, dependendo da herança cármica espiritual que somos obrigados a administrar em nós mesmos.

Vamos dizer que a notícia é somente um pouco “chata”, a partir do momento em que ela aponta para duas cargas de heranças complicadas que a cada vida o ser humano tem de administrar: **a carga do DNA complicado presente no corpo animal** terráqueo, e a outra, que corresponde aos **méritos e deméritos espirituais** que vão sendo registrados em nossa própria “mente espiritual” e que nos acompanha para onde os nossos espíritos forem. São estas as “**duas cargas**” que qualquer ser humano carrega sobre os ombros sem que disto normalmente o saiba.

“Isso não pode dar certo!” – haverá o (a) leitor (a) de pensar.

De fato, sob a perspectiva da ótica terrestre, não vem dando lá tão certo desde que este universo foi criado, mas parece não existir alternativa.

“Isso não tinha mesmo como dar certo” – haverá então alguém de concluir. Errado! Já deu certo, ainda que somente para alguns poucos que mergulham neste universo problemático e dele saem a cada vida sem **“sujarem” os seus espíritos com as marcas problemáticas de nenhuma dos dois tipos de cargas referidos**.

Os que assim conseguiram fazer é porque se utilizaram da sua cota

pessoal de livre-arbítrio com a necessária sabedoria para fazer valer a soberania da natureza dos seus espíritos por sobre as cargas pesadas do DNA animalizado que marcam os corpos transitórios da espécie humana – no caso da Terra.

Agrimonte[1] argumenta com a sabedoria, no livro “Uma Busca Iniciática: O Desenvolvimento Espiritual no Ser Humano – 2012”, que se faz presente em todas as suas páginas que *a única força libertadora do ser humano é a Verdade devidamente conscientizada, a visão clara da realidade sobre si mesmo, o autoconhecimento.* Extrapolando agora o nível da percepção humana ao qual se refere o seu comentário, utilizo-me da sua assertiva parafraseando-a ao afirmar que a única força libertadora capaz de movimentar o Senhor Javé no rumo pretendido da sua evolução pessoal é ele perceber a Verdade devidamente conscientizada na sua natureza e no seu psiquismo. Somente assim ele poderá perceber a sua clara realidade, para então poder ter certeza de que sozinho, na insistente e equivocada postura de pretender comandar um processo que não está mais sob o seu controle, ele não chegará a lugar nenhum e as coisas somente poderão piorar com o passar do tempo cósmico.

A natureza do psiquismo do Senhor Javé encontra-se distanciada de *Sattva* e totalmente plena de *Rajas e Tamas*. Mas o que isso significa? Qualquer um dos nossos irmãos ou irmãs orientais, sendo versado (a) nas elucidações do *Bhagavad Gita*[2], compreenderia o que significam tais conceitos. Nós os ocidentais, por não possuirmos vocábulos adequados para nos referir a tais questões, temos de apreender os significados por trás dos conceitos antes de compreender não só o problema do Senhor Javé, mas também aquele que nos é próprio, por estarmos submetidos à sua obra.

O Senhor Krishna, nas páginas do *Bhagavad Gita*, esclarece-nos sobre os três aspectos que compõem o psiquismo presente na natureza humana em relação à sua interação com a aparente realidade que nos envolve. Este é somente um dos modos de compreender os ensinamentos de Krishna, já que esses três aspectos podem ser utilizados em outras formas de abordagem do assunto em foco.

É importante perceber que o Senhor Krishna se expressa na concepção básica comum à filosofia oriental védica, muito mais rica e esclarecida que a disponível na cultura ocidental, por menos que os pretensos vigilantes do zelo doutrinário da religiosidade cristã ocidental gostem disto.

Diz ele que existem três Gunas, três atributos que se designam na

linguagem sânscrita como sendo *Sattva* (luz), *Rajas* (fogo) *e Tamas* (trevas), que (conforme penso) **servem para representar as dimensões possíveis ao psiquismo humano na sua interação com a realidade**.

Para os valores humanos, esses três atributos também podem ser compreendidos sob a perspectiva de que o psiquismo de alguém possa se encontrar centrado na sabedoria (*Sattva*), na cobiça (*Rajas*) e/ou na ignorância (*Tamas*). O "e/ou" aqui utilizado diz respeito ao fato de que uma pessoa pode estar com o seu psiquismo preso a mais de uma dessas dimensões, o que, infelizmente, é o caso de quase toda esta humanidade que centraliza a sua energia existencial na busca de riquezas e prazeres materiais, esquecida da vida interior-espiritual, verdadeiro alimento da alma que nos anima a personalidade terrestre.

Outro modo de compreendermos a questão é percebendo que "sabedoria" (*Sattva*) significa Sofia, ou seja, a "razão espiritual"; cobiça (*Rajas*) simbolizando a força do intelecto sobre as questões materiais da vida, sejam elas aquisições de riquezas materiais, sejam as do campo do conhecimento mundano-político, científico, filosófico e religioso; e, por fim, a ignorância (*Tamas*), que faz com que o ser humano se torne prisioneiro dos sentidos animais da sua condição terráquea.

O professor Agrimonte aborda ainda esta questão no seu já referido livro dizendo que *para ficar mais compreensível, podemos comparar estas três 'Gunas' como sendo três faixas vibratórias ou três iniciações pelas quais teremos de passar durante o nosso refinamento espiritual.* Que seja! Realmente, qualquer ser humano, ao longo da vida terrestre, terá necessariamente que passear o foco do seu modo de pensar ou de entender a realidade que o cerca por essas três dimensões de "opções de valores filosóficos", que determinarão como ele irá vivenciar as suas experiências e "vestir" as suas atitudes para com a vida e o seu semelhante ao longo dos seus dias neste mundo.

Reproduzo agora as palavras do Senhor Krishna – que penso ser uma encarnação do Senhor Shiva e não do Senhor Vishnu, como comumente apontado por um dos segmentos doutrinários do hinduísmo – sobre esses três atributos que servem como "**chaves do entendimento esclarecido**" para os múltiplos aspectos das posturas psicológicas desta humanidade. Atente que as primeiras palavras dele, obviamente, são difíceis de serem aceitas pelo Senhor Brahma, daí as muitas pendengas entre ele e Shiva em torno da criação e da supremacia sobre este universo.

O Universo é o grande ventre materno no qual lanço as sementes de todas as coisas e delas, ó filho da Terra, procedem todos os seres vivos de qualquer espécie. Pois toda vez que nasce um ser, seja em que forma for, sou Eu, o Espírito do Pai, que lhe dá vida, deitando as sementes das quais as formas nascem.

Sattva, iluminação, Rajas, atividade, e Tamas, passividade, são os três poderes que nascem da Natureza e prendem o espírito infinito a este mundo finito. Desses três, Sattva, por ser puro e luminoso, possui o dom de dar alegria e beatitude à alma livre de pecado e fascinada pela verdade. Rajas, porém, a paixão que cria cobiça, empolga a alma pelo apego às obras. Tamas nasce da ignorância e é causa da auto-ilusão em todas as coisas, um nada que domina o mundo inteiro e liga a alma pela inércia da passividade.

Destarte, Sattva produz felicidade; Rajas gera atividade e desejo de conhecer; Tamas resiste à luz da sapiência pelas trevas da insipiência – ignorância. Às vezes, Satvva prevalece sobre Rajas e Tamas; e às vezes Tamas sobrepuja os dois, Satvva e Rajas.

Quando perecem a luz do conhecimento e a força da cobiça, resta Tamas. Quando Tamas e Sattva se apagam, continua a arder Rajas. Mas quando a luz divina penetra todas as faculdades do teu ser, ó Arjuna, então sabe que Sattva atingiu em ti maturidade.

Quando desejos, cobiça, ganância, ambição e dinamismo externo perturbam o sossego da tua alma, então sabe que Rajas te governa. Quando a estupidez, inércia e arrogante ignorância, erro, incerteza e superstição se apoderarem de ti, então Tamas te avassalou.

Quando a alma governada por Sattva deixa este mundo, ingressa na mansão divina da luz, onde habitam aqueles que amaram o bem e o atingiram. Mas quando o corpo morre enquanto Rajas exerce o seu poder, vai o seu humano ao reino ígneo dos desejos, lá onde vivem os seres ainda vinculados à terra. E quando o ser humano morre ainda envolto nas trevas de Tamas, cego para a luz, é ele privado da natureza humana e desce á zona dos seres inferiores.

O que procede de Sattva é luz e pureza; de Rajas nascem torturas; e Tamas gera ignorância. Sabedoria é filha de Sattva; cobiça é produto de Rajas; ilusão e ignorância vêm de Tamas.

Os que vivem à luz de Sattva pairam nas alturas da consciência do Eu divino; os que vivem dominados por Rajas guiam-se pela

consciência do ego; e os que vivem em Tamas só conhecem a vida corporal.

Quando o ser humano de visão espiritual compreende como nele se revelam essas forças da Natureza e sabe o que existe para além delas, então entre ele na minha liberdade, deixa de ser autor das obras que realiza no plano da Natureza; liberto de nascimento e morte, de pecado, de sofrimento e velhice, bebe as águas vivas da imortalidade.

— BHAGAVAD GITA (14, 5 – 21).

NOTE O MODO como Krishna se refere à beatitude das almas que são "**fascinadas pela verdade**" e que conseguem perceber, na sua condição humana, os aspectos inevitáveis das forças da natureza. Infelizmente, o Senhor Javé se encontra ainda impossibilitado de compreender o quanto está longe da verdade.

Perceba ainda o (a) leitor (a) que a "mansão divina da luz" a que se refere Krishna é o que chamo de Espiritualidade Superior, nível existencial que é totalmente independente da criação do Senhor Javé. E mais ainda: os que desencarnam com os seus psiquismos dominados por *Rajas* vão para as diversas aglomerações distribuídas pelas muitas colônias espirituais envolvidas com a evolução terrena. Porém, quanto aos últimos, que deixam este mundo com o psiquismo fixado nas "trevas da ignorância" e, portanto, apegados às coisas da materialidade (*Tamas*), outro não poderá ser o destino dessas almas senão o que é comumente chamado de zonas trevosas da baixa espiritualidade. Aqui também **impera o domínio da criação e da atuação do Senhor Javé**.

O doloroso é que a "**ignorância**" que marca aos que estão com seus psiquismos dominados por *Tamas*, e que os impede de perceber o "muito mais" que envolve a sua individualidade é, de certo modo, a **mesma que grassa no psiquismo do Senhor Javé** em relação a tudo mais que se situa além da sua criação. Em outras palavras, as forças da natureza universal impuseram ao psiquismo do Senhor Javé, reconstituído que foi a partir dos ditames da própria criação, as mesmas mazelas impostas à condição humana pelas mesmíssimas forças, só que, no nosso caso, as que se expressam na natureza terrestre são mera representação simbológica físico-química dos tortuosos caminhos mentais do criador. **Nós podemos superar essas**

limitações enquanto que ele não! Pelo menos não o pode sem a ajuda de terceiros. E parte desses “terceiros” somos nós, os cidadãos terráqueos – a outra parte é composta por outras civilizações deste universo.

Pena que o Senhor Brahma não tenha lá muita simpatia pelo Senhor Krishna, que apesar de ser citado como uma das dez famosas encarnações do Senhor Vishnu, penso que, na verdade, como afirmado anteriormente, ele é um dos avatares advindos das personificações terrenas do Senhor Shiva – e aqui me desculpo com os que discordam, pois sei que me encontro em posição solitária quanto ao que aqui está sendo afirmado sobre a doutrina dos avatares de Vishnu. Assim ressalto, pois, pelo que eu pude perceber, o Senhor Brahma (Javé) teria muito a aprender com os seus ensinamentos.

Afinal, tanto Shiva quanto Vishnu sempre demonstram exercer a soberania espiritual que lhes é própria sobre as formas humanas que animaram ao longo da evolução humana. Já o Senhor Brahma jamais nasceu entre os mortais da sua criação, até porque não o poderia mesmo fazer, pois lhe falta o concurso de um espírito individualizado para tanto, apesar da força do seu “corpo mental inexplicavelmente atuante” para a ótica terráquea.

Concluindo, para nós, terráqueos, o “eu sou o que sou” parece uma afirmação conceitual divina, superlativa, genial, quando é somente mera deficiência psicológica sobre a percepção que este ser tem sobre si mesmo.

Nenhum miserável da Terra se define dessa maneira até porque pareceria doença psicológica no campo da arrogância e da presunção. Mas este é exatamente o problema: tal afirmação é produto de um ser obtusamente atrasado na capacidade de se autoperceber como individualidade existente nas condições em que se encontra.

Mesmo após todo o sofrimento que enfrentou e ainda enfrenta, ele viria a fazer, “bilhões de anos depois”, afirmações pouco razoáveis, ainda que movido pelas circunstâncias do tempo em que as fez, do tipo:

> *“Eu sou o primeiro e o último, além de mim não há outro Deus” (Is 44, 6); ou “Eu sou o Senhor, sem rival, não existe outro Deus além de mim” (Is 45, 5); ou ainda “Só eu sou Deus, e não há nenhum outro, eu sou Deus e ninguém me é semelhante.” Is 46, 9)*[3]

O FATO É que julgar as atitudes do Senhor Javé a partir da ótica humana com os seus avanços científicos da atualidade é tarefa razoavelmente simples –

apesar de inadequada e imprópria – perante os critérios psicológicos que hoje se encontram formulados; e outra não poderia ser a “conclusão”, a não ser a de que ele é alguém dotado de todas as psicopatias que puderem ser assim definidas numa abordagem clínica. E não pense o (a) leitor (a) que aqui está sendo “**pintado um quadro desapiedado**” do Senhor Javé. Por mais incrível que possa parecer, o quadro aqui pintado por este aflito escrevente é cheio de piedade e de generosidade para com este ser. O problema, na verdade, é muito pior do que está sendo retratado aqui.

7

ESQUISITICES DE UM PSIQUISMO AFETADO

UM DOS ASPECTOS mais chocantes de todo esse processo é o de que, sob a perspectiva do conhecimento terreno, o Ser que se formou como expressão de si mesmo, passando a existir como filho ou produto da sua própria obra, apresentou, desde a formação da "sua personalidade neste universo", o que poderíamos chamar de "**transtorno de personalidade**".

Sei que muitas das nossas "verdades inabaláveis" são apenas as expressões dos nossos desejos de realidade. Mas, no caso do Senhor Javé, tido de modo confuso por muita gente como sendo Deus, esse preceito não é aplicável, simplesmente porque os "nossos desejos de realidade" quanto a um possível Deus real não são aplicáveis ao Senhor Javé. Além do que, muitos entre os humanos da Terra não têm como aceitar que o seu Deus é um ser adoentado, ainda assim, dotado de muito poder, mas que precisa desesperadamente de ajuda.

O Senhor Javé é um ser **despossuído de senso moral** e, portanto, para que ele possa superar a sua atual condição, ele necessita conseguir antes o que para muitos parece ser impossível, que é o desafio que lhe foi imposto pelos fatos por ele próprio criados: **edificar em si mesmo algum nível de senso moral esclarecido** que o permita elevar-se a um patamar de pacificação pessoal, e não de acomodação (que é o que atualmente lhe marca a conduta), enquanto individualidade atuante.

É sempre benéfico recordar o que nos apontou Allan Kardec[1] ao tempo da codificação espírita: "A moral dos Espíritos Superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. O homem encontra neste

princípio uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações”. E isso está muito longe de ser assumido por Javé.

Este ser acomodou-se na situação doentia de **transferir para os demais seres por ele criados as responsabilidades que lhes são próprias,** e o pior: ainda quer que esses outros ajam de acordo com o seu tresloucado tirocínio, totalmente submissos e passivos, para que então os seus ilusórios desígnios sejam fielmente cumpridos com vistas a que o seu destino pessoal chegue a bom termo.

Pode parecer estranho e inapropriado ao senso terráqueo saber que o Senhor Javé afirma, no alto da sua arrogância, que “tudo ainda não foi resolvido” porque seus desígnios jamais foram fielmente cumpridos por esta humanidade, nem muito menos pelo “povo” que ele escolheu no concerto da geopolítica terrestre para liderar esse processo, aspecto do qual, por sinal, há muito já desistiu. Diz mais: que tal desobediência ocorre até entre os que lhe são fiéis, pois nem mesmo estes cumprem os seus misteres de acordo com a sua vontade – e aqui ele costuma classificar a personificação humana que conhecemos como Jesus. Diz mais ainda: que nos tempos atuais, não há um só entre os seus que estão encarnados que lhe possa fazer cumprir os seus desígnios e que por isso recorre a um insubmisso – caso deste aflito escrevente.

O Senhor Javé diz ainda muitas outras coisas e com ele não adianta a ponderação, a argumentação, já que ele é o senhor das asserções definitivas e ponto final! Resta-me cumprir-lhe, como posso, o que julgo me ser possível, de acordo com o tirocínio que me é próprio.

Do muito que ele me pediu e ordena somente um pouco, de certa ordem que me foi expressamente dada, estou conseguindo fazer do modo que me é lícito tal realizar: escrever livros e proferir palestras para divulgar a sua existência e a sua pretensa soberania sobre este universo e, em especial, sobre tudo o que se passa no mundo em que vivemos. O interessante é que ele me diz:

> *“Não me poupe na tua abordagem, pois não preciso disso. Aqueles que me amam e me obedecem, assim farão porque são meus filhos e filhas. Aos que não me quiserem ter como o seu Senhor, que possam me ter doravante como pai e criador, pois me cansei de tanta insubmissão e cegueira. Façam o que quiserem! Sejam livres e se ainda quiserem observem tudo o que me esforcei para realizar em*

cada um de vocês o meu mistério pessoal. Não mais desejo que me obedeçam a qualquer custo.

Obedeçam se quiserem!

Apesar deste que escolhi para realizar esta revelação não compreender o meu mistério nele, afirmo ainda para esta humanidade que o meu propósito é o de que os humanos da Terra retornem ao estado de inocência espiritual a que me propus quando os criei. Apoiado em vocês, teria eu também realizado a minha inocência.

Apoiados no que eu sou, teriam também, aqueles que me são herdeiros diretos, logrado realizar o meu mistério neles".

Confesso que reproduzo o acima exposto para ser honesto com os fatos, apesar de que me obrigo a registrar que não sei ao certo se entendo o significado profundo do que está nas entrelinhas dessa assertiva.

O Senhor Javé refere-se ao "mistério dele em nós" como sendo a presença do seu DNA nos nossos corpos e a "realização desse mistério" penso ser a **reconfiguração** do mesmo por meio do nosso progresso individual e coletivo. Mas estamos todos muito longe disso. O seu modo autoritário e impositivo nos transforma a todos em fantoches dos seus caprichos e dos que lhe representam o poder de gestão universal, e isso eles tentam transformar em "desígnios do criador", o que nem sempre chega a bom termo evolutivo. Pena que, pela natureza que marca seus psiquismos, eles não percebem quão inócuo tem sido muito desses desígnios que somente a eles interessam. Pelo menos é o que penso, apesar de que quase sempre me acho equivocado quanto ao pouco que costumo pensar. Mas, paciência!

Lembro-me da sensação de repulsa e de estranheza que senti quando, pela primeira vez, passei a minha vista pelas páginas do já citado "**Livro dos Segredos de Enoch**" (referenciado nas Fontes, Notas e Referências Bibliográficas do capítulo quatro), quando ali o Senhor Javé explicava ao assustado Enoch a sua função de criador e de mandatário supremo:

E agora Enoque, todas as coisas das quais te falei, tudo que entendeste, tudo que vistes das coisas celestes, tudo que viste na terra e todas as coisas que escreveste neste livro pelam minha grande sabedoria, todas essas coisas eu idealizei e criei do mais alto ao mais baixo, e aqui não há conselheiro ou herdeiro de minhas criações.

Sou eterno e não criado por mãos e sem mudanças.

Meu pensamento é meu conselheiro, minha sabedoria e minha palavra são feitas, e meus olhos observam todas as coisas como aqui são e como tremem de terror.

Se virar minha face, então todas as coisas serão destruídas.

Por isso usa a tua inteligência, Enoque, conhece aquele que te fala, e cuida dos livros que escreveste.

Dou-te os anjos Samuil e Raguil, aqueles que te trouxeram a mim, e desce à terra, diz a teus filhos todas as coisas que te contei e tudo o que viste, do céu mais baixo até o meu trono aqui em cima, e todas as hostes.

Pois criei todas as forças, e nenhuma se opõe ou deixa de se submeter a mim. Todos se submetem à minha autoridade e obedecem ao meu poder, e trabalham sob meu comando.

Dá-lhes os manuscritos e eles irão lê-los e saberão que sou o criador de todas as coisas, e entenderão que não há outro Deus além de mim.

Livro dos Segredos de Enoch (Cap. 33, 2-9)[2].

Perguntava-me na época – e por não achar resposta adequada não levei a sério a existência de alguém “daquele jeito” que me levasse a respeitá-lo como “alguém importante” – como alguém poderia ser tão incoerente e levar alguém sério como Enoch a transmitir tamanha incoerência como vindo de alguém que se supunha Deus?

Por que motivo Enoch teria de entender algo para depois escrever? Por que tanta arrogância da parte de alguém em querer se apresentar como o Deus criador de todas as coisas ao mesmo tempo em que parecia incapaz de criar em si mesmo um pingo de modéstia e de elegância moral? Por que explicitar que ninguém além de si mesmo poderia algo contribuir consigo a não ser o seu próprio pensamento? Que tipo de doença era aquela que o obrigava a ressaltar a sua autoexaltada sabedoria e capacidade de idealizador de tudo o que existia? Por que se regozijar pelo fato de tudo mais “tremer de terror” ao seu redor perante a sua presença? Se tão inteligente e autossuficiente ele era, por que depender de um ser terráqueo para transmitir, de acordo com a sua inteligência pessoal, o que ele porventura pudesse entender do que lhe estava sendo mostrado? Que pretenso Deus era aquele que complicava absolutamente tudo? Pois deveria ser simples, para quem tem tantos poderes, fazer-se conhecer pelos terráqueos, sem precisar do artifício de tantas curvas

e planos que jamais se cumpriam ao seu contento! Se, de fato, o tal pretenso Deus havia criado todas as forças e nenhum a ele se opunha ou deixava de lhe obedecer, como é que no final dos processos tudo costumava dar errado desde os tempos de Adão e Eva? Se todos se submetiam à sua autoridade, obedeciam ao seu poder e trabalhavam, sob seu comando, por que nada saía como ele vaticinava? Afinal, para que tantos desígnios, se os problemas na Terra apenas se acumulavam de tempos em tempos?

Não sei se isso é “interessante” ou somente “trágico”, mas parece que já nasci para esta vida com um sentido crítico em relação a pretensas divindades, acionado além da conta que o meu próprio sentido de prudência gostaria. O fato é que isso me fez não levar muito a sério a possibilidade de o Senhor Javé vir a ser, realmente, o criador e o gestor supremo deste universo, o que comumente afirmava ser.

Assustei-me, na minha atual condição humana, quando percebi que aquele estranho ser que agora me cercava a vida terrena de todo modo se apresentava como sendo exatamente aquele a quem eu mal conseguia dedicar um pouco da minha atenção e respeito. O curioso dessa história é que, mesmo a um custo muito alto para a minha sensibilidade, o ser que agora me “cercava” e os seus anjos esforçavam-se bastante para que eu os aceitasse como sendo aqueles mesmos referidos nas páginas da Bíblia.

Recordo-me de que, no momento em que pela primeira vez aceitei essa possibilidade, e em percebendo o modo como eles agiam para comigo, “pensei alto” dizendo para mim mesmo: se este pretenso deus for realmente tudo o que tem afirmado, ele pode ter criado dez universos e tudo mais que neles possa existir, mas ele não passa de um espírito necessitado! Em outras palavras, já não me era mais possível não saber que aquele ser que me invadira a vida terrena desde o início do ano de 2007 e que se apresentava como o temível Senhor Javé era alguém doente, apesar de quão poderoso ele pudesse ser, pois possuía naves e seres que o obedeciam. E aquilo para mim era um fato, e não mais uma possibilidade, quimera ou expectativa.

Enquanto a humanidade procurava saber se existia vida fora da Terra, desde o ano de 1999, quando tive o primeiro contato direto (não mediúnico) com aqueles seres, os quais pensei ou fui levado a pensar erradamente que eram “assessores do Mestre Jesus que me solicitavam o concurso” para anunciar a sua iminente chegada, eu já era sabedor por meio de “fatos” de que não estávamos sós neste universo. E, o repito: isso não se deu por questão de crença ou mesmo por contato mediúnico ou telepático (que é o

modo “mais comum” como esses seres têm se comunicado com os terráqueos), mas sim por contato direto com os seus artefatos tecnológicos.

Como já havia passado o tempo de responsabilizar os Estados Unidos ou a antiga União Soviética pelo uso secreto de artefatos voadores daquele naipe, e se existia alguém que, além de apontar os encontros, insistia em se afirmar como sendo o criador deste universo, o mesmo que havia se apresentado aos patriarcas das páginas bíblicas, com o tempo fui me acostumando com o acumulado dos fatos ao meu redor de que a insistência daquele ser, fosse ele quem fosse, era algo doentia.

Perguntava-me por que alguém extraterreno investiria tanto do seu tempo e forçaria seus assessores a me perseguirem daquele modo, sempre se fazendo presentes no que restava da minha vida pessoal. Com o objetivo de me fazerem perceber como seria importante a minha submissão ao tal Senhor Javé? Será que aqueles seres não tinham mais nada para fazer? Que importância poderia ter o que um terráqueo miserável como eu pudesse fazer ou deixar de fazer em relação àquela história?

Apenas registro esses fatos, em respeito a algum (a) eventual leitor (a) destas páginas, para possibilitar o entendimento quanto ao aspecto de que, seja lá quem estava por detrás daquelas ocorrências, parecia fazer absoluta questão que eu pudesse perceber, sem disfarces, como eles agiam, e a aparente despreocupação para com as conveniências da minha condição humana. Em outras palavras, sabiam que eu os julgava cidadãos extraterrenos de “segunda ou terceira categoria”, doentes e invariavelmente atrasados sob a perspectiva espiritual, e ainda assim insistiam para que os aceitasse e os obedecesse – e principalmente ao seu comandante e Senhor – do modo como eles eram, pois isso seria de **vital importância para os desígnios do Senhor Javé.**

Não vou esconder do (a) leitor (a) uma estranha passagem que se deu entre esses seres e este aflito escrevente, quando certa feita disse-lhes: “como é que eu posso me submeter a vocês ou a ao tal criador se, conforme penso, vocês são mais atrasados que qualquer cidadão terráqueo medianamente esclarecido sob a perspectiva do conhecimento espiritual? Vocês não têm nenhuma autoridade moral sobre mim e nem mesmo o seu comandante parece ter. Como é que eu vou me subordinar a quem sequer consigo respeitar?”

Um deles me disse naquela oportunidade: “Jesus é bem maior que nós, tu ou que qualquer outro terráqueo e se submeteu aos desígnios do Senhor Javé.

Como é que tu não te submeterás?”

Em resumo, comecei a fazer “parte”, a realizar somente um pouco de uma das muitas ordens que eles me transmitiam como vindas do Senhor Javé, Isto o fiz e o faço até o momento em que escrevo estas linhas, mas com a “inarredável certeza” – e ter certeza sobre alguma coisa é postura extremamente perigosa para a condição humana – de que o tal Senhor Javé e aqueles que costumavam se apresentar em seu nome, eram e são seres adoentados, atrasados e estranhamente incapacitados de melhorarem. Paradoxalmente, ao mesmo tempo, cobram e/ou pedem o melhoramento dos seres terráqueos, só que via a submissão ao Senhor Javé.

Parecia que, para aqueles seres, os que tinham sido os grandes benfeitores desta humanidade (a meu juízo: Jesus, Buda, Lao Tse, Krishna, dentre outros) e a semeadura que haviam realizado neste mundo não tinha lá muita importância, pois, para eles, somente a submissão ao Senhor Javé haveria de redimir a situação desta humanidade. E o estranho é que, mesmo sabedores do meu total desacordo com o “ponto de vista da **decadente aristocracia celestial** que eles formam”, ainda assim me solicitavam insistentemente o concurso para a pretendida submissão ao Senhor Javé.

O fato é que, quando assumi que me seria impossível libertar-me da perseguição daqueles seres, eu o fiz absolutamente convencido de que estava lidando com “personalidades celestes” que se encontravam em situação espiritual bem mais desconfortável que a minha própria. E aquilo me intrigava como me intriga até os tempos em que produzo estas reflexões.

Não foram poucas as vezes em que comecei a elencar as características do que, sob a ótica clínica terrestre, parecia compor a desarticulada maneira de aqueles seres agirem sempre de modo imperioso, desrespeitoso para a condição humana, e completamente distante do aspecto amoroso-fraternal que havia aprendido das lições advindas dos meus mestres Jesus e Sidarta Gautama.

Passei a concentrar a minha atenção no Senhor Javé quando este ser passou também a se fazer mais presente no que sempre chamei de “perseguição pouco esclarecida e covarde” em relação á minha condição humana.

Para entender a situação psicológica daquele ser, logo assumi que as armas da minha abordagem racional não poderiam estar subordinadas às pré-concepções sobre o meu ideário sobre a figura de Deus. Teria, pois, que me sentir livre para “atirar em todas as direções”, custasse aquilo o preço que

fosse, já que, sem que me sentisse livre para poder tentar perceber o que se passava ao meu redor e comigo, eu jamais daria passo algum em nenhuma direção.

Os amigos espirituais esclarecidos, que obviamente conhecem a condição de qualquer ser humano e as suas possibilidades, estimulavam-me a seguir adiante, do modo como me fosse possível, já que, para o conhecimento deles, não me seria possível "parar com aquelas abordagens", como várias vezes tentei delas fugir. Jamais me disseram se eu estava certo ou errado em minha postura algo insubmissa, mas sempre me imploraram para que eu cedesse o quanto pudesse ofertar ao Senhor Javé, em termos do meu concurso, e é isso que tenho tentado fazer até o momento. Contudo, preciso ressaltar aqui que, por me sentir como se não tivesse mais nada a perder – pois até os medos comuns à condição humana, a saber, do desconhecido, da morte, dos seres extraterrenos, de almas desencarnadas – tudo aquilo parecia me ser indiferente por força da tortura psicológica à qual eu me encontrava submetido: "ou obedecia ao Senhor Javé ou...".

As reticências acima apontadas substituem chantagens e ameaças, difíceis de aqui serem elencadas, vindas dessa aristocracia. Detestável no seu significado moral e pobre em conteúdo, o conjunto das tais chantagens e ameaças apenas reforçavam quão pobres e apodrecidos eram os seres que me endereçavam o que somente um ser terráqueo muito atrasado a tal se permitiria fazer.

Foi desse modo, totalmente livre e destemido, que olhei fundo na realidade desses seres e na do Senhor Javé, para então começar a perceber o tamanho do caos que os envolvia e ainda os envolve, apesar da desarrazoada soberba que os marca em suas posturas e atitudes. Obviamente que "olhei com os olhos que a vida me deu", mas principalmente com a minha atenção espiritual pacificada e desapegada em relação a qualquer retorno razoável quanto ao que estava fazendo.

Propus-me, então, a receber sobre mim mesmo os escombros da podridão das atitudes daqueles seres para assim poder perceber quão atrasados, espiritualmente falando, eles de fato eram e ainda são, apesar de serem detentores de um poder que espanta, assusta e encanta aos desavisados olhos terrenos, dependendo de como se observe.

Assim, mesmo sem ter formação científica formal em nenhuma área, comecei a ter que lidar com os efeitos que se distribuíam pelas muitas áreas do psiquismo, o que me permitiu perceber **níveis arrasadores de**

psicopatias, tanto no comportamento do Senhor Javé quanto no daqueles que lhe são obedientes.

Isso, porque, com o passar do "tempo cósmico", esse ser foi enfrentando um sem número de desafios absolutamente incompreensíveis para os humanos da Terra, numa escala aos nossos olhos insuportável de decisões complexas, tanto no campo da criação de realidades estelares, planetárias quanto também na edificação da vida nelas inseridas. A necessária "**frieza**" no campo emotivo para dar livre curso e sustentabilidade vibratória a certos modelos criatórios **terminou ofuscando, na sua sensibilidade**, o que poderíamos chamar de **surgimento de sentimentos morais**, o que, na linguagem terrena, o aproximaria da classificação de um psicopata.

Ao longo de mais alguns comentários presentes neste livro, terei de utilizar a terminologia disponível ao conhecimento terrestre, o que desde já me obrigo a me desculpar junto aos psicólogos clínicos, psiquiatras e estudiosos do comportamento humano em geral, mas não tenho mesmo alternativa.

Certa feita, após ter me impingido uma dose extremamente pesada de problemas que até este momento o meu psiquismo terreno se esforça por administrar sem endereçar uns bons impropérios ao autor da minha desdita, o ser que se me apresenta como sendo o Senhor Javé, num raro momento em que parecia tentar se justificar do que havia se obrigado a fazer a mim, como forma de me "convencer" a obedecê-lo, o que me foi profundamente desgastante, pediu-me, numa também das raras vezes em que não me pretendeu dar ordens, para compreendê-lo e que "eu me pusesse no seu lugar", já que agora "**eu sabia como ele se encontrava**". Além disso, afirmava ainda que eu seria "o único ser humano da Terra a sabê-lo", veja só caro (a) leitor (a)!

Essa história, por si só doentia, de ser o "único" humano a saber de alguma coisa, já tem o seu início em plena morte do aspecto racional e da prudência que deve pautar o nosso psiquismo. Mas lá estava eu lidando com o inusitado.

Sei que não sorri diante da sua "observação", mas enderecei-lhe, de minha parte, um comentário que ele seguramente não gostou: "Com que direito tu me pedes para que eu me coloque no teu lugar se jamais tu sequer te preocupas em imaginar como um ser humano se sente diante das tuas esquisitices? Mandastes Abraão matar o seu filho somente para testá-lo, para ver se tu podias confiar nele... Comigo não mandaste nada no sentido de eu

ter de fazer algo a quem quer que seja, até porque sabes que eu não te obedeceria, até porque nesta vida jamais te obedeci em coisa alguma até a tua última atitude para comigo, por sinal, a mais violenta de todas, por envolver afetos da minha alma, mas fizeste coisa pior... e ainda queres que nós nos coloquemos no teu lugar... É tragicômico, ó Javé, escutar de ti que nós devemos nos colocar no teu lugar quando de tua parte sequer pareces perceber que existe outra parte, além de ti mesmo, que sofre por força dos teus erros..."

Não foram poucas as vezes em que assumi postura dura e inflexível perante o Senhor Javé e os seus emissários. Não foram poucas, também, as vezes em que me preparei para ser, vamos dizer, "inutilizado" ou mesmo "desencarnado", conforme as suposições que fui arquitetando no meu fragilizado e atordoado psiquismo terreno.

Desta feita Javé me disse:

> – Eu não tenho como me por no lugar de vocês pelo motivo que tu já sabes (referia-se ao fato de ele não possuir uma alma, um espírito que o dignificasse como ser individualizado). Contudo, tu tens a condição de te colocares no meu e tu sabes que assim é. Agora sei que os espíritos que habitam as minhas formas não precisam de mim; sou eu que preciso do concurso de todos esses espíritos operantes nas minhas formas para que eu possa seguir adiante. Ainda assim, mesmo sabendo disso, não me foi possível arquitetar um modo de agir em que eu me quede passivo enquanto todos agem ao meu redor, influenciando-me com suas emoções, e isso me exaspera a tal ponto que a minha natureza explode em nervosismo e força de dominação, traço maior de mim mesmo, como tu já sabes. Ajuda-me, pois, e não mais me digas que eu te estupro a sensibilidade quando te imponho os meus desígnios sobre ti, posto que dentre os humanos que agora vivem na Terra tu és o único que sabe da minha desdita e da minha incapacidade de agir do modo como tu e a tua lógica terrena gostariam. Não esperes isso de mim, pois não me é possível. Contudo, espero e exijo que de ti seja ofertada esta compreensão porque ela te é possível. Põe-te, então, no meu lugar, posto que o podes fazer!

Arrematou o Senhor Javé dando por encerrada a "conversação" com este verme terráqueo.

Foi a partir de fatos como este, creia ou não, que fui construindo a compreensão que me era possível em torno da estranhíssima personalidade do ser que se me apresentava como o Senhor Javé.

Na verdade, fui me sentindo personagem de uma síndrome muito mais ampla do que a chamada "síndrome de Estocolmo"[3], que aponta o despertar de certa dose de simpatia, afeição, e mesmo de gratidão da parte de alguém que foi sequestrado exatamente por quem o sequestrou, pelo simples fato de este último não tratá-lo tão mal assim.

Sob a perspectiva da violência que em tese o Senhor Javé comete com quem passa a existir para sua criação, amá-lo, estimá-lo, respeitá-lo, como Jesus nos pediu, a princípio parece exercício de aparente insanidade, apesar de o "coração humano" ser capaz de atitudes estranhas na arte do bem-querer.

Utilizando-me agora dos termos do que conhecemos na Terra sobre transtornos de personalidade, vamos nos valer do psicólogo canadense Robert Hare[4], criador de uma escala usada para medir os graus de psicopatia, que explica o porquê de uma pessoa aparentemente normal poder fazer as piores coisas sem sentir remorso: "o psicopata é como o gato, que não pensa no que o rato sente. Ele só pensa em comida. A vantagem do rato sobre as vítimas do psicopata é que ele sempre sabe quem é o gato".

Diz-nos mais: "não necessariamente com o intuito de cometer a maldade, um psicopata termina por promovê-la. Os psicopatas apresentam comportamentos que podem ser classificados de perversos, mas que, na maioria dos casos, têm por finalidade apenas tornar as coisas mais fáceis para eles, e não importa se isso vai causar prejuízo ou tristeza a alguém". Até aqui o ser que conhecemos na Terra como sendo Javé se enquadra, sendo este um dos painéis do seu exuberante psiquismo que se formou quando da sua queda.

"Há também os psicopatas do tipo sádico, que são os mais perigosos. Eles não somente buscam a própria satisfação, como querem prejudicar outras pessoas, sentem felicidade com a dor alheia", explica-nos ainda Robert Hare. Aqui **Javé não se enquadra**: por mais louco e estranho que nos possa parecer, ele não tem ou conhece o sentimento de maldade. Para sua própria surpresa e tristeza, seres que se criaram a partir dele e outras espécies por ele criadas é que vieram a apresentar a urdidura mental do comportamento malvado, perverso em si mesmo, descontextualizado em relação às circunstâncias. E sobre isso refletiremos de modo mais apropriado no capítulo 18. Esse é o mais incompreensível aspecto que terminou por surgir no bojo da doença que passou a se expressar nos moldes do **transtorno de**

personalidade que marca a feição do Senhor Javé e dos seus.

O fato é que o **padrão de consciência de um ser** depende de alguns pendores (herança espiritual cármica) da sua personalidade, mas, fundamentalmente, da sua natureza; e nisso reside o drama espiritual de Javé, por força daquela que se formou para lhe dar sustentabilidade existencial no âmbito da sua própria criação. A natureza de Javé inibe certos padrões do que entendemos por "consciência dignificada", já que, entre outros aspectos, consciência é o processo de avaliar se algo deve ser feito ou não. Para tanto, o questionamento fazer ou não, realizar ou não, agir ou não, envolve não somente o conhecimento intelectual/racional, mas também a componente emocional. No caso de Javé, a primeira funciona dentro de um padrão cuja ótica nada tem a ver com a humana. Quanto à segunda, esta última, além de apresentar problemas de toda ordem, nada guarda em relação de semelhança com a que conhecemos como "aquela que marca o senso de humanidade terráqueo".

Sob tal perspectiva, o tipo de amor que um ser nessas condições pode sentir e expressar é algo que foge completamente ao modelo do que estamos acostumados a arquitetar como sendo o desejável ou mesmo o razoável.

Ainda segundo o psicólogo canadense Robert Hare: "Um psicopata pode sentir amor, mas da mesma forma como se ama um carro, e não da forma como se pode amar uma esposa. O psicopata usa o termo amor, mas não o sente da maneira como nós entendemos. Em geral, é traduzido por um sentimento de posse, de propriedade. As emoções estão para o psicopata assim como o vermelho está para o daltônico. Ele simplesmente não consegue vivenciá-las".

"Os psicopatas não conseguem ver nada de errado em seu próprio comportamento". Em alguns países, os psicopatas costumam, inclusive, ser considerados **semi-imputáveis pela justiça**, pelo fato de que, segundo algumas correntes de pensamento, ele simplesmente não entende as consequências de seus atos. Aqui impera "o argumento de que quando tomamos uma decisão, fazemos ponderações intelectuais e emocionais para decidir. O psicopata decide apenas intelectualmente, porque não experimenta as emoções morais".

Enfim, o Senhor Javé tem uma longa estrada a percorrer, ainda que pense que, em sendo o que ele é e quem ele é, ele nada tem a modificar em si mesmo.

CONSTATAÇÃO:

Do mesmo modo que nós, míseros seres humanos terráqueos, precisamos acordar para quem realmente somos na nossa intimidade espiritual e para o que realmente queremos e importa ao nosso progresso pessoal, o Senhor Javé, ainda que na condição de criador deste universo e das demais realidades que lhe são adjacentes, também precisa percorrer caminho semelhante no campo da superação pessoal.

O PROBLEMA, pelo que penso perceber, é que ele jamais deu qualquer passo nessa direção ao longo dos últimos 13,7 bilhões de anos, que é a idade que a sua personalidade de Senhor Javé tem, e que corresponde ao tempo de existência do universo em que vivemos. Na verdade, a noção de tempo que marca o psiquismo terreno a respeito desses fatos deverá variar um pouco com a evolução do nosso conhecimento sobre o assunto.

Como é do conhecimento de todos, na Terra é fator comum que uma pessoa possa ser extremamente inteligente, mas moralmente incapacitada de agir como alguém de "bom caráter". Percebe-se, também, a existência de pessoas boas, mas com baixíssima capacidade intelectual, independente do nível cultural que possa ter. Obviamente, existem ainda aquelas dotadas de uma grande inteligência e de uma condição moral maravilhosa, como também as que se encontram extremamente atrasadas na arquitetura, seja de um padrão de inteligência, seja no que se refere à sua boa conduta moral.

O caso do Senhor Javé não se enquadra em nenhuma das possibilidades descritas acima. Ele era, enquanto divindade, e continua sendo, enquanto divindade decaída, um "gênio" em absolutamente todas as matérias do contexto científico que nos rodeia, o que costumamos chamar de "realidade". Ele não é muito ou pouco inteligente nessa ou naquela classe de conhecimento, ele já tinha, e conseguiu manter, a sua formatação mental no padrão da genialidade que lhe marca a condição momentaneamente perdida de "criador de padrões dependentes"[5].

A questão é que nele esse contexto funciona de modo bem diverso do parâmetro que estamos descortinando por trás do aparelho cerebral humano adornado de uma mente espiritual, apontada corretamente pelos **postulados da percepção quântica** como sendo ela, a **consciência**, o foco da **causalidade descendente**[6] que deu curso a tudo mais que existe enquanto matéria formadora da faixa de realidade que os nossos cérebros estão programados para perceber.

Sob essa perspectiva, seja na componente física como aspecto da herança do DNA do Senhor Javé, ou mesmo por força do acumulado das conquistas da mente espiritual ao longo das muitas experiências em corpos transitórios comuns à criação universal desse mesmo ser, o que chamamos de inteligência criativa e genial transborda para a condição humana de muitos modos.

Proponho ainda ao (à) eventual leitor (a) destas páginas, refletir um pouco mais sobre o fato de a inteligência ser moralmente neutra. Segundo um estudo empreendido pelo psicólogo americano Howard Gardner[7], que estudou a vida de uma série de personalidades ilustres, Pablo Picasso[8], T.S. Eliot[9] e até Einstein[10] demonstraram insensibilidade moral em muitos aspectos da vida. Dos muitos casos estudados, somente o Mahatma Gandhi tinha vida exemplar.

Segundo Gardner, a mente é composta de múltiplas capacidades independentes entre si. Ele descreveu cientificamente oito tipos de inteligência: linguística, lógica, espacial, musical, corporal, naturalista, intrapessoal e a interpessoal. Cito-as sem a preocupação de explicar a função de cada uma, com a intenção apenas de fornecer parâmetros para a percepção que parecem existir "diversos programas" disponibilizados ao psiquismo humano para o seu progresso, isso sem me referir aos demais tipos de inteligência ainda, segundo outros estudiosos.

Segundo o que aponta os fatos, a ciência já reuniu evidências suficientes para concluir que a inteligência é resultado dos dois fatores: a genética e a experiência de cada um. O estranho e ao mesmo tempo triste, é perceber que esses mesmos cientistas apontam o tempo de vida biológico de 70 anos como "muito curto" para os desafios intelectuais necessários ao desenvolvimento e ao progresso das inteligências. Ainda segundo os cientistas dessa área, o perfil de inteligência de uma pessoa pode mudar até os vinte e cinco anos. Depois dessa marca, podem até ficar mais sábias, mas não mais inteligentes. A única exceção a essa lógica é quanto às inteligências pessoais, aquelas que definem as capacidades de autoconhecimento e de lidar com seus semelhantes.

Infelizmente, no caso do Senhor Javé, o seu tempo de vida permitiu e permite que ele torne superlativo todo o seu arcabouço genial de intelectualidade. Pena que, quanto às inteligências pessoais acima referidas, ou seja, a intrapessoal e a interpessoal, em todo esse tempo em que "ele é o que é", ele parece ter evoluído muito pouco, seja na percepção de si mesmo, seja na dos que lhe herdaram o DNA adoentado.

O que o nosso senso terráqueo chama de "passado" sempre foi algo tenebroso para o Senhor Javé, e o que nós entendemos como sendo o "futuro" é algo que lhe é pavoroso, e nem muito menos o presente lhe é agradável. Ele não descansa e jamais teve paz de espírito. É desagradável para a minha condição humana ressaltar esse aspecto.

O parágrafo anterior, carregado de tantos adjetivos pesados e com conotação negativa, deve-se ao ressalte que pretendi e pretendo registrar sobre o perene tormento do Senhor Javé em existir como tal, o que o levou a talvez criar em si mesmo, para suportar a sua própria sobrevivência, padrões de forças psicológicas tão superlativas que, aos nossos olhos, parecem pura "**anomalia psicológica**", o que de fato é.

Para entender por mínimo que seja o complexo ser chamado Javé, é imperioso atentar para o aspecto crucial de que a chave para o seu contínuo processo de sobrevivência a qualquer custo diante das adversidades residia na sua atitude de enfrentar os desafios que a toda hora lhe atormentavam o psiquismo – como, infelizmente, até hoje acontece –, sem perder de vista os objetivos da experiência existencial, tanto sua quanto da sua criação que está em curso.

O Senhor Javé tentou "escrever" de modo linear desde o início, contudo, jamais o conseguiu. De tantas coisas estranhas percebidas pelos nossos antepassados que sabiam mais do que sabíamos até bem pouco tempo sobre toda essa história, é que surgiu a sensação de que os desígnios desse pretenso deus – o que é tido por ele como sendo "o certo" – terminavam se cumprindo, só que depois de muitos acontecimentos tortuosos, aparentemente desnecessários. Daí a sensação de que "Deus escreve certo por linhas tortas".

A compreensão em torno da questão dos "desígnios do Senhor Javé" é etapa que, conforme penso, somente será ampliada no futuro, quando outras gerações de humanos terráqueos puderem abertamente receber informações quanto aos "desígnios" desse mesmo ser em relação a outras histórias planetárias. Somente após essa percepção mais geral é que o conhecimento terrestre poderá compreender como o tema é delicado e absurdo.

Afinal, estamos todos neste universo "trabalhando" para um ser que, por força das **circunstâncias doentias** que lhe marcam a atual existência, **somente pensa em si mesmo** e tudo faz para reverter o esforço alheio em benefício de si próprio, do modo mais doentio possível, o que tem atrapalhado bastante, não só o seu progresso como o de muitos que se encontram reféns da sua criação. Contudo, não há outro remédio para o

problema. Caminhemos, pois! O Senhor Javé precisa desesperadamente da ajuda amorosa de tantos quanto possam se congregar nesse esforço redentor.

8

DIAS COMPLICADOS NO “PARAÍSO”

PARA OS QUE gostam de se justificar sobre as suas faltas e fragilidades com base na herança genética recebida de alguém, os estudiosos costumam afirmar que a **genética nunca conta mais do que 50% da história da vida de uma pessoa**, pelo menos no caso da Terra. O resto correria por conta das influências do ambiente e do **toque pessoal** que cada ser pode e deve dar ao intransferível **comando do seu próprio destino.**

O Senhor Javé costuma se justificar perante si mesmo e a sua aristocracia que o assiste mais de perto, que tudo o que faz tem como objetivo o cumprimento dos seus “desígnios”, os quais, em tese, deveriam representar sempre a melhor opção ou versão dos fatos formadores do que chamamos de realidade. E tudo o que ele faz se encontra justificado, para ele mesmo, no fato “de ele ser o que ele é”, e ponto final!

Até mesmo para os terráqueos, esse discurso foi sobejamente repetido nas páginas dos escritos judaicos formadores da Bíblia. Contudo, alguns dos seus desígnios, tais como a “terra santa” para um “povo escolhido”, o “messias que viria para dominar”, entre outros, se verificaram extremamente problemáticos e equivocados nos seus princípios e propósitos.

Normalmente o Senhor Javé se opõe a esse tipo de pensamento afirmando que os seus desígnios costumam parecer complexos e complicados aos nossos olhos, exatamente pelos continuados equívocos e desobediência que as pessoas, seja no critério particular, seja no coletivo, costumam praticar. Isso, segundo o próprio, “é erro nosso e não dele”.

Feito o registro, torno a expressar a minha “equivocada opinião” – posto que não tenho outra sobre a questão – e o faço paradoxalmente instado por

obediência aos seus desígnios, até porque os mesmos, segundo o próprio, determinam que este aflito escrevente use do seu tirocínio e da visão que me for própria para produzir a presente revelação – entenda o (a) leitor (a) se lhe for possível. Ainda segundo ele, isso porque a minha "teimosia e cegueira", associada a certa animosidade, não pela sua pessoa, ele o reconhece, mas pelo seu método, impede que "uma revelação pronta, acabada", como o Senhor Javé gostaria, viesse a ser produzida por eles através do meu concurso. Daí decorre que, em não existindo outra opção entre os terráqueos – veja só o (a) leitor (a) o motivo pelo qual, segundo eles, obrigam-nos a me "perseguirem" –, conforme eles sempre ratificam, sentem-se obrigados a se submeterem ao que me for possível produzir, ainda que com muitos erros e injustiças em relação ao que se encontra por trás dos desígnios do Senhor Javé.

Sempre pensei que isso não era verdade. Contudo, pelo grau de insistência que percebo na postura deles em relação ao meu concurso, depois de muito tempo, obrigo-me a admitir a possibilidade de que realmente algo deu muito errado no plano deles para que esta "perseguição" se processe, sem tréguas, até os dias em que produzo estas páginas – sem comentários!

Quanto de sofrimento, opróbrio e ignomínia foi colocado nos ombros de muitos seres humanos por força do que, aos meus olhos, é mero capricho de um ego detentor de um "software divino" afetado e doente, somente a Justiça Divina é passível de medir. "Para que, pergunto-me sempre, muito do que o Senhor Javé fez ou mandou fazer serve ou serviu?" – esse é outro aspecto que foge à lógica da razoabilidade, seja ela terrena, extraterrena, divina ou o que seja.

Devo ressaltar que o "meu ego terreno" teve de se tornar "livre dos efeitos de um ego" – entenda quem puder – para poder se sentir liberto para o exercício do destemor e "aceitar" ser instrumento dessas revelações. Ao expressá-las, penso que não agrado ao lado terráqueo nem muito menos a boa parte dos que assistem ao Senhor Javé. Contudo, a ele próprio e a outra parte dos que o assistem, acho que, em linhas gerais, o sentido do que a presente revelação oferta coaduna-se com o objetivo pretendido por esses seres, apesar de que o Senhor Javé não deve gostar nem um pouco do "meu modo" e da "interpretação pessoal" que faço – pelo menos é o que desconfio. Apesar disso, no meio de toda essa "tragicomédia", tenho a estranha impressão de que ele se "diverte", do seu modo, com as minhas angústias enquanto escrevente destas páginas. Caso esta impressão esteja correta, isso representaria um bom sinal em relação à possibilidade de que ele está

aprendendo algo com a condição humana terráquea: ter um mínimo de bom humor e aprender a sorrir diante da própria desgraça.

Assim assumo para deixar margem para que, no futuro, os fatos possam vir a modificar o teor e o sentido do que aqui está descrito. Por isso não transfiro para os mentores espirituais e demais seres cósmicos que me assessoram o mister revelador, a responsabilidade sobre o que aqui está sendo informado, pois corre por minha conta.

O que existir de equívoco deverá ser modificado e melhor compreendido no futuro. Deixo, pois, esta obra – e todas as demais que a minha condição humana conseguiu produzir a pedido dos amigos espirituais e cósmicos, além da ordem do próprio Senhor Javé – livre dos adornos do complicado e agora desnecessário sentimento de religiosidade e da desnecessária “pureza doutrinária” que sempre envolveu revelações desse naipe.

Esta observação se torna necessária por força da gravidade dos assuntos que terão de ser abordados neste capítulo e aprofundados em outros livros.

Uma das questões pontuais refere-se ao fato de o Senhor Javé ter se obrigado a agir de modo inflexível com alguns dos seus primeiros filhos advindos do seu método de gerar seres a partir de si mesmo.

Como já informado, ao ver-se sozinho e prisioneiro da própria criação que realizara enquanto divindade, ele se obrigou a criar a sua primeira geração de clones. Assim dito – e é o que informei até aqui –, o (a) eventual leitor (a) não pode ter a noção precisa das cores dramáticas do significado de o Senhor Javé ter começado a “retirar de si mesmo” partes da sua “componente celular”, moldá-las com o seu poder mental e atribuir-lhes padrões de personalidades em tudo a ele semelhantes, mas dotadas de poderes e modo distintos de atuação.

O Senhor Javé, desde que veio à existência, **jamais havia realizado aquele processo nas suas experiências anteriores,** apesar de o “sentido do processo criatório” já ser do conhecimento das divindades. Mas, no estado em que ele agora se encontrava, de divindade decaída, o impulso que o levou a criar seres foi de ordem tão problemática quanto o que o havia vitimado, enquanto divindade, ao ter gerado a singularidade que deu início ao nosso universo e a outras realidades a ele adjacentes.

Ao intentar criar, agora, seres daquele padrão, o Senhor Javé extrapolou a sua condição, pois, em tese, ele não deveria nem poderia fazê-lo, pelo fato de, naquela condição em que se encontrava, ele não possuir uma alma. Porém, ele fez, e o fez de tal modo que **os níveis da Hierarquia Divina da**

Espiritualidade Superior, ainda **surpresos** pelo fato de a **divindade decaída** ter se **reconstituído no âmbito da sua criação sem a sua própria alma,** mais ainda ficaram quando perceberam os **três primeiros seres gerados** a partir do Senhor Javé. Isso porque **os mesmos surgiram também sem a "alma espiritualizada"** a lhes fornecer a devida estruturação às suas formas em tudo semelhantes à do pai-criador.

Os diversos níveis da Hierarquia Divina, ao perceberem que a criação da divindade decaída iria ser povoada por seres automatizados a partir da reconstituição doentia e desesperada que foi possível à mente da divindade realizar naquelas condições, fizeram soar o "**sinal vermelho**" e até hoje, vamos assim dizer, o mesmo **permanece aceso.**

A pobre metáfora do "sinal vermelho" ativado até os tempos atuais deve-se ao fato de que, desde então, nada mais foi gerado por nenhuma divindade, já que **todas as mentes divinas disponíveis tiveram de se voltar para a superação do problema existencial advindo da criação indesejada.** Afinal, naquele tempo, a questão fundamental era a de **como dar estrutura espiritual a corpos doentios daquele naipe**, pois aquilo jamais havia acontecido.

CONSTATAÇÃO:

É importante ressaltar que somente a partir do quarto ser clonado pelo criador é que foi possível à Espiritualidade Maior promover a "tecnologia mental-espiritual" disponível para permitir a "imantação" das individualidades espirituais aos corpos gerados pela vontade do Senhor Javé.

COM O PASSAR DO TEMPO, já depois de terem surgido mais outros clones dotados de alma, o Senhor Javé, ainda que sem perceber o contexto espiritual por trás de cada um dos seus filhos, notou, que os três primeiros comportavam-se de tal modo que as suas presenças no âmbito da sua obra iriam impedir a coexistência e mesmo a sobrevivência da sua "família".

São páginas de um tempo que não serão aqui contadas por não fazerem parte do escopo desta obra. Além do que, aqueles três seres não chegaram a se rebelar contra o pai-criador, não sendo este efetivamente o problema. O mesmo se deu por conta de outros aspectos simplesmente impossíveis de serem compreendidos pela "lógica humana", sem que esta não se perca na

atitude imprópria e superficial de atribuir juízo de valor ao que lhe é incompreensível.

O pouco que posso revelar refere-se ao fato de que um **ser desalmado se alimenta** – vibratoriamente falando – **da energia dos seres estruturados sob a perspectiva espiritual.** O Senhor Javé somente percebeu o problema com o aparecimento dos seus filhos dotados de alma, na medida em que estes eram obrigados a fugir à convivência com os seus irmãos "desalmados", a se retrair do apetite psíquico do temperamento extremado e doentio dos três primeiros clones que haviam surgido para a criação com um **"vazio espiritual" ainda mais lamentável que o do próprio Senhor Javé**.

O criador, no auge do seu desespero, e sem poder desfazer o que havia sido realizado, ainda na tentativa de manter-se "vivo", percebeu que os seus três primeiros filhos estavam "disputando" ou mesmo "brigando", ainda que de modo inconsciente, pela energia que emanava dos seus demais irmãos, a qual significava "fator de alimentação". O problema elevou-se a um patamar insuportável para os padrões de então quando o criador começou a ressentir-se do alimento vibratório que somente a partir daquele episódio lhe foi possível perceber que também era vital para a sua própria sobrevivência.

CONSTATAÇÃO:

Ser obrigado a liquidar os primeiros filhos por ele mesmo criados por não existir outro modo de resolver o problema, eis um dos mais inquietantes aspectos do drama espiritual do Senhor Javé.

DESSE MODO, forçado pelas circunstâncias que o obrigavam sempre a sobreviver a qualquer custo, ainda que com o sacrifício dos demais, **foi o próprio Senhor Javé quem iniciou a encenação de um palco de horrores no âmbito da sua criação** quando se viu obrigado a destruir alguns dos seus primeiros filhos para que ele próprio pudesse continuar a se "alimentar" das vibrações dos seus primeiros anjos-clones.

Tudo o que bilhões de anos mais tarde se veria acontecer na Terra, quando seres tidos como **deuses que eram obrigados a destruir os próprios filhos para sobreviver ou manter o poder,** parecem apenas pobres analogias em relação aos primeiros momentos desse drama que ainda está longe de acabar.

Sob essa estranha perspectiva, a nossa miserável **espécie *homo sapiens***

parece ser muito, mas muito superior em possibilidades de progresso espiritual do que essas classes de seres extraterrenos que, apesar de terem sido tomados como deuses pela população infantil terráquea, **são apenas seres mais velhos e com acúmulo problemático de terríveis e impagáveis débitos espirituais**.

CONSTATAÇÃO:

Existem páginas do passado terrestre ainda por serem devidamente compreendidas pelo pensamento humano dos tempos atuais. Alguns dos seus enredos foram repassados à posteridade sob a forma de lendas, exatamente porque, de tão fantasiosas, sob uma perspectiva, ou de tão fantásticas, sob outra, tornaram-se simplesmente inaceitáveis para o terráqueo moderno.

OS FATOS ao meu redor praticamente me obrigaram a perceber um dos muitos erros que cometi ao lidar com as circunstâncias e com as presenças desses seres nas entrelinhas da vida terrena.

Somente a muito custo para a minha sensibilidade humana é que percebi ter cometido o erro de achar que um ser como Javé – de acordo com as descrições bíblicas e aquelas presentes nas tradições védicas sobre o mesmo personagem, só que com o nome de Senhor Brahma – simplesmente não pudesse ter existido ou ainda existir nos tempos atuais. O doloroso, para mim, foi perceber que ele existe e é singularmente estranho, mas é superlativamente semelhante ao que se encontra descrito, por mais absurdo que nos possa parecer, sobre a sua personalidade. Repito: somente depois de muito sofrer os escândalos advindos de uma causa que somente assim poderia se apresentar ao desavisado senso humano de que esta realmente existia, é que pude aceitar que aquele ser era e é real nos moldes aqui descritos. Mas não foi e nem é fácil conviver conscientemente com esse contexto tortuoso e imperativo.

Ainda assim, fui também levado a perceber que estava cometendo o mesmo erro em relação aos tais **deuses da antiguidade e suas histórias "absurdas",** que de tão "intragáveis", levaram-me sempre a pensar o aparentemente "óbvio" ao senso racional da chamada história clássica. Pensei que elas simplesmente também não poderiam existir como fatos acontecidos. **O doloroso é que elas existiram e ainda existem; só que, na atualidade,**

eles foram obrigados a transferir o seu "Olimpo" para outras paragens. E foram "obrigados", exatamente pelo próprio Senhor Javé, a saírem da Terra, pois que a presença daqueles seres no "comando" dos miseráveis terráqueos não estava conseguindo produzir as condições para o progresso desta humanidade.

Penso que aqui ocorre o mesmo efeito de uma descrença do pensamento moderno o qual, por força de uma série de circunstâncias que aqui não serão abordadas – este tema terá tratamento próprio em alguns livros a serem publicados quando os tempos o permitirem – jamais se habilitou a "levar a sério" a chocante realidade de um passado onde os tais **deuses coexistiam com os homens e as mulheres da Terra**.

Somente a título de ilustração, e tomando como foco para esta abordagem uma das muitas mitologias que descrevem alguns dos painéis da interação entre esses seres e os "humanos mortais", no caso os mitos advindos da cultura grega, ali também se pode perceber uma **continuidade apavorante de pais sendo obrigados a destruir os filhos e estes se rebelando e destruindo os seus pais como forma de se elevar ao poder**.

Se bem observarmos o estranho relato da mitologia grega sobre os tais seres que detinham poderes sobre-humanos e deles se utilizavam para manipular o fluxo da vida terrena, as notícias que ali existem apontam para um tempo em que um grupo considerável desses seres chegou a Terra, formando então a "primeira geração de deuses" a existir sob o foco da percepção humana.

O interessante é perceber que, após a chegada daqueles deuses celestiais, entre os quais dois denominados como sendo Caos e Geia seriam os destaques, a outra geração deles advinda, na qual Urano – que odiava os filhos – e Geia, agora assumindo a posição de realce, eram quem comandavam a estirpe divina e suas peripécias em torno da vida terráquea. Eles foram os pais dos famosos Titãs, seres que passaram a compor a próxima geração dos deuses a controlarem a Terra.

Até aqui não existia o quartel-general conhecido como monte Olimpo[1], já que este somente passou a existir quando os chamados Titãs, Cronos – que castrou o pai Urano – e Reia, destronaram os seus antepassados. Estes últimos foram os pais da nova geração de deuses a qual, encabeçada por Zeus, destronou os Titãs do comando da aristocracia celestial que dominavam o contexto que envolvia a vida na Terra.

O interessante é perceber a história de **crimes horrendos cometidos por**

cada uma dessas gerações contra os seus progenitores na luta pelo poder. O mais estranho ainda é perceber que **eles eram aparentemente imortais**, sofrendo apenas os inevitáveis efeitos da "pancadaria mútua", mas impossíveis de serem destruídos pelas atitudes criminosas de uns para com os outros.

CONSTATAÇÃO:

O fato é que, sendo lenda ou realidade, o que nesses painéis é descrito tem tudo a ver com a doença advinda do Senhor Javé e que se encontra presente no código da vida mental, psíquica e orgânica de todos os que existem em corpos gerados a partir do DNA pessoal do criador. E o inusitado das revelações que nos chegam aponta para o aspecto de que a realidade dos fatos acontecidos neste palco planetário parece ter sido ainda bem pior do que os painéis que passaram à posteridade sob a forma de lendas e mitos.

ESSES **SERES SERIAM TÃO "IMORTAIS" quanto o próprio criador**, o que hoje para eles é uma realidade horrível de ser vivida, já que são "obrigados a coexistir" num perpétuo conflito de imposição do "mais forte" sobre o "mais fraco", o que os levou e leva a inevitavelmente disputarem entre si coisas absurdas e que os enfraqueceu a todos, mas não ainda o suficiente para os tornarem incapacitados de expressarem o grau de cretinice espiritual que marca as suas atitudes. **Como não podem "deixar de existir"** – atente bem o (a) leitor (a) para este fato – **eles se obrigam a conviver uns com os outros, ainda que isso não os leve a canto algum**.

Presos no *Hades*[2] ou libertos nos espaços universais, esses seres continuam a digladiar entre si, só que agora não mais contando com a complacência do Senhor Javé que, finalmente, parece ter percebido que jamais poderá existir um "vitorioso" numa luta inglória onde todos se prejudicam mutuamente. Além do que, essa **luta constante entre algumas das classes seus filhos anjos-clones, faz mal a ele próprio!**

CONSTATAÇÃO:

Algumas espécies deste universo, entre as quais a *homo sapiens* da Terra, foram geradas com o beneplácito de seus corpos um dia morrerem, o que permite a liberação das individualidades espirituais

que os administram. E este é um dos fatores que possibilitam a evolução espiritual, aspecto que, infelizmente, não existe para as personalidades desses seres.

A VIDA NA TERRA, por ser curta, torna-nos tudo suportável, ao contrário do desespero que marca esses seres clonados que são obrigados a viver como que eternamente violentados pela atitude ditatorial do Senhor Javé, e inevitavelmente submetidos à cretinice espiritual dos seus pares.

Perceba o (a) leitor (a) que a vida que esses seres levam, para muitos deles, é insustentável e sequer eles podem cometer o que na natureza terrena é chamado de suicídio. Eles somente descobriram isto quando da ocorrência de certos movimentos rebeldes que no passado cósmico levantaram essa "bandeira" como meio de fazer cessar a criação indesejada. A tresloucada e desesperada atitude do suicídio, que na verdade é o mais danoso de tudo o que uma individualidade pode cometer contra si mesma, aos clones das primeiras gerações sequer é possível, por uma questão intrigante.

CONSTATAÇÃO:

Apesar de aparentemente aterrador, o Senhor Javé repassou "uma condição mental" às primeiras gerações de clones que, ao ser traduzida no repasse do DNA, deu àqueles seres uma condição de reconstituição molecular-energética que faz com que diversas classes de clones não possam nem se autodestruir nem se destruírem uns aos outros. Eles podem se agredir, mas não se destruir, posto que isso pode ocorrer apenas em situações especiais, incompreensíveis para o pensamento terráqueo. Somente o "apodrecimento dessa condição", com o passar do tempo cósmico, haverá de libertar as almas imantadas a esses corpos-prisões.

COMO O (A) LEITOR (A) PODE PERCEBER, o tema não é fácil de ser abordado; e muito mais difícil ainda de ser refletido. Mas tempo virá em que as **estranhas lendas terrestres de "deuses aparentemente imortais" – e que promoviam "mutações corporais" nas suas formas com que se apresentavam aos humanos**, lendas estas presentes nas mitologias suméria, acadiana, hitita, hindu-ariana, egípcia, greco-romana, entre outras – serão vistas com outros olhos.

O curioso é que parece que os “dias complicados” de um “pseudoparaíso” terminaram por fluir para o planeta Terra, pelo fato de a mais nova espécie cósmica pensante ter aqui surgido. E esta passou a ser “disputada” pelas forças da dominação da hierarquia do Senhor Javé, por forças atrasadas de algumas civilizações em evolução no universo e pelas forças da rebeldia ao criador e a tudo o que ele representa. Por sobre tudo isso, e infiltrada nas entrelinhas da hierarquia angelical em torno do criador, está a atuação daqueles que formam a conspiração amorosa e que trabalham para levar toda essa situação caótica a bom termo.

Assim, o **nosso planeta passou a ser um dos “centros cósmicos” do problema universal**. Para aqui convergiram e ainda estão convergindo forças-tarefa de todos os segmentos envolvidos na questão. Enfim, é trabalho por todos os lados.

Importa ainda refletir que as implicações sobre a **trajetória do Senhor Javé perante os critérios da Justiça Divina são inquietantes**.

Usando os termos comuns ao entendimento terráqueo, apesar de desagradável, o Senhor Javé parece ter sido um **suicida involuntário**, numa análise simplória, superficial, além de inapropriada. Mas, para a espécie humana da Terra poder evoluir em torno desse assunto, torna-se imprescindível que alguma análise seja feita para semear a necessária reflexão, ainda que eivada de erros, em torno do tema. E esta aponta somente num sentido inquietante: **Javé é um ser profundamente adoentado e tudo o que é gerado a partir dele, e tudo o que dele sai, encontra-se contaminado em baixo ou alto grau pela sua doença.**

CONSTATAÇÃO:

O problema deste universo e adjacências não é a componente dos “seres miseráveis” e ainda em evolução, como é o caso dos terráqueos, mas sim a sua elite criminosa e apegada a funções e a conceitos, independente da evolução que parecem ter alguns deles.

SE NÓS, muitos dos espíritos que formam esta comunidade terráquea, em vidas passadas fomos os elementos formadores do povo judeu, do poder romano, entre outros, acusados de promover a **crucificação de Jesus**, na verdade o **Senhor Javé é quem é o grande responsável por trás dessa história**, conforme os valores morais comuns da Terra.

Esta afirmação a faço assumindo sobre os próprios ombros as implicações em torno da mesma, mas não me é dada outra opção, a não ser a de semear a já tardia reflexão em torno desta enigmática questão.

Tempo virá em que isso ficará claro para a cultura deste mundo. Até lá, tudo o que posso fazer na minha pequenez é ir produzindo as reflexões possíveis em torno do ocorrido. Para isso, livros específicos sobre a relação entre o Senhor Javé e o Mestre Jesus estão sendo produzidos, nos quais serão apontados painéis dolorosos sobre o **drama pessoal daquele que se fez o menor entre os deuses para também ensinar-lhes** como poder evoluir, ainda que com os fatores limitantes do DNA herdado do criador. Mais tarde, este mesmo ser também se faria o menor entre os próprios seres humanos com propósito semelhante, além de outros objetivos estratégicos e amorosos que o moveram.

CONSTATAÇÃO:

Sob a perspectiva da Justiça Divina, se Javé não for considerado um criminoso, quem neste universo ou na Terra poderá ser? O inquietante é que as Leis Divinas pesam sobre os nossos ombros através das reencarnações, o que significa que tempo virá em que também pesarão sobre Javé e os seus que lhe são próximos, quando "um dia" deixarem as posições de mando que doentiamente ocupam. E quando isso será? Quando seus corpos "falirem vibratoriamente" – único modo de morrerem para este universo ou para a dimensão astral em que muitos deles se encontram – o que já está acontecendo com alguns poucos membros da hierarquia que o cerca.

A outra opção é quando cada um deles conseguir construir no íntimo de si mesmos a condição de "renascimento espiritual", ainda que sob a égide de um corpo programado para impedir esse "despertar", possibilitando assim a superação do problema em curso.

NA VERDADE, para algumas das classes de clones, a "**falência vibratória**" já está acontecendo e nem toda tecnologia que eles dispõem consegue evitar isso. Entre eles, alguns acham a tal "morte" reconfortante, mas para outros, por força da doença do apego à sobrevivência advinda do criador, simplesmente lhes é inaceitável.

O Senhor Javé, por força da sua natureza, e apesar de todo o poder que

ainda é inerente à sua condição singular, a tudo observa com um misto de arrogância e de constrangimento, mesclado a um desespero que o obriga finalmente a aceitar dividir o comando do processo para o bem de todos.

Não se esqueça de que a **Justiça Divina somente age "posteriormente aos fatos"**, pois se agisse antes ou durante, estaria interferindo no livre-arbítrio do ser, e isso simplesmente é impossível de acontecer, por força das leis emanadas do Deus Incognoscível.

Assim, enquanto o Senhor Javé e os seus assessores estiverem no comando da gestão universal, **ninguém do Mais Alto lhes impedirá de fazer coisa alguma**, como ninguém impede qualquer criminoso ou doente da Terra de fazer isso ao aquilo.

A **conspiração do Bem e do Belo** se movimenta tentando inspirar a individualidade espiritual para que esta não aja de modo danoso aos critérios que **legislam a vida eterna**. Mas, como acontece comumente na Terra, **a semeadura será sempre livre conforme a opção do livre-arbítrio pessoal, porém, a colheita será obrigatória, e isso é inexorável também para o Senhor Javé e os seus filhos diletos**. Contudo, para eles, esse tempo ainda não chegou, mas não tarda!

Concluindo o presente capítulo, ressalto a importância da "maioridade espiritual" com a consequente "maturidade emocional" que uma comunidade planetária tem de possuir no seu psiquismo coletivo para lhe ser possível o acesso a essas revelações complexas e difíceis de serem digeridas. Contudo, isso é só o começo, o que é preocupante.

Assim procedo, na minha pequenez, já consciente de que a "conspiração amorosa finalmente parece ter dado certo". Agora é esperar e trabalhar para que os frutos do trabalho de muitos comecem a surgir neste mundo a partir do momento em que não mais por aqui reencarnarem espíritos complicados, cheios de débitos espirituais no seu currículo existencial. Isso permitirá à espécie *homo sapiens* somente dar guarida a individualidades cósmicas esclarecidas que aqui venham existir como seres humanos. **Surgirá, então, o tempo em que esta humanidade cumprirá com os altos propósitos a ela destinados nos primeiros sonhos do Senhor Javé quando a concebeu,** ainda que esta tenha caminhado por estradas que dificultaram em muito o cumprimento dos seus desígnios.

9

A SUSTENTAÇÃO ESPIRITUAL DO UNIVERSO

O que quer que tenha chegado a ser e o que quer que virá a ser, também toda a forma e tudo o que é sem forma – todas as coisas neste mundo (universo) são permeadas pelo Supremo Atman.

— SHIVA SAMHITA[1].

ESTE É MAIS um dos aspectos amargos da verdade por trás de Javé: desde que ele decidiu criar internamente, no âmbito da sua obra, tudo o que passou a existir, materialmente falando, necessitava de uma componente espiritual correspondente e, por conseguinte, o Mais Alto viu-se obrigado a fornecê-la para estruturar a indesejada criação da divindade adoentada.

Quais as implicações disso?

Resposta: Muitos dos espíritos que passaram a dar estruturação espiritual aos seres criados pela vontade do Senhor Javé e, mais tarde, pela multiplicação dos que tiveram de ser gerados como consequência do povoamento dos mundos deste universo, eles o **fazem por pura obrigação,** sem que tenham para tanto pedido. Contudo, aqui se torna implícito um aparente mistério que a ignorância dos humanos da Terra não permite que seja abordado convenientemente. Ainda assim, apesar de também fazer parte do grupo dos “ignorantes”, não fugirei à tentativa de tentar semear a reflexão em torno do “**mistério que existe por trás de cada ser**”.

Muitos dos que atualmente vivem na Terra sentem uma estranha “síndrome de estrangeiro”[2], o que leva a pensar que isso se dá porque seus espíritos, em tempos imemoriais, existiram em outros mundos deste universo,

o que não deixa de ser verdade. Porém, por trás desse **sentimento de inadequação ao modo de vida terreno**, o que realmente responde pela semente de tal sensação é o fato de os seus espíritos se sentirem **“vítimas do nascimento”,** o que causa esse “incômodo, meio que inconsciente”, no psiquismo humano.

“Sentir-se incomodado por viver na Terra”, eis um dos sinais que caracterizava o psiquismo dos primeiros membros da já desperta espécie *homo sapiens*, desde tempos imemoriais. Por força da inexorabilidade dos fatos, aqueles espíritos evoluídos ou em rota de evolução, que passaram a encarnar ciclicamente na espécie humana terráquea, foram sendo obrigados a se adequar ao fluxo interminável de peregrinações por uma natureza que, apesar de exuberante e bela na sua multiplicidade, traz no seu bojo uma **forma perversa em que simplesmente obriga uma vida a destruir outra(s) para poder sobreviver** à obrigatoriedade da existência.

Esse tipo de reflexão requer a já referida **maioridade espiritual e maturidade emocional para quem nela se obriga a penetrar, porque parece destruir o romantismo da vida** para poder percebê-la na sua crueza, no modo como ela se expressa no seu aspecto animal. Mas aqui importa outra reflexão: **um leão não pode meditar e decidir não se alimentar de uma zebra ou de um antílope**. A ele não é dada outra opção: ou destrói a vida alheia em todas as fases da sua vida ou simplesmente morrerá de fome; porque um leão não se alimenta de relva nem de frutos. A questão é: **que culpa tem o leão de ser um leão?** Nenhuma! E isso é óbvio.

Se existe, portanto, algum grau de problema na existência de um leão, a responsabilidade se encontra em quem o formatou. E isso se dá com toda a natureza terrestre. É uma questão do DNA que a tudo formou, ou melhor, que formou a todos os seres vivos dessa natureza.

O curioso é que, de todas as formas vivas da natureza planetária, somente a uma foi dada – e o Senhor Javé a princípio não queria isso – ter o poder de ser criativa e até mesmo evoluir os parâmetros dos seus hábitos alimentares, apesar de ter sido o próprio criador e seus anjos quem estimularam e ensinaram o homem terráqueo a se alimentar de outras vidas.

O conformismo que nós, humanos da Terra, apresentamos em nossas faces, posturas e atitudes, é fator preocupante para o progresso individual e, o pior, é também fator impeditivo para a redenção espiritual de todas as almas que dão sustentação à tresloucada aventura existencial levada a efeito pela iniciativa equivocada de uma divindade com problemas.

Somente o "**inconformismo não violento, responsável e produtivo" é que poderá ser fator de propulsão para esta comunidade planetária sair da terrível e vexatória situação existencial** em que se encontra. Outra forma não há!

Entregar-se a Jesus, a Buda, a Maomé, a Alá, a Javé, a Deus, aos deuses, aos espíritos, ao que seja, não resolverá o nosso problema – e aqui rogo desculpas, pois sei que estou ferindo suscetibilidades. O sentimento de religiosidade ajuda, mas não tem o condão de resolver. Conforme penso, na atualidade, isso tem, inclusive, atrapalhado bastante, **porque esta humanidade se acostumou a transferir para os ombros de Jesus, Buda, Deus, Javé, Espíritos e Extraterrestres, responsabilidades que nos são próprias, e isso é um atraso espiritual complicadíssimo**.

Atitude responsável e esclarecida, e não somente orações (sejam estas esclarecidas ou não), é o que este universo precisa para seguir adiante com os seus viajores no leme de suas próprias trajetórias. Espíritos, extraterrestres, Alá, Maomé, Buda e Jesus muito podem ajudar, mas é na **conta de cada esforço meritório que esta nova situação poderá um dia ser construída.**

Foi-se o tempo em que a felicidade estava ali, na próxima esquina, facilmente posta pela entrega total de alguém ao seu deus ou santo de devoção. Foi-se o tempo em que a promessa de um futuro dadivoso a ser construído somente pela fé encontrava guarida fácil no ingênuo modo de sentir e de pensar de boa parte desta humanidade. **A miserabilidade do presente é ainda o maior atestado de como as nossas crenças não respondem pelo que de fato ajuda no progresso humano.** Mas que seja!

Ainda existem muitos irmãos e irmãs planetários que estão acostumados a "pensar" do modo mais fácil e cômodo, a **iludir-se ainda em devoções impróprias e em submissões estéreis,** e sei que não estão prontos nem muito menos dispostos a abrir mão do seu credo de preferência, já que este é comumente utilizado como **refúgio. Triste é a religião que serve como esconderijo, e infeliz de quem se esconde para a vida!**

A única solução então possível, para que esta humanidade possa um dia efetivamente progredir, repousa num aspecto ao qual sempre que posso me refiro nas palestras que profiro, tentando despertar a reflexão sobre o tema, apesar de ferir a sensibilidade de muitos: **ainda bem que a morte existe!**

A morte dos nossos corpos transitórios é o que permite a vida seguir adiante na Terra. Se nós fôssemos eternos, apegados como somos às nossas opiniões, crenças, conceitos e verdades, como a vida na Terra poderia

evoluir? Simplesmente, penso que seria impossível. Ainda bem que os nossos corpos morrem e, com isso, os nossos espíritos podem se reciclar, quando isso lhes é possível, nos intervalos do fluxo reencarnatório.

Diante do exposto, o inconformismo é – das posturas a serem conscientemente assumidas pelos terráqueos – a que mais marcadamente deveria povoar o nosso psiquismo como modo de superação pessoal, e não como maneira de patrulhar a vida alheia, cobrando dos outros algumas atitudes que nós mesmos não logramos ter.

O inconformismo a que me refiro é com relação ao conformismo que temos, principalmente em relação a nós mesmos, do tipo: “Eu sou assim mesmo!”. Ora, se “sou assim mesmo”, o mundo também “será assim mesmo”! Como ficamos, então, enquanto espécie dita pensante e responsável pelo destino do planeta?

CONSTATAÇÃO:

Um dos traços mais impressionantes da personalidade do Senhor Javé é a sua assumida incapacidade de modificar a si mesmo no que quer que seja. O “eu sou o que sou” – que é o mesmo que dizer “eu sou assim mesmo” – é o seu principal problema, sob a perspectiva da sua psicologia pessoal. Infelizmente, o germe dessa doença se encontra inapelavelmente marcado no DNA animal de cada um de nós.

O que tem de ser refletido é o fato de que, para a condição humana, é bem mais o progresso espiritual com base na reforma íntima do que para o Senhor Javé e seus filhos diletos. Afinal, estes vivem em “conformidade” com os ditames do criador.

O FATO É QUE A NÓS, terráqueos, foi dada a possibilidade de não nos conformarmos com certas situações, “de não sermos assim mesmo”. Mas, com relação a esse aspecto da vida, tanto podemos infernizar mais ainda a existência com rebeliões estéreis quanto embelezá-las com a postura do inconformismo sadio, não violento, amoroso nas suas posturas e firme nos seus ideais.

Ser inconformista não é ser de esquerda ou de direita, ter ou não uma religião, pertencer a isso ou aquilo. É muito mais! **É sentir-se em desacordo com o palco de horrores que criamos neste mundo**, ao mesmo tempo em que estimamos e honramos, com as nossas melhores posturas e atitudes, a

todos os seres que aqui vivem, ainda que um dia o (a) leitor (a) venha a se sentir na contramão de tudo neste planeta, percebendo que está "fora da mentalidade de rebanho" que infelizmente marca a compulsão coletiva do fundamentalismo emocional de boa parte da nossa família planetária. Pense num dia feliz caso isso venha a acontecer! O peso é, às vezes, o da aparente solidão. Mas não se esqueça de que a solidão é o grande laboratório da alma, desde que vivenciemos a vida de modo destemido e com a dose de prudência que uma vida entre "lobos espertos" sempre requer. Mas isso somente enquanto ainda os "lobos espertos" venham a reencarnar neste planeta – o que está por pouco!

A esta altura, o (a) leitor (a) poderá se questionar sobre o tal mistério por trás de cada ser.

Está sendo afirmado que "nenhum" dos que existem neste universo como seres em evolução "pediu" para mergulhar nesse caos existencial.

Como isso se dá ou se deu? Por que estamos todos sendo violentados pelo fato de existirmos neste aparente palco de horrores sem termos sido consultados? Seria mais ou menos assim que a lógica terrestre arquitetaria os seus questionamentos em torno da existência individual no âmbito da obra do Senhor Javé.

Pelo que me é possível retratar, somente existe uma maneira de compreendermos que essa questão é inapropriada, que ela não procede, que não existe violência em o meu ego ou o seu achar que, preferencialmente, seria mais elegante para a Providência se nenhuma alma sequer fosse ofertada à obra em curso do Senhor Javé ou, em outras palavras, se simplesmente não estivéssemos existindo de modo obrigado nessas condições.

O exercício de reflexão é simples porque nos permite entender que **não existia "eu" ou "você" quando a divindade decaiu e tornou-se prisioneira da própria obra**. A única exceção seria se o meu "eu" ou se o seu "você" fosse uma individualidade espiritual que já existisse como divindade, espírito superior ou como cidadão de outro universo, dos muitos que já existiam e ainda existem antes do surgimento deste em que atualmente vivemos.

Esclareço, portanto, que a reflexão em curso somente se aplica aos espíritos que foram criados do modo "simples e ignorantes" pelo Deus Incognoscível e Seus Prepostos, para passarem a existir na criação do Senhor Javé, conforme corretamente apontado pelos esclarecimentos advindos da já referida Revelação Espiritual codificada por Allan Kardec.

Imagine o seguinte: vamos proceder a um retrocesso existencial do

momento presente até o momento em que o Pai ou a Mãe Incognoscível cedeu de si mesmo uma “mônada existencial-espiritual” e nos “individualizou” para a longa jornada evolutiva pelos muitos reinos das realidades planetárias da criação do Senhor Javé.

Tomemos o personagem hipotético chamado Tomé como existindo atualmente com este seu nome e, obviamente, com a personalidade que o define. Onde ele se encontrava antes disso? Em algum ambiente espiritual, no intervalo entre as reencarnações que o seu espírito encontra-se inserido. Antes de se encontrar nesse ambiente espiritual, onde ele se encontrava? O espírito de Tomé estava reencarnado como outro alguém terráqueo, com outro nome e “vestido” com outra personalidade. E não vou abusar da paciência do (a) leitor (a) e vou logo situar um “antes” mais longínquo nesse retrocesso.

O espírito de Tomé, antes de ter chegado a Terra para aqui começar o fluxo das muitas encarnações com vistas ao seu progresso espiritual, foi, neste exemplo, um exilado que já existia como ser pensante em outro mundo pertencente a este universo. E antes disso, onde se encontrava o seu espírito? Em algum outro ambiente espiritual vinculado com esse mundo no eterno e incessante fluxo de vidas que promove o progresso espiritual.

– Ok! – dirá o (a) leitor (a) – “e antes disso?

Vamos supor que o seu espírito, antes de ter despertado em si a condição de ser pensante, estava se adestrando, vivendo em outros reinos comuns a outras naturezas planetárias que vão despertando o sentido do “si mesmo” (*self*) na mônada individual. Seria como se, no caso da Terra, essa mônada fosse existindo nas rondas evolutivas apontadas corretamente pela Teosofia e, obviamente, o espírito do atual “Tomé”, se não fosse um exilado que veio para a Terra em tempos imemoriais, poderia simplesmente estar evoluindo nos reinos mineral, vegetal e animal do nosso planeta, como foi o caso de boa parte dos espíritos que forma atualmente esta humanidade, os quais foram despertando seus psiquismos ao longo das existências nos reinos da flora e da fauna da natureza terrestre.

Observe que, a essa altura, o sentido de um “eu” ou de um “ego” corresponde ao de um psiquismo que pouco a pouco vem despertando a sua responsabilidade existencial, mas que ainda não tinha consciência de ser alguém individualizado da fonte que o gerou enquanto mônada espiritual. Em outras palavras, nesse ponto do retrocesso, **não mais existia um “eu”** (em outro sentido, **ainda não existia um “eu”**) para poder exercer a opção de

escolher “isso ou aquilo”, em termos de possibilidade existencial.

Assim, o questionamento quanto ao “e antes disso tudo, onde estava o espírito de Tomé”, somente pode ter como resposta o fato de que a mônada que um dia, no futuro distante daquele momento, veio a se transformar na sua atual personalidade de Tomé, ou seja, simplesmente, **“antes da criação deste universo” não existia como ser pensante.**

É nesse ponto que precisamos entender que **não havia “ninguém” para ser consultado sobre “querer ou não existir” na criação inapropriadamente gerada pela divindade com problemas**.

Por isso não há violência no sentido aparentemente lógico da condição humana em sua individualidade se sentir “obrigada a existir sem ter sido para tanto consultada”. Simplesmente ninguém, entre os que começaram a sua evolução neste universo e adjacências, **existia como ser individualizado ao tempo da tragédia da divindade**. A exceção, como já dito, é somente para aquelas almas que já existiam nas condições anteriormente citadas – o que é o caso de uma pequena, porém, considerável parcela desta humanidade.

Assim, permanece a inquietante sensação do “ser obrigado a existir”, sob a égide da condição humana, nessas circunstâncias aparentemente caóticas. Mas isso porque nos enganamos pensando que somos desde há muito essas atuais personalidades que nos definem. Mas isso é outra história.

O que pretendo, e que deve restar para a reflexão construtiva, é o fato de que **hoje muitos existem como individualidades graças ao Senhor Javé e à sua problemática criação**. Contudo, aos seres evolutivos, como é o nosso caso na Terra, ofertou-se a possibilidade de evoluir espiritualmente, a qual nos permite, a qualquer um de nós, continuar reencarnando na obra do Senhor Javé por um simples desejo da nossa vontade espiritual, para assim podermos ser úteis ao progresso dos demais afetos que compõem a família cósmica à qual pertencemos.

A outra opção, como infelizmente é a condição de quase a totalidade desta humanidade, é continuar sendo prisioneiro das idas e vindas entre as esferas espirituais e as vidas físicas até que alcancemos a redenção das nossas consciências. Nessa perspectiva, na medida em que fomos, um dia no pretérito espiritual, criados como seres aparentemente individualizados, temos toda a eternidade para isso almejar. Parte dessa eternidade seguramente poderá ser passada nos rincões deste universo enquanto ele assim existir.

É assim, portanto, que ocorre o que aqui está sendo chamado de “sustentação espiritual” deste universo.

Os **nossos espíritos individualizados são os reais personagens por trás dos acontecimentos terrenos**. E o termo “individualizado” requer um grau de sabedoria para sua utilização porque, na verdade, esse aspecto somente se dá no usufruto do livre-arbítrio individual que aciona os mecanismos das leis de causa e efeito, de ação e reação, que legislam sobre os méritos e deméritos espirituais. Mas **estamos todos indelevelmente vinculados uns aos outros**, como hoje já nos demonstram os postulados da percepção quântica da realidade que nos cerca, como já abordado no livro “*O Drama Cósmico de Javé*”.

A percepção de estarmos separados uns dos outros é pura ilusão promovida pelo condicionamento dos nossos cérebros animalizados, os quais, obviamente, foram programados para tanto, de acordo com a realidade da percepção pessoal do criador deste universo.

O fato é que, sob todas as perspectivas – à exceção daquelas que ignoram a realidade por trás da fenomenologia universal –, o universo em que vivemos, apesar de majestoso e impressionante, é um grande problema para as ordens da hierarquia divina que a tudo controla. Como já dito, ele simplesmente não deveria existir.

Por mais intrigante e “politicamente incorreto” que essa afirmativa possa parecer, é exatamente isso que há muito é sobejamente sabido pelos espíritos que residem nos ambientes espirituais superiores que acompanham o desenrolar dos acontecimentos neste mundo e nas demais partes deste universo. A questão é que somente agora isso é revelado por contingências do jogo das possibilidades do que pode ou não ser percebido pelas gerações humanas terráqueas ao longo de sua jornada evolutiva. Contudo, os que existem na condição espiritual, libertos dos corpos transitórios comuns aos mundos deste universo, nada podem fazer, a não ser projetarem as suas individualidades para inspirarem os seus afetos, agindo momentaneamente como atores e atrizes desta peça universal.

Além disso, “projetar as suas individualidades para o interior do universo” também significa nascer para os mundos materiais densos existentes no âmbito do mesmo, o que é feito, no caso da Terra, através do processo das reencarnações cíclicas, tema já esclarecido pelas religiões e doutrinas espiritualistas.

E é fato que dessas regiões elevadas da Espiritualidade muitos se põem em risco para poderem exercer o único modo de contribuir para que essa história possa ter um final feliz. No entanto, muitos espíritos se encontram

presos às regiões inferiores adjacentes ao planeta, e o fluxo incessante de reencarnações que delas também se processa para o mundo terreno é outro aspecto da questão que precisa ser observado na arquitetura do entendimento em torno do contexto maior que envolve a vida na Terra.

Essas últimas reencarnações são complicadas para o progresso do mundo terreno, mas são inevitáveis, na medida em que todas as individualidades espirituais que estão presas à criação administrada por Javé precisam evoluir para que a história tenha o "final feliz" referido anteriormente.

E temos de chegar a esse ponto antes que o nosso universo alcance o seu estágio final de expressão no nível material que estamos habituados a perceber.

Um dos grandes problemas em torno dessa questão é o "modo como Javé" tem administrado o que ele chama de "seu universo" e à coletividade de seres que nele atualmente se encontra inserida.

Outra grande componente problemática desse contexto é o "modo comportamental" de muitas dessas individualidades, que se tornaram reféns das vidas sucessivas nos mundos deste universo, a partir do trânsito obrigatório e inevitável pelas regiões inferiores da espiritualidade adjacente a Terra, ou seja, a "doença do comportamento espiritual equivocado" que seus egos mal-administrados impuseram a si mesmos por força dos erros e equívocos repetidamente cometidos.

Estão **todos aprisionados e reféns do progresso deste universo**, a saber, Javé, seus assessores diretos que lhe são semelhantes, e as populações dos mundos atrasados – como é o caso dos que vivem na Terra – que migram sucessivamente das regiões inferiores e complicadas da espiritualidade para as vidas terrenas e vice-versa, sem que consigam romper esse vai-e-vem que aparentemente parece somente piorar o problema.

Escrevendo com outras palavras o que foi afirmado anteriormente, poderíamos dizer que, no âmbito dos que vivem neste universo, os "assessores" de Javé que aqui residem e outras famílias planetárias pouco evoluídas também residentes neste universo estão reféns uns dos outros para que o conjunto universal possa evoluir.

Para além destes, existem famílias planetárias que residem neste universo, mas que já evoluíram e ajudam como podem ao objetivo de redenção universal comum. Estas últimas, porém, são civilizações extraterrenas já tão evoluídas que não mais necessitam do viés da disciplina imperiosa do Senhor Javé, até porque seus membros, sob a perspectiva espiritual dos indivíduos

que as formam, encontram-se em melhor posição de “marco vibratório pessoal” que o próprio Javé, apesar de este último ser, para essas civilizações, para todos os efeitos, uma divindade, ainda que adoecida.

Também aparecem no conjunto dos “reféns uns dos outros”, as individualidades que residem nas outras dimensões criadas pela divindade problemática, dimensões estas adjacentes ao universo físico material as quais ressaltarei novamente aqui apenas para facilitar o entendimento. São elas:

Níveis Astrais Distintos: onde atualmente residem o Senhor Javé e algumas classes de seres por ele criados para o assessorarem na administração universal;

Regiões ou Esferas Inferiores: comuns às “espiritualidades planetárias” onde estão aprisionados incontáveis individualidades espirituais com toda ordem de problema.

No caso do nosso planeta, o que acontece nas regiões inferiores do que aqui poderíamos chamar de “espiritualidade terrena” há muito já foi esclarecido pela já referida Revelação Espiritual, surgida na França na segunda metade do século XIX.

O que, porém, ainda não foi devidamente compreendido pelos que se encontram na vanguarda do espiritualismo planetário é que somos nós, os espíritos pensantes subordinados aos corpos transitórios deste universo, que formamos o grande alicerce de sustentação, tanto o da criação quanto também e, mais especificamente, o do próprio ser criador, já que este se encontra desassociado da alma que lhe é própria.

10

A TRAGÉDIA DESPERCEBIDA

SE ESTIVER correto o que está sendo apresentado aqui, esta humanidade muito teve de caminhar para se habilitar a perceber um aspecto óbvio apontado pela realidade que nos envolve, mas cuja "obviedade" somente poderia ser percebida por meio do avanço do pensamento humano já espiritualizado e alicerçado no progresso científico. O interessante é que esse progresso, cujo "desbravar das fronteiras" que nos limitam e embotam a percepção atingiu atualmente um ponto do qual não se pode mais retornar, aponta para um aspecto singular da nossa existência: o de que estamos indelevelmente interligados a absolutamente tudo e todos à nossa volta.

Percebamos ou não, desejemos ou não, o senso de aparente individualidade que temos é falso, na medida em que a caminhada evolutiva é conjunta, apesar de que o motor da arrancada e a manutenção da "velocidade evolutiva" repousam no caráter espiritual por trás de cada personalidade presente neste universo. O curioso é que **todas as espécies pensantes e viventes deste universo foram criadas com um objetivo extremamente claro**; e de tão óbvio, paradoxalmente ele permanece como quimera perante os desavisados olhos humanos.

CONSTATAÇÃO:

Nós, e os demais seres extraterrestres inseridos na sua obra, fomos criados para servir de corpo evolutivo para o ser criador deste universo. Este é o fato óbvio por trás do processo de criação universal. O espantoso foi e é o fato das religiões terrenas jamais terem percebido isso.

NA VERDADE, tudo o que costumamos perceber da realidade que nos rodeia parece ser uma grande camuflagem urdida por força dos efeitos advindos da forma como se deu a criação universal associados aos parâmetros do projeto inicial presente na mente da divindade, antes da sua queda. Afinal, estamos lidando com um "**ser mental incapacitado espiritualmente**" de **administrar seres pensantes com liberdade de ação**. Contudo, esse ser se acha no comando de um processo o qual, conforme o tirocínio que lhe é próprio, pensa que somente ele poderá conduzi-lo, o que obviamente é um equívoco de sua parte. Pena que, por força da natureza que o marca, o Senhor Javé jamais tenha percebido a magnitude do problema do qual ele é o principal foco.

Observe o que Amit Goswami[1] nos diz em seu livro "Deus não está morto":

> *Com efeito, os cientistas materialistas não conseguem superar as maravilhas da vida exterior, sempre limitada por sua camuflagem. Tão cegos ficam pela camuflagem que chegam a tentar aplicar sua ciência do mundo exterior para tratar o interior como epifenômeno. Não foi Abraão Maslow que disse: "Se você tiver um martelo na mão, verá cada problema como um prego"?*
>
> *E, com efeito, foi o esforço de penetrar a camuflagem que nos deu as maduras tradições espirituais e seus métodos para se alcançar estados sutis da consciência além do ego. A camuflagem da separação dos macro-objetos se dissolve nos estados sutis de consciência. Mas como podemos ver a unidade entre exterior e interior, corpo e mente, sem o benefício da consciência superior?*

Agora é chegada a oportunidade de expor o que talvez seja o principal aspecto por trás da **fenomenologia** da nossa existência material.

CONSTATAÇÃO:

Existe uma consciência una e indivisível por trás de absolutamente tudo o que nos parece ser uma realidade onde todos se sentem apartados.

A tragédia é que esta consciência era a que existia ou a que residia na mente espiritual da divindade que decaiu. Por esta ter, vamos dizer, perdido o seu "corpo mental" que indevidamente "quase se separou" –

apenas se apartou temporariamente – da sua "constituição pessoal enquanto divindade", esta consciência não consegue mais se expressar, nem na sua condição de divindade "implodida e não atuante" nem muito menos no foco da sua nova condição de existência transmigrada para uma situação inferior e reconstituída como o Senhor Javé que conhecemos.

Este ser menor não pode mais expressar o nível de consciência que lhe marcava a condição divina antes da queda. O "truque mental" criado pela mente divina para compor as faixas de realidade da sua criação é agora fator limitante para o próprio Senhor Javé, que dele é também refém, no nível dimensional em que hoje se encontra.

E ESSE TRUQUE – para os que vivem na faixa de realidade deste universo – é simplesmente tão bem-feito que remete o cérebro animal à sensação de uma existência material plena, como se mais nada houvesse por detrás do engraçado senso dessa certeza que temos quanto à realidade em que vivem os corpos materiais que nossos espíritos transitoriamente são forçados a habitar.

Esse **"truque ou camuflagem"** vai se tornando mais ou menos preciso e imperioso, dependendo da faixa de realidade existencial em que se encontre o "observador"; ou seja, o cidadão existente neste ou naquele nível dimensional dos que passaram a existir com a criação da divindade.

E o que ele poderá perceber ou estará programado para perceber dependerá da velha questão do alinhamento do cérebro animal transitório com a mente espiritual eterna e a consciência profunda que, conforme penso, responde pelos efeitos causados em nosso senso de realidade por força da necessária estruturação espiritual que existe por trás de tudo o que é material-denso.

Observe o que nos diz Ervin Laszlo[2] a respeito no livro "A Ciência e o Campo Akáshico".

> *A visão de que a consciência é produzida no cérebro e pelo cérebro é apenas uma das muitas maneiras pelas quais pessoas com inclinação filosófica têm concebido a relação entre o cérebro físico e a mente consciente. É a maneira materialista. Ela sustenta que a consciência é um tipo de subproduto das funções de sobrevivência que o cérebro realiza para o organismo. À medida que os organismos se tornam*

mais complexos, eles precisam de um “computador” mais complexo para pilotá-lo de modo que possam obter o alimento, o cônjuge e os recursos relacionados de que precisam a fim de sobreviver e de se reproduzir. Num dado ponto desse desenvolvimento, a consciência aparece. Disparos neuronais sincronizados e transmissões de energia e de substâncias químicas entre as sinapses produzem o fluxo qualitativo de experiências que compõe a trama da consciência. A consciência não tem importância primária no mundo; ela é um “epifenômeno” gerado por um sistema material complexo: o cérebro humano.

A maneira materialista de conceber a relação entre o cérebro e a mente não é a única maneira. Os filósofos também descrevem a maneira idealista. Na perspectiva idealista, a consciência é a primeira e única realidade; a matéria nada mais é que uma ilusão criada por nossa mente. Essa suposição, embora bizarra à primeira vista, faz igualmente muito sentido: afinal de contas, não experimentamos o mundo diretamente; nós o experimentamos apenas da nossa consciência. Normalmente, nós supomos que existe um mundo físico qualitativamente diferente além da nossa consciência, mas isso pode ser uma ilusão. Tudo o que experimentamos poderia ser parte da nossa consciência. O mundo material poderia ser apenas nossa invenção, que forjamos à medida que tentamos dar um sentido material ao fluxo de sensações em nossa consciência.

Em seguida há o modo dualista de conceber a relação entre o cérebro e a consciência, a matéria e a mente. De acordo com os pensadores dualistas, a matéria e a mente são ambas fundamentais, mas são inteiramente diferentes, não se pode reduzir uma à outra. As manifestações da consciência não podem ser explicadas pelo organismo que as manifesta, nem mesmo pelos processos assombrosamente complexos do cérebro humano. Nessa visão, o cérebro é a sede da consciência, mas não é idêntica a ela.

Na história da filosofia, o materialismo, o idealismo e o dualismo foram as principais maneiras de se conceber a relação entre o cérebro e a mente. O materialismo ainda é dominante nos dias de hoje, mas a adesão a ele coloca problemas incômodos. Como diz o filósofo da consciência David Chalmers, o problema com que ele se defronta é o de saber como “algo tão imaterial como a consciência”

pode surgir de “algo tão inconsciente como a matéria”. Em outras palavras, como a matéria pode gerar a mente?

Eis a questão: uma **consciência individualizada** que se **manifesta**, em alguma **faixa de realidade**, por **meio** da sua “**mente espiritual**”, ao **subordinar esse conjunto** à máquina de ressonância cerebral dos **corpos animais** terrenos, “provoca toda essa situação”. Isso, porque, afinal, alguém que se encontrava fora da “*matrix*” criada pelo Senhor Javé agora precisa nela adentrar e, para tanto, tem de subordinar a sua consciência pessoal à vestimenta comum aos **padrões estruturadores** daquela faixa de realidade.

E o truque é tão bem-feito que nem nela entra, além de **perder a noção sobre si mesmo,** por força do apagar da consciência original. Começa, inclusive, a pensar que nada mais existe além do que agora “percebe como sendo realidade”.

Ao que tudo leva a crer, o “apagar da consciência” de cada espírito que se submete à criação do Senhor Javé tem a ver com a sua doença, por si só aparentemente inescrupulosa, quanto ao fato de ele usar outros espíritos para poder dar curso evolutivo à sua criação.

O (a) leitor (a), porém, não deve esquecer que o prisma do qual essas informações partem é o de que o Senhor Javé, ao conseguir se reconstruir nos moldes em que se fez agora prisioneiro no âmbito da própria criação, não tinha como ter ideia de que a máquina de vida densa material recém-criada forçaria o Mais Alto a obrigar seus pares a irem para o sacrifício existencial numa aventura cheia de riscos e destituída de propósito.

Essa é a triste verdade por trás do caótico processo existencial desse universo e alhures, o que, em tese, inocentaria o Senhor Javé perante qualquer tribunal. Contudo, a história anterior ao evento da criação indevida não é tão simplória assim, que permita “um juízo de valor” nos termos de “inocente ou culpado”, conforme a lógica terrena. O problema é muito mais sério e se encontra totalmente fora da ótica humana, da dos assessores do Senhor Javé e da que lhe é própria.

Na minha pequenez, e formatando uma ponderação que sequer deveria existir – eu a formulo apenas com o intuito de semear reflexão sobre o tema – penso que até deve ter, realmente, existido um tempo ou etapa em todo esse processo no qual ao Senhor Javé pudesse ter sido dado um “desconto significativo de atenuantes cármicos” por força dos fatos. Contudo, quando ocorreu a geração de outros seres a partir da sua desesperada arrogância

criativa, ele fez com que outras individualidades, além dele próprio, se tornassem prisioneiras de uma violência existencial que parece jamais ter fim. Esse aspecto da questão faz com que as citadas atenuantes deixem de existir no sentido da não incriminação do feitor de uma causa que foi e é motivo de escândalo, seja para as individualidades que já existiam antes desta criação universal, e seja também para as demais, geradas para se transformarem na sua necessária e inevitável sustentação espiritual.

Essa interminável tragédia espiritual que vem se desenvolvendo desde o primeiro momento da indevida criação universal, como já refletido anteriormente, encontra-se longe de ter um "fim". Este somente poderá vir em "bons termos" se o Senhor Javé assumir uma **atitude diferente** de todas as que até o momento se acostumou a tê-las como sendo o seu "estilo pessoal" ou como o seu "modo de ser".

Registrando mais uma vez: eis o **"sonho" da já referida conspiração amorosa que o envolve,** pois que todo esse esforço visa a **motivar o Senhor Javé a dar início ao seu processo pessoal de "reforma íntima"**, ainda que, para ele, isso não se dê nos moldes que seriam compreensíveis para a ótica humana.

CONSTATAÇÃO:

Estamos todos por aqui formando, sem que o saibamos – pelo menos por enquanto –, uma espécie de "mente coletiva universal" que um dia funcionará de modo a reconduzir o "Ser Mental e Múltiplo", a quem chamamos de Senhor Javé – mera expressão do corpo mental de divindade adoecida – à sua condição original de divindade.

PARA QUE MELHOR POSSAMOS COMPREENDER ESSE processo, sou forçado a convidar o (a) leitor (a) a enveredar pelo antigo modo de pensar oriental, associado aos avanços hoje disponíveis em torno da compreensão dos postulados quânticos.

Na antiga filosofia hindu eram apontados cinco elementos como sendo os formadores de absolutamente tudo o que podia existir. O primeiro e mais importante de todos era *akasha*, sendo os demais *agni* (fogo), *ap* (água), *vata* (ar) e *prithivi* (terra).

Akasha é uma palavra sânscrita que pode ser entendida como sendo "éter", "radiação" ou mesmo "brilho", e era então considerado o mais

fundamental porque, entre outros aspectos, *akasha* abrange as propriedades de todos os elementos; e, segundo o entendimento antigo, *akasha* era o **foco irradiador ou o ventre de onde emergiu tudo** o que se pode perceber como realidade sob a perspectiva terrena.

Os famosos "registros akáshicos" têm como base exatamente o fato de que tudo o que aconteceu e está acontecendo permanece registrado nesse elemento que permeia o todo universal.

O que a ciência diz a respeito disso?

Vejamos o que nos informa a respeito Ervin Laszlo[3].

> *Sabemos que as interações entre as coisas do mundo físico são mediadas pela energia. A energia pode adotar muitas formas – cinética, térmica, gravitacional, elétrica, nuclear e efetiva ou potencial – mas em todas as suas formas a energia produz algum efeito, de uma coisa para outra, de um lugar e um tempo para outro lugar e outro tempo. Isso é verdade, mas não é toda verdade. A energia precisa ser transportada por alguma coisa; ela não atua no vácuo. Em vez disso, os cientistas estão agora chegando à clara percepção de que realmente atua em um vácuo, a saber, no vácuo quântico. O vácuo está longe de ser vazio: como já vimos antes, ele é um plenum cósmico ativo e fisicamente real. Ele transporta não apenas a luz, a gravitação e a energia em suas várias formas, mas também a informação; mas exatamente, a "in-formação".*
>
> *Mas, o que é a "in-formação"? Responde-nos Ervin Laszlo.*
>
> *A in-formação é uma conexão sutil quase instantânea, não evanescente e não energética entre coisas em diferentes locais do espaço e eventos em diferentes instantes do tempo. Tais conexões são denominadas "não locais" nas ciências naturais e "transpessoais" nas pesquisas sobre a consciência. A in-formação liga coisas (partículas, átomos, moléculas, organismos, ecologias, sistemas solares, galáxias inteiras, assim como a mente e a consciência associadas com algumas dessas coisas) independentemente de quão longe elas estejam umas das outras e de quanto tempo se passou desde que se criaram conexões entre elas.*
>
> *A in-formação transportada no vácuo e através dele pode responder pelas enigmáticas formas de coerência que encontramos nos vários mínios da natureza. A maneira como esse processo*

acontece pode ser reconstruída com base em teorias apresentadas na linha de frente da nova física.

Uma teoria muito discutida, apresentada pelos físicos russos G. I Shipov, A. E. Akimov e colaboradores, oferece um relato matematicamente elaborado da ligação entre eventos próximos ou distantes através do "vácuo físico". O ponto essencial de sua teoria afirma que as partículas carregadas "excitam" o estado fundamental do vácuo e criam nele vórtices diminutos. O campo resultante é um sistema de pacotes de onda giratório de elétrons e pósitrons... Os vórtices desse campo carregam informação, ligando partículas com a estonteante velocidade de grupo de 10^9 c, isto é, um bilhão de vezes a velocidade da luz.

A teoria apresentada pelo teórico húngaro Laszlo Gazdag fornece explicação análoga. Ele toma como base o fato bem conhecido de que partículas que têm a propriedade quântica conhecida como "spin" também têm um efeito magnético: elas têm um momentum magnético específico. O impulso magnético, Gazdag sugere, é registrado no vácuo sob a forma de vórtices diminutos. Como acontece com os vórtices na água, os vórtices que habitam o vácuo têm núcleos ao redor dos quais circulam outros elementos – moléculas de H_2O no caso da água, bósons virtuais (partículas de força) no caso do campo do ponto zero. Esses minúsculos vórtices carregam informação, de maneira muito parecida com os impulsos magnéticos num disco de computador. A informação transportada por um dado vórtice corresponde ao momentum magnético da partícula que o criou: é informação sobre o estado daquela partícula.

Essas diminutas estruturas rodopiantes viajam no vácuo, e interagem umas com as outras. Quando dois ou mais vórtices se encontram, eles formam um padrão de interferência que integra a linhagem de informações sobre as partículas que os criaram. Esse padrão de interferência transporta informações sobre todo o ensemble das partículas que produziram os vórtices.

As teorias de Shipov, Akimov e Gazdag proporcionam uma formulação científica dos processos de formação das ondas e de criação de memória das ondas... no extraordinário vácuo quântico. (...) Desse modo, o vácuo transporta informações sobre átomos, moléculas, macromoléculas, células e até mesmo sobre organismos, e

populações e ecologias de organismos. Não há nenhum limite evidente para a informação que os campos de ondas que interferem no vácuo poderiam conservar. No cômputo final, eles poderiam transportar informações sobre o estado de todo o universo.

Devemos notar que a informação no vácuo não está localizada, confinada apenas num único local. Como acontece num holograma, o vácuo transporta a informação em forma distribuída, presente em todos os pontos onde os campos de ondas se propagaram. Os campos de ondas que interferem no vácuo são hologramas naturais. Eles se propagam quase instantaneamente, e nada pode atenuá-los ou cancelá-los. Desse modo, os hologramas da natureza são hologramas cósmicos. Eles conectam – "in-formam" – todas as coisas com todas as outras coisas.

Assim, a *matriz akáshica* – atente bem o (a) leitor (a) – que se **encontra de certo modo ainda "vinculada" à consciência da mente que a gerou, permanece à disposição de todas as individualidades que existem no âmbito do seu "envolvimento vibratório". O interessante é que ela se deixa influenciar e influencia tudo** o que com ela vibra em coexistência, estando aí inseridos, de modo muito especial, os seres pensantes.

O senhor Javé é hoje um dos que influencia a *matriz akáshica* e dela recebe influencia como todos os mais seres individualizados existentes no âmbito da criação universal, nada tendo a ver a seu favor a sua condição perdida de divindade criadora da dimensão existencial da qual terminou por se transformar em prisioneiro.

De sua "condição existencial anterior", que permanece existindo, mas como se "desligada", sem função, ele recebe o vínculo vibratório sem que isso signifique propriamente "alguma coisa" – e aqui falham quaisquer palavras ou metáforas que possam ser arquitetadas em torno da questão.

É sob esta perspectiva que proponho uma reflexão em torno de uma "**mente universal**" como fator de propulsão da atual condição doentia do Senhor Javé para outra, melhorada, que lhe permita a redenção de si mesmo e a reconquista da sua condição anterior agora perdida. Sobre este assunto voltarei a me referir no último capítulo deste livro. "Mas daqui até que esta humanidade possa perceber o que nestas páginas está sendo abordado, muito tempo terreno deverá ainda passar" – poderá pensar o (a) leitor (a). Talvez não!

Toda mudança de paradigma somente acontece quando precedida pelo acúmulo de dados e de observações que não mais se enquadram na visão de mundo antes aceita.

Observando-se o passado recente, hoje é sabido que ocorreu uma mudança de paradigma substancial com a ocorrência de uma revolução que modificou a visão de mundo da ciência antes mecanicista (o mundo mecanicista de Newton) para a concepção do universo relativista de Einstein.

Tempo virá em que, quando a revelação cósmica que ora se inicia tiver tido os seus alicerces informativos semeados no conhecimento deste mundo, a visão científica será obrigada a formular um novo entendimento para traduzir a antiga **realidade universal** antes vista como sendo mecanicista, depois relativista, mas que agora parece nada mais ser do que o **espaço existencial multidimensional do Senhor Javé**, enquanto divindade dotada de um *software* mental gerador de faixas de realidade que terminou por nele se aprisionar.

Abordando o tema de outro modo, chamo a atenção do (a) leitor (a) para um fato singular e de extrema importância: o do **elétron assumir, nesse contexto, a função de "célula memorial" da matriz akáshica.** E nunca é demais recordar que na natureza universal nada se cria ou se destrói, mas tudo está em permanente transformação, e o **elétron é quem executa a dança formadora da realidade** saltando de órbita em órbita atômica, combinando os elementos químicos formadores das moléculas e, por conseguinte, dos "tijolos" que constroem a realidade como a concebemos.

Para além dessa abordagem superficial, existe o "princípio da conservação da energia", que aponta que a energia nunca é criada ou destruída. Ela se transforma de um tipo em outro (energia química, elétrica, mecânica, térmica). Isso implica aferir que em um sistema isolado, o total de energia existente antes de uma transformação é igual ao total da energia obtido depois da transformação, como ensinado pela física.

Assim sendo, é hora de perceber que uma individualidade espiritual, quando assume qualquer forma corporal estruturada a partir do **jogo dos elétrons (jogo do Senhor Javé), é da sua responsabilidade marcar o melhor conteúdo vibratório possível em cada um dos trilhões de elétrons**, que de algum modo formam temporariamente o seu corpo. O que dá a entender, portanto, que após devolver o corpo tomado por empréstimo à arquitetura da obra do Senhor Javé, este espírito terá sempre o "dever moral"– sob a ótica da responsabilidade espiritual – de efetivar a sua cota de

contribuição, não só **possibilitando o progresso que lhe é próprio, como contribuindo com a redenção do Senhor Javé**, na medida em que devolve à natureza planetária universal “elétrons marcados pela força do amor”, quando é o caso de uma individualidade minimamente espiritualizada.

Observe bem um detalhe intrigante sobre o “**jogo da evolução universal por meio da marcação vibratório-energética dos elétrons**”: foi a mente da divindade que formatou o “jogo evolutivo dos elétrons” antes da sua queda. Como esta, enquanto reconstruída sob a forma do Senhor Javé, veio a se transformar em “prisioneira do jogo” e dele depender para poder também evoluir, é como se o **criador tivesse se transformado**, sob certa perspectiva, na “**bola do jogo**”.

A metáfora, além de inapropriada, é terrível, eu sei, mas o interessante é que **ele não é um dos jogadores ativos do processo em curso da evolução universal,** por força da sua natureza doentia e incompleta. Nem ele nem muito menos os que se lhe assemelham. Nós – os seres evolutivos – **somos aqueles que influenciam a trajetória da “bola cósmica”** para aqui ou acolá, para este ou aquele estado, dependendo da nossa habilidade em jogar bem ou de sermos uns desajeitados “pernas de pau”, conforme apontados pela gíria futebolística. Aqui, implica a percepção de que a “ausência do amor” em nossos corações é o que nos qualificaria como “pernas de pau” na peleja cósmica de redenção de toda uma coletividade. Outro aspecto pitoresco ainda a ser ressaltado sobre a questão é o de o Senhor Javé agir como o “**dono da bola e do campo de jogo**”, além de ainda querer que todos os jogadores somente ajam de acordo com as suas definições.

Como é que direcionamos a “bola do jogo cósmico” nessa ou naquela direção existencial? Através das **emoções que plasmamos nos elétrons que formam os elementos químicos que, por sua vez, formam o DNA** – que é a ponte energético-física que interliga a todos os seres viventes da criação – de cada um e de todos.

Importa, porém, ainda ressaltar o que anteriormente já foi abordado, que é o aspecto de que, ao assumir transitoriamente um “corpo à base de elétrons” comuns ao universo do Senhor Javé, isso representará sempre para o espírito um **fator de risco** considerável. Isso porque os traços da doença e das imperfeições do criador estão inevitavelmente presentes no código existencial dele herdado.

CONSTATAÇÃO:

Eis um dos aspectos da tragédia deste universo: todos os que nele nascem adoecem inevitavelmente, por herdarem, de alguma forma, um "corpo" com o DNA adoentado de Javé. Assimilando a doença, esses espíritos se obrigam a evoluir para dela se libertarem. Assim fazendo, estão ajudando à correta formatação do DNA de Javé, único modo dele se libertar da forma doentia e se reunificar à sua condição de divindade.

EM SENDO verdade o aqui se encontra exposto, somente pode ser desesperador o estado espiritual dos que se encontram inexoravelmente vinculados à desdita existencial do Senhor Javé – como é o caso dos seus anjos-clones – e que disso possam ter algum parâmetro de percepção direta. Mais ainda pelo fato de que existe uma "**corrente cósmico-espiritual**" que defende a tese de que a divindade "**caiu de propósito**" na sua criação, e não por força de um erro. Isso implicaria que ela o teria feito com o objetivo de marcar em si mesma um conjunto experiencial de informações que seria de extrema importância para outra questão "pendente do paraíso". Infelizmente, teriam ocorridos problemas na "queda" ou na "entrada" em uma das novas faixas de realidade então geradas.

Sob esta perspectiva, **essa divindade seria um "herói" que "se deu mal" e terminou criando um "problemaço" igual ou maior ao que pretendia resolver** – esta é a tese "B" quanto à queda da divindade em questão. Tudo o que "julgo ter entendido do que pude perceber e/ou das informações que recebi" é que, em tempos anteriores a este universo, existiu um grupo de divindades entre as quais havia uma que, motivada por uma questão nobre, apesar de alertada pelas demais a não expressar a sua força mental naquela oportunidade, criou a doença da "impetuosidade criativa" entre os seus pares, e terminou gerando um campo multifacetado existencial problemático.

O mais intrigante é vislumbrar a possibilidade do próprio Senhor Javé ser um dos que parece, somente agora, está tomando consciência, ainda de modo incipiente, da sua **deplorável condição, como também da dos seus "filhos clonados".**

A tragédia que se abateu sobre a sua condição pessoal e a de todos os que foram gerados, direta ou indiretamente, a partir dessa premissa existencial doentia, é algo ainda por ser assimilado pelas gerações futuras deste mundo, como também pelas de outras civilizações siderais em rota de evolução. Infelizmente, sob tal perspectiva, muitas existem que não conseguiram

formular um processo de existência que não transforme a tragédia em curso em algo ainda mais penoso e desesperador.

Seria muito interessante se o conhecimento hodierno soubesse que, em certas "conversas ocorridas pelo cosmos afora", as mentes esclarecidas sempre se referem aos "dois conjuntos de civilizações" siderais que fazem parte desse jogo: as que já trabalham para formular soluções para a tragédia em curso e as que ainda sequer puderam despertar para a "triste verdade" que as rodeiam. Estas últimas vivem em profunda ignorância associada à mais penosa das ilusões, que é a que leva a **doentia obrigatoriedade de transformar os seus algozes criadores em "deuses" das suas emoções.**

Infelizmente, a Terra ainda não fugiu à esta regra; e muitos dos seus deuses entronizados nos panteões da antiguidade hoje tida como mitológica, nada mais são que **individualidades tão ou mais doentes que os próprios terráqueos.**

Ainda assim, importa perceber que, entre os doentes, estejam eles em que nível existencial estiverem temporariamente inseridos – "deuses", "anjos", "demônios", "humanos" –, existirão sempre aqueles já tendentes ao bem e os que ainda não se alinharam de modo algum com o Bem e com o Belo, princípios da existência eterna advindos do Deus Incognoscível.

É esta a penosa realidade dos "filhos das estrelas" espalhados pelos muitos mundos deste universo e pelas outras faixas de realidade geradas pelo Senhor Javé, enquanto divindade.

11

OS FILHOS DAS ESTRELAS

REZA UMA "LENDA EXTRATERRENA" que todos os que existem no âmbito deste universo, numa aproximação com o linguajar terrestre, são referidos como sendo "filhos das estrelas". Isto porque seus espíritos, para poderem residir em qualquer quadrante universal, necessitam do concurso de algum tipo de corpo que lhes possam dar guarida enquanto eles estiverem por aqui. E esses corpos somente poderão existir com a contribuição essencial dos elementos químicos produzidos pelas fornalhas estelares do universo.

O interessante é que, quando a ciência terrestre decodificou a formação química dos corpos dos seres vivos da natureza terrestre, ao mesmo tempo em que surgia a percepção de que os elementos químicos eram forjados nas fornalhas estelares, não demorou muito, e a mesma expressão advinda de uma espécie de consciência cósmica coletiva também teve lugar no modo do entendimento terreno.

Quem seriam os membros dessa **consciência cósmica coletiva**, espécie de "**opinião pública universal**"?

A esta altura dos esclarecimentos é razoável supor que existem **três grupos distintos de individualidades espirituais** – que serão descritos mais adiante neste capítulo, pois terei antes de divagar em torno de uma questão introdutória – que desde o princípio dos tempos deste universo, nele mergulham os seus espíritos para vivificar os corpos e personagens que surgem a partir da máquina de gerar vida de padrão dependente criada pelo Senhor Javé.

Por que "**vida de padrão dependente**"? Apenas para lembrar aos que já leram o "Drama Cósmico de Javé" e esclarecer aos demais, o programa

mental da divindade menor criadora deste universo e das suas dimensões adjacentes, somente estava habilitado a criar seres que dependessem mentalmente do criador. Estes deveriam viver no estrito cumprimento dos seus desígnios enquanto gozariam dos graus de aparente liberdade permitidos, se fosse o caso.

Assim, como é natural que nenhum ser dotado de razão e de livre-arbítrio deseje se submeter a um corpo temporário programado e inclinado a dificultar a expressão da vontade da sua própria alma ou do espírito que o anime, o (a) leitor (a) pode e deve perceber que somente em situações excepcionais alguém se subordina a um modo de existência tão deplorável.

A palavra "deplorável" pode parecer forte, mas não é!

CONSTATAÇÃO:

Uma individualidade espiritual existir, mas não poder expressar livremente os seus potenciais e, mais ainda, ter de servir de mero instrumento à consecução de outra vontade que não a sua, é abusivo, impróprio, inadequado, imoral... e aqui cabem todos os adjetivos depreciativos quanto a esse modo de existir. Mas é exatamente assim que o Senhor Javé, por força das circunstâncias que o envolvem, obriga e deseja obrigar a todos a existirem conforme os desígnios da sua vontade. Contrariá-lo é fator de escândalo e motivo de admoestação. Afinal, não se deixar ser um mero instrumento do seu querer é tido por ele como agressão à sua natureza, e tudo ele se permite fazer para aquietar a sua psique doentia, pelo fato de "uma célula sua" estar sendo utilizada por uma vontade independente.

O INQUIETANTE É QUE, como informado anteriormente, todos os modos de vida que estão ocorrendo no universo do Senhor Javé têm a **base existencial comprometida** porque os corpos a serem utilizados, todos eles, carregam o **estigma doentio advindo do DNA do Senhor Javé**. Torna-se necessário toda uma habilidade espiritual para superar os entraves e obstáculos deprimentes que fazem parte da herança química do criador.

"Não!" – poderá dizer o (a) leitor (a) – "Isso é um exagero, até porque o modo como vivemos na Terra permite que façamos uso do livre-arbítrio." Sim, de fato! Mas para que isso hoje acontecesse, um verdadeiro confronto com as forças da dominação advindas do Senhor Javé teve de ser travado

para que a espécie humana terráquea pudesse discernir o bem e o mal.

Na verdade, até os dias atuais “**esta humanidade paga por isso**”, segundo o que foi e está determinado pelo Senhor Javé. Não se esqueça de que, segundo ele, somos todos portadores e herdeiros do “**pecado original**” cometido pelos nossos ancestrais; e isso é algo extremamente injusto, violento e ditatorial, além de desnecessário, pois, verdadeiramente, nada significa, a não ser para a ótica doentia do criador. Mas é exatamente assim que as coisas são, gostemos ou não, concordemos ou não. E muitos estão desgraçadamente tão acostumados a isso que até costumam achar que o modo como se vive na Terra é normal, mas não é, torno a ressaltar.

A questão perturbadora aqui é que estamos apenas e tão somente acostumados a achar que o modo como se vive na Terra é bom, digno, normal, mas não é – uma vez mais o repito. Muito pelo contrário! Viver sem saber se existiu um “antes” do nascimento, podendo ser a qualquer momento acometido por inúmeras mazelas, desde doenças a escândalos, e sabendo que terá de morrer um dia sem saber o significado de nada do que está acontecendo, será que uma vida assim pode ser considerada boa e normal? Para nós é maravilhosa! Mas isso se deve ao **senso poético que a natureza humana criou e à tendência inata aos nossos espíritos de aspirar e de se vincular ao Bem e ao Belo em toda e qualquer situação de existência que estejamos vivenciando**.

Outro aspecto inquietante é o de viver sendo obrigado a competir com os seus semelhantes; ter de se submeter a todo tipo de loucura comportamental prescrita pelas religiões; ter de acreditar sem poder saber se o que é motivo da sua crença é efetivamente verdadeiro, sem saber quando, para que e por que as “coisas da vida são como são” e não ter ninguém a quem perguntar. **Somente doentes, loucos, doidos e ignorantes submetidos à uma mentalidade doentia de rebanho podem achar isso normal**. Mas todos nós que vivemos na Terra temos um pouco de alguma dessas quatro esquisitices ou de todas elas, já que achamos que isso tudo é normal e é assim mesmo. Não é!

O modo como se vive na Terra parece ser fruto de um acidente (acontecimento imprevisto) e de um incidente (evento secundário que sobrevém a um principal), de muitas tentativas e erros, sendo que a melhor opção resultante de toda essa história, ainda assim, é aviltante para a dignidade existencial. Contudo, é o que resultou de todo um processo cósmico, físico-químico, geológico e biológico cheio de esquisitices e de

fenômenos violentos que terminaram por criar as atuais condições de vida que se conhece na Terra.

Se a esses eventos físico-químicos, biológicos e geológicos forem acrescentados manipulação genética e desacerto psicológico sob a égide de uma expressão espiritual doentia, nós teremos, finalmente, a resolução ou a resposta dessa equação formulada ao longo dos bilhões de anos que antecederam ao surgimento da espécie *homo sapiens* terráquea: o modo como se vive na Terra.

A questão é que, por desconhecermos tudo mais em termos de vida para além dos padrões deste universo, terminamos por nos acostumar com o único parâmetro que conhecemos. Devido a esse aspecto, tudo, absolutamente tudo, desde os esclarecimentos até a semeadura dos sonhos, somente pode ser arquitetado a partir dessa miserável premissa que nos marca as atuais possibilidades no campo do entendimento, o que deixa refém qualquer processo de "revelação de novidades" para a reflexão dos que vivem da Terra.

A situação desta população planetária é tão modesta nesse quesito, que se tem como verdade o que aqui se consegue observar e, o pior: sequer conseguimos observar direito, com a profundidade requerida, o que realmente se passa em nosso mundo.

Nesse contexto, ninguém nasce (ou acontece) para este universo para se divertir, de "férias" ou mesmo para dar um passeio cósmico.

Assim, feitas estas observações algo desconexas, mas que servem como elementos para reflexão sobre o modo como vivemos a vida e observamos e medimos a realidade ao nosso redor, vou agora retomar a abordagem sobre as "mentes e os corações" que compõem a "opinião pública universal".

Em linhas gerais, são esses os três grupos, aos quais me referi no início do capítulo, em torno dos quais é possível reunir os que aqui chegam vindos lá de fora das paragens universais:

> As **personalidades das divindades** que sequer puderam optar, pois simplesmente tiveram de mergulhar no início da obra do Senhor Javé e que para esta nasceram como seus filhos clonados;
>
> As **personalidades dos espíritos evoluídos** ou em rota de evolução em outros universos, que optaram por ajudar no problema em curso e para aqui vieram;
>
> Aquelas **individualidades espirituais** apontadas pela Revelação

> Espiritual, criadas simples e ignorantes, que foram e continuam a ser incessantemente criadas para fazer face à geração de vida criada pelo Senhor Javé no âmbito do seu universo. Muitas destas ainda estão incorporadas a diversas espécies “não pensantes” da natureza terrestre e de outras existentes no universo. Boa parte, porém, já são personalidades despertas para a responsabilidade existencial, como é o caso da boa maioria dos que compõem a espécie *homo sapiens* da Terra.

O (a) leitor (a) atento (a) haverá de perguntar: mas será que não existia “carma espiritual problemático” de algumas ou de muitas individualidades referentes a problemas ocorridos em outros universos ou algo que a isso se assemelhe? Sim, é fato conhecido para quem se situa além das fronteiras deste universo – um problema ainda pendente de resolução no paraíso –, mas como nos é totalmente desconhecido, resolvi assumir a alternativa de classificar essas individualidades como parte daquelas que “optaram” por ajudar no problema em curso no universo em que vivemos.

No livro “O Drama Cósmico de Javé” abordei este mesmo tema – só que o envolvendo com outra película a qual chamei de “grupos de espíritos aprisionados neste universo”, no final do seu capítulo oito.

O fato é que os nossos espíritos se obrigaram a usar corpos genialmente arquitetados a partir das **combinações químicas geradas no jogo da vida do Senhor Javé, na sua incansável tentativa de criar espécies cósmicas** que lhe permitisse resolver o seu problema por meio do concurso das mesmas.

O Senhor Javé labutou fecundamente, seja no seu anterior estado de divindade como também no que atualmente lhe marca o psiquismo afetado, na formulação das leis que governam as interações entre as partículas e átomos e sobre tudo mais que é gerado a partir deles, ou seja, estrelas, galáxias e corpos vivos das muitas naturezas planetárias que foram geradas.

A ciência terrestre já descortinou as leis e os processos básicos que produzem as entidades vivas deste universo e as suas inter-relações; e a complexidade que se pode observar em tudo o que existe também pode ser explicada a partir das condições iniciais básicas que surgiram ao longo do processo evolutivo universal. Segundo a “teoria dos autômatos celulares”, de John Von Neumann[1], basta identificar os componentes básicos de um sistema e fornecer as regras – os algoritmos – que governam o comportamento desses componentes.

Os cientistas apontam que um conjunto simples e finito de elementos básicos comandado por um pequeno conjunto de algoritmos pode gerar, naturalmente, com o tempo, uma complexidade de proporções superlativas e surpreendentes cuja “aparência existencial exuberante” pouco diga do modesto conjunto que a gerou.

Essa percepção científica representa, na verdade, um dos traços do genial psiquismo criativo do Senhor Javé, que terminou por elaborar uma máquina de gerar corpos a partir das combinações dos elementos químicos fornecidos pelas estrelas por meio do surgimento das naturezas planetárias.

Cada espécie cósmica guarda as suas especificidades existenciais, seja ela pensante ou não, obedecendo sempre às injunções pré-determinadas na programação existente nos tijolos básicos que permeiam toda a criação do Senhor Javé.

CONSTATAÇÃO:

Os “tijolos básicos”, ou seja, o tipo de DNA deixado estrategicamente em cada mundo pelos “semeadores da vida” submissos ao criador universal, governados por um pequeno, porém, genial conjunto de algoritmos advindos da força psíquica do Senhor Javé, terminou gerando, ao longo dos quase catorze bilhões de anos em que este universo vem se expandindo, uma complexidade de tal naipe cujo vislumbre, por enquanto, somente nos é dado perceber a partir da sofisticação da natureza com todos os seus reinos e espécies existentes em nosso próprio planeta.

O INTERESSANTE É PERCEBER que nos é **possível identificar o fundamento que gera todas as coisas**, sem ser ele mesmo gerado por estas mesmas coisas ou aparentemente coisa alguma. E este **fundamento é a existência do próprio Senhor Javé**, que reconstruiu a si mesmo a partir da sua força mental, sendo que esta não é uma “coisa” que pertença à universalidade do que foi gerado por meio da sua vontade enquanto divindade. Só me resta ressaltar que esta “coisa” – ou este “fundamento” – veio de fora dos limites da criação que foi gerada e dela se tornou prisioneira, passando, assim, a fazer parte, agora como **“tijolo primordial”,** de toda e qualquer forma viva que veio a existir no âmbito universal.

Assim, sob outra perspectiva, se as estrelas são filhas do Senhor Javé

enquanto divindade, ele delas se serviu para criar os seus filhos e filhas, cidadãos deste universo, para, com o concurso de todos eles, poder finalmente construir a redenção pessoal de que tanto necessita.

Para tanto, nesse sentido, talvez o que de mais genial ele gerou com a sua sofisticadíssima condição mental – e que um dia possa a vir ser percebido por esta humanidade – é um algoritmo (assim classificado por este escrevente) chamado por Ervin Laszlo de "in-formação", já referida anteriormente.

Sei que, para a visão científica, o que aqui está sendo apontado pode parecer inapropriado em muitos campos e, em especial, no que se refere à conceituação algorítmica. Mas como bem aponta o próprio Laszlo na introdução do seu já citado livro "A Ciência e o Campo Akáshico": *"é evidente que a procura por uma visão significativa do mundo não está confinada à ciência."*

Robert Kleinman[2], em seu livro "As Quatro Faces do Universo", alerta-nos para a arquitetura de uma visão mais abrangente sobre o universo que transcenda a que hoje se afirma como limitante, que é a face científica da física, quando existem outras faces a serem observadas. No seu livro, ele nos lega uma reflexão muito interessante sobre a questão.

> *O que enfatizamos são as visões que formam a base de uma consideração séria a respeito do universo como um todo. O alcance da visão se estende além da ciência – pois, embora a ciência pressuponha uma visão geral do mundo, o poder da visão não pode ser reduzido a uma ciência.*

Explico, portanto, o porquê da permissão que me dou para especular em torno da questão, pelo fato de ser um dos que pensam que **o estudo sobre o universo requer muito mais do que o compêndio científico nos pode oferecer**. Óbvio que sem ele jamais chegaremos a lugar algum neste mister. Mas a ciência não é tudo! Esta, como a definimos, passa pela percepção do ser humano. E, convenhamos, **existe no ser humano muito mais do que a "inteligência científica"**.

Retornando a Laszlo[3], ele nos oferece ainda mais uma reflexão sobre o fator "in-formação", cujo ressalte contribuirá para o nosso estudo em torno da questão.

As leis atualmente conhecidas por meio das quais as coisas existentes no mundo são geradas a partir do vácuo quântico são leis de interação que se baseiam na transferência e na transformação de energia. Essas leis se mostraram adequadas para explicar como coisas reais – na forma de pares partícula-antipartícula – são geradas no vácuo quântico e emergem dele. Mas não explicam adequadamente por que o Big-Bang gerou um excedente de partículas em relação às antipartículas, nem nos informa como, no decorrer dos éons cósmicos, as partículas sobreviventes se estruturaram em coisas progressivamente mais complexas.

A fim de responder pela presença de um número significativo de partículas no universo (de "matéria", em oposição à "antimatéria"), e pela evolução progressiva das coisas existentes, mesmo que essa evolução não tenha sido, de modo algum, uniforme e linear, precisamos reconhecer a presença de um fator que não é matéria nem energia. A importância desse fator é agora reconhecida não apenas nas ciências humanas e sociais, mas também nas ciências físicas e nas ciências da vida. É a informação – a informação como um fator real e efetivo que estabeleceu os parâmetros do universo em seu nascimento, e, portanto, governou a evolução dos seus elementos básicos em sistemas complexos.

Se **tudo o que hoje existe**, portanto, **evoluiu por meio do algoritmo "in-formação"** (repito, assim classificado por este escrevente) a partir da singularidade gerada pela mente da divindade, torna-se evidente que o "**mistério da vida**" presente na criação universal, obedece a um **desejo expresso** por meio dessa via que existe e já está sendo descortinada pela ciência. Se esta via de fato existe, ela foi gerada a partir de um **foco criador** e este, pelo que sou levado a pensar por força das circunstâncias, é representado pela **vontade do Senhor Javé**.

Assim, todas as espécies de "filhos das estrelas" foram produzidas por meio do concurso dessa via psíquica prenhe de "in-formação" ou, em outras palavras, dos "comandos mentais" advindos da vontade do Senhor Javé.

Aqui, porém, torna-se imprescindível refletir sobre **um aspecto da "in-formação" advinda do criador**. Esta, rica que é em códigos digitais que expressam movimento ordenado num determinado sentido, é **absolutamente destituída** de qualquer "condimento emocional" no campo do que a lógica

terráquea chama de **ética, nobreza de caráter, decência e dignidade.**

Se os "filhos das estrelas" herdam do Senhor Javé os corpos que os seus espíritos se obrigam a usar, gerados e confeccionados a partir do DNA planetário e das "in-formações" que norteiam a sua evolução empírica não uniforme e muito menos linear, dela nada mais herdam. Esse aspecto aponta para a percepção de que o psiquismo esclarecido e espiritualizado de cada individualidade inserida nesse contexto somente poderá ter como origem uma componente além da herdada diretamente do criador. Esta componente é exatamente a **condição espiritual** de cada uma das individualidades cidadãs da criação universal aqui referida.

CONSTATAÇÃO:

O que fornece senso de responsabilidade moral ao modo de vida existente nas muitas naturezas planetárias é o marco vibratório de cada espírito que mergulha na obra da divindade decaída.

E AQUI ESSA herança da componente espiritual procede de outras "divindades-mãe" que operam em nome do Deus Incognoscível, o Pai-Mãe Amantíssimo, que há de ser "trabalhada" pela personalidade espiritual em evolução. Este "outro logaritmo", só que pertencente ao nível espiritual de manifestação, é o que determinará o padrão moral e ético do que poderá acontecer no contexto em que a individualidade estiver vivendo temporariamente. Em outras palavras, é produto puro da qualidade espiritual de cada ser, jamais algo que possa surgir somente por força da "evolução" dos arranjos genéticos presentes no DNA de alguém ou mesmo da influência recebida através das "in-formações" surgidas a partir da mente e da vontade do criador.

O fato é que **há de tudo um pouco** entre os chamados "filhos das estrelas" da criação universal. **Entre os evolutivos**, cujos DNAs usados como fatores estruturantes dos seus corpos materiais possuem baixo percentual de ativação, é que **se encontram os mais belos padrões de expressão da dignidade existencial em termos próximos do que na Terra entendemos por "decência e dignidade".** Mas, infelizmente, entre os que foram "diretamente clonados", tal ainda não se observa, ou, em outras palavras, é produto raro que somente alguns poucos deles logram expressar – exatamente aqueles que já conseguiram se libertar da "opressão" do DNA do criador.

Nesse sentido, a aristocracia que ditatorialmente nos comanda, é composta, na sua perspectiva espiritual, por algumas classes de divindades que, por estarem subordinadas aos corpos programados para obedecerem cegamente ao criador adoentado, nada podem fazer de diferente do que estão fazendo, desde que foram criados. Continuam. Muitos deles, sendo violentos, frios, indiferentes e criminosamente apegados aos desígnios emanados do não menos doente Senhor Javé, os quais, pelo menos no caso desta espécie humana, a nada levam; até porque o caos somente tem piorado até os dias atuais. Ainda assim, quando alguns deles conseguem libertar os seus espíritos dessa condição ultrajante e, temporariamente, nascem entre os humanos, como foi o caso daquele a quem conhecemos como Jesus, costumam nos legar as melhores lições de decência, dignidade, ousadia e retidão de princípios e de propósitos. Mas, quando alguns deles retomam as suas condições de clones – nem todos –, as lições que aqui deixaram somente servem para os miseráveis terráqueos, já que eles são obrigados a **agirem novamente como robôs, frios e impassíveis, submetidos aos ditames doentios** do Senhor Javé.

Sei que isso não é nada agradável de ser ressaltado e somente o faço por força das circunstâncias que me levam a produzir estas páginas. Mas o fato é que, quando nessas condições, esses seres nos ferem a sensibilidade de todas as formas, mas são "maravilhosos" na secreta expectativa de que os humanos da Terra sigam as suas lições, evoluam e "os ajudem a promover a evolução do Senhor Javé" para que todos se libertem da prisão miserável que é a de viver sob a égide desta aristocracia sideral apodrecida.

"Será assim mesmo?", haverá de se questionar o (a) leitor (a). "Sim", afirma este aflito escrevente, por mais estranho e aparentemente hipócrita que possa parecer, é exatamente assim que as coisas vindas de alguns membros da aristocracia do Senhor Javé nos são endereçadas. E somente uso aqui "expressões fortes" como forma de repassar as gerações do futuro o quão desagradável é essa convivência, para facilitar os estabelecimentos de outros parâmetros para a mesma.

A conclusão deste capítulo implica uma constatação que, quando a arquitetei, o meu psiquismo foi invadido por uma onda de sensações indecifráveis que lutei muito por percebê-las.

CONSTATAÇÃO:

Observando o lento processo de apodrecimento celular presente no

muitos modos que caracterizam a morte dos seres vivos da natureza terrestre, muitas vezes penoso e degradante, e levando-se em consideração que o criador – sem alma – de todo esse processo, por força da sua natureza doentia, não conhece os conceitos de dignidade e de decência, foi-me possível perceber que são os nossos espíritos que emprestam a dignidade aos corpos herdeiros da doença do Senhor Javé, seja durante a vida ou mesmo na hora da morte destes. Em outras palavras, somos nós quem confere dignidade e decência à vida. Nessa perspectiva, a "natureza humana" é superior as que marcam as diversas classes de deuses e de pretensos deuses, à exceção das "naturezas verdadeiramente divinas".

SIM, caro (a) leitor (a), somos nós, os "pobres mortais" dessa história, **que emprestamos dignidade à obra existencial do Senhor Javé**. São os nossos espíritos que, em ocupando um corpo com um DNA herdado do criador e somente ativado em 3%, podem exercer a liberdade de evoluir e de se comportar de modo digno na administração dos problemas desses corpos transitórios.

AO TRABALHO, pois!

12

ECOS DE UM DEUS CRIADOR COMPLICADO

EIS o que se encontra registrado nos Upanishades[1] sobre o que o deus Brahma pensa a respeito de si mesmo:

Eu sou o criador, o útero do universo;
fui criado a partir da minha própria essência.
Sou o único Senhor, sou a palavra mais elevada sem começo.
Quem me adorar como tal será salvo.
Concedo a todos os deuses o próprio existir e ponho fim às suas obras e, em lugar algum do mundo encontrarão quem seja maior do que eu.

Quando Brahma diz que *“**foi criado pela sua própria essência**”* isso foi a maneira que, na época, o agora conhecido como Senhor Javé encontrou de se referir verdadeiramente à sua origem neste universo, sem, no entanto, deixar claro a sua queda existencial.

Como disse no início do presente trabalho, Brahma transformou a sua queda num passo da sua dança existencial, fazendo-se grande quando, na verdade, “ter sido feito a partir da própria essência” foi somente um modo interessante de se referir a um problema inquietante e absolutamente embaraçoso para ele e para todos os que passaram a existir sem que para tanto o pedissem. Entre esses, é ainda mais desesperador para os que se obrigaram a sacrificar as suas individualidades espirituais nascendo como “clones de Javé”.

O deus hindu Brahma sempre parece ter feito questão de se “autoafirmar”

em todas as situações que pode, como sendo aquele que criou este universo e que o “comanda com rédea curta”, gostem disso ou não aqueles que nele vivem.

Para além do Senhor Brahma ou Senhor Javé, há ainda os que o representam na medida em que demonstram toda a força disciplinadora que possuem e deixam transparecer também o “zelo paternal” que sentem em relação aos seus filhos e filhas terrenas. Estes são rápidos na punição perante o que julgam ser manifestação de desobediência e lentos na reparação dos males que se obrigam a afligir aos seus “desafetos ou àqueles a quem pretendem disciplinar”.

As **histórias encontradas nas literaturas hindu e judaica** servem como ecos para que percebamos, no presente, como era e é complicada a coexistência de seres dotados de livre-arbítrio com um ser que se tem como deus e não admite outra opção para atitudes alheias que não estejam afinadas com a sua vontade pessoal.

Se o (a) leitor (a) analisar e levar a sério o que Moisés disse sobre o que o Senhor Javé faria com o povo hebreu, caso ele lhe fosse obediente, e comparar com a advertência, caso ele lhe fosse desobediente, verá a que tipos de extremo o estranho e doentio psiquismo do Senhor Javé chegou.

Sob uma perspectiva espiritual esclarecida, o que será lido a seguir não pode ser considerado como atitude normal e evoluída, e efetivamente não é. Mas era e ainda é assim que o Senhor Javé age na administração das civilizações problemáticas do seu universo.

No livro Deuteronômio, da Bíblia, encontram-se registrados os discursos que Moisés proferiu quando o povo de Israel estava na terra de Moabe, a leste do rio Jordão, após terem caminhado por cerca de quarenta anos pelo deserto desde que saíram do Egito. Agora os israelitas estavam prontos para atravessar o Jordão e tomar posse da terra de Canaã. Foi nessa circunstância que Moisés fez os seus discursos.

Veja o que ele disse sobre as consequências de se obedecer ou não ao Senhor Javé:

Bênçãos para os Obedientes

Moisés disse ao povo:

– Se vocês derem atenção a tudo o que o Senhor, nosso Deus, está

dizendo a vocês e se obedecerem fielmente a todos os seus mandamentos que eu lhes estou dando hoje, Deus fará com sejam mais poderosos do que qualquer outra nação do mundo. Obedeçam ao Senhor Deus e ele lhes dará todas estas bênçãos:

– Deus os abençoará nas cidades e nos campos.

– Deus os abençoará dando-lhes muitos filhos, boas colheitas e muitas crias de gado e de ovelhas.

– Deus abençoará com muitas boas colheitas de trigo e de cevada e com muita comida.

– Deus os abençoará em tudo o que fizerem.

– Quando os inimigos atacarem, o Senhor Deus os destruirá na presença de vocês. Eles atacarão juntos, em ordem, mas fugirão para todos os lados, em desordem.

– O Senhor, nosso Deus, abençoará vocês em tudo o que fizerem e lhes dará tanto trigo, que os seus depósitos ficarão cheios. Ele os abençoará ricamente na terra que está dando a vocês.

– Se obedecerem a todas as leis do Senhor, nosso Deus, e cumprirem todas as suas ordens, ele fará com que sejam o seu único povo, o povo escolhido, como prometeu com juramento a vocês. Todos os outros povos do mundo verão que vocês pertencem a Deus, o Senhor, e terão medo de vocês. Ele lhes dará muitos filhos, muitos animais e boas colheitas na terra que está dando a vocês, de acordo com o juramento que fez aos nossos antepassados. Deus abrirá o céu, onde guarda as suas ricas bênçãos, e lhes dará chuvas no tempo certo e assim abençoará o trabalho que vocês fizerem. Vocês emprestarão a muitas nações, porém não tomarão emprestado de ninguém. Se obedecerem fielmente a todos os mandamentos do Senhor Deus que hoje estou dando a vocês, ele fará com que fiquem no primeiro lugar entre as nações e não no último; e fará também com que a fama de vocês sempre cresça e nunca diminua. Não se desviem desses mandamentos que hoje eu estou dando a vocês, nem para um lado nem para o outro, e nunca adorem nem sirvam outros deuses.

Castigo para os Desobedientes

Porém, se vocês não derem atenção ao que o Senhor, nosso Deus, está mandando e não obedecerem às suas leis e aos seus

mandamentos que lhes estou dando hoje, vocês serão castigados com as seguintes maldições:

– Deus os amaldiçoará nas cidades e nos campos.

– Deus os amaldiçoará dando-lhes pequenas colheitas de trigo e de cevada e pouco alimento.

– Deus os amaldiçoará dando-lhes pouco filhos, colheitas pequenas e poucas crias de gado e de ovelhas.

– Deus os amaldiçoará em tudo o que fizerem.

– Se vocês abandonarem o Senhor e começarem a praticar maldades, ele fará cair sobre vocês maldição, confusão e castigo.

(...)

— DEUTERONÔMIO (28, 1 A 20)[2]

Veja agora o (a) leitor (a) o que o Senhor Javé expressou a Enoch, por meio dos seus anjos, sobre o destino daqueles que o obedecessem e dos que o desobedecessem.

Nesse dia, colocarei o meu eleito em meio deles, mudarei a face do céu e o iluminarei por toda a eternidade.

Mudarei também a face da terra, tornarei a terra bendita tanto quanto aqueles que escolhi e que farei habitar na terra, mas para aqueles que cometeram iniquidade não mais permanecerão nela, porque os vi e os marquei. Mas os justos, eu os fartarei com minha paz, colocá-los-ei diante de mim; aos pecadores, danação eterna, serão afastados de sobre a terra.

— O LIVRO DE ENOCH (XLIII, 4 E 5)

Atente que o “eleito” é Jesus, na consumação do seu prometido retorno. Mas essa é outra questão!

O que mais me espanta no Senhor Javé é a capacidade que o seu psiquismo tem de ir a extremos sempre em nome da sua aparentemente justificada necessidade de enquadrar qualquer coisa ou qualquer ser presente na sua obra, dentro dos seus controles e desígnios. Somente se pode entender

o Senhor Javé, a partir do modo de pensar terráqueo, se esse aspecto for levado em conta, já que esta é uma das **marcas da sua doença psicológica.**

"Por quê?" – poderá alguém perguntar.

A resposta, apesar de atordoante, é simples.

CONSTATAÇÃO:

Para o Senhor Javé é simplesmente aterrorizante a situação em que a liberdade de outras vontades que se utilizam do seu DNA possa complicar ainda mais a sua situação. Daí a sua sempre relutante atitude para o surgimento de espécies cósmicas com livre-arbítrio, como foi o caso da sua aparente revolta contra Adão e Eva, conforme o descrito no mito sumério/bíblico. O inquietante aspecto dessa questão é o de que ele precisa do concurso de outros seres.

DIGO "APARENTE REVOLTA" porque esse mesmo problema já havia acontecido em outras paragens cósmicas e o resultado não foi dos melhores. Na verdade, o surgimento da espécie *homo sapiens* na Terra já foi decorrente do que aconteceu alhures, aspecto este por enquanto ainda completamente desconhecido para o conhecimento terráqueo. Depreenda-se, portanto, que não só existem humanos à moda terráquea. Mas isso é outro assunto.

O fato é que parece que o Senhor Javé sabia ser inevitável – seria somente uma questão de tempo – que a **mais recente espécie criada no universo** não viesse a ser "mexida" pelos interesses dos segmentos cósmicos que a ele se contrapunham.

O espantoso, para o conhecimento terráqueo, é perceber que esses **"interesses contrários" ao do Senhor Javé seriam para o seu próprio bem**, ainda que em relação a isso ele até hoje discorde.

No caso da "espécie pensante caçula" deste universo, a única posição que restou ao Senhor Javé foi a de aceitar a distorção ocorrida no destino desta humanidade, programada, a princípio, para ser uma espécie autômata – sem noção do bem e do mal – em termos de discernimento. Assim, no modo de pensar do Senhor Javé, ele poderia controlar as "atitudes evolutivas" do agrupamento humano terráqueo com vistas à absorção, de sua parte, dos fluídos e eflúvios, além da própria influência "via DNA", das emoções sentidas pela espécie.

A "histórica" dificuldade de convivência do Senhor Javé com a "sua

espécie terráquea” traduz em todas as suas páginas – do pouco, muito pouco do que ficou registrado – a absoluta incompetência desse ser no trato para com os humanos da Terra, ao mesmo tempo em que **atesta a mais absurda impossibilidade dos seres pensantes terráqueos compreenderem o que verdadeiramente está se passando com as suas vidas.**

Em primeiro lugar, para o Senhor Javé, o ser humano da Terra não tem ou não deveria ter “uma vida” com essa liberdade toda. Na verdade, **ele parece nem considerar que de fato existe uma vida sendo vivida por qualquer ser terráqueo**. Aos seus olhos, parece que **cada ser humano é um mero feixe nervoso do seu sistema de perceber e de agir** enquanto ser “responsável” pelo seu destino como também da sua criação.

Vezes há em que sou obrigado a pensar que o Senhor Javé e os seus anjos nos olham com os mesmos olhos com que os criadores terrenos de bovinos, ovinos e equinos voltam o seu olhar para os seus melhores exemplares, com vistas a uma reprodução melhorada. Por mais ultrajante que isso possa parecer à sensibilidade humana, é exatamente isso que se encontra em curso – de acordo com o modo de pensar doentio desses seres – nas entrelinhas dos seus “desígnios”.

Obrigo-me, porém, a ressaltar que eles não agem desse modo por maldade. O doloroso é que, conforme a lógica que os move, esses seres são praticamente obrigados a agir segundo esse parâmetro de observação, pelo simples fato de que eles nada mais possuem como critério norteador de atitudes.

A interpretação aqui apresentada é simplesmente inevitável se feita por um ser terráqueo, já que o importante que está em jogo é a **reconfiguração do DNA que dá “suporte” à natureza humana.** Assim, esse é o modo como interpreto, mas existe a maneira como o Senhor Javé pensa em torno do que ele costuma estabelecer como seus planos e desígnios.

Somos, na verdade, uma espécie de **reserva de vida selvagem** para esses seres, só que com as melhores das intenções, apesar de que estas se expressam por meio do mais abominável processo de violência existencial, pelo simples fato de ser impossível ao Senhor Javé estabelecer algo diferente do processo que se encontra em curso. Percebê-lo e vivenciá-lo, do modo mais sábio que for possível a cada ser humano terráqueo, é questão de sobrevivência para o Senhor Javé, como também para a sua hierarquia.

Na verdade, é uma questão de “vida e de morte” para eles, já que **nada ou muito pouco eles podem fazer para prolongar ou encurtar as suas**

desgastadas existências: eles dependem completamente do que algumas espécies planetárias do cosmo fazem de si mesmos enquanto vivem suas vidas.

CONSTATAÇÃO:

A espécie *homo sapiens* da Terra é a "espécie-bebê" deste universo, a mais recente e, talvez, a que mais lhes interesse por força da baixa ativação do DNA (3%) que marca a todos os corpos de seres vivos da natureza terrestre. Esse aspecto, no caso da espécie humana, permite aos espíritos que a animam evoluírem, o que propiciará condições ao Senhor Javé e aos seus filhos de também progredirem.

É um jogo sem vencedores em que todos perdem e ninguém ganha lá muita coisa, por força do desgaste e do sofrimento que invariavelmente abraça a qualquer um que, com consciência desperta, seja obrigado a viver conforme os ditames do Senhor Javé.

Finalizando o presente capítulo, obrigo-me a refletir que, forçado pelas circunstâncias que me envolvem, todas elas produzidas pela vontade do Senhor Javé, sou levado a admitir algo que somente a mim é dado perceber, ainda que de modo equivocado. Mas não me resta outra opção a não ser a de ressaltar o seguinte aspecto.

O Senhor Javé sempre soube que em me escolhendo para esta tarefa e, mais ainda, forçado pela minha postura distante em relação a ele, eu teria de me submeter à sua vontade, o que somente aumentaria o distanciamento de minha parte. Ainda assim, ele o fez e, em o fazendo, sabia que eu seria, por minha vez, obrigado a romper com o **protocolo social e religioso em torno do conceito vigente de Deus** para muitos dos terráqueos.

O que me espanta e me deixava intrigado até alguns dias atrás é que – escrevo estas páginas no mês de março de 2011 – pelo que ele e os seus agentes me mostravam, eu teria de **romper com o protocolo em torno do Senhor Javé como pai-criador, firmado neste mundo pelo próprio Jesus**.

O curioso e enigmático é que o Senhor Javé parecia desejar voltar ao tempo em que ele mesmo se apresentara a este mundo com a feição que lhe era própria, sem fazer questão de ser percebido como "bonzinho" ou algo que a isso se assemelhe, preferindo **os ecos de um deus criador algo complicado** do que a feição que, mais tarde, por meio do cristianismo, foi a ele ofertada.

O que acho ainda mais estranho é a retomada da feição antiga, ofertada ao mundo via Moisés, depois da semeadura de Jesus, ao tempo da revelação do Corão por meio de Maomé e de seu clone-assessor Gabriel, **rompendo totalmente com o que havia sido afirmado por Jesus,** ou pelo menos assim me pareceu.

Como o (a) leitor (a) pode perceber, os ecos que ainda reboam sobre o Senhor Javé haverão de repercutir por um bom tempo até que os humanos da Terra o possam compreender, estimá-lo, perdoá-lo – se for o caso – amá-lo, por fim, e ajudá-lo.

13

O HOLOGRAMA UNIVERSAL E O AGENTE SECRETO DO BEM

REFLETI BASTANTE ANTES de optar por manter o título acima para este capítulo.

Um dos meus grandes problemas para escrever estas páginas é o de eu me encontrar refém, como escrevente, de um processo de reintegração cósmica da Terra que ainda não teve lugar até o momento em que escrevo estas páginas. Além do que, este somente se substanciará perante os olhos desta humanidade após a primeira visita oficial de seres de outros orbes, quando então estarei liberado por mim mesmo para divulgar o conjunto de informações que a convivência invulgar com a hierarquia do Senhor Javé me permitiu, por um lado, e me obrigou, por outro, a ter.

Assim sendo, ainda não me encontro liberado, seja pelo que me resta daquilo que chamo de "consciência pessoal", que determina as opções morais de cada indivíduo, ou mesmo pela minha renovada decisão de ir "semeando aos poucos" as notícias e as informações das quais o meu ego terreno já é portador – sabe-se lá por que motivo – para me expressar abertamente sobre o aspecto dramático do complexo grau de convivência entre as divindades que estão por trás da criação e da administração desta "situação universal".

Como "quem realmente manda" é o Senhor Javé – esta é a frase que mais tenho escutado desde o ano de 2007 – a prometida volta de Jesus somente poderá ocorrer quando todos os aspectos apontados como sendo "importantes" para os seus desígnios se encontrarem atendidos, conforme a maneira de perceber as coisas que lhe são próprias. Nesse aspecto reside um grande problema porque, simplesmente, ninguém "pensa" como ele e, portanto, não o pode compreender. Em outras palavras, ninguém sabe quais

são “todos esses” aspectos tidos por ele como essenciais para os seus desígnios.

Por que estou explicando esse detalhe aparentemente pouco expressivo? Porque ele tem uma dose de importância muito grande para a minha sensibilidade pessoal, já que desde o ano de 2006 – conforme a minha ótica humana – tenho sido tratado violentamente pelas hostes do Senhor Javé, a mando do mesmo, pelo simples fato de eu não estar me enquadrando nas suas exigências e nem pareço dar a menor atenção a esse aspecto, além de não me preocupar com o que eles possam fazer a mim.

O detalhe é que até hoje não sei quais são todas essas exigências – penso saber algumas que não as pude ou não as quis atender, e somente as estou atendendo em algumas poucas, e isso se refere a escrever e fazer palestras – e parece que ninguém no “outro lado” também sabe, e aqui me refiro aos amigos espirituais e aos próprios assessores do Senhor Javé que me cobram obediência, mas nada me explicam quanto a esse “detalhe”.

CONSTATAÇÃO:

É impressionante: tudo o que os anjos-clones do Senhor Javé dizem é que ele não pode ser contrariado em nenhuma hipótese e sob nenhuma perspectiva.

CHEGA A SER curioso o grau de facilidade que julgo perceber da parte deles em me transmitir mensagens sobre livros e outras questões, mas, paradoxalmente, quando o assunto é “o que o Senhor Javé quer explicitamente que eu faça ou deixe de fazer”, eles parecem entrar em pane e nada revelam. Penso mesmo que eles também não sabem, por um detalhe que julgo singular: acho que nem mesmo o Senhor Javé o sabe. Pelo menos nesses tempos mais atuais, já que, conforme depreendo, essa hierarquia parece saber lidar cada vez menos com esta humanidade. Tenho sido levado a pensar que desde o “episódio Jesus”, a linha-mestra seguida pelo Senhor Javé, em termos de estratégia, foi completamente perdida. Mas esta é uma questão de ordem meramente opinativa e posso estar totalmente enganado.

A questão é que, como ainda não houve a prometida visita, como eles continuam a me solicitar submissão e subordinação à hierarquia à qual pertencem, como eles nada me informam sobre o que eu deveria fazer para atender às exigências do Senhor Javé, ainda assim, estranhamente, eles agem

como se o encontro com o Mestre Jesus fosse acontecer a qualquer momento. O que isso significa? Que eles repassam muitas, mas muitas informações sobre o passado terrestre que envolve painéis do que é tido atualmente por mitologia, além de algumas aparentes "indiscrições" sobre problemas ocorridos entre o Senhor Javé e o Mestre Jesus, entre outros aspectos.

Assim, muitas informações inéditas e/ou perdidas na noite dos tempos, já poderiam ser veiculadas, mas a isso não me permito porque me sinto inseguro quanto à função dessas revelações, além do "estrago" que as mesmas poderiam causar no alicerce da crença pessoal de muitas pessoas. Prefiro, portanto, deixá-las para quando do retorno do Mestre Jesus, com a expectativa de que ele mesmo defina, junto com o Senhor Javé, como todas as questões antes ocultas podem vir a ser reveladas sem maiores problemas.

Por força dessa circunstância é que me obrigo a dar voltas em torno de alguns temas, porquanto, por agora, devo somente introduzi-los para posterior aprofundamento. Espero que o (a) leitor (a) destas páginas possa me perdoar, mas não disponho mesmo de outra opção. Mas não me furtarei a abordar o tema, ainda que superficialmente, que envolve a figura do Mestre Jesus na sua relação de submissão ao Senhor Javé, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, age de "modo diferente" do pretendido por Javé.

Por estranho e mais demasiadamente humano que nos possa parecer, existe, realmente, um ser que desempenha a sua função no concerto universal sendo obrigado a agir como se fosse uma espécie de "agente secreto" do Bem e do Belo, no meio das ondas da agitação existencial deste universo.

CONSTATAÇÃO:

O Senhor Javé simplesmente parece não perceber – ou se percebe finge que nada sabe ou que lhe é impossível assimilar o fato – que entre os seus clones especiais se encontra um, entre os poucos que assim poderiam ser classificados, que vem desempenhando as mais árduas e difíceis missões em seu nome, tentando apaziguar as múltiplas dissensões ocorridas e levar a bom termo a criação em curso.

ESTA É a vida cósmica de uma divindade que mergulhou neste universo e nesse contexto se transformou na "personificação da sabedoria", conhecida como a divindade Sofia e também como Jesus, para os terráqueos.

Este ser parece ter **assumido para si a função de "dar sentido" a uma**

obra universal que, sob uma perspectiva difícil de ser compreendida pela ótica humana, simplesmente não tem o menor sentido e é considerada como um grande equívoco com consequências desastrosas que até hoje teimam por se acumular em âmbito universal.

Para as "pessoas adultas deste universo", é sabido que a existência, sob os parâmetros advindos da doença do criador, não tem a menor serventia. Muito pelo contrário! Ela é problemática. O saldo, entretanto, que um dia, no futuro remotíssimo, quando não mais existir este universo, será o de que os cidadãos espirituais que daqui saírem ilesos deverão as suas existências a um "erro principal" de uma divindade. Outro aspecto interessante é o de que esse erro parece estar associado a outros possíveis equívocos secundários de divindades parceiras, as quais, diante da inevitabilidade do "erro principal e primeiro", tiveram de se pôr em risco existencial em nome do Bem e do Belo cujos pilares pretendem dar origem a tudo o que existe e que possa vir a existir. E a inevitável pretensão do Mais Alto é a de que todos que nele mergulharam possam, ao final, emergir como seres esclarecidos e amorosos.

É por isso que, em meio a um processo tão cheio de imperfeições como o que se observa na arquitetura cósmica e, em especial, na teia da vida do contexto universal, pode-se observar a função da bondade e da beleza aqui e acolá, nas entrelinhas do perene, desagradável e infindável império do mais forte sobre o mais fraco que em tudo se percebe.

Note que a beleza à qual me refiro aqui não é a da flor, da diversidade e de muitas outras páginas da natureza como a conhecemos. Esta parece pertencer quase que exclusivamente à genial arquitetura da mente do Senhor Javé, enquanto criador universal e de tudo o que nisso possa se inserir. Refiro-me, isto sim, à **beleza que tem a ver com a função espiritual que foi discretamente edificada sobre tudo o que foi indevidamente criado.**

CONSTATAÇÃO:

Os "povos adultos" deste universo sabem o quão difícil foi e está sendo, não só para o agente secreto do Bem e do Belo, mas também para outro, que se obrigou a sair destruindo absolutamente tudo o que de poderoso e sem função perante a vida se encontrava existindo na Terra. Isso para que a "função do Bem e do Belo" pudesse ter lugar. Esta foi – não é mais – a vida do Senhor Shiva que, conforme eu penso, esteve agora reencarnado como Sai Baba, em mais uma expressão da sua augusta bondade enquanto avatar.

ENQUANTO ESCREVO ESTAS LINHAS, Sai Baba enfrentou um momento que, aos olhos da humanidade, pode parecer angustiante, em que seu corpo terreno simplesmente não parece ter suportado o enfrentamento vibratório em relação a alguns desígnios do Senhor Javé (Senhor Brahma) e chegou a fenecer. Uma das "luzes deste mundo" deixou a sua forma física cansada por força do desgaste que ele, por amor a todos e ao próprio Brahma, assumiu para si mesmo, tornando assim possível o desfecho que deve se cumprir nos próximos tempos, que é a vinda do "pacificador" personificado no "Messias do Senhor Brahma/Javé", exatamente aquele a quem conhecemos como Mestre Jesus.

Um avatar do quilate de Sai Baba somente deixa fenecer a sua forma física "antes do seu tempo" se algo "muito maior" estiver posto na "mesa de negociação das divindades" e o próprio Sai Baba concordou que assim fosse – apesar do seu anúncio que permaneceria entre os humanos até os 95 anos de idade. Mas como sempre existiu "acúmulo problemático" entre os Senhores Brahma e Shiva, desde os tempos iniciais deste universo, aconteceu o que é algo comum "entre eles", mas cujo "sentido" se encontra situado para além do nível da compreensão humana. Dia virá em que a complicadíssima relação entre essas duas divindades será esclarecida sob as luzes da união do entendimento ocidental com o oriental. Um dos problemas entre eles dois encontra-se finalmente resolvido (a disputa em torno da supremacia sobre a criação), mas o outro persiste (a autoria da criação) e esta história, pelo que pude depreender, simplesmente está longe de acabar.

Já quanto aos dois seres anteriormente referidos, Jesus e Sai Baba – verdadeiros agentes do amor mais puro que a ótica humana pode vislumbrar – a relação amorosa existente entre eles permitiu que os mesmos pudessem entrecruzar as suas estratégias exatamente no planeta Terra. E o (a) observador (a) atento (a) em relação ao que se passa no planeta em que reside poderá perceber claramente essas duas componentes semeadas ao longo da história desta humanidade. Mas esse tema será apropriadamente abordado em outros trabalhos literários, se o "desgaste corporal" permitir.

O interessante é que parece que somente agora esses dois processos haverão de se encontrar num mesmo período histórico: e eis que os tempos são finalmente chegados.

CONSTATAÇÃO:

Na verdade, se eu estiver certo no entendimento que pude arquitetar

em torno da questão, a “natureza humana”, como hoje a conhecemos, com seus problemas e um nível razoável de espiritualização em uma parte considerável da espécie h*omo sapiens* e, em especial, com as suas possibilidades em relação ao futuro, é produto principalmente do encontro das três vertentes vibratórias – três “logaritmos” específicos e definidores – geradas por Javé/Brahma, Sofia/Jesus e Shiva/Krishna/Sai Baba, além de outras interferências menores no processo da sua arquitetura.

As três vertentes logarítmicas identificáveis para o entendimento são: física-mental (Javé); sabedoria e harmonia espiritual (Jesus); força e maestria espiritual (Sai Baba).

NA CONDIÇÃO HUMANA, porém, não é de boa prudência que esperemos “perfeição” de nenhuma divindade encarnada, pelo simples fato de que esta condição existencial é imperfeita, o que implica em que tudo o que por aqui é feito carece sempre de algum complemento e/ou de correção a ser empreendida no futuro.

A chegada do Mestre Jesus acompanhado por uma plêiade de seres, cujas personalidades que tiveram nas suas vidas terráqueas são muito amadas pelos que aqui vivem, terá uma importância estratégica que somente poderá ser totalmente esclarecida no futuro breve. Entretanto, a convergência das estratégias divinas é fator de definição para que a vinda de Jesus, sob os auspícios do Senhor Javé, possa ter lugar. Em isso acontecendo, tornar-se-á verdade, finalmente, após quase treze bilhões de anos de puro desespero espiritual, que o **Senhor Javé estará concordando em “dividir” o comando da sua obra universal.**

Devo ressaltar que o Senhor Javé não aprova as expressões que costumo usar a respeito de, como imagino, possa ser o seu estado psicológico, do tipo, “puro desespero espiritual”, utilizada acima. Contudo, se alguém escolheu este aflito escrevente para alguma coisa, deveria saber que, pelas circunstâncias do meu temperamento espiritual e, enfrentando o que sou obrigado a “enfrentar”, não me seria possível “quedar-me passível”, nem me entregaria “docemente” (entrega mediúnica) a qualquer postura que me pretendesse dominar ou submeter.

Além do mais, aproveito aqui para esclarecer algumas questões que me são apresentadas por uma ou outra pessoa, referente às complicadíssimas pressões exercidas sobre a minha sensibilidade para que eu me “submetesse e

subordinasse". Não foram e não são fáceis até porque vindas do que considero, certo ou erradamente, ser comportamento atrasado e estéril, e estas terminaram por afetar a saúde física, mas não tiveram o condão de me afetar o psiquismo e a paz pessoal, posto que repouso no Pai-Mãe Amantíssimo.

Simplesmente penso ter cedido nos aspectos que julguei prudente ceder e, devo confessar, toda a pressão me foi e é dirigida, por envolver afetos da minha alma; estas sim me fragilizaram "a postura independente", e é por isso que o (a) amigo (a) leitor (a) está agora lendo estas páginas. Foi-me indiferente enquanto o peso era posto somente nos meus ombros! O Senhor Javé, vendo que isso não seria suficiente, "fez por onde", devo confessar, "do seu modo", levar-me a cumprir com algumas das suas vontades referentes aos seus desígnios.

Sendo assim, devo deixar claro, na medida em que sou obrigado a escrever – não há aqui nenhum exagero, pois o que aqui faço não o realizo de bom grado – o que sequer sei se está correto ou não e o que jamais teria intentado escrever se não fossem as circunstâncias imperiosas que a isso me levam. Além do que, como se não bastassem todas as imprecisões, ainda sou orientado a dar minha opinião para poder fornecer parâmetros às pessoas que por ventura venham a passar os olhos por estas páginas. Devido a isso, faço absoluta questão de dar as opiniões que me são próprias sobre o Senhor Javé, o seu estado e o dos seus filhos clonados os quais, aos olhos do mundo, podem parecer deuses – que sejam! Entretanto, diante dos meus, simplesmente me parecem seres desesperados e despreparados para a consecução dos passos necessários ao soerguimento das suas consciências cósmicas que se encontram totalmente anestesiadas pelos efeitos do DNA dos corpos herdados da vontade do pai-criador.

É, pois, modesta opinião deste escrevente, a possibilidade por mim levantada desses seres se encontrarem no mais desesperado estado espiritual possível a alguém na condição em que eles se encontram e, mais ainda, o de dependerem da astúcia e da nobreza de conduta de alguns poucos humanos terráqueos, e da sabedoria e do sacrifício de um Jesus e de um Sai Baba para que eles possam ser finalmente ajudados na medida das suas necessidades. Isto, caro (a) leitor (a), porque com a volta de Jesus e a consequente divisão de comando que o Senhor Javé fará, seja porque obrigado pelos fatos ou porque ele finalmente veio a desejar, essa "nova postura no seu psiquismo", nem que seja a "médio prazo" do tempo cósmico, em algo ou em muito modificará a sua convivência doravante com todos os seus filhos e filhas

universais, sejam eles evolutivos ou não – pelo menos esta é a expectativa do Mais Alto.

Um dos aspectos do drama espiritual do Senhor Javé reside no fato de ele não conseguir compreender, por força da sua natureza, o quanto o Mestre Jesus, na condição de um dos seus filhos-clones especiais, vem se esforçando para conduzir todo esse cortejo aristocrático de seres-clones comandados por alguém que sequer tem condições de respeitá-los, já que **a ninguém o Senhor Javé respeita, e isso é da sua natureza**.

A sua doença é de tal forma avassaladora que quem o conhece, com um mínimo de "perspectiva espiritual" na medida desse conhecimento, sente-se desalentado, pois simplesmente não é possível o vislumbre de qualquer possibilidade de solução.

"Os problemas de Brahma" ou a "doença de Javé" já era assunto conhecido ao tempo da revelação do Vedas, entre os arianos e os povos drávidas nativos do norte da Índia. Esse conhecimento foi, a princípio, repassado por meio das tradições orais de geração em geração e, mais tarde, foi **recontado de muitos modos**, por meio das expressões e características orais e escritas de cada uma das culturas mais expressivas de então, sendo todas elas atualmente consideradas "lendas".

Uma dessas "lendas" soa bastante curiosa: diz respeito a um **tempo em que existiam na Terra mais espécies pensantes que simplesmente a do *homo sapiens***, que hoje parece ser a única espécie pensante responsável pelos destinos do nosso planeta.

Segundo as notícias espirituais que agora são reveladas, houve um tempo no passado em que almas humanas encontravam-se escravizadas a uma espécie de classe intermediária entre os animais, os humanos e os deuses – entre outras –, formando uma espécie pensante comumente chamada de "demônios". Como entre os humanos e entre os deuses existam os "bons" e os "maus" demônios, os "muito inteligentes" e os desprovidos de inteligência, os demônios considerados "sábios" e os que simplesmente mantinham os seus pensamentos na média do "rebanho" – obviamente aqui me refiro ao rebanho dos demônios pensantes de então, por mais chocante que isso possa parecer ao "pensamento moderno".

Sei quanto isso poderá afrontar a sensibilidade do (a) leitor (a), mas não me é dada alternativa a não ser a de antecipar aqui temas de livros que ainda virão dentro do programa de revelações que está "planejado" – se tal me for possível.

Parto aqui da premissa de que **quem realmente conhece minimamente a realidade deste universo e do seu criador**, mas que ainda **não despertou as suas potencialidades espirituais**, não pode ter outro sentimento existencial a não ser o do "**desalento profundo**", já que todo o esforço de progresso individual e/ou coletivo tem de ser efeito "apesar" de tudo o que o Senhor Javé às vezes faz em sentido contrário. E isso se dá por força da sua doença de somente admitir o "progresso" via submissão e subordinação aos seus desígnios, os quais nem sempre são aplicáveis ao que a lógica e o bom-senso terrenos, em níveis razoáveis de expressão, poderiam chamar de "desígnios produtivos" ou "admissíveis".

O mais interessante é que a referência mais moderna a essa lenda foi feita por Nietzsche[1] em seu livro "O Nascimento da Tragédia", que foi, entre os autores que conheço, aquele que resgatou a notícia/lenda de um passado esquecido – e penso que o fez com muita propriedade – e que demonstra o "desalento", o "desconforto" das pessoas e entidades que tinham o conhecimento hoje perdido e/ou esquecido em relação á doença do criador, que em muito atrapalhava qualquer ideia de progresso pessoal. Óbvio que Nietzsche nada tem a ver com a tese apresentada neste livro sobre o Senhor Javé como criador universal.

REZA a antiga lenda que o rei Midas perseguiu na floresta, durante longo tempo, sem conseguir capturá-lo, o sábio Sileno, o companheiro de Dionísio. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe o rei qual dentre as coisas era a melhor e a mais preferível para o homem.

Obstinado e imóvel, o demônio calava-se, até que forçado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras:

– "*Estirpe miserável e efêmera, filhas do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer*".

MUITOS "DETALHES" são interessantes nesse mito/lenda, desde o fato de um rei procurar um "demônio" para "saber das coisas" e o dito cujo realmente "saber das coisas" e não "querer falá-las" para uma raça (a espécie *homo sapiens*) recém-criada e por quem ele parecia não nutrir maior grau de admiração e apreço. Mas essas questões ficarão para outra abordagem que, se

o tempo e o fluxo da atual vida terrena permitirem, ainda deverá ser produzido.

Ressalto, então, o aspecto do **“sabor amargo” que inexoravelmente vem povoar o psiquismo de quem conhece o drama espiritual do Senhor Javé e que sabe da sua teimosa interferência** e absolutamente tudo o que diz respeito aos seus “desígnios”. Para além disto – e a Sileno, no seu tempo, isso talvez não lhe fosse possível saber – quando se percebe que a “in-formação” é o algoritmo mais expressivo dentre os muitos que foram gerados pela mente da divindade para por a máquina da vida universal em funcionamento, ainda que problemático, e que esta “in-formação” parece estar “digitalmente codificada” em todas as micropartes do grama holograma que é o universo em que vivemos, aí é que a “visão de universo e do seu criador” que passamos a ter assume-se como sendo desalentadora.

O “agente secreto” do Bem e do Belo, porém, de modo bastante diverso do humano da Terra, e sabedor em detalhes do drama do Senhor Javé como ninguém mais neste universo pode a isso pretender, ainda assim **ele é só “esperança” e “certeza” de que todo esse contexto problemático haverá de ser levado a bom termo ao porto seguro da pacificação espiritual de todas as consciências envolvidas** na questão. Seguramente, o Mestre Jesus deve possuir os elementos que lhe permitem ter arquitetado esse plano via a “**conspiração amorosa**” que envolve o Senhor e os seus filhos-clones. A ele, portanto, é dado fazer planos, sonhar e trabalhar constantemente pela redenção daqueles a quem ele tanto ama. Mas para pessoas do meu tamanho, que após serem atropeladas na sua sensibilidade ainda são obrigadas a abordar questões aparentemente constrangedoras sobre o insensível atropelador, o permitir-se ter ilusões fáceis a respeito de que as coisas vão mudar soa tão absurdo quanto acreditar que o Senhor Javé, doravante, tratará a espécie humana terráquea com carinho e com ternura nos moldes em que sobre isso entendemos. Porém, ninguém se dedicou tanto quanto o Senhor Javé a esta humanidade, em especial, nos seus primórdios.

Quanto à questão do “zelo carinhoso”, simplesmente, seria impossível para o criador sentir o modo como o fazemos pelo fato de a sua natureza não conhecer o carinho e a ternura. Ele parece estar aprendendo sobre isso por meio do zelo carinhoso dos pais animais de qualquer da natureza terrestre com sua prole, em especial, com o carinho e a ternura dos pais humanizados para com seus filhos. Isto sem aqui me referir aos importantes fatores do “amor romântico” e do “amor fraternal via cumplicidade da amizade

profunda”, que muito representam para a sua sensibilidade em vias de maturação. E é importante que se frise que o Senhor Javé também “recebe os eflúvios” de outras civilizações cósmicas que já atingiram níveis de expressão amorosa superiores à de certa parte desta humanidade. A questão é que a “intimidade vibratória” dele para com a espécie *homo sapiens* parece ser maior ou mais firmemente estabelecida que o padrão que mantém com essas comunidades celestes.

Perceba o (a) leitor (a) que quem bem conhece esses sentimentos é a natureza humana, até porque foi sob o seu concurso que esses sentimentos amorosos foram criados nesta parte do cosmo. É por isso que o Senhor Javé terá de aprender conosco a se deixar “humanizar” no que de positivo isso possa um dia vir a ser, e me parece ser nisto que o Mestre Jesus firmemente acredita e pelo que ele tanto trabalha: **no processo de humanização da complexa personalidade do Senhor Javé.**

Enfim, o Mestre Jesus, como “agente secreto” do Bem e do Belo, vem agindo nas micropartes desse grande holograma cosmo-pensante, que é o universo gerado pelo Senhor Javé enquanto divindade.

Recorde-se o (a) leitor (a) de que o **universo que cada ser humano vivencia sob a sua perspectiva individual** não tem existência separada do nível de consciência que dele se tem. Do mesmo modo, e esse é um dos grandes mistérios do “truque mental” da divindade hoje conhecida como Senhor Javé, o universo objetivo não poderia ter existência separada da mente que o gerou. Isso implica que a “força mental motriz” mantenedora da criação universal continua em ação, apesar de a mente da divindade criadora hoje se encontrar “implodida”, “desabilitada” ou ainda “prematuramente desligada de um processo que ainda se encontra em curso”.

Em sendo correta a premissa acima, resta o mistério de compreendermos em que foco mental divino reside – ou em quais focos residem – ainda a sustentação vibratória que mantém a criação universal como uma espécie de “bloco monolítico existencial”, estando aí envolvidos todos os níveis residenciais (dimensionais) dos seres que nele habitam.

Dos muitos aspectos do trabalho que envolve os esforços das divindades que foram para o sacrifício, parece ser neste mister que mais estão envolvidos as mentes do Senhor Javé e de seres como o Mestre Jesus e Sai Baba, entre outros poucos. E tudo isso, apesar de que incompreensível até para os padrões teóricos especulativos da ciência atual, tem a ver com a questão do “universo holográfico”, tema já abordado no livro “O Drama Cósmico de

Javé", mas que aqui será explorado com outras cores, em especial, sob a égide em torno do possível e **teórico propósito deste universo.**

Recorro mais uma vez a Ervin Laszlo, que em seu livro "A Ciência e o Campo Akáshico"[2] reflete sobre o significado do universo abordando as possíveis respostas para questões como: "Qual é a natureza do universo e qual é a posição da humanidade nele? Qual o propósito do universo?"

O físico Steven Weinberg[3] – esclarece-nos Laszlo – é inflexível em dizer que o universo enquanto processo físico carece de significado; que as leis da física não oferecem nenhum propósito discernível para os seres humanos.

> *"Eu acredito que não exista um significado essencial que possa ser descoberto pelos métodos da ciência. Acredito que o que o que descobrimos até agora – um universo impessoal que não está particularmente direcionado para os seres humanos – é o que continuaremos a descobrir. E que quando descobrirmos as supremas leis da natureza elas terão uma qualidade indiferente, fria, impessoal."*

Para cientistas como Weinberg, o significado do universo reside apenas na **mente da humanidade**, já que este, em si mesmo, é impessoal, sem propósito nem intenção.

Enquanto ser humano teimosamente adestrado na arte de tentar pensar por mim mesmo, e mais ainda sem ser autoridade em coisa alguma, concordo com a tese de que o universo assume um significado especial na mente humana que o percebe, como – e aqui digo de minha parte – outros significados nas mentes de outras civilizações siderais inseridas no contexto universal.

Penso, no entanto, que o Universo tem, sim, um **propósito desesperadoramente marcado no jogo dos elétrons**, como enfocado anteriormente, já que estes precisam ter as suas "memórias quânticas preenchidas" com as melhores vibrações possíveis de serem arquitetadas, provenientes da contribuição dos espíritos já despertos para a arte da existência responsável e cocriativa, ou seja, com a marcação amorosa advinda das suas posturas mentais.

O tema já foi superficialmente abordado no livro "O Drama Cósmico de Javé", e aqui está sendo novamente repetido apenas para compor os elementos necessários à compreensão do que está por vir.

Como explicado pelo já referido princípio da conservação da energia, na natureza nada se perde, nada se cria, mas tudo se transforma. E essa transformação tem a ver com a evolução que os elétrons vão tendo na medida em que vão compondo os corpos, por exemplo, de vegetais, depois de animais, e, por fim, dos corpos humanos que vão sendo recriados para o ciclo dos nascimentos e das mortes, quando os mesmos são devolvidos para a natureza. E assim, "pulando" de corpo em corpo das naturezas planetárias, esses elétrons vão absorvendo nas suas matrizes quânticas as incontáveis sensações vibratórias de tudo o que ele (o elétron) viveu naquele corpo humano (no caso terrestre) enquanto nele permaneceu.

Ora, um universo que tem nos seus "tijolos básicos" uma espécie de "computador memorial quântico" que marca e assimila o contributo vibratório das mentes que temporariamente os utilizaram, **deve ter um propósito incomensurável**, até porque esses elétrons foram resultado da arquitetura do processo que os gerou exatamente com essa capacidade, com vistas a esse fim. Isso demonstra que há um sentido, um propósito por trás da aparente impessoalidade das leis universais e/ou do "caos" que em algumas dessas leis parece ser inerente.

Sou, portanto, obrigado a deduzir que existe um propósito claro e específico no modo como os tijolos básicos da construção universal foram construídos. Penso que o Mestre Jesus, mais que qualquer outro, desenvolve todos os seus esforços voltados para a marcação individualizada, sob a perspectiva espiritual, de cada um dos elétrons que os nossos espíritos utilizam ao longo das muitas vidas terrenas. Quem sabe se a **ressurreição do corpo terreno de Jesus** não tem a ver com essa questão entre ele e o Senhor Javé, que parece ter se esquecido de que a sua saúde pessoal depende "também e principalmente" da marcação que os seus filhos e filhas universais fazem nos elétrons gerados pelo plano genial do próprio Senhor Javé, enquanto divindade cocriadora.

Antes de seguir adiante, é necessário refletir um pouco mais sobre o aspecto holográfico do universo.

Ervin Laszlo[4], no seu livro "A Ciência e o Campo Akáshico", nos remete para a seguinte reflexão em torno da questão do holograma universal:

> *Os hologramas são representações tridimensionais de objetos registrados por meio de uma técnica especial. Um registro holográfico consiste no padrão de interferência criado por dois feixes*

de luz; lasers monocromáticos e espelhos semitransparentes funcionam melhor para esse propósito. Parte da luz do laser passa através do espelho sem sofrer desvio e parte é por ele refletida, atingindo o objeto a ser registrado, que a espalha em duração ao feixe que não sofreu desvio. Uma chapa fotográfica é exposta ao padrão bidimensional e não é significativo em si mesmo; é meramente um confuso emaranhado de linhas. No entanto, ele contém informações sobre os contornos do objeto. Esses contornos podem ser recriados iluminando-se a chapa com a luz do laser. Os padrões registrados na chapa fotográfica reproduzem o padrão de interferência dos feixes de luz, de modo que apareça um efeito visual que é idêntico à imagem tridimensional do objeto. Essa imagem parece flutuar acima e além da chapa fotográfica, e muda de acordo com o ângulo segundo o qual ela é observada.

É interessante, e importante, constatar que a imagem aparece independentemente da parte da chapa holográfica que é iluminada, embora ela seja menos distinta quando a área iluminada e menor. O fato é que toda a informação na qual a imagem se baseia está presente em todo o registro holográfico.

Sob esta perspectiva, portanto, o universo parece ser um grande registro holográfico. Em assim sendo, toda a “in-formação” na qual a projeção da realidade universal se baseia está presente em qualquer uma das micropartes que compõem o todo universal. Para tanto, vou tomar o elétron como sendo esta “microparte” que se faz presente em absolutamente tudo o que existe na perspectiva de quem se encontra inserido neste universo. Esta é a **primeira fase** do que chamo, na minha reflexão amadora, de “**jogo holográfico da divindade criadora**”.

Nesse contexto, porém, deu-se a queda da divindade e esta somente pode se reconstituir, agora como refém da própria criação, com os elementos primordiais da sua arquitetura disponíveis para tanto. E quais seriam esses elementos primordiais? Os elétrons!

A sua força mental singular, prenhe de angústia e da tentativa de se reconstruir da forma que lhe fosse possível, foi marcando a sua condição mental em cada uma dessas micropartes sobre as quais a força mental da divindade já decaída podia atuar. Dessa interação surgiu o ser que conhecemos como Senhor Javé. Este, ao decidir criar os demais seres,

utilizou-se das suas próprias micropartes – os elétrons – agora já aglutinados sob a forma de DNA, e esta passou a ser a sua nova microparte replicadora de si mesmo, só que numa **segunda etapa do seu jogo holográfico**, esta sim com o objetivo de repicar o fenômeno da vida pensante para além de si mesmo, com o objetivo maior de “salvar-se” daquela situação.

Assim, o (a) leitor (a) poderá perceber que estão sendo referidos nestas páginas dois processos holográficos:

Um que se refere ao modo como os “tijolos constituintes” da (s) faixa (s) de realidade (s) presente (s) na criação universal da divindade e de tudo o que ela (s) pode (m) conter, e aqui o foco da nossa atenção reflexiva deve se direcionar para o “elétron”;

Outro que se refere a uma nova configuração dos elétrons, agora formatados para servirem novamente como “tijolos básicos”, só que com a intenção de que esses viessem a formar os corpos dos seres vivos dentro da realidade universal. Esses corpos são baseados na condição de existência do ser que a divindade decaída conseguiu construir para poder expressar-se no âmbito da própria criação. Aqui o foco da nossa reflexiva deve se direcionar para o “DNA mãe” enquanto molécula ancestral de todos os seres que viriam a ser posteriormente criados.

Devo ainda ressaltar que a “**condição de incerteza**”[5] que envolve o elétron é que permitirá a ele e às suas contrapartes a **opção por fazerem parte constituinte desta ou daquela faixa das realidades presentes na obra universal** oriunda da criação indevida. Aqui entramos no campo das micropartículas formadoras da realidade e da opção quântica advinda do colapso quântico, assunto por demais complexo para ser aprofundado nestas páginas.

O que estou afirmando, apenas a título de complemento, é que **o aspecto holográfico que podemos perceber na faixa da realidade universal a que estamos confinados também se faz presente nas outras faixas de realidade** já referidas como partes constituintes da obra da divindade decaída.

Assim, para o que pretendo significar, o (a) leitor (a) pode e deve entender como “microparte” do processo existencial dos seres pensantes no âmbito da criação do Senhor Javé, exatamente o **DNA com o código da sua existência “quimicamente digitalizado”** e presente em cada uma das trilhões de células que formam o seu corpo terrestre animal.

Do mesmo jeito que a cada vez que uma individualidade espiritual,

quando vai nascer para a faixa da realidade física-densa dessa obra universal, um novo corpo precisa ser gerado a partir da herança genética via DNA de um pai e de uma mãe, e este novo corpo surge para o "jogo da vida" com as regras do jogo deste universo, quando a divindade decaída teve de "nascer para a sua criação", por força da queda, ela mesma teve de criar um "corpo" no qual se obrigou a fixar as células primordiais que fez para si, de acordo com a sua condição mental do momento.

Todo esse processo, porém, deu-se em outra faixa de realidade, algo diferente da do universo físico-denso que conhecemos, faixa de realidade esta que tem as suas próprias leis e regras do jogo da vida – por força da opção quântica via colapso de onda – conforme ela ali se expressa.

Mais tarde, ao intentar criar os demais seres para viverem no âmbito da sua criação, seja na faixa de realidade em que ele se encontra, seja nas demais que compõem a sua obra, ele o fez valendo-se do mesmo processo via replicação do seu próprio DNA.

Concluindo esta abordagem holográfica em torno do Senhor Javé e da sua obra enquanto divindade, se o universo é um grande holograma "inicialmente refletido" por meio da **condição mental** de uma divindade, o **ser** que esta se obrigou a criar, só que agora como refém no âmbito da própria criação, **é também uma projeção holográfica**, só que incompleta, quando comparada com a sua condição anterior de divindade. Dessa incompletude é que surge o aspecto doentio da sua exuberante, porém, estranha personalidade.

Em outras palavras, o **Senhor Javé é uma espécie de registro holográfico que não se "completou"**, e o seu **DNA, gerado na reconstrução de si mesmo, passou a ser o algoritmo ou a marca desse processo** em que o holograma chamado Javé precisou gerar para poder criar outros seres, sejam clones ou evolutivos, como é o caso dos animais pensantes e não pensantes da natureza terrestre, sejam outros tantos que existem neste universo e que um dia serão plenamente conhecidos.

Unindo agora as questões pontuais abordadas no presente capítulo, ou seja, a questão do elétron (registro akáshico) como **"célula memorial" de todos os eventos universais**, a obrigação que as individualidades espirituais assumem administrar, ao longo das vidas transitórias, as **marcações morais-amorosas nesses elétrons,** os aspectos holográficos presentes, seja na criação universal, seja nos seres que a compõem, e o **aparente propósito do universo**, penso ter demonstrado, ainda que superficialmente, **como a intenção do criador pode e deve ser claramente percebida**.

Outro painel – perdoem-me a expressão – fantástico de toda essa história é que o “agente secreto” que age nas “micropartes pensantes” do jogo holográfico advindo da criação do Senhor Javé, o faz semeando, em cada ser deste universo, as sementes da Bondade e da Beleza, como focos que possibilitam o progresso pessoal no rumo da consecução do Ideal de Fraternidade Cósmica.

Outro aspecto do drama espiritual do Senhor Javé é o fato de serem “outros” os que estão fazendo esta semeadura, o que o deixa, por força da sua natureza, ensimesmado e pouco confiante no processo.

Por mais absurdo ou somente estranho que isso possa nos parecer, é exatamente este um dos aspectos que atrasou a “tomada de consciência” da parte do criador em relação ao fato de que existem “outros” que estão disponíveis para fazer o que ele precisa que alguém faça, posto que ele nada pode fazer, e o repito, por força da sua natureza adoentada. Tudo seria mais simples se os “outros” fossem clones da sua total “confiança”. Para seu tormento, os da sua “confiança” sofrem a sua influência de tal forma que não o podem fazer. A sua tristeza e inquietação residem, pois, no fato de que os “outros” que estão aptos para tanto não se encontram assim tão submissos e subordinados ao seu jugo.

Penso que o “pessoal à frente da conspiração amorosa” jogou – assim digo porque tudo o que é terreno para o psiquismo do Senhor Javé assume o aspecto de um jogo, de um pacto, de uma negociação, de um “toma lá da cá”; é simplesmente inacreditável! – de um modo que para o criador era “pegar ou largar”. Que bom, para ele e para nós, que ele resolveu abraçar a todos com a sua nova postura.

Apenas a título de complemento, a outra divindade envolvida na questão também trabalha semeando amor e ternura nos corações humanos. Basta ver o que tem feito o homem incomum chamado Sai Baba e toda a sua obra em prol desta humanidade.

14

O CHOQUE DAS NATUREZAS

COMO ENTENDER a natureza de uma espécie? O que define a natureza humana ou o que é a natureza humana?

Resposta: Vou me valer de um pequeno trecho de um texto de Francisco Daudt[1] para responder à questão.

> *"Pense num computador. Você o compra, ele já vem com programas instalados. Somos nós quando nascemos. Isso é a natureza humana, Depois, você acrescenta programas (a "cultura", que ele só absorve porque já tinha programas do nascedouro). Acho que a comparação está boa."*
>
> *"Veja como um bebê vira a cabeça para o lado certo quando é posto para mamar. É do seu programa operacional."*

O que costumamos chamar de **"natureza humana"** parece já vir com seus **"programas instalados"** na mente dos espíritos que subordinam as suas condições espirituais aos corpos animais terráqueos. Interessante é também perceber que esse "pacote de programas instalados" parece ter sido arquitetado para cada uma das espécies animais da Terra e cada pacote desses age como se definindo uma "natureza".

Esses "pacotes" são compostos pelos "programas instalados" na mente espiritual – no caso dos seres pensantes e responsáveis pelos próprios atos – que se "acoplam" a outra componente codificada por meio do arranjo genético que **definirá a espécie**, ou seja, o seu **genoma**.

È fácil perceber que a natureza de um sapo é diferente da de uma libélula,

que por sua vez é diferente da de um tigre, e **não existem duas naturezas iguais** entre as múltiplas espécies que compõem a flora e a fauna da natureza terrestre.

O que existe enquanto "**patrimônio comum**" a todas as espécies e as suas respectivas naturezas é um **conjunto de sensações e de características** que marca uniformemente a "base" dessas naturezas, todas elas vindas do "DNA mãe" – aquele que apareceu há 3,8 bilhões de anos no início da formação planetária – que a tudo formou. As características que marcam indistintamente a todas as espécies são:

Instinto de sobrevivência;
Desejo inato da reprodução;
Necessidade de destruir outras vidas para manter a sua;
Império do mais forte sobre o mais fraco ainda que não seja para a "destruição".

O que se encontra exposto é, enfim, tudo aquilo que o (a) leitor (a) atento (a) já sabe ter vindo como herança da doença do criador por meio do seu DNA posto na Terra para gerar vida.

Apesar da obviedade da questão, seria interessante, para a proposta de reflexão aqui apresentada, se o (a) leitor (a) pudesse agora comparar as naturezas entre as diversas espécies conhecidas na Terra. Fatalmente, seria percebido que cada arranjo genético presente no genoma de cada espécie define uma expressão de natureza existencial absolutamente distinta das demais, apesar da "base" comum, no que toca à alimentação, à reprodução e ao instinto de sobrevivência que se traveste da tentativa de se impor no ambiente perante os demais.

A questão da "natureza da espécie" e a de "cada membro de uma mesma espécie" é algo tão singular que ainda entre espécies pertencentes a um mesmo gênero se pode claramente perceber a natureza vibrante, com "cara própria", de cada uma dessas espécies e dos seus membros.

É curioso também perceber que em cada espécie existem os que "compõem a mentalidade daquele rebanho" e alguns poucos que se assumem como sendo "os mais espertos" e que "comandam" o rebanho. É aquela história: "manda quem pode, obedece quem tem juízo". Tudo pela preservação da vida.

Admitindo-se que as "almas" ainda não humanizadas que animam os

corpos das **espécies animais “não pensantes”** venham a ser semelhantes – em termos de marco vibratório espiritual, no que diz respeito à resultante das conquistas, méritos e deméritos de cada espírito individualizado –, percebe-se que a definição da “qualidade” da natureza da espécie será simplesmente **decidida pelo seu genoma.** Em outras palavras, o genoma de uma espécie “não pensante” parece definir a sua natureza no caso daqueles indivíduos ainda não responsáveis pelas suas atitudes – sem senso moral desperto.

Experimentos com animais têm demonstrado que esses nossos irmãos em evolução, tidos como “não pensantes”, podem ser influenciados em sua natureza quando os seus hábitos são “adestrados” ou “educados” por força de alguma disciplina ou necessidade.

Com a natureza humana parece não ser lá muito diferente! O genoma humano define quem nós somos, apesar de que, no nosso caso, o espírito pensante que nos anima tem a sua natureza espiritual à parte, desperta, diferente do caso dos nossos irmãos da fauna e da flora planetária. Por isso que na condição humana ocorre o que mais abaixo será ressaltado, que é o “**bom combate**” entre as **duas naturezas presentes no psiquismo terráqueo**.

Seria de todo conveniente que agora comparássemos a natureza humana com a que marca, por exemplo, a dos orangotangos, irmãos nossos em evolução que nos são muito próximos em termos de “arranjo genético”. Afinal, só existe uma diferença de 3% entre o nosso genoma e o da espécie desses nossos irmãos. No entanto, a natureza de uma e de outra raça são obviamente bastante diversas.

Já entre a espécie humana e a dos chipanzés há somente uma diferença de 1,1% entre os genomas das espécies. Contudo, as naturezas são totalmente distintas. Esses aspectos nos remetem a especulações preciosas sob a perspectiva da importância da condição dos espíritos que se encontram animando as espécies terráqueas, mas que aqui não serão feitas para evitar que venhamos a nos desviar do foco pretendido.

Há, porém, uma especulação a qual não poderei fugir por força do ofício assumido, que se refere ao seguinte aspecto: quando, um dia, a ciência terrestre puder perceber que a diferença que existe entre o genoma da espécie humana e o de muitas outras espécies de certas realidades extraterrestres é ainda menor que a que se verifica em relação à dos chipanzés, a explicação científica que deverá então surgir seguramente será perturbadora.

Essa “comparação” é simplória e inapropriada pela falta de elementos e

evidências. Contudo, tenho de persistir nessa suposição como forma de ressaltar a diferença do fator de ativação do DNA que, no caso da natureza terrestre, é de 3%, enquanto o de outros mundos deve ser maior, conforme as informações que me foram repassadas pelos assessores do Senhor Javé.

Assim afirmo porque a grande variação que ocorre entre as espécies terrestres e as de outras realidades planetárias parece ser passível de ser observada sob dois aspectos:

No que se refere ao fator de "ativação" entre o "DNA útil" e o "DNA lixo", como já referido;

Em relação ao fator que está ativado em cada natureza planetária, e a multiplicidade de formas e de possibilidades existenciais que um maior fator de ativação pode produzir desde que não ocorra manipulação "qualificativa".

Acontece que esse assunto é tão enigmático que, somente no caso do percentual terrestre do "DNA lixo" (parece que 97%), isso parece "esconder" uma multiplicidade de formas existenciais que surpreenderia ao mais aficionado dentre os ficcionistas da nossa cultura planetária. Mas não será no presente livro que irei abordar as possibilidades especulativas sobre o que se encontra por trás dos aspectos intrigantes que envolvem o DNA terráqueo, aspectos estes já abordados nos quatro primeiros capítulos.

Será, então, interessante perceber, nessa comparação especulativa que ora empreendo entre a espécie humana da Terra e outras espécies pensantes extraterrenas, que existirá uma diferença surpreendente e superlativa entre a "natureza de cada uma dessas espécies", apesar dos seus arranjos genéticos não serem tão diferentes como a princípio seria razoável supor.

Por outro lado, a diferença existente entre a natureza do Senhor Javé e a dos seus clones é praticamente nenhuma. A exceção é a que ocorre no caso de alguns poucos que já despertaram a natureza espiritual das suas almas, para que estas prevaleçam sobre a que herdaram junto com o corpo que receberam do criador. Em contrapartida, a natureza do Senhor Javé é totalmente diferente da natureza humana ou de qualquer outra espécie terrestre. Porém, se pudéssemos "somar" (por mais inapropriado que possa ser) todas as naturezas das espécies terrestres e a elas acrescentar a somatória de um conjunto de naturezas extraterrenas que sequer conhecemos e, além disso, se da natureza humana terráquea tirássemos um pouquinho do que marca a genialidade intelectual-científica de alguns membros da nossa espécie e à soma isso acrescentássemos, teríamos assim, algo próximo da estranha natureza que marca a não menos exuberante personalidade do

Senhor Javé.

CONSTATAÇÃO:

O "choque vibratório" que existe sempre que ocorre a interação entre a natureza do Senhor Javé e as demais naturezas pensantes do universo, à exceção da dos clones que lhes obedecem cegamente, é assunto ainda por ser convenientemente refletido quando os tempos e a maturidade terrestre permitirem.

ATÉ OS DIAS ATUAIS ESSE "CHOQUE" foi e é de tal sorte que somente produziu desgraças, rebeliões, conflitos e intrigas de todo tipo. Produziu também "arranjos genéticos" criminosos para fazer frente a essa ou aquela necessidade intrigante, cujos problemas, se não fossem resolvidos, poderiam impedir qualquer possibilidade de ajuste futuro, como o que hoje se processa em torno da conduta pessoal do criador – e aqui me refiro a confrontos entre "heróis semidivinos" e certas monstruosidades do passado terrestre.

Um pouco do que significa o "choque entre a natureza humana e a natureza do Senhor Javé" pode ser vislumbrado ao se observar a **luta íntima** – referida anteriormente – que cada ser humano carrega quanto ao que **prevalece no seu psiquismo:** se é a natureza do seu corpo animal ou se será a natureza espiritual da sua alma, caso o seu espírito já tenha educado ou superado o aparente domínio do psiquismo comum à natureza transitória dos corpos terráqueos.

Mas, por que esse combate se dá exatamente na intimidade psicológica de cada pessoa? E por que esse combate sempre surge em algum momento da evolução espiritual, que atrai de modo indefinível e inexorável, mais cedo ou mais tarde, a cada um de nós para esse tipo de vivência íntima? A resposta é simples, apesar de perturbadora.

CONSTATAÇÃO:

Pelo fato de o criador "ser alguém" incapacitado para viver o processo de reforma íntima, no seu âmbito pessoal, o mesmo foi "transferido" para os demais "feixes nervosos" formados pelo DNA adoentado com maior ou menor grau de ativação.

Já é sabido pelo (a) leitor (a) que quem administra esses "terminais nervosos" espalhados por todo o cosmo são as individualidades

espirituais que a eles se subordinam com vistas ao propósito da elevação espiritual das suas consciências, beneficiando, assim, ao Senhor Javé e a todos os que dele dependem diretamente, como é o caso dos seus filhos-anjos clonados.

É ASSIM, portanto, por meio da "**ponte química do DNA**" que une o criador a todos os seus filhos e filhas universais, que a sua natureza influencia e recebe a influência de outras naturezas por absolutamente tudo o que é realizado no âmbito pessoal e no coletivo das famílias cósmicas, geradas a partir da sua célula primordial.

Para a sorte do romantismo terreno presente na cultura ocidental, o psiquismo pessoal é tentado a erroneamente pensar que se encontra separado de tudo e de todos, quando isso é somente uma ilusão tão profunda que até somos levados a pensar que esta é a realidade e que nada mais existe além dela. Paradoxalmente, esse equívoco tem o benefício que nos pacifica a ignorância que naturalmente temos com relação à existência de um ser como o Senhor Javé e da sua ajustada intimidade com cada pessoa deste universo.

Assim afirmo porque a percepção direta quanto à existência do Senhor Javé poderia ser "assustadora" para alguns, agora que a sua figura singular passará a fazer parte inapagável do conhecimento humano, enquanto existir natureza humana, até os confins da posteridade universal. Em outras palavras, não conhecê-lo diretamente facilita a convivência entre cada um de nós e os efeitos que as suas atitudes e posturas sempre provocam em nossas vidas.

Talvez haja um tempo, ainda que no futuro muito distante do fuso terrestre, em que o Senhor Javé, mais humanizado, mais amigo e menos impetuoso, mais condescendente, menos inflexível e mais bem-humorado consigo mesmo possa estabelecer outra ponte – além da que já existe por força da "química quântica" do seu DNA – com esta humanidade para uma comunicação mais aberta e fraternal, sem que seja o eterno "tomem lá as minhas ordens e me deem cá a sua submissão", que até hoje tem marcado essa coexistência pouco percebida pelos terráqueos.

Como o já informado no livro "O Drama Cósmico de Javé", o **plano da conspiração amorosa** que o envolve tem como objetivo o de que **ele possa ser** mais e mais **"humanizado" pela condição terráquea**. Para isso, porém, é imperioso que espíritos melhorados, esclarecidos e amorosos venham a ser os "administradores" dos terminais nervosos terráqueos – os corpos animais da espécie *homo sapiens*.

É exatamente por isso que, como nos informa a doutrina espírita, a Terra está deixando de ser um mundo de expiação e provas, em que somente espíritos com problemas reencarnam, para se tornar um mundo regenerado, no qual somente espíritos tendentes ao bem poderão aqui reencarnar.

Com a reintegração da Terra ao convívio cósmico, finalmente o conhecimento planetário saberá como a “natureza humana” é cara para muitas espécies cósmicas e, em especial, para a Espiritualidade Superior que a tudo coordena com vistas ao progresso.

Apesar de que atualmente a Terra ainda serve como planeta-escola, planeta-hospital e planeta-prisão para um número substancial de individualidades espirituais que para aqui foram trazidas por força dos seus equívocos cometidos em situações pretéritas extraterrenas, todo o contexto sideral também sabe que sairá daqui, quando uma humanidade melhorada estiver aqui vivendo, o contributo vibratório decisivo para o reordenamento, a reconfiguração da condição pessoal do Senhor Javé. Mas até que esse dia chegue muito trabalho espera a todos.

Concluindo o presente capítulo, ressalto que a natureza do Senhor Javé, por força das circunstâncias que marcaram o seu modo de sobreviver à própria queda, é tão ditatorial que tudo que dele surge traz a marca desagradável e injustificada da imposição.

Isso fez com que as religiões que surgiram no contexto terrestre, por sua ordem ou orientação, apresentassem exatamente a marca da exclusividade, da intolerância, enfim, da fé fanatizada e violenta que nada consegue construir, a não ser mais e mais problemas. Detalhe: as demais religiões que surgiram na Terra, livres da sua influência direta ou da de seus anjos, são pacíficas, tolerantes e abertas.

Por que tudo aconteceu dessa maneira? Analisemos, pois, essa questão que é extremamente complexa e de vital importância para todos os que vivem na Terra.

15

O ASPECTO ESPIRITUAL DAS RELIGIÕES

A religião não é somente um sistema de ideias, antes disso, ela é todo um sistema de forças.

— ÉMILE DURKHEIM[1]

O MODO de ver a vida do homem comum não percebe, mas, se bem for observado e, dependendo da ótica de que se parta, existem dois tipos de religião na Terra:

1. AS "IMPOSITIVAS", que foram fundadas pelo Senhor Javé;
2. As demais, aqui consideradas como "libertárias".

NA VERDADE, o tema não é tão simples, mas assim faço para provocar o (a) leitor (a) antes da abordagem de uma questão que é tão cara à maioria dos terráqueos.

Nascemos para este mundo sem que o corpo que os nossos espíritos utilizam possa permitir ao tirocínio presente na mente espiritual que este, de pronto, disponibilize ao novo modo de pensar, o sentido de se encontrar vivendo na Terra e nas condições que o cercam.

O penoso e desnecessário, sob a perspectiva de uma evolução espiritual cujos caminhos não fossem tão tortuosos assim, é que **o sentido da nova vida precisa ser construído**. E é aqui que começam todos os nossos problemas.

CONSTATAÇÃO:

A “verdadeira” evolução espiritual, por meio do caminho religioso – no modo como ele é praticado na Terra – traz consigo problemas praticamente insolúveis para a condição humana. Somente uma “filosofia religiosa” esclarecida e habilmente praticada haverá de transformar a via religiosa como uma “opção inteligente”. Em contrapartida, pelo fato de nos encontrarmos isolados da convivência com qualquer outra cultura cósmica, o “saber” nos é proibido, restando-nos a “crença” e a “fé” como sendo os caminhos “mais fáceis para o progresso humano.

AQUI, IMPLICA RECONHECER QUE O “APEGO” dos crentes às suas religiões preferidas produz naturalmente uma “herança de sentido de vida” que inapelavelmente é transmitida ao novo “ser humano”, que entra em campo para a “peleja da vida” sem o menor adestramento para tanto.

A coexistência humana, alicerçada no tripé animalizado da reprodução, da alimentação e da sobrevivência a qualquer custo – sem maiores ideais de nobreza e de progresso espiritual – tem tornado o ser humano cretino[2], de tal modo que as religiões somente “trabalham” o que é avidamente colocado como sendo o “alimento” que o “fiel” precisa para ser arrebanhado. Isto, para compor, como elo de uma corrente, foco de sustentação via contribuição financeira ou ainda por meio de fidelização da fé, um quadro religioso qualquer, cujo fim reside somente no seu engrandecimento.

O aspecto espiritual de algumas das religiões da Terra traduz a mesma pobreza que se percebe na ausência de “vida espiritual ou de vida interior” dos fiéis dessas mesmas religiões. Estas somente cuidam do exterior e das regras de comportamento advindas da preocupação com o já emblemático tripé do aspecto animal-humano citado anteriormente. Além disso, costumam vincular os favores divinos a trocas financeiras, obediência hierárquica sistematizada, aspectos exteriores de culto, crença em dogmas num nível de infantilidade espiritual deprimente – para quem tem olhos para ver –, mas que costuma pacificar o atordoado psiquismo do rebanho humano. Esse aspecto, infelizmente, encontra-se muito mais presente nos caminhos religiosos que já nasceram viciados ao trejeito da submissão e do terror psicológico advindos do modo de agir do criador.

As religiões que surgiram a partir das orientações diretas do Senhor Javé e dos seus enviados foram o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Em

linhas gerais, essas religiões pregam um deus que está fora do ser humano e que agirá de “fora para dentro”, além de serem historicamente credos religiosos cheios de regras comportamentais rígidas e de posturas intolerantes e excludentes. Tomam como sendo verdadeira a revelação feita pelo próprio Senhor Javé de que foi ele o criador deste universo – isso mais especificamente no judaísmo, no islamismo e em algumas vertentes do cristianismo.

As demais, como por exemplo, o hinduísmo, o taoísmo, o budismo, dentre outras, **apontam a presença do Sagrado no íntimo de cada ser** e sequer com esse aspecto – o da existência de Deus – o budismo se preocupa. Essas religiões, de modo geral, orientam os seus adeptos a construírem no íntimo de si mesmos os mais belos templos de beleza, amor e harmonia com a vida, sem posturas intolerantes ou excludentes.

Existem traços no cristianismo, advindos do Mestre Jesus que, mesmo **apontando para o deus dos judeus, parece também apontar para um Deus maior**, este sim, próximo à noção do Sagrado Perpétuo, o Deus Incognoscível que se encontra acima de todos os “deuses e divindades menores” existentes nos muitos painéis da religiosidade planetária.

As religiões podem muita coisa, porquanto o poder que as macroforças religiosas têm de fato pode muito – bem mais do que a boa crença das pessoas normalmente percebe. As muitas formas de teocracia e de “cretinocracia” estabelecidas há muito na cultura religiosa mundial permitem aos mandatários religiosos praticamente tudo, desde a expedição de ordem para que alguém seja eliminado “em nome de Deus”, como de outros crimes que são disfarçados pela falsa face de uma indecorosa santidade “autoproclamada”, mas jamais testemunhada, da parte dos líderes de diversas correntes religiosas da atualidade.

O pior é que essa hipocrisia institucionalizada, por força dos hábitos religiosos de uma humanidade apartada das possibilidades de espiritualização adulta e responsável, conta com o apoio da “midiocracia”, até porque o poder da mídia atrelada a interesses religiosos, nada mais é do que a face perversa do domínio dessas macroforças.

Tudo estaria “muito bem” para as religiões se não fossem dois aspectos que elas não controlam: a morte, que acomete a cada um de seus fiéis e a dos seus próprios líderes, e a iminente chegada de um cortejo celeste que será um **divisor de águas** para a história desta humanidade.

Apesar de esta família planetária assistir, meio que abobalhada, ao

“passar do bastão” da cretinice religiosa de geração em geração, com os mesmos vícios e equívocos que enfeiam a vida, está chegando uma nova geração de atores e atrizes para viverem neste mundo que simplesmente já chegam preparados e programados para não “receberem” o tão desgastado “bastão”. Afinal, a caminhada religiosa de boa parte desta humanidade parece não ter logrado chegar a lugar algum para os que invariavelmente se repetem como “agentes religiosos” do mundo.

Nasçam como católicos, espíritas, protestantes, islâmicos, judeus ou hinduístas; ou ainda como budistas, jainistas, taoístas, confucionistas, zen-budistas, o que seja, por força da herança cultural dos lares que os venham a receber, boa parte dos seres humanos desta atualidade – e a maioria dos que aqui irão viver no futuro breve – simplesmente **não conseguirão se vincular a absolutamente nada que se perceba desprovido do senso de espiritualidade maduro**.

Quando Nietzsche expressou, através do seu Zaratustra[3], que a cretinice religiosa humana havia matado inclusive a própria ideia de um deus aceitável, foi um escândalo para os escandalizáveis, exatamente os que se encontram travestidos das vestes e das posturas da falsa religiosidade, que distorceram por completo o sentido sagrado da atuação amorosa da Deidade no mais íntimo de cada ser que existe. Quando Nietzsche, no seu sofrimento filosófico expresso na arte de pensar com liberdade, pontificou que o “evangelho havia morrido na cruz”, foi tido como pensador errante e equivocado, indigno de ser lido por pessoas sadias propensas à prática religiosa.

Penso que mais vale um “Nietzsche” na cabeceira da cama do que imagens religiosas a adornar um grau de dependência que desagrada até aquele que mais lutou para que todos os humanos a ele se submetessem, mas que dele nem de ninguém (dos deuses da antiguidade esquecida) fossem dependentes para afirmarem a retidão de caráter, a honestidade de princípios e de propósitos, enquanto cidadãos terráqueos. Sim! É forçoso perceber que o **Senhor Javé**, ainda que destituído ele mesmo de maiores princípios, por força da sua natureza defeituosa e problemática, **é um admirador dos seres humanos que são “fortes” nas lutas que travam pelo lado belo da existência e da bondade entre os humanos da Terra.**

Se existe alguém profundamente inquieto com o destino de algumas religiões da Terra, este alguém é o Senhor Javé. Contudo, para sua angústia, ele próprio foi o fomentador de algumas tentativas religiosas que simplesmente não deram certo, nem sob a perspectiva humana, nem sob a de

ordem espiritual, nem muito menos sob a perspectiva pessoal que lhe é própria.

Observe o (a) leitor (a) uma notícia veiculada numa revista portuguesa[4] com o título: “A Caminho da Extinção”:

> *A fé em Deus vai morrer em, pelo menos, nove países – diz um estudo de investigadores americanos. Analisadas as respostas sobre crenças aos censos dos últimos cem anos, e usando um modelo matemático de dinâmica não linear, a equipa concluiu que a fé organizada se está a extinguir na Austrália, na Áustria, no Canadá, na Finlândia, na Holanda, na Nova Zelândia, na República Checa, na Suíça e, até, na Irlanda. Dos nove Estados, o menos “crente”, atualmente, é a República Checa, onde 60% da população diz não ter qualquer inclinação religiosa.*

O fracasso das religiões é hoje algo que se discute nos ambientes espirituais, apesar de ser pouco comentado no mundo, e isso, obviamente, tem lá as suas razões. O doloroso mesmo é perceber o quão pouco – no caso dos fiéis vinculados principalmente às práticas do catolicismo, do protestantismo, do islamismo e do judaísmo – os modelos de expressão de religiosidade comuns às religiões afetadas pela distorção do Bem e do Belo têm contribuído para a “saúde espiritual” dos seus fiéis, bastando, para isso, observar o modo como eles adentram o mundo espiritual após as suas existências na Terra.

Segundo as notícias que nos chegam vindas da Espiritualidade no tocante a esse mister, é de dar pena o “quanto de problemas” tem sido gerado pelo modo infantil e irresponsável como o vício religioso, desprovido do aprofundamento filosófico e espiritual, está produzindo para os seus desavisados fiéis.

O próprio Senhor Javé, cuja natureza não lhe permite perceber, direta e objetivamente, o aspecto espiritual maior que envolve a sua criação, já olha com preocupação a ausência do que ele agora percebe ser a “**componente espiritualizante**” que deveria existir nas religiões e que, infelizmente, somente se percebe em algumas poucas das que são praticadas na Terra.

Afinal, nem o Senhor Javé deve gostar – apesar de certo peso no campo da responsabilidade que um dia lhe pesará na “consciência” – do resultado de outra pesquisa realizada, agora no Egito, que apontou que 84% dos nossos

irmãos egípcios defendem a pena de morte para quem abandona o islamismo.

Que senso de "espiritualidade" e de vínculo com o Bem e o Belo pode existir na atitude de alguém que se posiciona dessa maneira? E a excomunhão prevista nos cânones católicos que pretende encaminhar, direto para os "quintos dos infernos", qualquer um que desobedeça aos ditames da hierarquia do Vaticano? **Que tipo de "teologia" dá suporte a esse nível de violência e de cretinice**?

CONSTATAÇÃO:

Este é outro painel do drama espiritual do Senhor Javé: perceber quão sem profundidade filosófica e sem raízes espirituais são muitos dos seus próprios fiéis que lhe alimentam o psiquismo afetado, no desempenho da sua autoassumida função de deus de algumas das religiões terrenas.

AFINAL, sem a beleza dos valores filosóficos a nortearem o alinhamento necessário dos fiéis com o propósito de ideal fraterno que ele mesmo sempre pretendeu para os terráqueos, e com a ausência da luz do condimento espiritual que move o ser humano nos longos caminhos da senda do Bem e do Belo, costuma-se chegar a "lugar nenhum", em termos da produção do "pão espiritual". Este, sim, alimenta não só os espíritos que foram obrigados a se submeterem ao fluxo das vidas provocadas pela atitude do Senhor Javé, como também ao seu próprio psiquismo, muito mais necessitado desse alimento que os demais que o acompanham nessa aventura celestial.

Agora, referindo-me à outra componente que não é controlada pelas macroforças religiosas terrenas, ressaltaria que nem a própria Espiritualidade sabe ao certo como se darão os primeiros dias após a visita oficial do Mestre Jesus, em nome do Senhor Javé, que marcará o momento inicial do processo de reintegração da Terra ao convívio extraterreno.

CONSTATAÇÃO:

Pelo desgaste provocado pelo modo infantil e pouco produtivo com que o ser terráqueo tem professado a religião da sua preferência, independente de sermos ou não visitados por seres extraterrestres em curto prazo, penso que o mundo caminha para um espiritualismo laico, sem intermediários entre as coisas terrenas, espirituais e celestes, o que,

na minha cota humana de opinião, vejo com muito bons olhos.

Os templos que precisam ser construídos na Terra não são mais aqueles feitos de pedras e de cimento, mas sim, aqueles que precisam ser construídos no íntimo de cada ser humano, pois só no "templo da alma" é que o Sagrado pode habitar, e tudo mais é ilusão, infantilidade, ignorância e desespero de psiquismos carentes.

QUANDO FORMOS, porém, oficialmente visitados por seres de fora, com a certeza da existência desses seres e de todo um contexto cósmico-espiritual a envolver a vida na Terra, o ser humano terráqueo será, finalmente, obrigado pelos fatos, a repensar o modo com o qual vem estruturando a sua ligação com o Sagrado. Perceberá, então, que tudo o que foi feito até hoje neste mundo precisa ser redimensionado a níveis mais simples de união de cada ser com o Sagrado em si.

Penso que as novas gerações que irão suceder à atual – esta que marca as cores do mundo com um conjunto de dogmas teológicos totalmente absurdos, os quais, simplesmente, não terão lugar numa sociedade planetária minimamente esclarecida – procederão com modificações que espantariam a qualquer vidente do presente, sendo que estas não seriam agradáveis de serem percebidas pelos atuais "donos das religiões", que a toda hora pretendem "arrebanhar em nome de Deus".

Por mais ridículo e inoperante que isso possa ser para "gente adulta", processos desse naipe vão acabar, pois somente semeiam intolerância e disputa em torno exatamente do que jamais deveria ser disputado. Além do que, termina por gerar "sentimentos de posse" sobre a mente dos mais desavisados, que envergonham até as forças demoníacas adoentadas.

Afinal, convenhamos: "convencer" alguém em relação a alguma coisa, fazer "lavagem cerebral" com o fito de arrebanhar, provocar disputa para que o "mais forte", o "mais esperto", venha a prevalecer, são atitudes que somente atestam a pobreza espiritual de quem assim age. Este não pode ser o condimento das religiões, posto que é "sujo", "feio", "violento" e "impositivo", e nada do que nisso se enquadre faz bem à vida. Ao contrário, trabalha contra ela!

Sinceramente, pergunto-me para que servirão, nesse mundo que hoje já pode ser vislumbrado, as funções de médiuns, padres, pastores, sacerdotes, "donos de centros religiosos", enfim, de **pretensas autoridades religiosas** que muitas vezes usam da "lavagem cerebral" dos incautos para fazer valer o

poder das suas crenças pessoais. No mundo de hoje, onde a crença e a cegueira espiritual andam de mãos dadas, todas essas funções têm lá a sua valia, quando vividas com um **mínimo de nobreza no campo dos princípios e dos propósitos**. Contudo, quando destituídos de ideais nobres, os egos afetados de médiuns, donos de centros religiosos, de bispos e demais autoridades religiosas, somente têm servido para tornar a vida mais feia, e a infernizar a vida alheia com cretinices de toda sorte.

E o interessante é como alguns são impositivos e sempre pretendem impor aos demais as suas regras; pelo fato de pensar serem eles guardiães da moral e da verdade eterna, advogam possuírem procuração do Alto para assim procederem. Santa ignorância!

Em termos de percepção da Verdade Maior que nos envolve, penso que as posturas comuns ao psiquismo terráqueo terão de evoluir muito, mas muito mesmo, sejam em que nível elas venham a ser enquadradas. E se algo eu pudesse metodizar, em termos de reflexão sobre essas posturas, diria a mim mesmo o seguinte:

Os ateus enganam a si mesmo em muitas coisas, mas não estão sendo enganados nas questões religiosas;

Os crentes no deus criador judaico-islâmico cristão, que somente conseguem perceber um deus exterior, enganam a si mesmos, por força das circunstâncias, e estão sendo enganados pelas estruturas religiosas existentes, até porque estas também estão equivocadas nos seus cânones;

Os que têm o privilégio de perceberem o “Sagrado em si mesmos” não estão se enganando, não estão sendo enganados e nem a ninguém enganam, pois jamais pretendem convencer quem quer que seja sobre coisa alguma.

Quanto mais evoluído é um ser, menos impositivo ele será, pois a sua relação com os demais não se pauta na dominação do mais forte sobre o mais fraco, que nada mais representa do que o já conhecido efeito de uma doença herdada do DNA do criador, e por isso está escrito no código da vida de todos os seres viventes, em maior ou menor grau.

É chegada a hora de esta humanidade perceber que quanto menos evoluído é um ser, mais impositivo ele se torna, porque a sua necessidade doentia de sempre se impor sobre os demais se expressará inevitavelmente, e as religiões terráqueas têm servido de palco para verdadeiros festivais de horrores promovidos pela ignorância do rebanho humano, aspecto este que tem permitido aos mais espertos se aproveitarem da boa crença dos mais

simples, para “dominarem em nome de Deus”.

Seria mesmo irônico se não fosse trágico: na Terra, o vergonhoso é tido como sagrado, como se este pudesse se expressar na prática superficial e simplória de cultos exteriores cheios de cores religiosas, mas destituídos de beleza e de amor. Além disso, costumam ser conduzidos pelos que se dizem representantes das religiões, mas que disso não costumam dar provas, já que mantêm as suas atitudes arbitrárias e mesquinhas, colocando povos contra povos pelo simples fato de não verem atendidas as suas especificidades, como se estas tivessem alguma importância no concerto das coisas que realmente importam ao progresso espiritual das pessoas.

O fato é que a convivência com painéis espirituais e extraterrenos antes “escondidos” dos terráqueos por uma determinação do Senhor Javé, inevitavelmente despertará no homem e na mulher da Terra o nível de entendimento que, particularmente, tenho chamado de “consciência cósmica”.

Outros autores e estudiosos com autoridade – eis algo de que não estou investido – e mais propriedade que este modesto escrevente, utilizam-se dessa expressão querendo significar “uma nova visão de mundo”, um novo modo filosófico comportamental que caracterizará as posturas e as atitudes do ser humano esclarecido e liberto dos grilhões advindos do temor e da perniciosa ignorância religiosa que sempre grassou neste mundo. Um deles, a meu critério, conseguiu sintetizar talvez o que muitos outros, entre os quais me incluo, dizem de diversas formas, modificando somente a ênfase e o fraseado. Refiro-me a Bucke[6], que em seu livro “Consciência Cósmica” nos remete profeticamente à seguinte reflexão sobre os dias que, conforme penso, estão para muito breve.

> *Em contato com o fluxo de consciência cósmica, todas as religiões conhecidas e nomeadas atualmente se fundirão. A alma humana será revolucionada. A religião irá dominar absolutamente a raça. Ela não dependerá da tradição. Ela não será acreditada e desacreditada. Ela não será uma parte da vida, pertencendo a certas horas, tempos e ocasiões. Ela não estará nos livros sagrados, nem na boca dos sacerdotes. Ela não habitará nas igrejas e reuniões e formas e dias. Sua vida não estará nas preces, nos hinos ou nos discursos. Ela não dependerá de revelações especiais, das palavras de deuses que descem para nos ensinar, nem de qualquer bíblia ou bíblias. Ela não*

terá a missão de salvar os homens dos seus pecados ou de assegurar seu ingresso no céu.

Ela não ensinará uma imoralidade futura, nem glórias futuras, pois a imortalidade e toda glória existirão no aqui e agora. A evidência da imortalidade viverá em cada coração assim como a visão vive em cada olho. A dúvida a respeito da existência de Deus e da vida eterna será tão impossível quanto hoje é possível essa dúvida; a evidência de cada uma delas será a mesma. A religião governará cada minuto de cada dia de todas as vidas.

Igrejas, sacerdotes, formas, credos, preces, todos os agentes, todos os intermediários entre o homem individual e Deus serão permanentemente substituídos por um intercurso inequívoco e direto. O pecado não mais existirá nem a salvação será desejada.

Os homens não se preocuparão com a morte ou com o futuro, com o reino do céu, com o que poderá ocorrer por ocasião da morte ou depois que cessar a vida do corpo presente. Cada alma se sentirá e conhecerá a si mesma como imortal, sentirá e saberá que todo o universo, com todo o seu bem e toda a sua beleza, está destinado a ela e a ela pertence para sempre. O mundo povoado por homens (e mulheres) dotados de consciência cósmica estará tão distante do mundo de hoje quanto esse se distanciou do mundo como ele era antes do advento da autoconsciência.

Será que o Senhor Javé acompanha com olhos de compreensão a transição que tardiamente se encontra finalmente em curso do *homo sapiens crente, dependente e atemorizado,* para o *homo sapiens esclarecido, liberto e destemido,* que pouco a pouco vê surgindo neste palco terrestre? – penso, deveria o (a) leitor (a) se perguntar.

Qual a função do Senhor Javé num mundo esclarecido e pacificado? Como controlador e/ou xerife celestial será nenhuma – e ele sabe disso! E o sabe por força da sua experiência com algumas poucas populações planetárias que já se elevaram às alturas do progresso espiritual e que, apesar de docemente submetidas ao jugo administrativo do Senhor Javé, contribuem, isso sim, dentro da função que ocupam naquele processo de "conspiração amorosa" ao qual já me referi! Contudo, o Senhor Javé ainda parece "aguardar para ver" no que vai dar a "liberdade filosófica" do "novo ser terráqueo", posto que será esta a marca que irá caracterizar os *homo sapiens*

do futuro terrestre.

16

ACÚMULO PROBLEMÁTICO

AFIRMEI, no capítulo quatro, que os anjos-clones criados pelo Senhor Javé jamais falaram ou trocaram ideias com o próprio, a não ser nos tempos mais recentes deste universo e, ainda assim, de forma muito tímida e estéril. Tudo o que eles podem lhe endereçar, ou melhor, tudo o que eles foram programados para fazer, além de obedecê-lo cegamente, é comunicar-se com o seu pai através da **veneração,** atitude íntima muito próxima do que na Terra chamamos de **"oração".** As implicações disso são desastrosas tanto para eles, os assessores diretos do Senhor Javé, quanto para nós, os seres com acesso à possibilidade de evolução deste universo, e que nos servimos de certas práticas no campo da oração nada condizentes com o progresso espiritual.

Toda essa história de anjos teria começado metaforicamente no "primeiro dia da criação universal", quando o Senhor Javé começou a criar seres a partir de si mesmo.

Por mais incrível que possa parecer, nada há de novo quanto à questão da criação dos anjos-clones, aqueles mesmos que foram distribuídos nas nove ordens dos três principais níveis da hierarquia angelical, apontada pelo monge Dionísio, que viveu no século V depois de Cristo, como anteriormente citado. Na verdade, uma das fontes mais antigas sobre o assunto, e que deve mesmo ter sido a fonte original para Dionísio e outros tantos estudiosos do tema, é o antigo livro da tradição judaica chamado de "O Livro dos Jubileus"[1].

E O ANJO da presença falou a Moisés conforme a palavra do Senhor, dizendo: "Escreve a história completa da Criação; como Deus, nosso

Senhor, concluiu em seis dias todas as suas obras e tudo que ele criou, e celebrou o Sábado no sétimo dia e o santificou para todas as gerações, indicando-o como sinal para todas as suas obras.

No primeiro dia, ele criou os céus elevados e a terra e as águas e todos os espíritos que o serviam: os anjos da presença, os anjos da santificação, os anjos do espírito do fogo, os anjos do espírito dos ventos, das nuvens, das trevas, da neve, do granizo, da geada, os anjos das vozes do trovão e do relâmpago, os anjos do espírito do frio e do calor, do inverno, primavera, outono e verão, e todos os espíritos de suas criaturas no Céu e na Terra. Ele criou os abismos e as trevas, o crepúsculo e a noite, e a luz, e a aurora e o dia, e ele os preparou segundo os ditames do seu coração. Logo após vimos suas obras, e louvamo-lo. Ele realizou sete grandes obras no primeiro dia.

O FATO É QUE, conforme tenho percebido na minha, repito, jamais pretendida convivência com esses seres, apesar de terem sido criados para servirem como “meros expectadores”, num sentido, e simples agentes da vontade do criador diante da necessidade do concurso de terceiros para ajudá-lo na administração sideral, eles passaram a ser bem mais do que simples coadjuvantes desde os tempos em que as primeiras rebeliões tiveram lugar no contexto universal – como já enfocado.

O Senhor Javé jamais conviveu bem com as afrontas que lhe foram dirigidas e, o pior, por ser obrigado a conviver no âmbito da sua criação com os seus filhos que agora se assumiam como contrários ao seu modo de administrar os quadrantes universais, a única opção que ele tinha era a de **isolar**, nesse ou naquele mundo, nessa ou naquela faixa de realidade, aqueles que lhe eram rebeldes.

O (a) eventual leitor (a) destas páginas haverá de recordar que existe um “grande problema” em toda essa questão: com a exceção dos primeiros clones desalmados que foram destruídos nos primeiros momentos deste universo, os demais, com o tempo, adquiriram uma estranha e mais absurda ainda herança energética decorrente de outro padrão genético que, tal qual um “vírus”, permanece hospedado no “psiquismo” desses seres. O que esse tipo de “vírus” lhes provoca? Por mais estranho que isso nos possa parecer, esse tipo de “vírus” os impedia de “morrer” para as faixas da realidade da criação do Senhor Javé.

Chamo aqui de “**vírus da perpetuação**” o que não tenho a mais remota ideia de como deveria qualificar essa “coisa” que, em estando “vibrante” no

psiquismo desses seres, faz com que os mesmos adquiram uma estranhíssima capacidade de “autorregeneração” e de “autoformatação”, ao bel-prazer dos seus “instantâneos mentais”, desde que acionados por “impulsos profundos”.

Esse “vírus” teria sido “forjado” na recém-condição mental reconstruída do Senhor Javé, nos seus “primeiros instantes”, logo que se percebeu como refém da sua própria obra, gerada no seu estado anterior de divindade.

Aqui implica perceber que, com a “maturação” do tal vírus em algumas das que são consideradas as “primeiras gerações dos anjos-clones”, a criação se transformou num verdadeiro inferno para o seu próprio criador, pois este não podia “expulsar” (destruir) os que não se lhe submetiam ao jugo. Essa questão, aparentemente menor, era-lhe profundamente desagradável e mesmo decepcionante. Isto porque, para o Senhor Javé e a sua portentosa condição mental, este universo, apesar de majestoso, não é tão grande assim, pelo menos no sentido de fazê-lo esquecer que existem alguns cidadãos indevidamente existindo na casa universal que ele criou. Para ele, de fato, as distâncias universais pouco ou nada representam por força do “seu modo interativo”, estabelecido por ele mesmo, como sendo a maneira de coexistência vibratória entre ele e todos os que existem para sua criação.

As implicações desses problemas acumulados ao longo dos “bilhões de anos” terminaram por criar as condições propícias a que algo de mais estranho ainda surgisse no contexto universal: o que entendemos como sendo o “**mal**”.

Esse tema será abordado com mais propriedade no próximo capítulo, mas aqui o cito apenas para semear a reflexão em torno de diversos “**acúmulos problemáticos**” advindos das **questões mal-resolvidas** da parte do Senhor Javé em relação aos que não lhe obedecem. Mas esse não é lado mais complicado da questão, posto que o preocupante mesmo é o **“acúmulo de ódio” surgido nos “corações” daqueles que se viram perseguidos** pela poderosa e inflexível hierarquia do Senhor Javé ao longo da história universal.

Outro aspecto do drama espiritual do Senhor Javé é o de que a habilidade que ele e os seus assessores têm para resolver esse tipo de problema junto a “seres libertos da opressão do seu DNA” é “nenhuma”. E o acúmulo somente tem crescido ao longo do penoso processo evolutivo universal que abraça a todos nós.

Quando comecei a ser defrontado com a desesperadora questão do Senhor Javé e dos seus anjos-clones, em primeiro plano, e com a inquietante situação

de muitos espíritos que hoje são classificados como “trevosos, rebeldes, necessitados, sofredores, perturbados”, dentre outros epítetos utilizados pelos estudiosos dos painéis espirituais que envolvem a vida na Terra, fui me obrigando a “organizar o entendimento” na tentativa de perceber **quantos problemas distintos** existiam em torno da sua obra.

CONSTATAÇÃO:

Ainda que o conhecimento terrestre não perceba, existem quatro grandes problemas em curso:

O problema da criação empreendida pela divindade nos moldes imperfeitos em que ela se expressou. Aqui, não existe maneira de reajustar o processo em curso, pois o universo vai continuar a ser o que é e seguir a sua rota até a sua consumação. O que se pode fazer é administrá-lo, de dentro para fora, a partir da atitude mental dos viajantes nele inseridos, preocupando-se não com o seu rumo, posto que este é inexorável, mas com o destino do seu criador e das suas criaturas, que é o que importa, na realidade.

O modo como a divindade decaiu, passando a ser prisioneira do contexto que por ela mesma foi criado, e reconstruindo-se nos moldes de um ser cuja natureza doentia, até o momento, permanece incapacitada de propiciar a sua própria redenção. Por esse modo ter sido inédito, para ele não existe remendo. Somente se criando um novo modo para o ser decaído agir e possibilitar o seu reordenamento original é que se “resolve a sua situação”.

A criação de seres que em quase tudo eram e são semelhantes ao criador, o que os impediu de progredir e ajudar à redenção deles próprios ou à do ser que os criou. Esses seres passaram a servir como meros “soldados-robôs”, servis a sua vontade doentia e, até hoje, nada ou muito pouco puderam contribuir com o reajuste pessoal da divindade caída, tampouco com a redenção espiritual de si mesmos. Esperam que o Senhor Javé resolva o seu problema para, depois, poderem resolver o que lhes é próprio.

Os seres evolutivos que foram posteriormente gerados – como é o caso da espécie terráquea *homo sapiens* – tomaram um rumo totalmente equivocado nas suas posturas religiosas, filosóficas e políticas, o que agravou o já inquietante estado universal.

QUAL A GRANDE QUESTÃO?

Em relação ao primeiro problema nada pode ser feito. A possível resolução do segundo e do terceiro problemas passa por uma **mudança de atitude existencial dos seres evolutivos** espalhados pelas muitas moradas universais, já que nem o Senhor Javé e os seus anjos-clones conseguem se "modificar" para melhor.

Sem que isso se dê, nem o Senhor Javé nem a sua pesadíssima aristocracia angelical nem ninguém neste universo irá a lugar algum. Somente "escaparão" do problema aquelas individualidades que fizerem valer a força das suas naturezas espirituais sobre as que marcam as suas situações transitórias no âmbito deste universo. Essas individualidades espirituais podem viver para a criação do Senhor Javé em incontáveis oportunidades, mas desde que mantenham o equilíbrio espiritual, sempre estarão livres para retornar à pátria espiritual superior quantas vezes o desejarem, conforme determinação das suas próprias consciências.

O interessante é que, conforme depreendo, alguns poucos anjos do Senhor Javé há muito já perceberam os "problemas" que os envolvem, e entre estes parece existir um grupo ainda menor que assumiu a "certeza" de que a revelação para os que vivem na Terra nos tempos atuais já se "encontrava bastante atrasada" em torno da situação universal e à do seu criador – e parte do que me é informado é dito por eles mesmos como sendo advindo desse "núcleo" muito próximo ao criador.

Tenho, porém, a obrigação de ressaltar um intrigante aspecto: do mesmo modo que em cada episódio de aproximação do Senhor Javé e da sua hierarquia com os humanos da Terra, o próprio criador sempre utilizou um (ou mais de um) dos seus anjos-clones para assessorá-lo no contato com os humanos posto que assim foi explicitamente com Abraão, Moisés, Maomé, dentre outros menos importantes em termos de repercussão. No que concerne ao que agora ocorre com este aflito escrevente, penso que o método se repete, só que com diversas características diferentes, posto que não existe qualquer afinidade nem muito menos boa vontade de minha parte com o processo em curso. Além do que, eu tenho certeza de que "estrago bastante" o conjunto das elucidações que me chegam às mãos, sem contar com o aspecto de que a nada me proponho e nem permito que nada seja proposto em torno do que faço neste mister. Penso apenas que cumpro meu *dharma* sem apego nenhum ao que estou fazendo.

Assim "sou levado a pensar" por que a maioria das informações que me

foram e continuam sendo repassadas tem como origem alguns dos seus anjos-clones, e somente de vez em quando o próprio Senhor Javé se faz presente do modo que lhe é próprio. O esquisito de toda essa história é que eles me dizem que eu tenho de usar a minha própria inteligência para discernir e informar o que eu achar que deva ser informado. Acho mesmo que esse aspecto tem mais a ver com a minha forma indisciplinada e pouco organizada de me relacionar com toda essa questão. Contudo, eles me "deixaram pensar" algo que, para ser honesto com quem por ventura no futuro distante possa vir a ler estas páginas, devo aqui deixar registrado.

Refiro-me ao aspecto de que esses seres – e o próprio Senhor Javé – por mais absurdo que possa parecer ao senso humano, não conseguem disfarçar que estão percebendo um pouco ou muito da presente situação que marca as suas existências por meio de um fato, aos meus olhos, inusitado e difícil de ser aceito: é como se fosse necessário que alguém na espécie humana pudesse perceber isso abertamente, para que eles pudessem então também ter a mesma percepção. Por aparentemente ilógico que possa parecer, é exatamente assim que um "pequeno núcleo" de seres próximos a Javé praticamente me "forçam a pensar". Se isso for procedente, a situação desses seres é muito pior do que o que posso aquilatar.

O enigmático reside no seguinte aspecto: é como se fossem os humanos da Terra, com a natureza que lhes marca o modo de ser e de existir nas circunstâncias terrenas, que, em convivendo com a situação desses seres, possam arquitetar não só o modo de entender a questão, mas também que possam vislumbrar a maneira de a ela ser útil de algum modo.

Imagino saber da seriedade da afirmativa que faço, mas não tenho outro remédio.

CONSTATAÇÃO:

Penso que esses seres precisam desesperadamente do concurso dos sentimentos dos terráqueos para que possam recompor toda uma situação caótica neles próprios e que os envolve. Devido a esse aspecto, não caberia aqui somente o sentimento fácil da veneração e da submissão pelo fato de o outro lado ter o "poder" de ser o aparentemente "mais forte".

Se bem depreendo, o sentimento maduro da solidariedade e do respeito, sem "subserviência barata", associado ao terno sentimento do amor fraternal por todos os que existem e são sócios e parceiros na

aventura da vida cósmica, parece-me ser a postura íntima, ousada e pró-ativa que o ser terráqueo, ao perceber a inquietante verdade que o rodeia, pode e deve construir em seu íntimo.

SE ASSIM FOR, creio que isso será possível a uma humanidade futura, posto que a presente geração de espíritos encarnados está irrevogavelmente acostumada a pedir, querer receber de qualquer modo, querer obter "vitórias" e mais "vitórias" sabe-se lá sobre "que" ou sobre "quem", enfim, a **transferir para os ombros alheios** – por meio de uma prática religiosa primitiva, infantil e irresponsável para com os altos propósitos da vida – **as responsabilidades que lhe são próprias**. E, naquilo que nos une ao Senhor Javé, o que precisa ser feito parece ser exatamente o contrário: que possa cada ser terráqueo "trazer para os seus ombros" responsabilidades que sequer lhe pertenceriam, posto que foram delegadas ao *homo sapiens* pela estranha incapacidade dessas "divindades mergulhadas" resolverem a questão que elas próprias criaram.

Pelo fato de pensar assim, nada espero no campo da compreensão em torno destas páginas que produzo sabendo que elas são para poucos leitores, pelo menos enquanto não se cumprirem os vaticínios em torno da prometida volta do Mestre Jesus.

Por falar nisso, enquanto escrevo estas páginas, recebi um email de um leitor que, segundo ele, acabou de ler "O Drama Cósmico de Javé", questionando o porquê das informações que estão sendo agora reveladas sobre o Senhor Javé e a sua criação, não serem do conhecimento dos povos que receberam no seu seio as revelações diretamente ofertadas pelo próprio criador e/ou pelos seus assessores, como foi o caso dos judeus e dos povos árabes, quando do advento do islamismo.

Respondi o que pude ao leitor, ressaltando que daria uma resposta mais completa no próximo livro que estava para ser editado, que é exatamente este.

Levado por esta e outras circunstâncias, penso ser agora o momento em que devo apresentar, para reflexão, algumas informações as quais julgo extremamente importantes e que corroboram com o que aqui está sendo afirmado.

Em relação ao islamismo, que se alicerça no Corão – um dos mais belos livros que conheço – na presente oportunidade não farei referência sobre o que penso ter acontecido entre os tempos de Jesus e o final do império romano do Ocidente, e que motivou o Senhor Javé (Alá) a novamente semear

no mundo mais uma religião só que agora vinculada aos povos árabes.

Em ambas as revelações, dadas aos judeus e aos árabes, ele se afirma como o criador dos céus e da Terra, que era a sua maneira de então se afirmar como criador deste universo. Contudo, aos judeus, a sua assessoria revelou um conjunto de informações algo inusitado para aquela cultura em oportunidades diferentes – e o interessante é também perceber que esta revelação se deu no século XVI, ou seja, cerca de quase mil anos após a revelação do Corão ao profeta Maomé – e ao Islã parece ter sido dada somente por meio de Maomé.

Vou, portanto, reproduzir alguns trechos referentes às especulações cabalísticas que tratam da relação entre o “deus dos judeus” e o universo que ele criou, do rabino Isaac Luria[3], místico judeu de Safed, que desenvolveu a ideia singular de uma “contração intencional” *(tzimtzum)* levada a cabo pelo Ser Infinito (*Ain Soph)* para dentro de si mesmo, e que teria dado início ao universo.

NO PRINCÍPIO DA CRIAÇÃO, quando Ain Soph retirou sua presença de toda a parte em todas as direções, ele deixou um vácuo no meio, circundado de todos os lados pela luz do Ain Soph, vazio precisamente no meio... Ao descer dentro do vácuo ele o transformou em uma massa amorfa, circundada em todas as direções pela luz do Ain Soph. Para fora dessa massa emanaram os quatro mundos: emanação, criação, formação e realização (ou ação). Pois em seu simples desejo de realizar sua intenção, o emanador reiluminou a massa com um raio da luz que se retirou do início – não toda a luz, pois se toda ela tivesse retornado, o estado original teria sido restaurado, o que não era a intenção.

OBSERVE o (a) leitor (a) que essa doutrina cabalista judaica refere-se a alguém que antes da criação já existia (a divindade cocriadora aqui chamada de *Ain Soph*) e que teria criado a “massa” (a singularidade) da qual emanaram os quatro mundos (realidades geradas a partir da criação). Esse alguém “desceu dentro vácuo” (queda da divindade) e “algo de problemático” aconteceu com o seu “desejo de realizar sua intenção”.

Ao longo dos próximos parágrafos passarei a reproduzir as interessantes reflexões que Robert M. Kleinman[4] oferta no seu já citado livro “As Quatro Faces do Universo”, sobre os escritos do rabino Isaac Luria, ainda sobre o

mito da "contração intencional", alternadas com os meus comentários.

NESSE MITO, a contratação não é entendida como concentração em um único ponto, mas como retirada ou retração a partir de um ponto. Desse modo, foi deixado espaço para que o universo passasse a existir. Foi necessário que um espaço primordial (tehiru), ou "vácuo", fosse estabelecido, no qual a criação poderia prosseguir. Esse espaço não é o "nada" da teologia bíblica, que está fora de Deus, mas um lugar dentro de Ain Soph onde o universo poderia passar a existir. Ele não é completamente vazio, pois um "aroma" do Divino permanece nele.

A retirada divina foi seguida pela emanação de um único raio de luz para dentro do espaço, onde ele se tornou a "massa amorfa" mencionada na citação de Isaac Luria. A dupla atividade – retirada e emanação – é comparável com a inalação e a exalação da respiração. È o dinamismo subjacente a todos os processos cósmicos.

O primeiro ser a emergir da luz divina foi Adão Kadmon, o Homem Primordial, que abrange toda a humanidade. Ele é o arquétipo humano andrógino, um princípio macrocósmico (e microcósmico) que incorpora as dez sephiroth, ou emanações divinas. As sephiroth estão associadas com os vários nomes e atributos de Deus. (...)

VEJA SÓ o (a) leitor (a) como os comentários de Kleinman sobre os escritos de Luria são uteis à reflexão em torno dos diversos elementos que estou elencando nos livros que estão sendo produzidos sobre a questão, a saber, a divindade, a sua criação, a sua queda, a reconstrução do Senhor Javé no âmbito da sua criação, as emanações de suas potencialidades sob a forma de seus anjos e agentes *(as sephiroth)*, o surgimento de problemas e das forças contrárias ao criador.

O primeiro ser surgido, o *Adão Kadmon* de Luria é exatamente a personagem que hoje chamamos de Senhor Javé.

QUATRO MUNDOS EMANARAM da massa central, agora identificada com Adão Kadmon: Atziluth (Emanação), Beriah (Criação), Yetzirah (Formação) e Asiyyah (Realização). Às vezes eles são imaginados como esferas concêntricas que definem a estrutura do universo cabalístico. Atziluth é o mais espiritual dos quatro, e está mais próximo da fonte de luz. Beriah é o

seguinte, e contém as formas mentais que organizam os fenômenos dos mundos interiores. Em Yetzirah, as energias criativas tornam-se forças vitais fluidas que procuram corporificação no quarto mundo das coisas materiais (Asiyyah). Mesmo aqui há uma luz orientadora, a Shekinah, ou a presença da mãe Divina, que habita o interior deste mundo caído. Todos esses mundos estão cheios de seres da sua própria espécie, tais como anjos e arcanjos. Portanto, o universo físico é apenas uma parte de uma extensa rede de mundos de natureza psíquica que penetram uns nos outros e interagem uns com os outros. À medida que eles descem de Atziluth, a diferenciação aumenta e há um espessamento da sua substância.

Aqui é importante ressaltar que os "quatro mundos" que surgiram ou foram emanados a partir da "massa central" (singularidade) correspondem exatamente às faixas de realidades que compõem a criação da divindade caída.

De grosso modo, apenas com o objetivo de traçar uma aproximação, mas sem a pretensão do ajuste objetivo e conclusivo, se substituíssemos esses quatro mundos pelas dimensões já referidas neste livro e no "Drama Cósmico de Javé, poderíamos ter:

Onde residem o Senhor Javé e alguns dos seus assessores;

Outra, que poderíamos chamar de "erraticidade", onde residem e se encontram aprisionadas as individualidades espirituais em constante fluxo reencarnatório por força dos equívocos e débitos espirituais acumulados perante as leis orais do carma.

De onde operam algumas das classes dos agentes do Senhor Javé responsáveis pelo incessante trabalho de modelagem e controle genético-astral das incontáveis espécies cósmicas espalhadas pelos muitos planetas e satélites do universo.

O universo físico-denso em que vivemos.

A *Shekinah*, referida como sendo a Mãe Divina, e que habitaria o interior deste mundo caído, pode e deve ser entendida como sendo uma referência às duas divindades que ao longo do processo da expansão universal se propuseram a servir como o princípio feminino na medida em que cuidam de estruturar – sob a perspectiva espiritual e da harmonia – tudo o que o princípio masculino (o Senhor Javé) criou. Posso me referir com absoluta tranquilidade de consciência às personalidades conhecidas na Terra como Jesus (Sofia) e Sai Baba.

As sephiroth aparecem em todos os mundos, e sua força diminui em cada mundo sucessivo; em seu estado mais puro, elas residem no mundo de Atziluth. Kether (Coroa), Chokmah (Sabedoria) e Binah (Entendimento) são as sephiroth mais elevadas.

Todo o ser está unido em Kether, também chamado de "nada" (ayin) porque sua natureza é incognoscível. Ele é comumente descrito como a "raiz sem raiz" da Árvore da Vida cósmica, composta das sephiroth originais. Assim como a árvore Ashvattha no Bhagavad-Gita, ela cresce para baixo atravessando os mundos. Chokmah é o ponto ou semente primordial da criação (e, portanto, o Pai) que procede de Kether.

Ela deu origem a Binah, a versão cabalística da Grande Mãe, pois o "Entendimento" concebe e gera as sete sephiroth inferiores, que completam o corpo espiritual de Adão kadmon. As três sephiroth mais elevadas representam sua cabeça. Depois desse início, o restante da criação se tornou mais complexo.

Aqui importa ao leitor perceber que os anjos-clones da primeira geração (sephiroth), além de residirem na dimensão em que também reside o criador (Atziluth), também operam nos demais níveis da sua criação sempre a partir da vontade do Senhor Javé (Adão Kadmon), que congrega em si mesmo as potencialidades dos seus agentes universais.

Não devo entrar no mérito de que muitas das revelações sobre o Senhor Javé foram obviamente entendidas sob a égide da grandeza de Deus, do *glamour* espiritual elevado, comuns à veneração, ao respeito, ao temor e também ao amor com que esse ser sempre foi tratado pelos seus fiéis seguidores, dentre os quais os rabinos judaicos que dedicaram as suas vidas ao entendimento do criador e da sua criação. A que estou citando neste livro não foge à regra e faço questão de deixar registradas as diferenças das nuanças e de detalhes em relação ao que aqui é apontado, e mesmo outras, mais substanciais, em torno da questão.

Mais uma vez afirmo que a pior pretensão que sempre pensei ser possível de ser verificada num ser humano é a de "possuir a verdade" ou a de "pontificar sobre as coisas espirituais e cósmicas" quando mal conseguimos dar conta das que formam a realidade primária em que vivemos. Assim digo para que fique claro para o (a) esforçado (a) leitor (a) destas páginas que essa pretensão não reside no que resta do meu ego terreno.

Simplesmente não sei se o que estou expondo neste e em outros livros

sobre a figura do Senhor Javé, seus assessores e a sua criação está correto, mais ou menos correto, errado ou muito equivocado. Somente faço o que estou fazendo porque não tenho outra opção – o reafirmo. Por isso, cuide o (a) leitor (a) de arquitetar toda a reserva e prudência possível quanto às inevitáveis opiniões deste aflito escrevente, e as revelações que sou obrigado a semear para que as gerações terráqueas do futuro possam ter uma nova base sobre as quais possam refletir em torno da realidade que envolve a vida na Terra.

Dito isto, vou dar seguimento às importantes reflexões de Kleinman sobre as especulações cabalísticas do rabino Isaac Luria.

NO PROCESSO SEGUINTE DE EMANAÇÃO, a luz jorrou em todas as direções dos olhos, da boca, dos ouvidos e do nariz de Adão Kadmon, emanando de maneira mais concentrada dos seus olhos. Embora essa corrente de luz fosse facilmente contida pelas três primeiras sephiroth, sua intensidade excessiva despedaçou os vasos mais fracos das sephiroth restantes. Esse cataclismo é chamado de shevirah, a ruptura dos vasos que espalharam faíscas em todas as direções. Muitas das faíscas foram aprisionadas por cacos que caíam, que são comparados com cascas negras (klippoth). Essas cascas são poderes demoníacos que desceram no mais profundo abismo do universo. Elas geralmente se opõem à intenção divina da criação. Tudo foi atirado na confusão por essa falha aparente no processo cósmico; alguns cabalistas acham difícil explicar por que isso ocorreu. A intenção de Ain Soph era iluminar ao mundo todo com sua luz, mas apenas algumas porções foram clareadas por faíscas, que deixaram o restante do universo na escuridão. Portanto, ele teve de ser libertado da influência poluidora das klippoth demoníacas.

AQUI SE PODE OBSERVAR uma “falha no processo da criação universal”, e o rabino Isaac Luria descreve com as palavras e o entendimento possível ao século em que ele viveu (XVI) a sua difícil tarefa de **retratar uma até então impensável falha do deus criador.** Fez mais: deixou apontado o **aparecimento dos “seres demoníacos complicados”, que sempre se colocavam no lado contrário às intenções do criador**, ofertando uma **pista de como o “mal” pode ter surgido** no contexto universal por falha do próprio criador.

Reflita que não deve ter sido fácil para um rabino apontar o que corajosamente ele deixou registrado. Mas, de um detalhe eu penso saber: quando esse ser chamado Javé e/ou alguém que age em seu nome ou sob a égide da sua vontade deseja algo, parece não existir absolutamente nada neste universo e alhures que os possam deter. Imagino como deve ter sido difícil para o homem Isaac Luria deixar esses escritos cabalísticos.

Quando os vasos se estilhaçaram, a maior parte da luz refluiu para sua fonte. Isso permitiu que os poderes demoníacos, com suas faíscas aprisionadas, perturbassem a harmonia dos mundos inferiores. Uma nova luz então irrompeu na fronte de Adão Kadmon num esforço para controlar os danos. Os vasos quebrados foram reconstituídos em Atziluth e, mais uma vez, foram capazes de reter a luz divina. Foi o começo da obra de restauração, ou reparo (tikkun), por meio da qual as faíscas espalhadas devem ser reunidas. Esse trabalho se tornou mais difícil porque a ruptura dos vasos implica o fato de que Adão Kadmon, por causa de sua vontade própria irrestrita, rompeu a unidade divina. Uma vez que ele é o arquétipo da humanidade, todas as almas humanas partilham da catástrofe. Por isso a desunião que se seguiu à ruptura dos vasos tornou-se mais severa e só pode ser reparada com a ajuda de uma humanidade espiritualmente regenerada. Muitos cabalistas acreditam que isso faz parte do propósito de Ain Soph ao criar o mundo.

Sem comentários!

> *Há outros aspectos importantes desse mito que merecem ser destacados. A intenção de Ain Soph foi a de manifestar a luz divina em um universo infinitamente variado, a fim de contemplar a si mesmo objetivamente a partir de incontáveis centros individuais. A ruptura dos vasos, longe de ser um defeito de sua intenção, teve importância instrumental para o aparecimento de uma maior multiplicidade no mundo. Porém, uma ação suplementar necessária para reparar a ruptura que isso causou, com a humanidade desempenhando um papel de importância fundamental na renovação da harmonia cósmica.*
>
> *Os três estágios do desdobramento criativo (contração, ruptura*

dos vasos e restauração) podem ser concebidos como fases de um plano abrangente para a manifestação divina. Embora as transições internas não sejam fáceis de serem acompanhadas, o arcabouço global permanece intacto. Uma consideração aparentada é a de que os mundos inferiores não estão mais localizados em seus lugares apropriados depois da ruptura dos vasos, pois cada mundo foi deslocado para um nível mais baixo do que antes. Por exemplo, o mundo de Aslyyah está agora misturado com o domínio demoníaco das klippoth, onde se localiza a matéria mais densa. Uma parte importante da obra de restauração consiste em elevá-lo até o nível superior seguinte, agora ocupado por Yetzirah. Se isso acontecer, um mundo físico mais sutil, composto por um grau mais refinado de matéria, poderá substituir o mundo presente.

Não se preocupe em compreender todas as nuanças em torno das interpretações que Kleinman traça sobre os escritos cabalísticos de Luria. Aqui importa apenas perceber que as diversas rebeliões (ruptura) ocorridas, perturbaram a ordem cósmica de tal modo, que todos os mundos envolvidos nas intermináveis querelas contra o Senhor Javé e os seus anjos-clones principais, terminaram por decair de nível – em especial as suas populações – por força de situações energéticas impossíveis de serem atualmente explicadas para o conhecimento terráqueo, como também devido aos muitos exílios ocorridos para mundos mais atrasados. E essa é uma situação que precisa ser restaurada com o esforço de muitos, em especial, daqueles que hoje compõem a espécie humana terráquea.

Há outras implicações desse mito que estão sendo seriamente consideradas por alguns grupos de estudiosos atualmente. Muitos deles veem paralelismos entre esse mito e ideias da cosmologia científica moderna, em particular, a teoria do big-bang.

A imagem do universo explodindo em estrelas e galáxias traz à mente a dispersão das faíscas quando os vasos de luz se despedaçaram. Por mais sugestivo que isso possa ser, deve-se lembrar que a visão cabalística da criação é fundamentalmente psíquica e vai muito além do universo físico. Este último é apenas o resultado final de uma série de acontecimentos complicados que ocorreram antes que o universo passasse a existir. Portanto, de

acordo com a cabala, os mundos psíquicos são mais vastos e mais poderosos do que nós podemos sequer imaginar.

Não há nenhum problema se substituirmos a expressão “mundos psíquicos” por “realidades espirituais-astrais” ou se simplesmente entendermos por “espiritual” o que no texto reproduzido é chamado de “psíquico”, em relação às expressões que estou utilizando para abordar os temas em torno da criação do Senhor Javé. E veja bem o (a) leitor (a) que Luria também se refere a “acontecimentos complicados” ocorridos antes que o universo passasse a existir.

Portanto, tempo virá em que o que vem sendo revelado sobre os problemas na criação deste universo e do seu criador, ainda que de forma meio “marginal” por entre as possibilidades que as macroforças políticas e religiosas que dominam o mundo permitem, serão mais amplamente discutidos, refletidos e compreendidos sob a égide do ideal de fraternidade que deve nos unir a todos.

Aqui não se trata de “desbancar” o deus desta ou daquela religião, muito pelo contrário. Cada religião permaneça alinhada com o que achar que existe de sagrado nos valores que a move. Apenas insisto que, no caso do Senhor Javé, os fiéis vinculados às religiões advindas da sua vontade devem tentar perceber que é ele mesmo quem ao longo do tempo vem tentando mostrar a sua “face verdadeira” aos humanos da Terra. Isto, para que ele possa ser por nós compreendido, amado, respeitado e assim possamos ser úteis ao seu intento de levar a bom termo a administração da sua criação junto com os seus filhos e filhas universais. Afinal, o acúmulo problemático em muitos fatores de pressão sobre o fluxo da vida em muitos mundos precisa ser urgentemente suavizado. E não será com mais guerras, conflitos étnicos e religiosos, sentenças de morte em nome de Deus e outras cretinices não mais aceitáveis em nome de nenhuma religião, que esse perigoso “acúmulo” prestes a explodir de muitas formas e a qualquer momento, poderá ser convenientemente administrado.

Se o próprio Senhor Javé foi quem se apresentou a Moisés e a Maomé, através dos seus anjos, é importante perceber que **ele jamais se falseou – ou aos fatos – para se apresentar como “bonzinho”**. Além do mais, se é verdade que ele tem insistido, através do concurso de outros seres humanos, para que o duplo aspecto da sua atuação como criador e mantenedor deste universo possa ser finalmente compreendido e aceito, esse painel não tem

como ser apartado dos **sérios problemas que o marcam**, posto que **indisfarçáveis**. Assim, não nos resta outra opção a não ser a de perceber que finalmente é chegado do tempo de desarmarmos os nossos corações viciados em violência e absurdos de toda ordem, em nome daquele a quem muitos dizem venerar com seus corações e com suas atitudes. Que seja, pois!

17

O MAL: SUBPRODUTO DA IGNORÂNCIA ESPIRITUAL

VIVEMOS sob a égide de uma brutal ditadura, e isso é válido para todos os quadrantes universais, à exceção de algumas poucas civilizações que já superaram a cota doentia do DNA do criador, recebida como herança no início das suas histórias planetárias. Os cidadãos que compõem essas famílias siderais levam as suas vidas ajudando em tudo o que lhes é possível, compreendendo a questão dramática em torno do Senhor Javé e da sua hierarquia que lhe dá sustentação, e convivem com os seus membros sem maiores problemas na medida em que harmoniosamente se submetem á autoridade destes, mas sem que isso denote alguma consequência ou função, seja de progresso ou de atraso, que mereça ser ressaltada. É diplomacia cósmica pura no seu mais alto grau de expressão.

O fato é que o discernimento que hoje existe em alguns dos membros da hierarquia celestial que serve ao Senhor Javé já os permite coexistir com seres evoluídos, só que dentro de um padrão de conduta que nada tem a ver com o "jeito terrestre" no que se refere à sua capacidade de supor o que significa um "ser realmente" evoluído. É outra questão – ou simplesmente outro padrão de evolução – difícil de ser explicada nestas páginas.

Sobre um aspecto, penso, não precisamos ter dúvida: de que o "grande diplomata amoroso" de todo esse contexto é aquele a quem na Terra conhecemos como Jesus, que atua sob a perspectiva cósmica de modo bem diverso, se comparado aos indicativos deixados por suas atitudes na sua história terrestre. Mas, apesar de todo o seu esforço e o de outros assessores, essa relação de diplomacia amorosa somente se expressa em relação a alguns mundos. Para os demais, o sistema é ditatorial e algo perverso, se observado

sob a perspectiva da qual partimos com a ótica terrena.

O curioso, triste ou ainda ridículo em torno dessa ditadura é que, a exemplo do que se pode perceber na Terra, a opressão do Senhor Javé sobre tudo mais que o envolve no âmbito da sua criação, é pretensamente exercida em nome do “bem”. Pelo menos é o que tenho percebido, apesar de que a acho inaceitável, como toda ditadura o é aos meus olhos. O que forçosamente existe de diferente em Javé é que a sua natureza não deveria existir, mas, em existindo, outra não pode ser a sua atitude antes que evolua na sua condição, por mais que isso possa ser aparentemente sem sentido. Contudo, pouquíssima coisa em Javé faz sentido perante a lógica terrestre.

A expressão “ridículo”, utilizada anteriormente, diz respeito ao fato de que, nem para o “bem” do próprio Senhor Javé o seu modo ditatorial parece ser útil. Muito pelo contrário! Este é um dos seus grandes problemas, o que torna também um dos grandes e desagradáveis tormentos para quem é obrigado, seja lá por que, a viver no âmbito da sua criação.

> *“De todas as tiranias, aquela exercida sinceramente em prol do bem de suas vítimas talvez seja a mais opressiva. É melhor viver sob exploradores ladrões do que sob a onipotência moral dos intrometidos. A crueldade dos exploradores às vezes adormece, sua cobiça pode ser saciada em algum momento; mas aqueles que nos atormentam em nome do nosso próprio bem nos atormentarão para sempre, porque eles o fazem com a aprovação de suas próprias consciências.”*

Estas foram palavras do escritor irlandês C.S. Lewis[1] que, de modo genial, bem retrata, não só o viés psicológico distorcido do Senhor Javé, como o de todos os que, na condição humana, ativam essa componente dos seus psiquismos e, se bem perceber o (a) leitor (a), há sempre um “quê” de ridículo em todo tirano, apesar do absolutismo da sua vontade pessoal. Porém, quanto maior for a causa geradora de danos á sensibilidade de muitos, **maior será o efeito a ter de ser sofrido pelo causador dos males**.

Houve um tempo, ao longo da história universal, em que o criador e os seus assessores viveram a doce ilusão de nada saber sobre a inevitável prestação de contas que cada ser existente faz da cota existencial herdada do Deus Incognoscível, Aquele que é Pai e Mãe amoroso dos demais seres viventes. Nos tempos atuais, porém, eles já sabem que um momento singular

os espera, que é o que se esconde nas entrelinhas da própria demarcação feita pelo Senhor Javé em torno do seu “decreto” que dispõe sobre o afamado “juízo final”, não só para os atuais terráqueos, mas também para os demais atores e atrizes da convergência rebelde que veio ter lugar neste planeta.

Movidos pelas suas naturezas que não lhes deixa margem a outro tipo de atitude nas atuais circunstâncias em que vivem, esses seres agem como se fossem os “senhores de um momento” no qual eles mesmos são os maiores escravos do processo que, paradoxalmente, é pretensamente controlado e comandado por eles.

O desespero do Senhor Javé na busca por uma solução para o seu problema foi e é de tal ordem, que ele terminou se **obrigando a buscar na diversidade** – por incrível que pareça – as alternativas possíveis para sua sonhada solução. Isto, depois da tentativa da mesmice linear que caracterizava e ainda é o seu fator mais emblemático do drama que assola a todos os que passaram a existir através da clonagem advinda da vontade do criador.

CONSTATAÇÃO:

Somente depois de ter sido agredido na sua sensibilidade pessoal pelo Senhor Shiva é que parece que o Senhor Javé percebeu que não seria criando seres iguais a ele que iria resolver o enigma da sua existência, enquanto refém da própria criação. Passou, então, a investir na diversidade, mas sempre a partir da sua componente do DNA. Mas foi aqui que ele perdeu o controle sob sua criação.

SE NA “PRIMEIRA ETAPA” da sua queda enquanto divindade, ele somente se dedicou a criar seres a partir dele mesmo, e acumulou toda sorte de problemas que jamais poderá ser compreendida por esta humanidade. Na “segunda etapa”, que até hoje perdura na história universal, o Senhor Javé e os seus filhos-clones cocriadores se viram obrigados a “manipular os seus genes” e semear nos mundos do universo as suas novas sementes para ver no que é que poderia daí nascer. É exatamente isso: **eles não tinham como saber ao certo até onde chegaria uma nova “molécula-mãe” semeada num determinado mundo** senão por meio do empirismo, que marca a invulgar teimosia desses seres em sobreviver a qualquer custo.

Por mais chocante que isso possa parecer ao pensamento terreno, essa

doença chegou a tal ponto que, em algumas classes desses clones, ainda que eles não o desejem, as suas "organizações corporais" simplesmente sobrevivem até que se lhes esgotem as reservas existenciais – e isso é inexorável, variando apenas a questão do "tempo cósmico".

O modo como acontece esse processo de "não morrer" é algo que até hoje é espantoso até mesmo para a "cultura dos anjos-clones", pois são exatamente eles quem sofrem os efeitos mais expressivos dessa "doença".

Entenda que aqui a lógica terrena tem de ser invertida para que a compreensão em torno dessa questão possa vir a ter lugar no nosso psiquismo. E é mesmo imperioso que o façamos, para que também se torne possível o entendimento relativo ao "surgimento do mal", mero subproduto da "longevidade indesejada", associada aos demais temperos psicológicos de um ser que teve de "sobreviver a qualquer custo". E esse foi, nem mais nem menos, o de se reconstruir na forma que lhe foi possível: o que praticamente redundou na de um aparente "monstro", epíteto somente aplicável sob a perspectiva da lógica terrestre.

Pergunto: o que pode fazer alguém quando se vê diante de um monstro num beco sem saída? A resposta viciada é inevitável: rende-se pacificamente ao holocausto ou vira bicho para enfrentar o monstro e tentar poder escapar.

O "virar bicho" metafórico foi o problema da divindade decaída e, o ser hoje conhecido como Javé foi o "monstro" autogerado no processo desesperador. O "virar monstro" aqui implica que o novo ser assumiu no seu psiquismo tudo o que no momento da sua desgraça ele sentiu e formulou como sendo a sua única solução existencial.

O doloroso para este escrevente é apontar isso para os apressados olhos humanos que logo poderão ver exagero e/ou certo ranço mal-resolvido em relação ao Senhor Javé. Contudo, afirmo que não é assim. Dói-me perceber que o Senhor Javé é do jeito que costuma ser pelo fato de ele não ter se permitido, simplesmente, a "sucumbir junto com a sua obra", o que teria sido mais "cômodo" sob certa perspectiva que compõem os "valores morais das divindades". Contudo, o seu senso de responsabilidade pela criação e, em especial, a sua preocupação com o que podia acontecer com as demais "mentes divinas" as quais amorosamente tentaram, num primeiro momento, impedir que a criação indevida pudesse acontecer e, no seguinte, em vendo ser impossível, procuraram apenas "formatar melhor" o que inevitavelmente seria gerado. Esses dois aspectos obrigaram-no, moralmente, a se sacrificar para tentar "administrar a situação", só que agora "do lado de dentro" do que

havia sido criado.

Todos os habitantes do "paraíso" e das altas esferas existenciais sabem do grande sacrifício que ele impôs a si mesmo para tentar salvar a situação. O problema é que o ser que surgiu como Senhor Javé "não está nem aí" para toda essa história, até porque ele jamais havia aceitado que tal pudesse ser verdade. Pelo menos assim foi até a Revelação Espiritual que teve lugar na segunda metade do século XIX e foi codificada pelo francês Allan Kardec.

CONSTATAÇÃO:

Somente a partir do evento da Revelação Espiritual, sem a "autorização" do Senhor Javé, é que ele começou a desconfiar ou mesmo a perceber que alguma coisa muito importante estava acontecendo, vinda de fora da sua criação e que se encontrava fora do seu controle.

SIMPLESMENTE, o Senhor Javé, que não detém qualquer tipo de autoridade sobre as esferas espirituais superiores – que era o seu lugar de residência antes da queda – e que, na verdade, viveu esses últimos treze bilhões e setecentos milhões de anos (terrestres) sem saber da realidade para além das fronteiras da criação da qual ele agora era refém, foi defrontado com um conjunto de notícias sobre a "vida eterna" e sobre **outras realidades que veneravam a um Deus Amantíssimo, Pai amoroso que tudo dava sem nada esperar receber em troca.** E o pior – ou o melhor: **a revelação apontava Jesus como sendo o "representante" de toda uma hierarquia que era muito superior à que era emanada de Javé, e que toda essa ordem de realidade era em tudo superior à que ele havia criado.**

Não me é conveniente, enquanto escrevente e agente terreno desse processo de revelações em torno do Senhor Javé e da sua desdita, aprofundar o tema no presente livro. Direi somente que o Senhor Javé parece ter ficado algo **"chocado" quando teve notícias de que o "Espírito da Verdade" que coordenava os trabalhos da Revelação Espiritual era o mesmo ser que havia sido o seu "anjo-clone mais caro" e que o enviara para nascer na Terra sob a personalidade de Jesus**. Contudo, desde que Jesus procedera com a **"ressurreição do seu corpo físico", isso implicou que o Senhor Javé assumiu definitivamente que mais um anjo-clone havia lhe traído a confiança**. E era novamente o "traidor" que agora vinha por sobre a sua

autoridade semear em uma casa planetária da sua criação **um conjunto de revelações que alterava sobremaneira a intenção educacional que o Senhor Javé sempre pretendeu estabelecer para os humanos da Terra.**

Sem que o mundo percebesse, foi exatamente a partir do ocorrido na França que os "anjos-clones" vinculados à conspiração amorosa em torno do Senhor Javé começaram a veicular na "cultura dos anjos" a notícia da queda pretérita de Javé, praticamente o obrigando, amorosamente – no modo como a natureza deles permite que se amem –, a "refletir", a seu modo, sobre a possibilidade de ter sido um fato real. Detalhe: essa notícia já havia sido semeada na Terra muito tempo antes, mas a mesma havia sido distorcida e tida como "contrainformação" das forças rebeldes que haviam se estabelecido na Terra após a deflagração da chamada "Rebelião de Lúcifer".

Desde então, e mais especificamente desde o ano de 2007, é que **o Senhor Javé parece ter realizado, nesse "curto espaço de tempo", o que lhe parecia impossível desde o "seu nascimento"** para a realidade interior da sua própria criação: compreendeu que era inevitável a divisão do comando com aquele que mais se sacrificara para ajudá-lo, e que este seria – como é – o único modo de se poder levar a bom termo tudo o que foi gerado desde então.

Expliquei este aspecto do problema para retomar a questão da inversão da lógica terrena, tornando assim possível a compreensão em torno do surgimento do "mal".

Para a ótica terrena, "**doença**" é um processo que pode levar o corpo temporário que os nossos espíritos utilizam a passar pelo fenômeno da **morte física**. Para a cultura dos anjos-clones, a **longevidade** no princípio deste universo era tida como uma "**benção do criador",** que ele havia repartido com os seus que lhe eram mais amados. Somente depois, **o que era sinal de "força e de poder" passou a ser uma "doença"** que não permitia que os seus corpos clonados a partir da célula-mãe do criador pudessem fenecer, libertando assim os seus espíritos de uma provação aparentemente sem fim.

Conforme depreendo, o que chamamos **de "mal" teve lugar neste universo por meio de um tortuoso caminho em que a responsabilidade direta e indireta pertence a muitos dos envolvidos.**

Os elementos perturbadores que contribuíram para o seu aparecimento foram os seguintes:

A queda de uma divindade com problemas que se reconstruiu sob a forma de um monstro adoentado e incapacitado de arquitetar a sua própria redenção;

A criação de outros monstros, cada um deles com certa dose de poder mental herdada do pai-criador;

A doença da incompletude que se refletia na ausência da componente espiritual em Javé e nos seus primeiros clones e, nos que possuíam uma alma, o fato de estas se encontrarem praticamente desativadas, por força da programação imperiosa presente na genética das “formas corporais” herdadas do pai-criador. Essa doença foi meio propícia para que o desvirtuamento programático dos compartimentos da alma, considerados divinos, permitissem ter lugar nos psiquismos dos anjos-clones a desagradável repercussão do que se viam obrigados a fazer por desejo expresso do pai-criador;

Quando existe uma atitude superlativa de um lado, naturalmente isso provoca outro padrão de atitude tão ou mais forte ainda, único modo de confronto psíquico para seres semelhantes. Isso conduz às rebeliões nas quais se passa a cometer todo tipo de perversidade, comprometendo mais ainda o psiquismo pessoal dos envolvidos;

O conjunto desses seres semelhantes (Javé e seus anjos-clones) se viu obrigado a criar agora seres evolutivos com uma marca psíquica que eles não tinham: a possibilidade da liberdade de ação e, por conseguinte, a do progresso;

Por força da inabilidade do Senhor Javé e dos seus anjos-clones em lidar com seres “livres” evolutivos, estes últimos passaram, aí sim, a também se rebelar contra a ordem ditatorial estabelecida;

O desespero em grau máximo advindo do sofrimento acumulado da parte dos seres evolutivos (detalhe: os seres clonados não sentem os seus problemas com as mesmas cores que nós, os seres evolutivos, sentimos) faz surgir um sentimento superlativo de “ódio” para fazer frente à assustadora (assim observada pela ótica dos seres evolutivos) frieza advinda dos anjos-clones e do pai-criador, tida como “perversidade” pelos evolutivos;

Quando os espíritos dos seres evolutivos já bastante machucados e marcados por todo tipo de esquisitice comportamental advinda da hierarquia do Senhor Javé – que aos nossos olhos parece pura perversidade e desamor –, “encarnaram” ou “submeteram” os seus espíritos a corpos animalizados com genética já adoentada, esse “casamento infeliz” terminou por produzir o que hoje é considerado o “mal”.

De quem é a culpa? Para quem se pergunta o porquê de o verdadeiro Deus, o Incognoscível, o Pai e Mãe amoroso de todos os que existem como

parcelas individualizadas do Seu amor, permite esse tipo de situação, a resposta é:

CONSTATAÇÃO:

O verdadeiro Deus Pai-Mãe permite que cada ente espiritual por Ele criado seja o que quiser ou o que puder ser, pois, em não sendo assim, Ele nos obrigaria todos a sermos como Ele é. Se assim fosse, não haveria mérito evolutivo, já que Ele, a cada momento, estaria impedindo (interferindo no livre-arbítrio dado a cada um) a parcela individualizada de construir a sua própria trajetória existencial. Ainda que essa postura da Deidade possa criar problemas dos naipes do de Javé, é assim que as coisas parecem ser.

REALMENTE, se o Pai-Mãe Sagrado não permitisse "certas situações criadas pela liberdade existencial dos seus filhos e filhas", nem Javé seria o que está sendo, nem o (a) leitor (a) seria o que é "nem ninguém seria alguém", jamais!

O fato de cada um pensar ser um "alguém" apartado do Sagrado é um assunto à parte que por si só necessita de uma "universidade de vida eterna" somente para que se possa perceber e compreender o mistério amoroso da existência das "parcelas individualizadas advindas do Sagrado", já que esse processo acontece não somente na criação do Senhor Javé.

O desconfortável, então, para quem se pergunta sobre o "porquê de Deus deixar isso e aquilo acontecer", é perceber que existe, portanto, espaço para todo tipo de ser esquisito neste cosmo, inclusive, para este aflito escrevente como também para o (a) leitor (a) que está lendo estas páginas.

Não sei se conseguirei levar a termo a minha intenção de publicar o último livro, que pretendo chamar de "Autobiografia de um Cretino", antes de deixar a presente existência terrena, como forma de me permitir estudar o grau de cretinice que me é próprio e assim me permitir observar o correspondente grau de esquisitice nos meus semelhantes, como também em certos cidadãos de outros orbes que, para não fugirem à regra deste universo, parecem ter lá as suas estranhíssimas doses de imperfeição.

Um dos livros que mais me encantam o psiquismo terreno é a "Autobiografia de um Iogue", de Paramahansa Yoganada[2], a quem considero verdadeiramente um mestre. Se não fosse a aparente falta de respeito com o título do seu livro... Ainda assim, penso em publicá-lo para que não restem

dúvidas quanto à minha pequenez. E mais ainda, penso que isso é necessário pelo fato de tratar de coisas espirituais e celestiais, sem ter a menor estatura moral e espiritual para tanto. Mas que venha o futuro e, em contando os dias que me restam, verei o que poderei fazer.

O fato é que o “mal” não parece ser produto do Senhor Javé nem dos seus anjos-clones por uma questão bem simples: o jogo entre eles é sempre o de “vida-vida”, ainda que se agridam “loucamente”, e não o de “vida e morte”, que se estabeleceu entre os evolutivos ou mortais. Por mais estranho e absurdo que possa parecer ao senso terráqueo, esses seres se acostumaram a se agredir de tal modo, mas tanto, ao longo dos primeiros bilhões de anos deste universo, que, ao perceberem que não podiam destruir uns aos outros – somente em casos e em circunstâncias raríssimas é que tal acontecia –, foi como se a agressão entre eles se tornasse algo parecido com o que na Terra conhecemos como “garra”, que pode ser percebida na dura disputa entre atletas de equipes diferentes, sendo esta perfeitamente desculpável ao final da contenda. Não é, pois, de se estranhar que, na “cultura dos deuses da antiguidade perdida”, existisse tanto tipo de esquisitices e de agressões extremamente violentas.

CONSTATAÇÃO:

Essa estranha ordem de perspectiva fez com que esses seres possam ser tidos sob a égide de muitos epítetos, mas eles não são malvados, perversos, apesar de as suas atitudes, aos nossos olhos, parecerem mais execráveis ainda do que o que costumamos assim classificar.

Esse aspecto não muda nada para o lado de quem sofre a agressão, o lado mais frágil dessa história, na maioria das vezes composto pelos seres em evolução. Mas, por mais incrível que isso pareça, apesar de sermos aparentemente frágeis por conta dos nossos corpos mortais –, o dos anjos-clones também o são, só que numa perspectiva muito superior do tempo cósmico quando comparado ao caso terrestre – somos nós o “lado mais forte” de todo esse processo, e é importante que saibamos disso.

“O SURGIMENTO DO MAL”, eis o pior aspecto do drama espiritual do Senhor Javé, indiretamente por ele causado – isso para alguns. Mas há controvérsias. Porém, nelas não me adentrarei para deixar a necessária reflexão a quem se interessar pelo assunto.

É sabido, na Espiritualidade, que o criador já havia mesmo “se acostumado” a ser odiado por alguns terráqueos, quando estes morriam por ordem dele. Afinal, o que permanece escondido aos olhos do mundo sempre é permanentemente revelado no mundo espiritual, até porque ali não há o disfarce da máscara corporal terrestre – que compõe o mundo das aparências – e cada um é o que é.

Importa ainda ser ressaltado que o Senhor Javé, que jamais pretendeu posar de “bonzinho”, sempre fez absoluta questão que suas ordens, por mais dolorosas que fossem, de liquidar esse ou aquele povo ao tempo de Moisés e de Josué, por exemplo, fossem amplamente conhecidas, pois que o respeito e o temor que ele queria dos humanos teria de vir nem que fosse por meio desse terrorismo ditatorial, apesar das “razões de estado universal” que ele diz possuir e que o obriga a agir desse modo.

Nesse contexto, os seres evolutivos terráqueos que morriam sob a égide da força e da violência do “deus dos judeus”, ao desencarnarem, marcavam indelevelmente nas suas organizações espirituais as chagas do sofrimento e as mágoas em relação ao deus-algoz de então. A isso o Senhor Javé estava acostumado, do mesmo modo que um chefe, ao ser obrigado a optar por decisões que desagradam a muitos, assume uma postura psicológica de não se deixar afetar pelo que se julga obrigado a fazer. Contudo, a sua inquietação com o assunto do “germe da maldade” começou quando ele percebeu que o tal “vírus” começava a grassar entre alguns dos seus próprios pares, ainda que estes jamais morressem. E o pior: o sentimento de ódio era dirigido à sua pessoa.

Toda essa história – que neste livro será referida somente superficialmente – começou com a percepção de parte dos assessores do Senhor Javé de que a crucificação do irmão deles, conhecido na Terra como Jesus, somente “era inevitável” por obra e esforço pessoal do próprio criador. Isto, pelo fato de Jesus ter se submetido em tudo a Javé, mas a ele não se ter subordinado, ou seja, Jesus não usou os seus “superpoderes”, comuns a certas classes de “deuses”, para dominar a espécie humana através do exercício da função de rei dos judeus, como pretendido e vaticinado pelo “deus do exército judeu”. Afinal, o Senhor Javé pretendia – como forma de fazer os terráqueos evoluírem – que os judeus, de povo dominado pelo império romano, passassem a dominar todos os demais povos da Terra; e para isso foi que ele enviou o seu “Messias” todo poderoso. Jesus se submeteu ao “papel”, mas se recusou a cumprir a “função”, e simplesmente pagou o preço de ter

contrariado aquele que o “enviou”.

Quando produzi o livro “Jesus e o Enigma da Transfiguração”[3], que narrava o encontro ocorrido entre o Mestre Jesus e os seus assessores (na verdade, assessores de Javé), ali narrei que o teor “daquela reunião de emergência” tinha a ver com a permissão que os tais anjos estavam pedindo ao seu irmão em missão na espécie *homo sapiens* para interferirem na história terrestre e simplesmente retirá-lo, evitando, assim, a difamante crucificação que estava prestes a acontecer. Na época (ano de 2001), este escrevente não tinha o conhecimento sobre o “fator Javé” na história deste universo, o que levou a retirada da explicação quanto ao porquê de Jesus não ter aceitado a intervenção e das implicações que isso teria em relação à “vontade do seu pai Javé”, que era a de que ele fosse crucificado.

Realmente, naquela época, apesar de ter achado a “informação estranha”, eu não atinei que caso Jesus tivesse aceitado e/ou autorizado a tal intervenção, teria sido mais outra rebelião aberta contra Javé, vinda agora não de Lúcifer, mas de seus anjos-clones que superintendiam, em nome do criador, alguns aspectos em torno da missão da “personificação da sabedoria” entre os terráqueos.

Recorda este escrevente de nesse mesmo livro ter afirmado que havia “parte de um texto” o qual, por não ter sido, de minha parte, convenientemente compreendido, obriguei-me a retirá-lo do contexto do livro, e se referia à explicação quanto aos demais aspectos que envolveram aqueles instantes decisivos para o porvir.

Se tudo o que ali aconteceu, porém, permaneceu desconhecido para os terráqueos, o Senhor Javé, cerca de 900 anos depois do corrido, começou a perceber o indisfarçável sentimento de “ódio” que lhe estava sendo dirigido por alguns poucos dos seus anjos-clones, ainda devido ao fato da criminosa e desnecessária crucificação de Jesus.

O aspecto singular dessa história é que o ódio de um anjo-clone dirigido ao criador, pela relação de semelhança profunda dos DNAs envolvidos, parece provocar na organização energética do mesmo um problema “sem fim”. Isto porque esses seres “não morrem” e nem têm mesmo para onde ir, devendo, então, permanecerem vivos e ativos – até que desfaleçam, mas somente após muitos bilhões de anos de existência nos seus corpos herdados do criador – em algum local ou quadrante da criação do Senhor Javé. E outro aspecto do drama espiritual desse seres é o de que pouco importa onde eles possam estar, estarão sempre, posto que “inevitável”, vibrando negativamente

em relação ao Senhor Javé, e isso, por seu lado, transforma-se em parte do seu drama pessoal, pois lhe é bastante doloroso.

A expressão “inevitável”, acima utilizada, tem a ver com o fato de que todos esses seres padecem de muitas doenças psíquicas, dentre as quais uma que podemos chamar de “fixação mental” incontrolável. E isso se deve à herança genética recebida do pai-criador que padece de modo superlativo do mesmo problema adquirido na sua tentativa de sobreviver a “qualquer custo”, quando da sua queda.

O “germe do mal” não está confinado somente na Terra, dolorosamente marcado entre muitos dos espíritos que por aqui trafegam ao longo das reencarnações. Na verdade, os que estão invariavelmente afetados por essa espécie de “vírus mental” não mais renascerão na nova Terra regenerada e, por isso, já estão sendo exilados para outros mundos logo que cumprem as suas últimas oportunidades de progresso neste planeta.

Existem alguns outros orbes espalhados por este universo cujas populações padecem do mesmo problema, em maior ou menor grau. Contudo, estes já representam uma minoria na atualidade universal, o que, em sendo verdade a presente informação, representa uma notícia alvissareira.

Não vou aqui me aprofundar no tema, pois penso não serem recomendáveis os seus desdobramentos, diante da avalanche de informações que já estão sendo fornecidas. Mas, no que se refere à vida cósmica, para o senso terráqueo que ainda discute se existe ou não vida lá fora, seria algo conveniente que alargasse o seu horizonte, pois segundo afirmado nas **antigas escrituras hindus** – e os nossos antepassados eram sabedores de aspectos da verdade cósmica que ainda são negados à atual geração de terráqueos – as mesmas apontam **existir cerca de 400 mil espécies, somente do padrão humanoide, espalhadas pelo cosmos.**

Concluindo, ressalto que durante muito tempo refleti sobre o surgimento do “mal” por entre as aventuras da vida cósmica/espiritual. Observava aqui e acolá vestígios de como “esse vírus” poderia ter surgido. Sabedor de que, por exemplo, a “tristeza” jamais existiu por si mesma, pois foi necessário que algum dia um “ser pensante” tivesse se sentido triste para que esta surgisse como um fato na vida de muitos, assim havia de ter sido, também, com o sentimento de “maldade” e de “perversão”.

Também busquei entender o “mal” sob a perspectiva teológica, mas confesso que pouco ou nada ali encontrei que fugisse ao trivial e que me pudesse ser útil à empreitada intelectual.

Ao me defrontar, porém, com o Senhor Javé e a sua hierarquia, em observando o "modo como eles vivem as suas vidas" e a partir de que "foco" eles começaram a existir, aí sim, comecei a perceber elementos que compunham o contexto em torno da questão, elementos estes jamais percebidos anteriormente nas minhas análises.

Foi quando a dolorosa questão do "**apodrecimento energético**" de seres constituídos exclusivamente a partir de uma condição de "força mental divina", sem a devida estruturação espiritual daquele que os gerou para a existência, é que me foi praticamente "jogado na minha cara de terráqueo", pudesse eu compreendê-la ou não, a causa de tamanho problema. Afinal, para que jamais possam surgir "vírus desse naipe" é que sempre se observa a "ressonância" entre as "componentes espiritual e material" que compõem a "engenharia da vida" em algumas faixas de realidades. Quando esta inexiste, parece que o ato de "forçar a barra" – rogo desculpas pela expressão – para tornar possível a imantação de "espíritos vindos do Sagrado" em corpos primitivos com o "código de vida adoentado" é que surge a base para que tais coisas possam acontecer.

Apesar da vigilância que procuro exercer sobre mim mesmo, percebi-me ainda algo apegado ao conceito de que nada poderia existir sem a sua componente espiritual, o que muito me fez demorar a aceitar o que aqueles seres eram obrigados a me demonstrar: que o seu pai e criador – por força da sua natureza circunstancial e problemática – existia como tal, só que destituído de uma alma, o que dava margem, nele e em seus filhos, a que pudesse surgir todo tipo de doença espiritual. Contudo, apesar das possibilidades, não foi nele, ou melhor, **não foi no seu psiquismo que o "germe do mal" brotou**, mas sim, no seio do psiquismo dos seus filhos e filhas criados por força do seu desespero.

Se o problema "surgiu" no psiquismo de alguém, o mesmo somente poderá ser resolvido onde esse germe, após se propagar, terminou por se alojar "por tempo indeterminado ", até que de lá ele seja literalmente expulso, para depois ser "isolado" e, por fim, liquidado pelo combustível advindo da vibração amorosa, única força capaz de "eliminá-lo".

E onde será que esse germe se encontra hoje residindo?

Resposta: No psiquismo espiritual adoentado de muitas individualidades que transitam pela criação do Senhor Javé!

Conclusão: somente a "reforma íntima" – processo que ocorre de "dentro para fora" – é que terá o condão de proporcionar isso. Mas como realizar tal

intento, se a maioria das religiões do mundo somente consegue atuar de “fora para dentro” (“comunhão”, “dízimo”, “passes energéticos”, “rituais”, “hierarquias”) e parecem nada saberem do essencial do processo da “modificação interior”?

Boa pergunta! A resposta, contudo, está com cada um.

Detalhe: o aspecto aparentemente misterioso dessa história é o de que o Senhor Javé, apesar de responsável por um conjunto de posturas e de atitudes as quais, perante a lógica terrena, parecem se encontrar “além da perversão”, a sua mente jamais deu guarida a esse “germe da maldade” e a outros tipos de “germes” indesejáveis.

18

TRISTE PAINEL DO DRAMA ESPIRITUAL DO CRIADOR

CONVIDO o (a) eventual leitor (a) destas páginas a compreender definitivamente o **drama espiritual do Senhor Javé** a partir da reflexão exposta no livro “O Drama Cósmico de Javé”, no seu capítulo 13. Ali fiz uso da metáfora que me foi possível criar referente a um “engenheiro” que, em tendo construído um avião, para sua surpresa, a criação começou a voar sozinha. Peço licença ao leitor que porventura tiver lido o livro mencionado para mais uma vez aqui expô-la com o objetivo de retomar a linha de análise agora enfocando outros aspectos da questão,

> *Era uma vez um cientista que desejou construir um avião que pudesse voar sozinho. Seu professor e mestre o desaconselhou.*
>
> *Embevecido pela pretensão criativa, o cientista fez valer o seu poder mental. Contudo, o avião recém-construído, para sua surpresa, começou a voar independente da sua vontade.*
>
> *Percebendo o perigo, o criador fez-se piloto da própria criação. Nessa transição, enfraqueceu a si mesmo, machucando-se bastante, a ponto de não poder pilotar de modo conveniente a própria criação.*
>
> *Com o tempo, enlouquecido pelo sofrimento e desgastado por força dos inúmeros desafios, o piloto resolveu criar, a partir de si mesmo, uma tripulação de clones adaptados às funções que o pudesse ajudar a manter o avião no ar.*
>
> *A essa altura, o seu professor resolveu também ir para o sacrifício e se fez copiloto, ainda que contra a vontade do piloto.*
>
> *Alguns membros da tripulação, padecendo da mesma doença,*

começaram a ter problemas com o piloto e com o copiloto, que tudo fazia para ajudar ao piloto e manter o avião em bom curso, até que fossem criadas as condições para o pouso seguro.

O piloto e a tripulação resolvem, então, criar, a partir si mesmos, uma classe de passageiros com a intenção de que, apesar de inferiores, entre os assim considerados, alguns pudessem se habilitar a ajudar.

Padecendo, porém da mesma doença dos seus criadores, passageiros, tripulação e piloto começaram a ter problemas entre si, e de todo tipo, e o avião mal consegue se sustentar no ar.

O copiloto disfarça-se entre os passageiros para orientá-los quanto ao que fazer. É descoberto e expulso do avião, mas antes avisa: "ainda que não o desejem ou mesmo compreendam, é imperioso que eu retorne para dividir o comando a fim de que possamos todos seguir em rota segura e pousar em paz".

Com tempo, o piloto leva a sua doença a grau extremo de insanidade, mas não abre mão do comando. O estado da tripulação e de boa parte dos passageiros se deteriora sobremaneira.

Resumo: "apertem os cintos porque o piloto, apesar de não ter sumido, adoeceu e precisa de ajuda".

Um dos mais pitorescos aspectos – se assim posso a isso me referir – é o de que os seres considerados "divinos e poderosos", criados a partir da "pureza genética do seu pai e criador, parecem nada poder fazer para resolver o problema que lhes é próprio.

CONSTATAÇÃO:

Os passageiros da primeira classe, os anjos-clones, não podem ajudar o Senhor Javé. Os da segunda podem, contudo, não estão a ele invariavelmente submetidos, como é o caso dos primeiros, por força da sua relação de semelhança quase total com o DNA do criador. Eis o aspecto do drama!

Na verdade, a "turma da primeira classe" precisa desesperadamente do "pessoal da segunda", mas age como se assim não fosse, pelo fato de o assunto não ser ainda unanimidade entre eles.

Sob a perspectiva universal, entender definitivamente esse problema é atitude que se espera de cada cidadão cósmico pertencente à "segunda classe" – a dos seres evolutivos. Isso, porque a ajuda ao pessoal da primeira tem de ser gerada de maneira que eles sequer precisem perceber que estão sendo ajudados. E esse fato se dá pelo estado deplorável em que muitos deles se encontram, e talvez até mesmo seja melhor assim, para o atual nível do entendimento planetário, que o real estado de algumas classes desses seres permaneça desconhecido para os terráqueos, pelo menos para a presente geração de encarnados.

As civilizações avançadas, tecnológica e espiritualmente falando, do universo, quase todas elas formadas por "seres evolutivos" – cujos espíritos foram criados "simples e ignorantes" para evoluírem conforme as possibilidades das naturezas planetárias do cosmo – agem sob a égide dessa ótica solidária para com a hierarquia que aparentemente exerce a supremacia na administração sideral, sem que isso cause qualquer afetação a nenhuma das partes.

Isso tudo porque é sabido que uma **parte preocupante dessa hierarquia padece de uma doença** semelhante ao que na Terra é conhecida como sendo "câncer".

Retomando, aqui, o foi superficialmente exposto no capítulo seis do livro "O Drama Cósmico de Javé", é imperioso reafirma que **o criador e diversos membros de algumas classes dos seus clones encontram-se gravemente afetados pelo problema**.

O (a) leitor (a) atento (a) haverá de se questionar: mas será que com toda a tecnologia que esses seres dispõem, eles não conseguem encontrar uma cura para o tipo de câncer que os aflige?

Resposta: sim, eles têm diversos remédios, só que estes atacam as meras consequências que as suas atitudes mentais doentias, fixadas em certas questões, causam nas suas organizações energético-pessoais. O problema, porém, permanecerá enquanto a atitude mental doentia da parte de algumas classes dos assessores do criador continuar fixada nos mesmos padrões. E outro aspecto do drama é que a atitude mental desses seres é a mesma desde que foram criados enquanto anjos-clones do Senhor Javé.

Recentemente foi lançado um livro cujo título é "The Emperor of all Maladies" (O Imperador de todos os Males), do oncologista Siddhartha Mukherjee[1], professor da Universidade de Colúmbia, em Nova York. Nesta obra bastante esclarecedora sobre o tema, que traça uma completa biografia

desta antiga doença, o câncer é abordado como uma doença milenar e tratado mesmo como um personagem histórico que coexiste com a luta desta humanidade, ao longo dos últimos 4 mil anos em que ela tenta viabilizar a sua existência na Terra. Embora tanto, o curioso é que, conforme o livro, as pessoas das sociedades antigas não conseguiam viver o suficiente para terem câncer.

Na sua introdução, o autor se pergunta: algum dia a humanidade poderá se livrar do câncer para sempre? Segundo ele, a guerra contra o câncer não pode ser vencida por uma razão bem simples: o câncer não é um inimigo único, bem definido, contra o qual é possível apontar, cirurgicamente falando, os instrumentos disponíveis para combatê-lo. O conceito que temos de câncer é "simplório", pelo que depreendo, porque esconde centenas de doenças diferentes que em comum têm apenas o nome. O autor diz que este nome é, além de genérico, enganador.

Quase sempre o remédio contra o câncer que temos equivale a lançar uma bala de canhão para matar uma formiga, diz ele. As células tumorais morrem e, com elas, um exército de células sadias.

Segundo o estadunidense Harold Varmus – Prêmio Nobel de Medicina do ano de 1989, com J. Michael Bishop, que juntos descobriram a causa do câncer como sendo algo decorrente das mutações genéticas – "**a célula de câncer é a mais perfeita versão de nós mesmos. Buscamos a imortalidade. Ela também.**"

CONSTATAÇÃO:

Aqui reside um dos maiores aspectos do nosso drama em relação à herança de Javé: a sua doença, que reflete a sua própria desgraça, por sua inclinação mental à imortalidade via sobrevivência a qualquer custo, faz dos seus "germes" e os dos seus filhos, disseminados nas naturezas planetárias do universo, verdadeiros "agentes" a envenenaram e a transformarem células sadias em doentes.

A questão é que estas, a exemplo da força e da habilidade percebidas nas superbactérias, lutam por sobreviver a qualquer custo, o que faz do câncer que vitima a espécie humana um dos traços mais marcantes da "face de Javé", no seu aspecto mais desolador e desesperador.

OS CIENTISTAS cada vez mais se surpreendem com a sempre renovada

capacidade das superbactérias[3] de se readaptarem, ao mesmo tempo em que aparentemente se fortalecem, na sua luta com os superantibióticos que são desenvolvidos constantemente, pelo avanço da medicina, na tentativa de combatê-las.

Conforme tenho depreendido, sabe-se hoje que o câncer é uma doença decorrente do crescimento descontrolado de uma única célula. Ele é provocado por mutações no DNA, ou seja, mutações genéticas que ocorrem em células normais. Para vencer o câncer, seria preciso encontrar formas de impedir que essas mutações viessem a ocorrer, o que não tem se conseguido nem existe perspectiva de que isto, em curto prazo, venha a ser logrado. Na verdade, à luz do que se conhece hoje, esta parece uma tarefa quase impossível, até porque, no mecanismo do que entendemos como divisão celular, reside a possibilidade do próprio crescimento corporal, a de nos adaptar, a de recuperar os tecidos lesados, enfim, a de viver.

O problema é que esse mesmo processo, quando escapa ao controle, permite que as células de câncer cresçam e se adaptem de tal modo que elas passam a viver literalmente ao custo da nossa própria vida. **Se nós buscamos a longevidade, a imortalidade, a célula de câncer também o faz, levada pelo mesmíssimo impulso de sobrevivência que marca o psiquismo humano.** Em outras palavras, arrisco-me a dizer que, para o "buscador dos muitos painéis da verdade", existe uma boa dose de razoabilidade em admitir que a premissa de uma célula cancerígena é a mesma existente no psiquismo humano, no que se refere à sobrevivência.

Não aprofundarei o tema aqui para não desviar o foco da atenção do (a) leitor (a) do tema central destas páginas, mas, seja por mera opinião pessoal ou pelo que pude apreender em palestras e leituras sobre o assunto, alguns estudos, ainda não aceitos pela ortodoxia científica, apontam que **a sensação de contrariedade, de perda mal resolvida associada ao *stress***, provavelmente poderia ser a **causa** se não de todos os **tipos de câncer,** pelo menos de alguns deles.

Talvez venha a existir um dia em que a ciência admita, nem que seja somente pela verificação empírica dos fatos, que a sensação psíquica de perda mal resolvida associada à contrariedade e ao *stress* pode servir como fator de mutação celular que leva ao câncer.

Humanos que perdem algo, mas aceitam esta perda ou lutam com todas as forças para reaver o que foi perdido, parecem somente sofrer o desgaste natural da situação estressante, mas como não se encontram "contrariados"

com a questão, continuam as suas vidas sem maiores problemas. Entretanto, quando a contrariedade incide no psiquismo, esta atitude mental parece ser a propulsora de uma modificação danosa à organização celular e alguns tipos de câncer se instalam no organismo.

O Senhor Javé, desde que reconstruiu a sua condição existencial como um ser refém da própria criação, encontra-se em permanente estado de contrariedade profunda pela sua mal resolvida perda da condição de divindade, antes da criação deste universo. Jamais ele aceitou isso e parece que jamais o fará enquanto permanecer na postura mental que hoje ainda caracteriza as suas atitudes. Assim sendo, o permanente *stress* presente no seu psiquismo afetado pelos fatos – advindo dessa perene contrariedade – parece ter sido fator decisivo para que a sua organização pessoal passasse a ser vitimada pelo o que na Terra chamamos de câncer.

CONSTATAÇÃO:

O problema da fixação mental equivocada do Senhor Javé, quanto à sua atual situação, encontra-se indelevelmente marcado na "formatação do seu DNA". Isso implica que todos os seus anjos-clones, como também os seus filhos e filhas evolutivos, herdeiros em maior ou menor grau do mesmo código de vida presente nas suas organizações celulares – que se expressam de modo distinto em cada uma das dimensões físico-densa, astrais e espirituais primárias que respondem pela sua criação – ao sentirem alguma sensação deletéria semelhante à que se faz presente na mente do criador, ativam nas suas condições genéticas o mesmo tipo de doença.

PARECE TER SIDO ASSIM que a "contrariedade superlativa" advinda da perda da condição de divindade no psiquismo do Senhor Javé despertou nele esse "vírus mental" – desculpem a expressão – que passou a vitimá-lo e a todos mais que, por possuírem o mesmo código genético, se permitem a vivência das mesmas sensações de tristeza e dor profundas, desde a perda de um anel, de um emprego, de um bem material expressivo, de um ente querido ou de qualquer outra condição ou posse material que nos marca a existência na Terra.

Para vencer o câncer, portanto, parece ser preciso encontrar formas de prevenir essas mutações celulares, e isso se dá pela modificação da postura

ou da atitude mental. E aqui, tanto o Senhor Javé quanto os seres evolutivos precisam aprender com o budismo, que nos ensina que *"o inferno somente existe dentro das nossas mentes porque o sofrimento não está naquilo que nos acontece, mas sim no modo como direcionamos os nossos pensamentos*".

"Direcionar os pensamentos" perante o que nos acontece – eis a arte psíquica que parece faltar a uma boa parte dos membros da espécie humana, já que somos especialistas em direcionar os nossos pensamentos de modo a que os dramas, as dores e as tensões sempre se instalem no nosso modo de pensar doentio e no nosso jeito viciado de viver a vida, transformando-a sempre numa tragédia emocional. Mas, "temos a quem puxar"! O pai da genética dos nossos corpos e da condição das circunstâncias que nos envolvem as experiências nos mundos deste universo é o primeiro foco desse problema. Com a criação dos seus anjos-clones, ele deixou de ser o único foco problemático; e o trágico para esses seres é que a nenhum deles é dada a capacidade que foi possibilitada ao gênero humano (aos seres evolutivos) de refletir e de se modificar interiormente por meio dos processos **da reforma íntima e da meditação profunda.**

Pasme o (a) leitor (a) destas páginas com a seguinte informação:

CONSTATAÇÃO:

Do mesmo modo que um leão não pode meditar e chegar à conclusão de que a sua programação genética para sempre se alimentar de zebras e antílopes, dentre outros animais, pode ser modificada por sua atitude mental, o Senhor Javé e os seus anjos-clones também não o podem fazer, apesar de serem individualidades que dispõem da capacidade de pensar. A nós, seres humanos terráqueos, e a algumas outras espécies cósmicas extraterrestres, isso é dado fazer.

REFLETI BASTANTE sobre a conveniência ou não de abordar o tema inquietante que agora desenvolvo. Diante da maneira violenta – sob a perspectiva psíquica – com que fui e ainda sou tratado pelas atitudes vindas da hierarquia do Senhor Javé, não foram poucas as vezes que, em percebendo alguns problemas na minha organização corporal, jamais percebidos até o estabelecimento do ridículo "confronto" que um verme terráqueo se viu obrigado a manter em relação ao desagradável e criminoso aspecto ditatorial desses seres, pensei estar sendo "vitimado fisicamente" pela minha própria

incapacidade de lidar com a inusitada questão. Não sei quais as mazelas que isso pode ter provocado no meu organismo terreno, e isso somente o afirmo para ser honesto com quem porventura venha a passar a vista por estas páginas.

Jamais aplaudirei ou verei com bons olhos o modo estabelecido no qual esses seres se "acostumaram" a ser o que pensam ser, quando, pelo que pude perceber, por pior e mais inexorável que possa ser a herança recebida do pai e criador de suas formas universais, eles podem, sim, se superar, como o próprio Senhor Javé também o pode. Isso é o que penso! Obviamente, posso estar totalmente enganado, como quase sempre estou – o que me possibilita oportunidade de crescimento sem maiores constrangimentos, na medida em que tento a nada me apegar, enquanto conceito. Em outras palavras, esforço-me por saber que nada sei ao certo.

É, pois, uma questão de afinidade com o processo mental deletério comum à doença do Senhor Javé, o principal problema em relação ao qual esta humanidade precisa aprender a se superar. E isso somente pode se dá por meio da reforma íntima e da educação do exercício pleno da soberania espiritual que cada ser precisa desenvolver em relação às emoções que lhe são próprias. Aqui não existe remédio a ser tomado "de fora para dentro" que impeça isso, até porque estes somente poderiam suavizar as consequências do problema. O que precisa ser feito é a arquitetura, por meio do esforço pessoal de cada um – e este é intransferível – de uma atitude mental (de dentro para fora) libertária e pacificadora. Esta, sim, é que terá o condão de impedir isso.

Torna-se imperioso, porém, ressaltar que, para além da questão do desajuste íntimo como agente causador de moléstias cancerígenas, dentre outras mazelas, existem os agentes químicos externos que também ativam as mutações indesejadas.

Pesquisas sobre a questão têm apontado que o cigarro, atualmente, causa as alterações genéticas responsáveis por aproximadamente 35% de todos os casos de câncer. Outros 15% são provocados pelo uso excessivo do álcool. Depois vêm os vírus, a poluição e outros fatores, e apenas 5% são provocados por alterações genéticas hereditárias.

Como podemos perceber, a vida nos convida ao constante processo de crescimento pessoal, sem que isso implique, necessariamente, submissão à mentalidade de rebanho imposta pelas macroforças que, invariavelmente, controlam alguns dos fluxos da vida terrestre, sejam elas políticas, religiosas ou, simplesmente, impérios de consumo.

Que cada ser humano possa ser livre para se descobrir como elo importantíssimo de uma corrente de vida cósmica que perpassa toda a criação universal. Para isso, ninguém precisa criar religiões ou reunir-se em cansativas correntes de oração. Basta que permaneçamos com os corações unidos em tornos dos ideais que embelezam a vida e tudo mais será naturalmente construído.

19

PREVALECE O AMOR

FIQUE TRANQUILO (A), o (a) leitor (a), que não estou propondo que a existência do Senhor Javé seja estabelecida para o senso crítico terráqueo com base no "argumento da ignorância" que estabelece que uma coisa deve ser verdade porque não foi provada ser falsa.

No caso terreno, acho que perceber a existência do Senhor Javé é o principal fator para que qualquer pessoa possa tocar a sua "vida interior" de modo sábio e maduro, enquanto viabiliza a sua existência ao longo das vidas terrenas.

Sim! Cada um de nós precisa prestar atenção à sua vida interior, já que a exterior está consumindo toda a nossa atenção existencial – e isso não costuma acabar bem para os que chegam do outro lado da vida tendo dedicado toda a sua força e atenção somente aos aspectos primitivos da existência.

Nietzsche[1], logo na primeira página do seu livro "Para Além do Bem e do Mal – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro", aponta que:

> *A vontade da verdade ainda nos há de arrastar para muitas aventuras, essa célebre veracidade de que todos os filósofos falaram até os dias de hoje com veneração.*
>
> *Quantos problemas nos tem levantado essa vontade de verdade! Quantos problemas insólitos, graves, duvidosos! Descreve toda uma longa história e, no entanto, não parece que começou faz pouco tempo? Que perplexidade poderá provocar o fato de acabarmos por nos tornar desconfiados, de perdermos a paciência, de nos agitarmos*

impacientes? O fato de nos ter levado, devido a isso, com essa esfinge, a fazer perguntas? Afinal, quem vem aqui interrogar-nos? Que parte de nós mesmos tende "para a verdade"?

Realmente detivemo-nos por muito tempo perante a questão da causa dessa vontade, até que acabamos por ficar em suspenso perante uma questão ainda mais fundamental. Neste momento é que perguntamos pelo valor dessa vontade.

Considerando que queremos a verdade: por que não havíamos de preferir a não-verdade? Talvez a incerteza? Quem sabe a ignorância?

Terá sido a questão da verdade que se nos apresentou ou, pelo contrário, fomos nós quem nos apresentamos a ela? Qual de nós é aqui Édipo? Quem a Esfinge?

A vontade de descortinar a verdade haverá de nos levar naturalmente até Javé, por força da sua natural condição de ser alguém que se posiciona entre qualquer um que vive em seu universo e o que se encontra além dele. O Senhor Javé não é a verdade das nossas vidas, ele é um dos elementos e um dos sujeitos, com atuação significativa e decisiva no fato de hoje existir vida humana terrestre e de os nossos espíritos aqui se encontrarem. Mas ele, como nós, também almeja, ainda que no seu cansaço, que alguém lhe faça as perguntas necessárias para que as suas respostas lhe encaminhem, pela percepção do erro e do acerto, à verdade que ele e nós tanto buscamos e que se situa muito além das fronteiras criadas pela sua mente enquanto divindade. Em contrapartida, esta verdade reside no íntimo de cada ser, como se num paradoxo onde somente aqueles que conseguem se esquecer de "serem o que pensam que são", poderão assim almejar a possibilidade de perceber a verdade por trás de cada existência individual, inclusive e principalmente, a de Javé.

Até lá, a "vontade de verdade" para o Senhor Javé dependerá do quanto as civilizações evolutivas do cosmo possam contribuir para a pacificação e a reflexão do Senhor Javé e dos seus anjos-clones ainda duramente afetados pela pesada herança. Somente assim poderá surgir, na sua "recém-desperta" habilidade (à moda humana terráquea) de "olhar para a vida" com olhos de esperança, bom-humor, carinho e ternura, a perquirição profunda em torno da sua vontade pessoal para que ele realmente decida se quer ou não finalmente perceber a Verdade Maior que envolve a sua criação e, em especial, a ele

próprio.

A vontade de perceber a verdade em cada ser humano, pelo que penso, encontra-se alicerçada em dois pilares: na genética herdada do Senhor Javé, que também a deseja – só que do jeito que lhe é próprio – e na atitude natural do nosso espírito que, em sabendo pouco ou muito mais que o ego terreno, a tanto nos estimula por força do seu impulso nato.

Sempre que reflito sobre o que costumamos classificar na Terra como sendo a “verdade”, é inevitável a recordação em torno do que dizia Soren Kieekegard[2] sobre o tema: “o ser humano pode se enganar de duas formas: acreditando no que não é verdade e deixando de acreditar no que é verdade”. Penso que o risco é inerente à condição humana e, portanto, implícito à tentativa de percebê-la. Contudo, esse problema parece não pertencer somente à condição humana da Terra. Afinal, como disse o Senhor Shiva – já referenciado no segundo capítulo – “este Universo, na sua totalidade, é permeado pela angústia”, e isso implica, também, a incômoda sensação espiritual de que todos que nele mergulham ficam, momentaneamente, apartados da Verdade, por força da herança adoentada advinda do seu criador.

Assim, em sendo verdade o que aqui se encontra exposto, para que o ser terráqueo possa um dia vislumbrar a Verdade Maior, inevitavelmente deverá se defrontar com “verdades menores” ou aspectos diversos da Verdade.

A existência do Senhor Javé, no estado em que se encontra, e a sua insistente defesa quanto a ser ele o autor da criação universal, compõem os painéis de algumas “verdades menores”, das “muitas que nos rodeiam”. Importa perceber que essas “verdades” foram desesperadamente trabalhadas pelo esforço do criador para se fazer percebido pelos humanos da Terra. Se bem analisarmos o conjunto de revelações encomendado por sua vontade pessoal para esta humanidade, perceberemos que, de todas as maneiras possíveis ao modo de ser do Senhor Javé, tudo foi tentado para que o seu zelo e o seu modo de ser fossem percebidos. Basta ver as páginas da Bíblia judaica e os registros védicos para que se perceba como sempre existiu e existe “alguém”, situado para além dos limites terrestres, que se esforça por ser reconhecido como o pai e criador dos céus e da Terra e de tudo o que nesse contexto possa existir.

Para não ser repetitivo além da conta, renovo o convite a quem por estas páginas passar a vista, que leia o livro de Gregg Braden[3], “O Código de Deus”, pois que nos tempos modernos não conheço nada mais emblemático

do esforço de se mostrar aos terráqueos o que o que ali se encontra demonstrado.

O problema é que o ser humano pensa saber de tantas coisas, de tantas verdades impostas pelas religiões que, dificilmente, alguém que "pense saber tanto" se abrirá para a percepção de novos horizontes na busca da verdade. Afinal, quem pensa ou acredita que já a encontrou, sequer "vontade" de procurar coisa alguma terá mais.

Gosto muito de repetir para mim mesmo um dos ensinamentos de Sócrates[4], que diz que a verdadeira sabedoria passa necessariamente pela percepção de quão ignorantes ainda somos, pois somente assim, admitindo a própria ignorância, o ser humano permanecerá "aberto" à percepção de novos aspectos da eterna busca pela Verdade.

Não sei se chegarei a bom termo, mas penso que este será provavelmente o capítulo mais incorreto – politicamente falando – dos que se encontram neste já desalinhado livro em relação aos conceitos que estão postos sobre Deus, Jesus, o deus dos judeus, e o que chamamos de realidade.

Para que um novo conceito ou uma nova percepção possa nascer, às vezes é necessário que o velho conteúdo deixe de existir, sob pena de seus paradigmas não permitirem que o inusitado tenha lugar.

Na época de Jesus, o "inusitado" foi o surgimento de diversos novos conceitos, de novas visões sobre a vida, como também sobre o modo de se vivê-la. "Perdoar", em vez de devolver alguma ofensa ou mal praticado, foi um escândalo para o pensamento oficial da época, quando somente se entendia a violência e o império do mais forte como sendo a moeda das interações de valores da vida de então. Na verdade, era essa a herança do Senhor Javé presente na cultura religiosa do povo judeu.

Jesus confirmou o Senhor Javé como pai e criador dos céus e da Terra, mas não se subordinou à doutrina do império da força sobre os mais fracos, o que para o Senhor Javé foi um convite ao confronto.

Entenda bem o (a) leitor (a)!

Se for verdade o que tenho sido "obrigado" a depreender dessa convivência, **em nenhuma hipótese é conveniente que o Senhor Javé seja contrariado.** A sua natureza – marcada por um número de "doenças" simplesmente inimaginável para nós, tanto na quantidade como na tipologia – e a sua força mental também incompreensível para nossos padrões, somente se sustentam por força da "vontade férrea, inquebrantável" que marca o seu psiquismo, que é o que o mantém como um ser individualizado em "regime

de existência”. Assim ressalto porque também existem seres que foram individualizados a partir do seu DNA, mas que jamais foram postos “em movimento” e, portanto, não se encontram em “regime de existência”, por decisão expressa do criador, devido aos problemas ocorridos no “princípio dos tempos” deste universo.

Não é que seja da sua condição psicológica irritar-se com tudo. Não é bem assim que o seu processo pessoal parece funcionar. A questão se dá em alto diapasão, por um fato bem simples e já explicado anteriormente, mas que sei, por muito que venha a ser clarificado outras vezes, ainda assim será difícil para o conhecimento humano admitir que tal possa existir.

Refiro-me ao aspecto de que, **para o Senhor Javé, o corpo que cada um de nossos espíritos utiliza pertence ao seu “eu múltiplo”**, posto que esta foi e é a primeira ordem de percepção que marcou seu psiquismo no processo da sua reconstituição, e os efeitos dessa situação aberrante até hoje marcam o seu modo de ser e de pensar. Contudo, o seu cansaço já é tamanho e tantas são as desobediências, no caso terrestre, advindas desde o episódio de Adão e Eva, que ele invariavelmente sente o descarrego no seu psiquismo das atitudes humanas, mas já desistiu de manter o seu foco numa raça que não o obedece e sequer sabe ao certo que ele existe. Em outras palavras, dela recebe todo tipo de influência vibratória, mas já desistiu de usar a sua força mental – e a dos seus assessores – para influenciar a “humanidade desperta” nesse ou naquele sentido.

A questão, porém, muda de figura **quando o Senhor Javé está com a sua atenção fixada em alguém; quando ele escolhe alguém, seja um dos seus anjos-clones, um terráqueo ou outro ser cósmico qualquer, para que este seja agente ou instrumento do cumprimento dos seus desígnios**. Aqui o processo se eleva a um grau de complicação desagradabilíssimo para o “outro lado” do processo, que faz às vezes de contraponto do Senhor Javé, no ambiente em que se encontra vivendo e no qual ele pretende influenciar desse “modo cirúrgico”. Fica ainda pior quando ele se sente contrariado pela atitude do “alguém escolhido” que, clara e objetivamente, não o obedece.

O Senhor Javé tem desculpado, nos moldes que lhe são próprios, àqueles que o desobedecem, mas que ele percebe não serem ainda sabedores da sua existência como suserano universal. Ressalto, ainda, que o Senhor Javé se vale da sua hierarquia para atender às preces dos que com ele se consorciam por meio do sentimento da crença e da fé religiosas. Contudo, quando ele se “mostra” a alguém e/ou faz com que o seu poder pessoal – e de seus

assessores – seja claramente percebido de modo que ele não tenha dúvida que o seu “escolhido” realmente o percebeu, nesses casos, penso, melhor seria sequer o (a) “dito (a) cujo (a) escolhido (a)” ter nascido, porque não é fácil nem agradável, e muito menos suportável, sob a égide dos valores humanos. O peso e o desconforto são superlativos num grau de desespero que somente os que se defrontam com esse aspecto da existência são obrigados a saber. Não resta outra sensação, para quem sabe disso, a não ser a do desalento profundo, o que representa um problema para os espíritos mais frágeis.

O Senhor Javé, no entanto, infelizmente não se incomoda com nada disso, até porque **sua natureza faz com que ele veja o desconforto humano com “outros olhos”**; e sua lógica doentia, atrelada a seus desígnios, funciona noutro padrão muito diferente da humana.

O que na época de Jesus foi inusitado para os judeus, quando o Mestre orientou e testemunhou que até os agressores deveriam ser perdoados e amados**, a sua postura foi também inusitada aos olhos de Javé, pois este pretendia que Jesus dominasse toda a família homo sapiens pelo império da força e do uso dos “superpoderes”** que o seu enviado dispunha por ser filho dileto do criador e, portanto, portador da herança dos poderes do Senhor Javé. Um aspecto do problema é que ele ainda não sabia que aquele seu filho era uma divindade que mergulhara na sua criação para ajudá-lo e que já despertara os seus poderes divinos para além dos que havia herdado enquanto anjo-clone especial do criador. **Só com a ressurreição de Jesus é que ele percebeu que algo de “inusitado” estava ocorrendo com alguns dos membros da sua “hierarquia”.**

Pena que a ousadia amorosa – o “inusitado” da época de Jesus – permaneça até hoje como sendo a grande novidade, ainda também a ser arquitetada nas posturas pessoais dos que vivem na Terra. Um triste aspecto decorrente disso diz respeito ao fato de que, em permanecendo o sentimento da ousadia amorosa como sendo um comportamento “inusitado” para esta humanidade, a “ponte que nos liga” objetivamente ao Senhor Javé – as emoções via o DNA comum a ambas as partes – ainda não chega ao seu psiquismo com a “força amorosa” que precisaria ou que poderia chegar.

Apesar de vivermos em plena “ilusão de localidade”, o que implica em permanente percepção de distâncias, a “gente adulta e amadurecida deste universo” – sob a perspectiva espiritual – sabe que nada é “local”, pois o que existe são “arranjos de átomos” aparentemente arrumados como se fossem objetos, exatamente para criar a sensação de separação, quando, na verdade, a

“in-formação” e as vibrações emitidas por cada ser **viajam entre a fonte emissora e a destinação como se não existisse nenhuma distância**, e isso é atualmente um fato detectado pela ciência.

Nada é apenas “local”, limitado ao lugar onde ocorre, por mais que assim nos pareça. Tudo e todos estão interligados, e o mais “ligado” a tudo e a todos é o Senhor Javé, por força da sua condição existencial.

Torna-se imperioso recordar que o aspecto importante nesse contexto – e que é o “fator” que faz o reino universal do Senhor Javé “acontecer” e “ser do modo como está sendo” – foi uma arquitetura realizada para além das fronteiras deste universo, ainda quando a sua condição de divindade se encontrava atuante. O que então a sua mente parece ter criado, por meio da exteriorização da sua “energia kundalini” totalmente planificada, foi uma “matriz básica e criadora”, prenhe de microporções energético-vibratórias formadoras de diversas realidades possíveis e previstas pela mente divina que a gerou.

Nesta perspectiva, a **matriz** hoje “pertencente” ao Senhor Javé **funciona como o grande cenário cósmico multidimensional** que nos permite a construção das nossas vontades e a percepção da energia não física de nossas emoções e de nossas crenças projetadas no meio físico da vida.

Assim como uma tela de cinema mostra, sem avaliar, qualquer imagem que tenha sido filmada e que nela venha a ser projetada, a matriz do Senhor Javé aparentemente funciona nesse mesmo molde, fornecendo uma faixa de realidade não tendenciosa para que nossas experiências possam ser vivenciadas no mundo em que o “arrumado de átomos” – que representam os nossos corpos – estiver inserido.

Numa perspectiva ainda mais profunda, assim também funcionaria a matriz quântica da Deidade, que reproduz o que a consciência individual opta por manifestar nas realidades espirituais (através da atitude mental da mente espiritual) ou por materializar, por meio da atitude mental da mente espiritual agora subordinada aos limites do cérebro físico animal, como é o caso da Terra. Em outras palavras, somos como artistas que expressam suas paixões por meio da essência viva da misteriosa tela quântica do Senhor Javé.

Aqui importa perceber um precioso detalhe:

CONSTATAÇÃO:

O que o Senhor Javé tinha para plasmar na tela quântica de possibilidades geradas pelo seu estado anterior de divindade, ele já o fez.

Ele e todos os seus assessores clonados parecem já ter realizado o possível enquanto tiveram força mental para tanto. Agora chegou a vez dos seres em evolução marcarem a sua contribuição definitiva na história universal por meio da construção amorosa e madura das suas emoções, trabalhadas sob a égide da nobreza moral e espiritual.

APESAR DE JÁ EXPLICADO NO livro “O Drama Cósmico de Javé”, reafirmo que a tela quântica ou matriz vibratória aqui referida nada mais é que a singularidade gerada a partir da mente da divindade cocriadora, pois é exatamente sobre essa matriz que a sua mente divina agiu até ser “engolida” pelos efeitos advindos da criação recém-expressada. Entretanto, no **“interior” dessa matriz quântica** de nível secundário gerada por uma divindade, e não pela Deidade, pois que Desta encontra-se expressada por toda a eternidade a “matriz principal mãe de todas as de ordem secundária”, **a separação entre o artista e a sua arte desaparece.**

Assim, como bem nos esclarece Gregg Braden[5] no seu livro “Matriz Divina”, somos a tela, mas também as imagens nela colocadas; somos os instrumentos, mas também o artista que deles faz uso. De minha parte, afirmo que somos os criadores – a mente espiritual presente no nosso espírito imortal – criando de dentro das nossas criações representadas pelos corpos físicos gerados de acordo com a programação genético-espiritual advinda do nosso carma.

Agora, analisando a questão sob outra perspectiva, o (a) leitor (a) poderá perceber quanto e como cada um de nós pode influenciar o criador.

CONSTATAÇÃO:

Os corpos humanos da Terra servem – aos olhos de quem a tudo assiste e observa a partir dos ambientes espirituais superiores – como espécies de “terminais nervosos” através dos quais as emoções das individualidades espirituais que os ocupam temporariamente são repassadas ao psiquismo do criador.

Quando positivas e amorosas, despertam nele mais e mais o senso de humanização evoluída; ao contrário, quando negativas e problemáticas, o estacionam na condição esdrúxula e aterrorizante na qual ele se encontra, o que é extremamente problemático.

SOMOS, pois, as mentes e os corações que envolvem o Senhor Javé e, por tabela, os membros da sua hierarquia ainda a ele vinculados de modo doentio. O fato é que foram exatamente esses seres que, em contexto mais amplo, criaram, a partir da semeadura do DNA do criador ativado em níveis distintos para cada realidade planetária, um número absolutamente impensável – para os parâmetros terrestres – de espécies que passaram a servir como "terminais nervosos" para a incessante troca vibratória entre o criador e a sua criação.

Isto afirmado, eu não posso agora me furtar a tentar esclarecer melhor a questão da "troca vibratória por meio do DNA" que se localiza tanto no genoma humano quanto no do Senhor Javé. Só que o seu genoma, ou seja, o código de vida que define a sua situação transitória com a personalidade de Javé, simplesmente é impossível de ser hoje explicado com o conhecimento terrestre.

Somente para relembrar, o genoma humano é composto por 46 cromossomos, que são as estruturas enoveladas, presentes no núcleo de todas as células. Esses cromossomos carregam todos os nossos genes, os quais, por sua vez, são feitos de DNA. Cada cromossomo tem a sua sequência distinta de DNA (de genes).

Pergunto, então, para a necessária reflexão, como os elementos formadores dos genomas – os DNAs – se comunicam?

Nos dois primeiros capítulos deste livro procurei explicar a função dos códons, cada um deles com 3 bases nitrogenadas, e que contém a "informação" associada a um determinado aminoácido. Referi-me, ainda, ao fato de milhares de códons formarem um gene com a instrução em código para compor uma proteína que, a meu critério, estou aqui chamando de "tijolo básico da vida". Informei que o corpo de um ser humano é composto por 210 tipos de células que exercem funções distintas e que em cada uma delas há 23 pares de cromossomos (forma empacotada que o DNA assume dentro das células) que, em conjunto, têm 20 mil genes formados por três bilhões de peças. Cada uma dessas "peças" corresponde a uma base nucleotídica, e é exatamente aqui, **no modo como elas se organizam e se combinam** umas com as outras, que reside a **expressão modeladora,** conforme idealizado pelo criador.

Recentes descobertas científicas[6] apontaram para o fato inusitado de que os DNAs de pessoas distintas se comunicam pelas avenidas da "matriz quântica" já referida, e que a linguagem comum que é expressa por essa matriz interligando todas as "mentes e corações" que com ela interagem é a

da emoção.

Pois muito bem!

Imagine que o processo funciona nos seguintes termos:

Alguém sente uma emoção qualquer. Esta vai influenciar os códons e as suas três bases nitrogenadas. Como os genes são formados, cada um deles, por milhares de códons, eles, então, na verdade, estão recebendo uma instrução para criar uma determinada proteína. Essas proteínas, que representam o que estou chamando de "tijolos formadores da vida corporal", irão definir o padrão de saúde psíquica, energética e física (hormonal) de uma individualidade. Isso serve tanto para os corpos animais desta humanidade quanto para o do criador ou, em outras palavras, para a "forma corporal energético-edificada" que hoje dá estrutura existencial ao Senhor Javé.

Qual a principal implicação de todo esse processo?

Resposta: que o intercâmbio das emoções interfere na produção das proteínas (físicas e energético-espirituais, posto que também elas existem, funcionando nos seus modelos próprios como correspondentes de outras faixas de realidade) que definirão a organização corporal de cada ser. E aqui ainda deve ser observada a questão da "afinidade", cujos desdobramentos não serão observados nesta obra.

O **grande objetivo**, portanto, de todos os que de modo consciente coexistem de alguma maneira e em algum "lugar" na criação do Senhor Javé, é o da **construção de um "DNA espiritual coletivo"**, único modo de influenciar amorosamente no processo de redenção da **consciência de criador**. No sentido maior, o que está em jogo é o processo de **aperfeiçoamento do DNA do pai e criador universal.** E não será a "inteligência humana" que contribuirá com coisa alguma nesse mister, mas sim, a capacidade de expressar amor que cada um de nós puder construir, seja pelo Senhor Javé, como também por todos os sócios e parceiros desta aventura que está longe de ter um fim.

Sejamos caminhantes que jamais se detêm, até porque, afinal, parece que aventurar-se pelos caminhos da eternidade será sempre preciso, pois está longe o tempo em que o drama espiritual do criador terá um fim.

Que possamos, portanto, caminhar juntos com o Senhor Javé até onde preciso for!

POSFÁCIO

Aqui está mais um livro imperfeito, incompleto, cheio de equívocos e de imprecisões sobre o Senhor Javé.

No papel de aflito escrevente que os aparentes caminhos da vida me impuseram, obrigo-me aqui a ressaltar um ponto em torno do qual, após a leitura do livro com o intuito de correção – o que jamais consigo fazer a contento –, percebi que talvez a minha preocupação em ressaltar os "problemas de incompletude" do Senhor Javé termine passando para o (a) eventual leitor (a) destas páginas a ideia de um ser enfraquecido e doente, que não mais é detentor de poderes superlativos. Ledo engano! Ainda que doente desde o princípio, por conta da reconstituição, e enfraquecido devido aos problemas que teve de enfrentar, o que resta dos poderes do Senhor Javé é algo ainda simplesmente incompreensível para a lógica humana.

Aqui não me refiro somente ao poder pessoal da sua mente, cujo potencial não encontra guarida conceitual nos vocábulos terrenos. Resta também todo um "exército de seres que lhe são dependentes e obedientes", com toda sorte de tecnologia exercendo o poder de mando em quase todo este universo. Isso sem falar do natural poder que o próprio Senhor Javé detém na esfera onde habita e reside, e de onde comanda todo o processo existencial que teve início quando a sua mente divina formatou a singularidade que mais tarde se expandiu e hoje forma, dentre outras realidades, o universo que conhecemos.

O que marca na atualidade o psiquismo do Senhor Javé – e isso é mera opinião pessoal – é o cansaço pela aplicação contínua do único método que lhe é possível arquitetar por força da percepção de que o mesmo não tem

atingido os fins pretendidos.

Penso que a sua solicitação, ou melhor, a sua ordem no sentido deste aflito escrevente informar o que me for possível ao entendimento, ainda que ele discorde em parte, seja em relação ao conteúdo seja sobre a ênfase ou detalhes que não tenho como avaliar se estão corretos ou não, ele insiste que devo continuar a escrever e informar, ainda que passível de correção no futuro.

Soa-me estranho ser melhor publicar uma obra reveladora, ainda que com equívocos, do que não divulgá-la. Mas é exatamente isto que ele e os que o assistem “obrigam-me” a fazer. Pois está feito!

Apenas deixo registrado “os aspectos que envolvem os livros que produzo” para que no futuro, quando não mais o meu espírito estiver habitando o corpo do qual me servi para tanto, o preciosismo e o excesso de zelo dos naturais amigos que por aqui continuarão não venham a impedir as críticas e sugestões de correção de rumo esclarecedor sobre o que aqui está sendo revelado. Muito pelo contrário! Rogo que isso seja estimulado. Afinal, quanto mais críticas e reflexões sobre a personalidade e a obra do Senhor Javé surgirem, melhor será para que as gerações futuras possam se posicionar em torno da sua existência e das suas múltiplas “singularidades” geradas pela sua capacidade genial de arquitetar processos. Pelo menos é o que penso!

Que o Senhor Javé possa me perdoar os inevitáveis equívocos aqui cometidos.

Jan Val Ellam

FONTES, NOTAS EXPLICATIVAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Capítulo 1

1. Bases nitrogenadas. Códons. O que a ciência chama de DNA é uma molécula que se apresenta no formato de uma escada torcida, com as bases nitrogenadas no lugar dos degraus. As bases nitrogenadas são a Adenina (A), a Timina (T), a Guanina (G) e a Citosina (C). Códon representa o conjunto de cada grupo de três letras – bases nitrogenadas – que contém a "informação química" associada a um determinado aminoácido. O que chamamos de gene é composto por milhares de códons com a instrução em código para compor uma proteína que, na verdade, são os tijolos básicos da vida.

2. Divindade menor cocriadora. A Realidade Maior é preexistente a tudo. Nessa espécie de realidade espiritual que dá suporte e tem vinculação com tudo mais que existe e possa um dia vir a existir além dela mesma, reside um incontável número de seres numa espécie de universo espiritual com dimensões infindáveis e formas existenciais indescritíveis para os padrões terrenos.

Nesse paraíso onde nada é transitório encontram-se o que, nos moldes do entendimento terrestre, costumamos chamar de seres evoluídos que convivem com as Personificações da Deidade. A entidade a quem chamamos de Pai Supremo é, na verdade, uma das personificações da Deidade, esta sim, a única a quem deveríamos nos referir como sendo Deus, o Incognoscível. Este, por ser incompreensível e indescritível para os padrões das consciências evolutivas, personifica-se, por sua vez, em Divindades Excelsas que passam a Lhe representar perante tudo o que já existe e o que venha a ser gerado.

Desse modo, Aquele a quem denominamos de Pai Supremo, o

Amantíssimo é, das personificações da Deidade, a que mais se aproximaria do que, na condição humana, seria possível vislumbrar como sendo uma individualidade "deificada", ou perfeita, e a quem a nossa pequenez também poderia se referir como sendo Deus Pai ou Deus Mãe.

Registre-se que a "pequenez humana" somente consegue raciocinar em termos de masculino e feminino, o que não se aplica à Deidade nem muito menos às Suas Personificações Divinas, ou seja, as Divindades Excelsas. Estas, sob a perspectiva dos que vivem na Terra, poderiam ser consideradas como sendo as divindades "maiores" e "menores". Isso se dá conforme o potencial representativo dos atributos da Deidade que lhes marcam a existência, enquanto "representantes da Deidade", como também em relação à função que exercem.

Em um desses rincões e dentro das etapas existenciais pelas quais passam os seres ali inseridos, era chegado o momento de mais uma **divindade menor cocriadora apresentar-se para exercer a função de arquiteto universal**. As divindades, quando investidas dessas funções, fazem-se sempre acompanhar por outros seres que a assessoram na empreitada de criação da nova realidade. Quando esta finalmente se expressa, passa a existir um elo vibratório indestrutível entre o que foi gerado e a mente criadora, e o mesmo perdurará ao longo do "tempo" em que o que foi gerado estiver em curso de existência ou enquanto dela possam ainda existir ajustes a serem procedidos.

Texto explicativo e resumido extraído do livro "O Drama Cósmico de Javé".

3. Ellam, Jan Val, O Drama Cósmico de Javé, Conectar Editora, Natal, 2010.

4. Revelação Espiritual. Codificação das mensagens do "Mundo Espiritual" feita por Allan Kardec (1804-1869). Corresponde ao que, na atualidade, é denominada como "doutrina espírita" ou "espiritismo".

5. Corpo Mental. Ao afirmar que a componente da divindade criadora deste universo que foi absorvida pela própria criação teria sido o "corpo mental" estou, na verdade, fazendo apenas a aproximação possível ao que se pode expressar com as palavras terrenas.

A *Taittiriya Upanishad* (II, 1, 5) afirma que o ser humano possui cinco corpos: *anamaya kosha* (corpo de comida), *pranamaya kosha* (corpo feito de prana), *manomaya kosha* (corpo mental), *jnana maya kosha* (corpo do intelecto) e *anandamaya kosha* (corpo de Bem-Aventurança). Se as afirmações desta *Upanishad* fossem utilizadas como parâmetros para o que é

apontado neste livro, o correto seria então ressaltar que foram três as componentes que “mergulharam” na criação: o *pranamaya kosha*, *o manomaya kosha e o jnana maya kosha*,

Capítulo 2

1. Shiva Samhita – Ensinamentos de Shiva sobre Hatha Yoga, Capítulo 1, verso 29, Madras, São Paulo, 2009.

2. “Ser múltiplo”. No que se refere à possível **analogia** com o acontece na Terra, a situação que mais se aproxima do caso do Senhor Javé logo após a sua reconstituição após a queda, é a de um número inquietante de “gêmeos siameses” em uma só “constituição corporal”. Só que este corpo, em termos do padrão terreno, encontrava-se sob a forma de uma configuração que nos pareceria monstruosa.

A quem interessar possa, o assunto é tão “louco” que, em sendo isto verdade ou algo que dela possa se aproximar, a única pista que aqui posso fornecer é a estranha aparência na mitologia hindu de seres com diversas cabeças, braços, pernas, entre outros aspectos chocantes. Peço ao leitor toda prudência que for possível na análise dessas questões.

3. Genoma. Conjunto de DNA de um organismo vivo. Em outras palavras, é a coleção de genes com as informações para formar um indivíduo de uma espécie.

4. Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Filósofo e poeta alemão.

Capítulo 3

1. Alma ou Espírito. Allan Kardec, codificador da doutrina espírita, diz na introdução de “O Livro dos Espíritos”, que a divergência de opiniões sobre a palavra “alma” e sobre a sua natureza provém da aplicação particular que cada um dá a este termo. Ele achou mais lógico tomar este termo na sua acepção mais vulgar, e por isso chamar de “alma” ao ser imaterial e individualizado que reside no ser humano e que sobrevive ao corpo.

Mais ainda: propôs a utilização coerente do termo não só para o caso de seres humanos, quando apontou que a “alma vital” seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a “alma intelectual” pertenceria aos animais e aos homens; e a “alma espírita” somente ao homem.

De outro modo, diz-nos Kardec que “a alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório”.

2. Perispírito. Segundo Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”, é o invólucro semimaterial do Espírito.

3. O Eu Profundo e o Eu Superior. Para a doutrina védica e muitas outras do oriente, é a presença do Sagrado, do Deus-Pai ou Mãe, no mais íntimo de cada individualidade espiritual. Particularmente, faço uma distinção entre o primeiro, que costumo chamar de “Eu Espiritual”, sendo este o produto da mente espiritual de acordo com a resultante das muitas vidas e experiências, e o segundo, o "Eu Superior", este sim, representando a presença do Sagrado em cada ser. Em outras palavras, prefiro denominar o “Eu Profundo” como sendo o “modo de pensar da mente espiritual” da individualidade – que permanece discretamente escondida por trás do “modo de pensar humano” da Terra –, e o “Eu Superior”, um nível de consciência mais profundo ainda apontado pelos Vedas, como sendo a presença do Sagrado em cada ser, ou seja, da Divindade que mais diretamente representa a Deidade para as questões criadoras.

O “Eu Profundo” seria o “software” resultante das experiências da mente espiritual submetidas a corpos mortais ou não, ao longo da sua evolução, sob a perspectiva do que nos é elucidado pela Revelação Espiritual nos moldes da doutrina espírita.

4. Atman. O mesmo que Brahman, o Ser Absoluto que está em tudo, sendo este imanente e transcendente ao Universo. Percebido pelos “yogues” (yogin) em si mesmo e em tudo.

5. Buracos-negros. A partir de cálculos de Albert Einstein, os cientistas passaram a especular sobre pelo menos três tipos de “buracos” existentes no universo:

Buraco negro – aniquila qualquer tipo de matéria, inclusive a luz, que se encontre no limite do seu horizonte de eventos.

Buraco branco – produz matéria, a exemplo da singularidade que, em se expandindo, deu origem ao nosso universo.

Buraco de minhoca – túnel que serviria para encurtar o espaço permitindo que o mesmo se dobre para que viagens possam então ser feitas entre dois pontos do nosso universo.

6. Ken Robinson (Sir). Especialista em criatividade e inovação. Autor de “Out of our Minds” (Editora Capstone) e de “The Element” (Editora Viking). As informações veiculadas no livro foram retiradas de uma entrevista na revista HSMManagement 83, de novembro-dezembro de 2010, páginas 8 e 9.

Capítulo 4

1. Enoch. Alguns registros sobre Enoch que podem ser úteis ao leitor.

Em 1773, James Bruce, membro da Loja Maçônica Cannongate, explorador escocês, encontrou na Etiópia “O Livro de Enoch” preservado pela Igreja Etíope. Ele trouxe três cópias do livro para a Europa, recolocando, depois de mais de mil anos, a mensagem de Enoch para a atualidade. Em anos recentes, as cópias encontradas por ele provaram ser autênticas graças a nove outras cópias de “O Livro de Enoch” descobertas entre os manuscritos do Mar Morto, em Qumran, em 1947. Esses fragmentos atestam que tudo o que está descrito no Livro de Enoch ali está registrado desde, no mínimo, 2.200 a.p. (antes do presente).

Em 1886, foi encontrado outro manuscrito de Enoch completamente diverso dos demais e que foi preservado na linguagem eslovena. Este texto, denominado “Enoch 2”, “Enoch Esloveno” ou ainda “O Livro dos Segredos de Enoch”, foi descoberto pelo professor Sokolov nos arquivos da Biblioteca Pública de Belgrado. Aparentemente, assim como o “Enoch Etíope” (“Enoch 1”), o livro sobreviveu ao período da supressão dos textos de Enoch, patrocinado pela Igreja no século VI na região do Mediterrâneo.

Os estudiosos acham o “Enoch Esloveno” um texto eclético e sincretista, talvez compilado por escritores cristãos, mas tendo provavelmente se originado em uma tradição anterior. Acredita-se que este manuscrito possa ter preservado outra parte de um ensinamento profundo sobre os anjos caídos, que fora conhecido pelos primitivos povos judeus, mas posteriormente perdidos.

Supõe-se que, tanto no caso de “Enoch I” (“O Livro de Enoch Etíope”) quanto no “Enoch II" ou "Enoch Esloveno” (“O Livro dos Segredos de Enoch”) ambos podem ser edições simplistas de vários livros maiores. Muitos estudiosos perceberam em “Enoch I” diversos livros intitulados: “O Livro Antigo”, “O Primeiro e o Segundo Livro dos Vigilantes”, “O Primeiro Livro dos Segredos da Visão da Sabedoria”, “A Visão de Noé e o Livro da Astronomia”.

Resumo dos dois livros:

- O Livro de Enoch (o Profeta) (Enoch I) (Versão Etíope). Texto apocalíptico produzido entre 200 a.C. e 100 d.C., que serviu de inspiração a inúmeros escritos gnósticos sobre o mesmo tema, inclusive, o mais famoso de todos, que é o Apocalipse de João. Este livro é considerado um texto de composição, ou seja, foi escrito em diferentes épocas durante os últimos dois

séculos antes de Cristo. É bastante longo e foi preservado na íntegra somente em etiópico. Existem fragmentos em grego e em latim, sendo que a versão grega foi feita a partir de cópia dos originais em aramaico encontrados entre os manuscritos do Mar Morto.

- O Livro Secreto de Enoch ou O Livro dos Segredos de Enoch (Enoch II) (Versão Eslovena). Os novos fragmentos da literatura de Enoch foram encontrados na Rússia e na Sérvia. O Enoch eslavo foi escrito no início da era cristã, no chamado período intertestamentário, ou seja, entre o Velho e o Novo Testamento, mas o seu editor final foi um judeu helenizado, e o lugar da composição foi Alexandria. O texto original ficou perdido por uns 1.200 anos.

A Ascensão de Enoch: o profeta bíblico descreve com exatidão a sua viagem pelos dez céus até se encontrar com o Senhor Javé e com aquele Cristo Cósmico, que viria mais tarde a ser Jesus; viajou em astronaves, descreve muitos ambientes (bases, mundos, seres), fala de Sataniel (ou Satanael), da Queda dos Anjos, da vinda e da segunda vinda; de como Deus criou o visível do invisível; fala em Adão antes de ele vir para a Terra; orienta como o ser humano deve ser e agir para viver em paz dentro dos princípios do Senhor e conquistar a vida eterna.

Enoch, junto com o seu filho Matusalém, teria produzido 366 livros antes de ele ter sido levado definitivamente para os céus pelos assessores do Senhor Javé.

2. Dionísio, o Aeropagita. Monge sírio do século V pós-Cristo.

3. Orbe Terrestre. Conjunto formado pelo planeta físico e as esferas astrais-espirituais que lhe estão vinculadas.

4. Sunstein, Cass - Going to Extremes: How Like Minds Unite and Divide, Oxford University, Press 2009. Professor de Direito da Harvard Law School.

5. João Pereira Coutinho. Jornalista português.

Capítulo 6

1. Agrimonte. Pseudônimo de Agrimar Montenegro, professor aposentado da UFPB, autor do livro “Uma Busca Iniciática: O Desenvolvimento Espiritual no Ser Humano - 2012”, Ideia Editora Ltda., João Pessoa, 2010, pg. 310.

2. Bhagavad Gita. Capítulo da epopeia hindu Mahabharata no qual o Senhor Krishna se apresenta como sendo o Senhor deste mundo e do

universo, além de apresentar as mais belas elucidações jamais expostas ao gênero humano sobre o significado da vida, o modo como o ser humano se encontra prisioneiro e condicionado à realidade imediata que o envolve, a ligação de cada ser humano com Brahman – o Pai Incognoscível, sendo ele, Krishna, uma “incarnação divina”, um avatar deste Pai.

A título de complemento, apresento o comentário de Huberto Rohden sobre o *Bhagavad Gita.*

Segundo a concepção cósmica da filosofia oriental, toda a atividade do homem profano é fundamentalmente trágica, eivada de culpa, ou de karma, porque quem age é o ego, e esse ego é uma ilusão funesta, e tudo o que ego ilusório faz é necessariamente negativo, contaminado de culpa e maldade.

Se tal é toda e qualquer atividade do homem profano, então estamos diante de um dilema inevitável: ou agir e onerar-se de culpa – ou não agir e assim preservar-se de culpa.

Grande parte da filosofia oriental optou pela segunda alternativa do dilema: não agir, entregar-se a uma total inatividade, abismar-se numa eterna meditação passiva, a fim de não aumentar o débito negativo do karma.

O Bhagavad Gita, porém, não recomenda nenhuma dessas duas alternativas: nem o não-agir e preservar-se de culpa, nem o agir e cobrir-se de culpa. O Gita descobriu um terceiro caminho; o do agir sem culpa ou karma.

O Bhagavad Gita recomenda o caminho do reto-agir, eqüidistante do falso-agir e do não-agir.

Como pode o homem agir sem se onerar de culpa?

O Falso-agir é um agir por amor ao ego; mas o reto-agir age por amor ao Eu, embora através do ego, e assim a sua atividade não é culpada.

O reto-agir, por amor ao Eu verdadeiro, não só não cria uma nova culpabilidade no presente e no futuro, mas neutraliza também o karma do falso-agir do passado, libertando assim o homem de todos os seus débitos.

É nisso que consiste a suprema sabedoria do Bhagavad Gita.

Mas para que o homem possa agir assim, por amor ao Eu verdadeiro, deve conhecer esse Eu, deve conhecer a verdade sobre si mesmo.

É o que Krishna explica a seu discípulo Arjuna através dos 18 capítulos que perfazem o diálogo deste poema metafísico; autoconhecimento para tornar possível a auto-realização pelo reto-agir.

A quintessência do Gita é, pois, um convite para o reto-agir, porque o

homem não se realiza nem pelo não-agir, nem pelo falso-agir.

A alma do Bhagavad Gita é um poema de auto-redenção pela auto-realização baseada em autoconhecimento.

Homem, conhece-te a ti mesmo!

Homem, realiza-te!

3. Bíblia Sagrada. (1) Nova Tradução na Linguagem de Hoje, Edição Paulinas, Paulinas Editora, São Paulo, 2005. (2) e (3) Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous, Bélgica, pelo Centro Bíblico Católica, Editora Ave Maria Ltda, São Paulo, Edição Claretiana, 2010.

Do capítulo 7

1. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Federação Espírita Brasileira, 86ª edição, Rio de Janeiro, 2005.

2. Livro dos Segredos de Enoch. Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia, Fonte Editorial, São Paulo, 2005.

3. Síndrome de Estocolmo. Termo cunhado pelo criminólogo e psicólogo Nils Berejot, referente a assalto com reféns ocorrido em Estocolmo em que os reféns permaneceram durante seis dias sob o poder dos assaltantes. As vítimas defenderam os seus algozes durante o assalto e ainda depois, ao longo do processo, permaneceram sem fornecer à promotoria os elementos necessários ao processo criminal.

As vítimas começam a se identificar emocionalmente com os seus sequestradores como forma de se proteger, num mecanismo de autodefesa com o objetivo de evitar alguma violência da parte dos mesmos.

Enfim, esta “síndrome” normalmente é referenciada como sendo um estado psicológico particular desenvolvido por algumas pessoas que são vítimas de sequestro e se desenvolve a partir da tentativa desesperada da vítima de se identificar com o seu algoz objetivando conquistar a sua “simpatia”.

4. Robert Hare. Psicólogo canadense em entrevista publicada na revista Veja, edição 2.106, ano 42 – número 13, de 01 de abril de 2009.

5. Criador de Padrões Dependentes. Esta expressão refere-se, com as palavras terrenas possíveis à questão, a uma das classes das Divindades Cocriadoras que compõem os conselhos de criação das realidades.

“Criador de Padrões Dependentes” significaria uma divindade menor habilitada a somente produzir realidades e seres que dependam da sua força mental e de vontade, do seu psiquismo, enfim, de individualidades não

habilitadas para serem independentes. Daí o “choque” do Senhor Javé ao perceber que “outra vontade” havia interferido na evolução da espécie terráquea *homo sapiens* e esta era, agora, “conhecedora do bem e do mal”, ou seja, independente.

6. Causalidade Descendente. Antes de a física quântica ser compreendida adequadamente, uma metafísica materialista dominava a ciência: partículas elementares formam átomos, átomos formam moléculas, moléculas formam células, inclusive os neurônios, neurônios formam o cérebro e o cérebro forma a consciência. Essa teoria da causação é chamada de “teoria da causação ascendente”, ou seja, a causa vai das partículas elementares ou micro, até a consciência e o cérebro, ou seja, o macro. Não existiria poder causal em qualquer entidade do universo, exceto nas interações entre partículas elementares.

Na interpretação correta e livre de paradoxos da física quântica, a causação ascendente só é capaz de produzir ondas materiais de possibilidade para a escolha da consciência (não material), e a consciência tem o poder supremo, chamado de “causação” ou “causalidade descendente”, de criar a realidade manifestada por meio de livre escolha entre as possibilidades oferecidas. A consciência não é mais vista como um epifenômeno do cérebro, mas como base da existência (Fonte - Amit Goswami).

7. Howard Gardner. Deve-se ao psicólogo americano Howard Gardner a contribuição de como se deveria pensar sobre a inteligência, ao introduzir o conceito de inteligências múltiplas, sugerindo que havia mais para considerar do que acreditar em ser inteligente devido à competência verbal, lógica e matemática, ou seja, os atributos que tipicamente se medem nos testes de quociente de inteligência QI.

Já Daniel Goleman, em 1995, difundiu a ideia de Inteligência Emocional (IE), que significa saber quem você é, se está equilibrado, focado e em contato com o que acontece no mundo.

Assim, Inteligência Cultural (IC) seria a aptidão de se engajar em um conjunto de comportamentos que utilizam habilidades e qualidades adequadamente sintonizadas com os valores baseados na cultura e nas atitudes das pessoas com as quais se interage.

Segundo Howard Gardner e Daniel Goleman, a IC é constituída basicamente por quatro categorias das inteligências múltiplas, ou seja: a linguística, a espacial, a intrapessoal e a interpessoal.

Inteligência Linguística: perceber nuanças da língua como sons e

significados e, com isso, desenvolver habilidade para convencer, agradar, estimular ou transmitir ideias.

Inteligência Espacial: relacionada com coisas aparentemente simples no campo do relacionamento como a maneira de cumprimentar alguém, como conversar, linguagem corporal.

Inteligência Intrapessoal: conhecer a si mesmo para melhor conhecer as condições do outro com quem pretende se relacionar.

Inteligência Interpessoal: é a habilidade de ler as intenções e os desejos dos outros, mesmo quando eles estejam declarados ou permaneçam escondidos.

8. Pablo Picasso (1881-1973). Pintor espanhol.

9. T.S. Eliot (1888-1965). Poeta inglês.

10. Albert Einstein (1879-1955). Físico teórico alemão. Prêmio Nobel de Física pelo seu estudo em torno do efeito fotoelétrico. Autor da Teoria da Relatividade.

Capítulo 8

1. Monte Olimpo. A mais alta montanha da Grécia. Na mitologia grega, é a morada dos doze deuses do Olimpo.

2. Hades. Um dos doze deuses gregos do Olimpo. Deus do Mundo Inferior e dos Mortos.

Capítulo 9

1. Shiva Samhita – Ensinamentos de Shiva sobre Hatha Yoga, Capítulo 1, verso 47, Madras, São Paulo, 2009.

2. Síndrome de Estrangeiro. Referenciada como sendo uma sensação de inadequação, de não adaptação a lugar, pessoas e situações.

Capítulo 10

1. Goswami, Amit – "Deus não está morto – Evidências científicas da existência divina", Editora Aleph, 1ª edição, São Paulo, 2008.

2. Laszlo, Ervin – Laszlo, Ervin – A Ciência e o Campo Akáshico – Uma Teoria Integral de Tudo; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2004, pg.114.

3. Laszlo, Ervin – Laszlo, Ervin – A Ciência e o Campo Akáshico – Uma Teoria Integral de Tudo; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2004,

pg.73.

Capítulo 11

1. John Von Neumann (1903-1957)**.** Matemático estadunidense de origem húngara.

2. Kleinman, Robert – As Quatro Faces do Universo – Uma Visão Integrada do Cosmos; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2006, pg. 19.

3. Laszlo, Ervin – Laszlo, Ervin – A Ciência e o Campo Akáshico – Uma Teoria Integral de Tudo; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2004, pg.21.

Capítulo 12

1. Upanishades. Corpo da literatura hindu composta por trabalhos filosóficos e teológicos dos sacerdotes brâmanes – a doutrina bramânica.

2. Deuteronômio, Bíblia Sagrada. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous, Bélgica, pelo Centro Bíblico Católico, 41ª edição, Editora Ave Maria, São Paulo, Edição Claretiana, 1982.

3. O Livro de Enoch – O Livro das Origens da Cabala. Editora Hemus, Curitiba, 2003, Capítulo XLIII, 4 e 5, pg. 70.

Capítulo 13

1. Nietzsche, Freidrich Wilhelm – O Nascimento da Tragédia, Tradução J. Guinsburg, Editora Schwarcz, São Paulo, 2007, pg. 33.

2. Laszlo, Ervin – Laszlo, Ervin – A Ciência e o Campo Akáshico – Uma Teoria Integral de Tudo; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2004, pg.10.

3. Steven Weinberg. Físico estadunidense, prêmio Nobel de Física pelo seu trabalho de unificação das forças fundamentais da natureza a eletromagnética e a força fraca.

4. Laszlo, Ervin – Laszlo, Ervin – A Ciência e o Campo Akáshico – Uma Teoria Integral de Tudo; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2004, pg.77.

5. Princípio da Incerteza de Heisenberg. Enunciado da mecânica quântica que supõe que não se pode estabelecer com exatidão a posição e a velocidade de uma partícula; quanto melhor se conhece uma delas, pior se conhece a outra. Do físico Werner Heisenberg.

Capítulo 14

1. Francisco Daudt. Psicanalista e médico, autor de “Onde foi que eu acertei?”, texto “Natureza humana existe”, caderno “Equilíbrio” do jornal Folha de São Paulo de 26 de setembro de 2010.

Capítulo 15

1. Émile Durkheim (1858-1917). Sociólogo francês considerado um dos pais da sociologia moderna.

2. Cretinice humana. Alguns leitores têm me perguntado o porquê de, em palestras e em livros, referir-me a algumas atitudes humanas como sendo “cretinas”. Aproveito para explicar aqui.

A expressão “cretino”, conforme definida como por exemplo no Dicionário Larousse da Língua Portuguesa, diz respeito a “aquele que, por deficiência mental ou orgânica, padece de incapacidade mental ou moral”.

Pelo que percebo, as “lavagens cerebrais” que a “luta por fiéis” praticada pelas religiões, torna “cretina”, tanto no sentido mental quanto moral, a expressão religiosa das pessoas; e isso somente parece piorar no contexto terrestre.

Para além do contexto religioso, a mídia, de uma forma geral, tem tornado “cretino e desonesto” o modo como o “jornalismo” é praticado. Na política, permito-me sequer expressar algum tipo de comentário, posto que a mentira e crimes de todo tipo encontram-se entronizados como sendo “política de estado” – isso sem falar na “corrupção” que hoje grassa em nossa espécie e que está inviabilizando a vida no que ela tem de mais precioso.

Na prática esportiva, as torcidas expressam-se em um nível de cretinice que me ajuda a poupar o (a) leitor (a) de maiores reflexões.

Na verdade, penso que a cretinice está inviabilizando até o modelo “menos ruim” que temos de organização social e política o qual chamamos de “democracia”.

Entristece-me ainda perceber que, por força do alto grau de “cretinização” do rebanho humano, a “verdade” não mais se impõe e muito menos encontra guarida na “lógica pessoal” de muitos. Isso vale para a eleição de políticos assumidamente corruptos, para a questão da vida extraterrestre, como também para o enriquecimento de lobos que esvaziam os seus cordeiros sempre "em nome de Jesus”, entre outros aspectos.

Aqui importa, porém, ressaltar o seguinte: luto contra a minha cota de cretinice que de vez em quando percebo em “pequenos e grandes detalhes”

do meu cotidiano. Assim, “cretinas e corruptas” não são as atitudes alheias, mas sim as nossas. Tenho procurado cuidar das que me tentam dominar o psiquismo e acho que estou praticando a “boa luta”.

Concluindo, diria que, apesar do assunto ser “desagradável” à sensibilidade humana, para ser honesto com o que penso, não posso deixar de me referir como sendo de uma “cretinice singular” a atitude comum, cotidiana, que parece estar definindo o rumo desta humanidade. E, infelizmente, pelo que me foi dado perceber, o “problema” não reside somente na espécie humana terráquea.

3. “Assim Falou Zaratustra” – Livro do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900).

4. Revista “Visão”, número 942, de 24 a 30 de março de 2011, Portugal.

5. Pesquisa divulgada no Brasil pela revista Veja, Editora Abril, edição 2204, ano 44, número 7, de 16 de fevereiro de 2011, época em que diversos movimentos de insatisfação popular ocorreram nas ditaduras africanas e no Oriente Médio.

6. Richard Maurice Bucke (1837-1932). Psicólogo canadense cujo livro “*Cosmic Conciousness*” tornou-se um clássico para os estudiosos do tema e para o público em geral. Bucke foi amigo do poeta estadunidense Walt Whitman e se tornou um dos testamenteiros literários de Whitman após a sua morte.

Capítulo 16

1. Livro dos Jubileus. Pseudo-epígrafos Judaicos. Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia, Fonte Editorial, São Paulo, 2005.

2. Dharma. Palavra sânscrita que pode assumir alguns sentidos distintos, mas todos referentes a “dever espiritual”. Aqui a traduzo como “tarefa espiritual”.

3. Isaac Luria (1534-1572). Místico judeu fundador de uma das ramificações mais importantes da Cabala.

4. Kleinman, Robert – As Quatro Faces do Universo – Uma Visão Integrada do Cosmos; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2006, pg. 89.

Capítulo 17

1. C. S. Lewis (1898-1963). Escritor irlandês.

2. Yogananda, Paramahansa – Autobiografia de um Iogue; Lótus do

Saber Editora, Rio de Janeiro, 2001.

3. Ellam, Jan Val – Jesus e o Enigma da Transfiguração, Zian Editora, São Paulo, 2001.

Capítulo 18

1. Mukherjee, Siddhartha – “The Emperor of all Maladies, a Biography of Cancer”, Scribner, New York, 2010.

2. Harold Varmus e John Michael Bishop. Médico e microbiologista estadunidenses, respectivamente, ganhadores do Prêmio Nobel de Medicina do ano de 1989.

3. Superbactérias. Bactérias super-resistentes aos antibióticos.

Capítulo 19

1. Nietzsche, Freidrich Wilhelm – Para Além do Bem e do Mal – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro, Tradução: Alex Marins, Editora Martin Claret, 2001, São Paulo.

2. Soren Kierkegaard (1813-1855). Filósofo dinamarquês.

3. Braden, Gregg – O Código de Deus; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2006.

4. Sócrates (469-399 a.C.). Filósofo grego que, entre outras reflexões magistrais registradas por Platão, apontava: “E o que é senão ignorância, de todas, a mais reprovável, acreditar saber aquilo que não se sabe”. “Sabedoria é vencer-se a si mesmo; ignorância é ser vencido por si mesmo”.

5. Braden, Gregg – Matriz Divina; Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2008.

6. Descobertas científicas. Exemplos de experimentos levados a efeito desde os anos 90, que apontaram para o fato de o DNA humano afetar, objetiva e diretamente, o mundo físico à nossa volta, por meio de um campo de energia que os une (experimento 1). Quem ativa esse campo de energia é a emoção humana, que naturalmente aciona o DNA presente nas suas células (experimento 2).

- (1) Artigo online “The DNA Phantom Effect: Direct Measurement of a New Field in the Vacuum Substructure” (www.twm.co.nz/DNA-Phantom.htm).

- (2) Glein Rein, Ph.D., Mike Atkinson e Rollin McCraty, M.A. - “The Physiological and Psychological Effects of Compassion and Anger”, Journal

of Advancement in Medicine, vol. 8, número 2.

PROJETO ORBUM

Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa "força íntima" é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo

de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

SOBRE O AUTOR

“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Para mais informações:

www.ieea.net
contato@conectareditora.com.br

CRÉDITOS

Editor: Juliana de Paula Pessôa

Coord. Editorial: Carlos A. Cruz

Revisão: Lucia Roberta

Projeto Ebook: Krysamon Cavalcante

Capa: Luciana Lebel

1ª edição – 2011

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Rua Açu, 569/Sala 6 – Tirol – CEP 59020-110 – Natal – RN

Telefone: (84) 3081-0199 – contato@conectareditora.com.br

Website Conectar Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Val Ellam, Jan

O Drama Espiritual de Javé / Jan Val Ellam. -

1. ed. -- Natal, RN : Conectar Editora, 2011.

Bibliografia.

1. Cosmologia 2. Criação 3. Espiritualidade

4. Javé (Personagem bíblico) 5. Jesus Cristo 6. Revelação 7. Universo I. Título.

11-6770 CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Javé e a sua história : Revelações :

Espiritualismo 133.9

ISBN: 978-85-62411-06-9